



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM SOCIEDADE,  
CULTURA E FRONTEIRAS - NÍVEL DE DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS**

**LUCIANO MARCOS DOS SANTOS**

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DO JORNAL *DIARIO POPULAR*  
DO PARAGUAI. A IMAGEM DE SI E DO OUTRO NO DISCURSO. UMA ANÁLISE  
DO *JOPARÁ* NAS PÁGINAS POLICIAIS.**

**FOZ DO IGUAÇU – PR  
2019**

LUCIANO MARCOS DOS SANTOS

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DO JORNAL *DIARIO POPULAR*  
DO PARAGUAI. A IMAGEM DE SI E DO OUTRO NO DISCURSO. UMA ANÁLISE  
DO *JOPARÁ* NAS PÁGINAS POLICIAIS.**

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de doutor em Sociedade, Cultura e Fronteiras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras, área de concentração: Sociedade, Cultura e Fronteiras.

Linha de Pesquisa: Linguagem, Cultura e Identidade.

**Orientadora: Profa. Dra. Denise Rosana da Silva Moraes**

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Santos, Luciano Marcos dos

O processo de construção do ethos do jornal Diário Popular. A imagem de si e do outro no discurso. : Uma análise do jopará nas páginas policiais. / Luciano Marcos dos Santos; orientador(a), Denise Rosana da Silva Moraes, 2019.  
266 f.

Tese (doutorado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu, Centro de Educação, Letras e Saúde, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras, 2019.

1. Ethos. 2. Discurso. 3. Jopará. I. Moraes, Denise Rosana da Silva. II. Título.



**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Foz do Iguaçu - CNPJ 78.680.337/0004-27

Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1300 - Fone: (45) 3576-8100 - Fax: (45) 3575-2733

Pólo Universitário - CEP 85870-650 - Foz do Iguaçu - Paraná



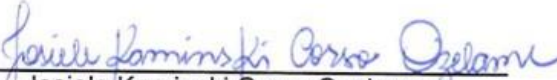
**PARANÁ**

GOVERNO DO ESTADO

## LUCIANO MARCOS DOS SANTOS

O Processo de Construção do Ethos do Jornal Diário Popular do Paraguai. A Imagem de Si e do Outro no Discurso. Uma Análise do Japorá nas Páginas Policiais

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Doutor em Sociedade, Cultura e Fronteiras, área de concentração Sociedade, Cultura e Fronteiras, linha de pesquisa Linguagem, Cultura e Identidade, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Josiele Kaminski Corso Ozelame

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)

  
\_\_\_\_\_  
Samuel Klauck

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)

  
\_\_\_\_\_  
Maristela Rosso Walker

Universidade Tecnológica Federal do Paraná-UTFPR - Campus de Santa Helena (UTFPR)

  
\_\_\_\_\_  
Luciana Vedovato

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)

  
\_\_\_\_\_  
Maria Fátima Menegazzo Nicodem

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ - MEDIANEIRA (UTFPR)

Agradeço,

Ao meu primeiro orientador, professor Dr. Ivo José Dittrich, pela dedicação, paciência e orientação, qualidades que o confirmam como uma referência. Toda minha admiração por sua conduta pessoal e grande capacidade intelectual. Sem sua contribuição não realizaria este trabalho.

À minha segunda orientadora, professora Dra. Denise Rosana da Silva Moraes, pelo gesto de acolhimento, pelo incentivo e por sua mobilização em direcionar o instrumento de coleta de dados. Meu respeito e minha gratidão.

A Carlos Enrique Moreno por todo seu apoio nos momentos que mais necessitava.  
¡Gracias por existir!

Ao meu amigo Givaldo Moisés de Oliveira, pelo incentivo, ombro amigo e companheirismo nesta caminhada e em todos os momentos de minha vida.

À CAPES, pela concessão de bolsa de estudos - PDSE.

Aos meus orientadores do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior, capacitado pela CAPES, professores pertencentes ao corpo docente da Universidade Nova de Lisboa, Instituto de Filosofia, membros do Laboratório de Argumentação, Dr. Marcin Lewinski e Dra. Dima Mohammed. Agradeço pelo trabalho de orientação, especialmente relativo à definição da metodologia. Minha admiração e meu reconhecimento.

A todos os professores do Colegiado do Curso de Mestrado e Doutorado Interdisciplinar Sociedade, Cultura e Fronteiras. Em especial: Dra. Regina Coeli Machado e Silva e Dra. Maria Elena Pires-Santos.

Ao professor Dr. Oscar Kenji Nihei, pelo direcionamento em relação ao instrumento de coleta de dados. Obrigado!!

À colega de profissão e amiga Dra. Isis Ribeiro Berger, pelo incentivo, por sua colaboração na etapa de Seminário de Tese, por sua amizade e companheirismo. Sempre grato!

À colega e amiga Me. Marlene Niehues Gasparin, por toda sua ajuda. Você é uma referência. Muito obrigado!!

Ao amigo Josué Sáenz pela grande ajuda com a coleta de dados. Muito grato!!

Ao meu colega e amigo Dr. Franco Harlos, pelo incentivo e pelo aconselhamento. Muito grato!!

À Vânia Valle e Fátima Oliva, pela dedicação e excelente trabalho realizado na secretaria do Mestrado e Doutorado.

Aos colegas de turma do Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras, por compartilhar conhecimentos e experiências.

À Direção do Instituto Federal do Paraná pelo apoio. E a todos meus colegas trabalho. Em especial : Marcia Pessini, Talitha Bianchini, Camila Castelo Branco, Roseli Dahlen, Adriana Somavilla, Fernanda Rubio, Kayla Garmus, Kathleen Souza Risson, Telma Viola, Fábio Ramos, Leonir Colombo, Sílvia Letícia M. Pereira, Alexandre Zaslavsky.

Agradecimento especial aos amigos: Edilene Queiroz, Pablo Flores, Moacir Oliveira, Lúcio Fávio Mello, Selvira Mello, Hugo Avelar, Augusto Leal, Luiz Henrique Alves, Cláudio Renato Mello e Cristiano Kieling, Nelson Figueira.

Dedico este trabalho, todo meu esforço e coragem a meus pais, Zilda e Derly, minha irmã, Paula e meu sobrinho, João Pedro. Essas pessoas me ensinam diariamente o valor do trabalho, da perseverança e da humildade.

SANTOS, Luciano Marcos dos. **O processo de construção do *ethos* do jornal *Diario Popular do Paraguai*. A imagem de si e do outro no discurso. Uma análise do *jopará* nas páginas policiais**. 2019. 286f. Tese (Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu, 2019.

## RESUMO

O presente estudo analisa o processo de construção do *ethos* popular do jornal paraguaio, impresso, *Diario Popular*, atrelado à projeção de imagens: de si e do outro, realizáveis discursivamente, por meio de escolhas lexicais, em *jopará*, nas notícias de seção policial. Defende a tese que o discurso, como objeto simbólico que produz sentidos, como ato interativo em que se elabora uma forma de dizer, pressupõe a constituição de uma imagem dos envolvidos neste ato. Pela escolha estratégica de palavras, em *jopará*, pelo contexto, por sua legitimidade, enquanto órgão de imprensa, o enunciador, jornal em foco, constrói um *ethos* (prévio e mostrado), popular, cujo engajamento na interlocução possibilita a interpretação da projeção da imagem de si, dos personagens das matérias e do perfil de leitor. As análises que abordam o processo de formação do *ethos* prévio e do contrato de comunicação foram desenvolvidas por meio da aplicação de 50 questionários aos leitores do jornal, trabalhadores do comércio de *Ciudad del Est*, cidade paraguaia que faz fronteira com Foz do Iguaçu, cidade brasileira. O estudo sobre a constituição do *ethos* mostrado pautou-se em um *corpus* composto de 61 edições sequenciais, que correspondem aos meses de março e abril de 2011, especificamente dos cadernos: *Sucesos* e *Locales* do *Diario Popular*. A construção dos argumentos, relativos à análise documental, é sustentada por excertos contextualizados e intercalados. Para tanto, foi necessária uma concatenação, teórica e metodológica, interdisciplinar, sustentada por preceitos da Análise de Discurso francesa, Sociologia dos Campos de Pierre Bourdieu; Retórica de Perelman, Tyteka (2002); Análise Semiolinguística do Discurso de Charaudeau (2008) – nomeação e Contrato de Comunicação; e os modelos de compreensão do *ethos* de Maingueneau (2005) e Amossy (2005). O presente trabalho se justifica, essencialmente, pela importância de estudos do uso da palavra em público, especialmente por abarcar o *jopará*, bem como por compreender o processo de persuasão conectado à construção da autoimagem.

**Palavras-chave:** *Ethos*. *Jopará*. Imagem de si e do outro. Discurso. Persuasão. Comunicação. Jornal impresso.



## ABSTRACT

This study analyzes the process of construction of a popular ethos in *Diario Popular*, a Paraguayan newspaper, linked to the projection of images: self-image and of the other, realizable discursively, by lexical choices, in *jopará*, in the news of police section. It advocates that the discourse, as a symbolic object that produces senses, as an interactive act, in which, a form of saying is elaborated, presupposes the constitution of an image of those involved in this act. By the strategic choice of words, in *jopara*, by context, by its legitimacy, as a media product, the enunciator, newspaper in focus, constructs an ethos (preliminary ethos and discourse ethos) popular, whose engagement in interlocution makes possible the interpretation of some image projections, a self-image, of the characters in the stories and also of the reader profile. The analyzes, that approach the process of formation of the previous ethos and of the contract of communication, are developed through the application of 50 questionnaires to the newspaper's readers, trade workers from Ciudad del Este, a Paraguayan city that borders Foz do Iguaçu, Brazilian city. The study on the constitution of the ethos shown was based on a corpus made up of 61 sequential editions, which correspond to the months of March and April 2011, specifically from the sections: *Sucesos y Locales*, in *Diario Popular*. The construction of the arguments, related to documentary analysis, is supported by excerpts, contextualized, interspersed. For that, it demanded a concatenation, theoretical and methodological, interdisciplinary, supported on Speech Analysis; Pierre Bourdieu's *Sociology of the Fields* precepts; on Perelman, TYTEKA's *Rhetoric* (2002); on Patrick Charaudeau's *Semiotinguistic of Discourse Analysis* (2008) - appointment and Communication Contract; and on Maingueneau's (2005) and Amossy's (2005) models of understanding ethos. This work is justified, mainly, by the importance of studies dedicated to the use of words in public discourses, especially for embracing the *jopara*, as well as for understanding the process of persuasion connected to the construction of the self-image.

**Keywords:** Ethos. *Jopará*. Image of the self and the other. Discourse. Persuasion. Communication. Newspaper.

## RESUMEN

El presente estudio analiza el proceso de construcción del ethos popular del periódico paraguayo impreso: Diario Popular, vinculado a la proyección de imágenes de sí mismo y del otro, realizable discursivamente, mediante elecciones léxicas en jopará, en las noticias de la sección policial. La tesis defiende que el discurso, como un objeto simbólico que produce sentidos y como un acto interactivo, en el que se elabora una forma de decir, presupone la constitución de una imagen de los involucrados en este acto. Por la elección estratégica de palabras, en jopará, por el contexto, por su legitimidad, como órgano de prensa, el enunciador, el periódico en foco, construye un ethos (previo y mostrado), popular, cuyo compromiso con la interlocución hace posible la interpretación de la proyección de imágenes de sí mismo, de los personajes de las materias y del perfil del lector. Los análisis, que abordan el proceso de formación del ethos previo y del contrato de comunicación, se desarrollan a través de la aplicación de 50 cuestionarios a los lectores del periódico, trabajadores del comercio de Ciudad del Este, ciudad paraguaya que limita con Foz de Iguazú, ciudad brasileña. El estudio sobre la constitución del ethos mostrado, se basó en un corpus compuesto por 61 ediciones secuenciales, que corresponden a los meses de marzo y abril de 2011, específicamente de los cuadernos: Sucesos y Locales del Diario Popular. La construcción de los argumentos, referentes al análisis documental, se apoya en fragmentos, contextualizados e intercalados. Para ello, se exigió una concatenación teórica y metodológica, interdisciplinaria, apoyada por preceptos del Análisis del Discurso francesa, Sociología en la literatura de Pierre Bourdieu; Retórica de Perelman, Tyteka (2002); Análisis Semiolingüístico del discurso de Charaudeau (2008) - nombramiento y contrato de comunicación; y los modelos de comprensión del ethos de Maingueneau (2005) y Amossy (2005). El presente trabajo se justifica, principalmente, por la importancia de los estudios sobre el uso de la palabra en público, especialmente por abarcar el jopará, así como por comprender el proceso de persuasión relacionado con la construcción de la autoimagen.

**Palabras clave:** Ethos. Jopará. Imagen de sí mismo y del otro. Discurso. Persuasión. Comunicación. Periódico impreso.

## MOMBYKYKUE

Ko Jekuaaha`ã el proceso de construcción del ethos jehayhuva del kuation sapy`agua Paraguái, impreso: Diario Popular, ojevinculava a la proyección de ta`anga de sí mismo ha del otro, jejapogui discursivamente, mediante elecciones léxicas en jopará, en los ñemongeta ojehaíva de la sección tahachi. Ko tembiapo ojapo que el discurso, como un objeto simbólico oproduciva sentidos y como un acto interactivo, en el que se elabora una forma de ñe`ê, presupone la constitución de un ta`anga de los involucrados en este acto. Por la elección estratégica de ñe`êngue, en jopará, por el contexto, por su legitimidad, como órgano de prensa, el enunciador, el kuation sapy`agua en foco, construye un ethos (previo y mostrado), jehayhu, cuyo compromiso con la interlocución hace posible la interpretación de la proyección de ta`anga de sí mismo, de los personajes de los ñemongeta ojehaíva y del perfil del lector. Los análisis que abordan el proceso de formación del ethos previo y del contrato de comunicación, se desarrollan a través de la aplicación de 50 cuestionarios a los lectores del kuation sapy`agua, trabajadores del comercio de Ciudad del Este, ciudad paraguaya que limita con Foz do Iguazu, ciudad brasileña. Ha`ýijo sobre la constitución del ethos mostrado, se basó en un corpus compuesto por 61 ediciones secuenciales, que corresponden a los jasy de marzo y abril de 2011, específicamente de los cuadernos: Sucesos y Locales del Diario Popular. La construcción de los argumentos, referentes al análisis documental, se apoya en fragmentos, contextualizados, intercalados. Para ello, se exigió una concatenación teórica y metodológica, interdisciplinaria, apoyada por preceptos del Análisis del Discurso francesa la Sociología en la literatura de Pierre Bourdieu; Retórica de Perelman, Tytka (2002); Análisis Semiolingüístico del discurso de Charaudeau (2008) - nombramiento y contrato de comunicación; y los modelos de comprensión del ethos de Maingueneau (2005) y Amossy (2005). Ko Jekuaaha`ã ojejustifika, principalmente, por la importancia de ha`ýijo sobre el uso del ñe`ê en público, especialmente por abarcar el jopará, así como por comprender el proceso de persuasión relacionado con la construcción de la autoimagen.

**Ñe`ê momba`etéva:** Ethos. Jopará. Imagen de si mismo y del otro. Discurso. Persuasión. Comunicación. kuation sapy`agua impreso.

## SUMÁRIO

SUMÁRIO .....	12
INTRODUÇÃO .....	18
1 LÍNGUAS DO PARAGUAI: CONTORNOS E CONTEXTOS .....	29
1.1 O QUE É <i>JOPARÁ</i> ? .....	31
1.1.1 <i>Jopará</i> : o princípio de um posicionamento .....	36
1.1.2 O entendimento do <i>jopará</i> como (trans)língua.....	40
1.1.3 O <i>jopará</i> das páginas policiais do <i>Diario Popular</i> .....	42
1.2 SOBRE A PROBLEMÁTICA DA LÍNGUA GUARANI E SUA SOBREVIVÊNCIA: SÍMBOLO NACIONAL. LÍNGUA DOS AFETOS.....	45
2 DISCURSO E GÊNERO.....	54
2.1 SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO.....	55
2.1.1 Contrato de Comunicação. Situação monologal. Situação dialogal. .	56
2.2 DISCURSO: PERSPECTIVAS .....	57
2.2.1 Maingueneau e o discurso. Alguns conceitos importantes: interdiscurso e Cenografia.....	59
2.2.2 Discurso para a Semiolinguística .....	62
2.2.3 Discurso e poder .....	65
2.2.4 O sentido e as leis do discurso.....	69
2.2.5 Modos de organização do discurso: .....	71
2.3 GÊNERO DISCURSIVO .....	76
2.3.1 Mídia e Sociedade .....	79
2.4 A NOTÍCIA.....	83
2.4.1 A fabricação da notícia: um modelo a ser seguido. ....	85
2.4.2 A notícia no <i>Jornal Popular</i> .....	90
2.4.3 A imprensa no Paraguai: o lugar das línguas guarani e espanhol. ....	92
2.4.4 O que é notícia no <i>Diario Popular</i> : o jornal que mais gente lê.....	97
2.4.5 El “popu” e o Antimodelo .....	102
3 UM ESTUDO DO <i>ETHOS</i> .....	107
3.1 ARGUMENTAÇÃO .....	108
3.1.1 Argumentação inscrita no discurso: perspectivas .....	113
3.2 A RETÓRICA.....	116
3.2.1 Retórica, Discurso e Poder.....	117
3.2.2 Retórica. A contribuição de Aristóteles:.....	118
3.2.3 A importância do auditório. A importância da palavra .....	122
3.2.4 <i>Pathos</i> . As emoções no discurso .....	125
3.2.5 <i>Logos</i> .....	128
3.3 O <i>ETHOS</i> .....	129

3.3.1 O <i>ethos</i> em Aristóteles .....	129
3.3.2 O <i>ethos</i> na Nova retórica de Perelman e Tyteka.....	131
3.3.3 O <i>Ethos</i> segundo a perspectiva de Dominique Maingueneau .....	132
3.3.4 Os estereótipos .....	136
3.3.5 <i>Ethos</i> na visão da intersecção: Pragmática, Retórica e Sociologia dos Campos .....	137
<b>4 PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>145</b>
4.1 A ANÁLISE: PRESSUPOSTOS .....	149
4.2 INSTRUMENTALIZAÇÃO .....	152
4.2.1 Questionário .....	152
4.2.2 Análise documental.....	154
<b>5 FORMAÇÃO DO CONTRATO DE COMUNICAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO ETHOS PRÉVIO: ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS .....</b>	<b>159</b>
5.1 SELEÇÃO DA ÁREA DE APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS, TAMANHO E CARACTERÍSTICAS DO QUESTIONÁRIO E DA AMOSTRA .....	160
5.2 OS PARTICIPANTES: PERFIL .....	162
5.3 QUANTO À PERGUNTA 2: VOCÊ LÊ O DIARIO POPULAR? OS ENTREVISTADOS RESPONDERAM: .....	163
5.4 QUANTO À PERGUNTA 3: O QUE OPINA SOBRE O <i>DIARIO POPULAR</i> ? .....	167
5.5 QUANTO À PERGUNTA 04: QUAL SUA OPINIÃO SOBRE O <i>JOPARÁ</i> NO <i>DIARIO POPULAR</i> ?.....	172
5.6 RELATIVO À PERGUNTA 05: MARQUE A ORAÇÃO QUE VOCÊ MAIS GOSTA: .....	176
5.7 RELATIVO À PERGUNTA 06: O <i>DIARIO POPULAR</i> DEVERIA ESTAR REDIGIDO TOTALMENTE EM ESPANHOL? OS ENTREVISTADOS RESPONDERAM: .....	178
5.8 RELATIVO À PERGUNTA 07: O <i>DIARIO POPULAR</i> DEVERIA ESTAR REDIGIDO TOTALMENTE EM GUARANI? OS ENTREVISTADOS RESPONDERAM: .....	180
5.9 QUANTO À PERGUNTA 08: O QUE VOCÊ SENTE QUANTO ÀS PALAVRAS EM GUARANI <i>JOPARÁ</i> , NA SEÇÃO POLICIAL?.....	182
5.10 RELATIVO À QUESTÃO 10: O <i>DIARIO POPULAR</i> É CONFIÁVEL?.....	186
5.11 FORMAÇÃO DO CONTRATO DE COMUNICAÇÃO .....	189
5.12 CONSTITUIÇÃO DO <i>ETHOS</i> PRÉVIO: “O JORNAL QUE MAIS GENTE LÊ” .....	193
5.12.1 Imagem prévia, popular, do <i>Diário Popular</i> : Aspectos positivos e negativos. ....	193
<b>6 O <i>ETHOS</i> MOSTRADO: ANÁLISE DAS NOTÍCIAS DOS CADERNOS <i>SUCESOS</i> E <i>LOCALES</i>.....</b>	<b>197</b>

6.1 Reafirmação da imagem popular – <i>ethos</i> mostrado: a (trans)língua <i>jopará</i> em jogo. A adequação da linguagem escrita em função do público.....	202
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>237</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>257</b>
<b>APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Solicitação para aplicação de questionário.....</b>	<b>258</b>
<b>APÊNDICE B: Modelo de questionário de pesquisa.....</b>	<b>259</b>
<b>APÊNDICE C: Compilação de dados referentes às questões abertas do questionário .....</b>	<b>261</b>
<b>APÊNDICE D: Modelo de processo de compilação de dados referentes à análise das notícias.....</b>	<b>263</b>

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01. Línguas do Paraguai

Quadro 02. Contrastes entre jornais de referência e jornais populares no Paraguai.

Quadro 03. Sistema retórico

Quadro 04. Categorias de Análise: Referencial teórico interdisciplinar

Quadro 05. Construção do *ethos* – homem

Quadro 06. Construção do *ethos* – mulher

Quadro 07. Construção do *ethos* – policiais

Quadro 08. Formação do *ethos* mostrado, popular. Imagens.

Quadro 09. Resultados obtidos. *Ethos* discursivo, efetivo

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 01 - Capa do *Diario Popular*
- Figura 02 - A constituição do *ethos* em Maingueneau
- Figura 03 - Gráfico de vocábulos encontrados
- Figura 04 - Frequência de leitura do *Diario* segundo a totalidade da amostra
- Figura 05 - Porcentagem de leitores do *Diario* por variável de análise.
- Figura 06 - Quantidade de leitores do *Diario* por gênero.
- Figura 07 - Percentual de leitores do *Diario*, do sexo masculino, por variável
- Figura 08 - Percentual de leitores do *Diario*, do sexo feminino, por variável
- Figura 09 - Quantidade de leitores do *Diario* por categoria de idade.
- Figura 10 - Quantidade de leitores do *Diario* por grau de escolaridade
- Figura 11 - Opinião/nível de aceitação do *Diario* segundo a totalidade da amostra.
- Figura 12 - Percentual de aceitação do *Diario* segundo a totalidade da amostra.
- Figura 13 - Variação de aceitação segundo o gênero .
- Figura 14 - Percentual de aceitação segundo amostragem do sexo feminino
- Figura 15 - Percentual de aceitação do jornal segundo amostra masculina.
- Figura 16 - Variação de aceitação do *Diario* conforme a idade
- Figura 17 - Percepção da aceitação do jornal conforme grau de escolaridade
- Figura 18 - Opinião/nível de aceitação do *jopará* segundo a totalidade da amostra.
- Figura 19 - Percentual de aceitação do uso do *jopará* segundo a totalidade da amostra.
- Figura 20 - Variação de aceitação do uso do *jopará* por gênero.
- Figura 21 - Percentual de aceitação do uso do *jopará* segundo a amostra feminina.
- Figura 22 - Percentual de aceitação do uso do *jopará* segundo a amostra masculina
- Figura 23 - Nível de aceitação do uso do *jopará* segundo a idade.
- Figura 24 - Percepção de aceitação do uso do *jopará* no diário segundo grau de escolaridade.
- Figura 25 - Opinião/preferência entre palavras, de uso coloquial/dialetal, na redação das matérias, segundo a totalidade da amostra
- Figura 26 - Percentual de Opinião/preferência entre palavras, de uso coloquial/dialetal, na redação das matérias, segundo a totalidade da amostra.
- Figura 27 - Opinião/preferência de uso da língua espanhola na redação do *Diario* segundo a totalidade da amostra
- Figura 28 - Percentual de preferência de uso da língua espanhola na redação do *Diario* segundo a totalidade da amostra
- Figura 29 - Opinião/preferência de uso da língua espanhola na redação do *Diario* segundo grau de escolaridade
- Figura 30 - Opinião/preferência de uso da língua guarani na redação do *Diario* segundo a totalidade da amostra.
- Figura 31 - Percentual de preferência de uso da língua guarani na redação do *Diario* segundo a totalidade da amostra.
- Figura 32 - Opinião/preferência de uso da língua guarani na redação do *Diario* segundo grau de escolaridade.
- Figura 33 - Opinião/preferência de uso de palavras em língua guarani *jopará* na redação do *Diario*, na seção policial, segundo a totalidade da amostra



Figura 34 - Percentual de preferência de uso de palavras em língua guarani na redação do Diário, na seção de crimes, segundo a totalidade da amostra

Figura 35 - Comparativo de opinião de preferência de uso de palavras em língua guarani na redação do Diário, na seção de crimes, por gênero.

Figura 36 - Comparativo de opinião/ preferência de uso de palavras em língua guarani na redação do Diário, na seção de crimes, segundo a amostragem relativa ao sexo feminino.

Figura 37 - Comparativo de opinião/ preferência de uso de palavras em língua guarani na redação do Diário, na seção de crimes, segundo a amostragem relativa ao sexo masculino.

Figura 38 - Comparativo de opinião/ preferência de uso de palavras em língua guarani na redação do Diário, na seção de crimes, segundo a amostragem relativa ao nível de escolaridade

Figura 30 - Opinião quanto à confiabilidade na informação contida no Diário segundo a totalidade da amostra

Figura 40 - Percentual de opinião quanto à confiabilidade na informação contida no Diário segundo a totalidade a amostra

Figura 42 - Comparativo de opinião quanto à confiabilidade na informação contida no Diário por gênero

Figura 43 - Percentual comparativo de opinião quanto à confiabilidade na informação contida no Diário segundo o sexo feminino

Figura 44 - Percentual comparativo de opinião quanto à confiabilidade na informação contida no Diário segundo o sexo masculino

Figura 45 - Comparativo de opinião quanto à confiabilidade na informação contida no Diário segundo o grau de escolaridade

## INTRODUÇÃO

Foz do Iguaçu, cidade localizada no estado do Paraná, Brasil; *Ciudad del Este*, capital do departamento de *Alto Paraná*, Paraguai e *Puerto Iguazu*, cidade da província de *Misiones*, Argentina, formam uma tríplice fronteira. A fronteira entre Brasil e Paraguai é a mais movimentada, seja pela facilidade de tráfego, pela proximidade geográfica, motivações comerciais ou outras. Estes fatores, aliados à formação e interesses acadêmicos, propiciaram a disposição para o tema do decorrente estudo.

Ao cruzar a ponte da Amizade, chegar ao Paraguai e caminhar pelas ruas de *Ciudad del Este*, entre as barracas que expunham produtos eletrônicos à venda, ao percorrer as lojas e o comércio de forma geral, verificou-se que muitos atendentes, vendedores e ambulantes, em seus momentos de folga, folheavam um jornal. Tratava-se do *Diario Popular*, um impresso em estilo tabloide, com preço abaixo de outros que seguem a mesma linha editorial.

Referido jornal apresenta grande tiragem (por volta de 42.000, segundo fonte do próprio, disponível em [www.hoy.com.py](http://www.hoy.com.py)). O que o diferencia de um noticioso de referência, no Paraguai, como o *Última Hora*, entre outros aspectos, é o emprego da *jopará*<sup>1</sup>, língua caracterizada pelo hibridismo: espanhol e guarani.

Defendido como variação linguística por alguns pesquisadores, o *jopará*, sob nossa perspectiva, é definido como língua, compreendido com base na *Translinguagem*. Entendemos que ele compõe as práticas discursivas de sujeitos bilíngues. É empregado como estratégia, em contexto que visa a maximização do potencial comunicativo. Contudo, por força de fatores sociais, históricos e culturais, não alcança o *status* de língua, não é oficial, além de ser considerado “errado”, ou ainda, “espanhol ou guarani mal falados”. Apesar de processos de negação, que tendem a invisibilizá-lo, o *jopará* existe e está presente no cotidiano da população, nas redações de notícias de jornais populares, como o *Diario Crónica*, nas

---

<sup>1</sup> Neste trabalho seguiremos a grafia: *jopará*, segundo regras gramaticais e ortográficas da língua portuguesa. Outras grafias podem ser encontradas em outras produções textuais, tais como: *jopara* (guarani) *yopará* (grafia em espanhol). *Jopará* é, também, um prato típico paraguaio, caracterizado pela “mistura” de dois elementos: o feijão e o milho. Faz parte dos costumes, provenientes da cultura guarani, que no dia 1 de outubro de cada ano se coma *jopará* para espantar o *karaí octubre*, um ser que deve ser combatido a fim de nunca faltar comida.

conversas rotineiras, até mesmo em discursos políticos e em obras de literatura (Mariana Quebranto, romance de Margot Ayala de Michelagnoli).

A redação em *jopará*, no *Diario Popular*, ocorre em algumas seções, em outras não. A maior incidência, segundo constatamos, está nas páginas policiais. Pelo contexto, haveria competência, por parte do corpo editorial do jornal, por optar, segundo interesses, por uma redação unilíngue (espanhol ou guarani), o que não ocorre.

Essa ação pode ser entendida, de maneira mais direta, como uma jogada de marketing, estratégia para alavancar vendas, mas também, segundo análise, como uma forma de renegociar os sentidos em favor do possível público leitor; interação que implica, por parte do jornal, na elaboração de seu *ethos*, conectada à construção discursiva de sua imagem, que se pretende positiva, popular. Estas constatações indicam uma configuração de *ethos* constituinte de uma das dimensões da enunciação.

A partir desses dados, a ideia que defendemos é de que todo discurso, como ato interativo<sup>2</sup>, em que se elabora uma forma de dizer, pressupõe a constituição de uma imagem dos envolvidos neste ato. Nossos resultados de análise apontam que, pela escolha estratégica de palavras, em *jopará*, pelo contexto, por sua legitimidade, enquanto órgão de imprensa, o enunciador, jornal em foco, constrói um *ethos*, popular<sup>3</sup>, em que projeta uma imagem de si e de seus leitores.

Mediante os aspectos levantados, situados em um quadro comunicacional, a argumentação, sob este prisma, reside na forma de organização dos meios verbais com intuito de provocar a adesão dos sujeitos a um discurso, o que nos remete a outro pilar de nossa tese, ao estudo contemporâneo do *ethos*, realizado por Perelman; Tyteka (2002), que o entende segundo a construção de uma imagem confiável associada à necessidade de adaptação do discurso, em função do universo cultural do auditório a que se destina.

Este aporte nos auxiliou a compreender a forma como o corpo editorial percebe o mundo social, pois, ao descrever os fatos e personagens, os faz existir, identificando-os e qualificando-os, demonstrando, portanto, um ponto de vista, como

---

2 Essa concepção de discurso se apoia nos estudos que fundamentam a concepção de *ethos* defendida por Maingueneau (2005). O discurso é ação sobre o outro, visto que, privilegia algumas formas ao escolher seus dizeres, em relação ao outro.

3 Entendemos os sentidos de popular como: aquilo que pertence ao povo, concerne ao povo e que lhe desperta simpatia e afeto. Notório e conhecido.

aponta Perelman: “Se se trata não de fatos, mas de opiniões, e sobretudo de apreciações, não somente a pessoa do orador, mas também a função que ele exerce, o papel que ele assume, influenciam de modo incontestável a maneira pela qual o auditório acolherá suas palavras [...]”(PERELMAN ,TYTEKA, 2002, p.111). Acreditamos que a aceitabilidade de um discurso mantém estreita relação com o modo de se fazer referência a um ser, um objeto ou um acontecimento.

No presente estudo, portanto, deslocamos a noção de *ethos*, como concebida pela retórica clássica, baseada em virtudes individuais e observada na performance oral e entendemos este conceito sob uma perspectiva moderna: o *ethos* ligado à enunciação, em que os enunciadores, na forma como se engajam na interlocução, fornecem uma imagem de si, cuja eficácia discursiva, relacionada a aspectos sociais, para ser reconhecida, necessita indexar-se em representações partilhadas.

Em virtude do objeto em análise, suas configurações, exigiu-nos uma abordagem que ultrapassasse as fronteiras disciplinares.

Para tanto, nos baseamos nos preceitos que formam a noção de *ethos*, enquanto construção de uma imagem de si e do outro, como nosso instrumento teórico e analítico, especialmente a teoria desenvolvida por Dominique Maingueneau (2005, 2008) e Ruth Amossy (2005), observando, sob esse aporte, o “como dizer” do enunciador, materializado nos discursos em foco, que, no caso, por força metodológica, restringimo-nos aos das páginas policiais, dos cadernos *Sucesos e Locales*. Ainda sob essa perspectiva analítica, interessou-nos identificar o *ethos* prévio e sua efetivação no *ethos* mostrado, localizado no domínio do não explícito. Buscamos capturar e interpretar as pistas que o enunciador, corpo editorial do *Diario Popular*, ofereceu ao coenunciador, público leitor, perceptíveis nos discursos em foco.

Sob o prisma de uma abordagem, interdisciplinar, que engloba, também, o sentido social e os efeitos produzidos na inter-relação comunicativa, nos apoiamos nas contribuições da Sociologia dos Campos, de Bourdieu, segundo seus conceitos, com destaque ao *habitus* - Bourdieu (1983, 1996); na Análise do discurso Semiolinguística, de Charaudeau (2008), acerca dos modos de organização do discurso, especialmente o descritivo; a nomeação; a noção de contrato comunicacional e seus efeitos relativos à constituição do *ethos*.

Nesse ínterim, pontuamos que, por se tratar de seres que pertencem a um mesmo corpo de interações sociais, estão sujeitos a estipular um acordo sobre as

práticas languageiras. Nesse domínio, sublinhamos que todo discurso é uma forma de ação sobre o outro. Relacionamos a linguagem escrita, enquanto (trans) língua, à sua exterioridade, ou seja, sob essa mirada, observamos, no contexto estudado, as maneiras de intervenção do enunciador, pelo *jopará* e seus reflexos.

Os efeitos persuasivos, provenientes da constituição do *ethos*, segundo os contornos que formam o *corpus* da presente tese, são entendidos, também, levando-se em conta as relações de força entre os grupos. Nos pautamos, para esse fim, como anteriormente mencionamos, nos estudos de Pierre Bourdieu, mediante o conceito de *habitus* (BOURDIEU, 1983), segundo o qual, as escolhas lexicais, classificações, conceitos e opiniões, provenientes da análise dos dados gerados pela aplicação de nosso questionário e análise documental, são formulados, segundo esquema, interiorizado, estruturado e estruturante, que rege as formas de pensar, agir e avaliar (ações, pessoas, coisas). Esses princípios classificatórios, que regem a organização do material linguístico, em discursos difundidos pelas Instituições, baseados na formação social, histórica e ideológica, são advindos, portanto, da forma de pensar das classes dominantes, que, tratando-se de sociedade paraguaia, em seu moldes, quanto ao campo jornalístico e linguístico, apontam a valorização da sobriedade no uso da linguagem e das línguas “puras”, sobretudo o espanhol.

Nosso *corpus* se compõe, além do resultado da aplicação de questionários, do total de 61 edições sequenciais, impressas, que correspondem às notícias veiculadas entre os meses de março e abril de 2011, dos cadernos já citados, que formam as páginas policiais. Essa delimitação se apoia, também, em Santos (2012), que observa que é exatamente nestas seções onde há maior incidência de redação em *jopará*.

Desse montante, cujas características discursivas, gênero e situação de comunicação os remetem ao modo de organização descritivo, buscamos investigar a efetivação do *ethos* popular, tendo como pressuposto que o enunciador<sup>4</sup>, jornal

---

4 Sob o prisma da noção de *ethos*, desenvolvida por Maingueneau (2005), adotamos as nomenclaturas enunciador, coenunciador, respaldados por alguns estudos. Em Benveniste (1989), que redimensiona a questão do sujeito, da subjetividade, no discurso. Essa nomenclatura é pertinente, com base em suas pesquisas, visto que a presente tese também trata da eclosão do sujeito no discurso, revelado na construção de imagens. Charaudeau (2008) argumenta sobre a existência do sujeito comunicante, na esfera externa, portanto um ser social, que é instituído no discurso, pelo enunciado. Pêcheux (1975) observa a existência de uma rede de relações entre os enunciados, dessa forma, o enunciado é a materialidade do discurso, permitido pela língua. Foucault (1986) observa que o discurso é composto por enunciados, que são formados por signos

*Diario Popular*, por meio de seus redatores, não identificáveis por sujeitos discursivos individuais, mas como voz institucional, ao descrever os personagens e nomeá-los – homens, mulheres, policiais – em *jopará* (*karai*-homem; *kurepi*-argentino,...), classifica-os, ao passo que os faz existir, e, consecutivamente projeta uma imagem de si e de tais personagens.

Para esse fim, nos pautamos na relação entre as categorias da língua: nomes – formados por substantivos e adjetivos, em *jopará*<sup>5</sup>, e os efeitos discursivos, que envolvem a persuasão. Nomear, sob esse prisma, não se trata de etiquetagem, mas sim de classificação, pela ação do sujeito, pela relação social e ideológica, implicados à projeção de imagens, de si e do outro.

A materialização dos discursos em voga, que incluem pensar o *jopará* relacionando-o ao uso estratégico e criativo do repertório linguístico bilíngue que visa potencializar a comunicação, segundo os resultados apontam, desvelou o processo de formação da autoimagem do jornal (ajuizador, apreciativo, punitivo, popular, amigável), no qual se observou conexão à outra formação de imagem, a dos personagens retratados nas notícias analisadas (estereótipos baseados em comportamentos sociais), correlacionada a do coenunciador/leitor.

Outro fator analítico, no presente estudo, são os efeitos de sedução, que visam a projeção de uma imagem amigável, persuasivos portanto, que o *jopará*, no contexto em foco, produz. Tais efeitos são decorrentes da ação do enunciador/jornal, suas configurações, que tende ao estilo despojado e informal, em que a linguagem, especialmente a escrita, foge ao padrão, contrariando o princípio que rege gênero jornalístico, que se pauta no uso parcimonioso, quanto à aplicabilidade dos recursos da linguagem, com tendência à construção objetiva do mundo e sua preocupação com apresentar uma visão de verdade.

Tendo em vista o quadro que se forma, além das ponderações estabelecidas, a questão que permeou e guiou a presente tese foi: **Como se estabelece a relação entre o uso do *jopará* nas páginas policiais do jornal *Diario Popular* e a constituição do *ethos* institucional, popular?**

---

linguísticos e a partir deles os sentidos são estabelecidos e conseqüentemente a materialidade, determinados em um tempo e um espaço.

5 Seguimos classificações (Melià, 1986) que remetem à formação estrutural da língua guarani, decorrente de sua sistematização, proveniente do período colonial, consolidadas na gramática guarani atual, dicionarizadas. O objetivo é observar seu funcionamento na dimensão discursiva, pelo processo de nomeação, a qual se realiza, segundo Charaudeau (2008) pelo procedimento de identificação.

A partir desse questionamento depreenderam-se os propósitos dessa pesquisa. Objetivamos, de forma geral, por meio da interface: Análise do Discurso Semiolinguística de Patrick Charaudeau, Retórica de Perelman e Tyteka, Sociologia dos Campos de Pierre Bourdieu, a noção de *ethos* de Dominique Maingueneau e de Ruth Amossy, analisar o emprego do *jopará* nas páginas policiais, no *Diario Popular*, concatenado à construção do *ethos* popular do jornal, imbricado à projeção das imagens de si e do outro. Para tanto, definimos os seguintes **objetivos específicos**:

1) Conceituar o *ethos*, articulando-o, em sua função, à construção da imagem institucional, jornalística, do *Diario Popular*;

2) Analisar, por meio de questionário, como os leitores, comerciantes de *Ciudad del Este*, interpretam o jornal em foco e o uso da língua *jopará* na seção criminal e dessa forma estabelecem o *ethos* prévio e o contrato comunicacional;

3) Analisar o *ethos*, mostrado, nas páginas policiais – *sucesos e locales* – do jornal *Diario Popular*. Observando, nessa análise, a eleição de vocábulos em *jopará*, enquanto estratégia discursiva, usada pelo enunciador (*Diario Popular*), que visa persuasão pela projeção da imagem de si, positiva e popular e seus efeitos de produção de outras imagens: do *jopará*, nesse contexto, dos retratados nas notícias e do possível leitor;

4) Esquematizar, segundo os dados obtidos, como o enunciador emerge na inter-relação entre as esferas que formam os discursos em análise: sua dimensão externa (*ethos* prévio) e sua dimensão interna (*ethos* mostrado).

Essas configurações nos levaram à seguinte problematização: o jornal *Diario Popular*, projeta uma imagem de si, com base em representações sociais que julga adequadas, para conquistar a confiança e adesão de seu público. Isto ocorre, também, por meio da linguagem escrita, pelo uso do *jopará*. Nesse contexto, a nomeação, o uso de palavras, escolhidas para descrever os personagens retratados, também é uma forma de atribuir identidades aos mesmos.

Palavras como *kurepi* (argentino), facilmente encontrada na descrição dos fatos criminais, podem ser um diferencial que, talvez, tenham função dupla: ao mesmo tempo que dão existência a um ser, também o classificam, pois: a) invocam e alicerçam os estereótipos: do personagem retratado e do coenunciador, leitor – possível falante de *jopará* e guarani, em uma perspectiva que envolve aspectos relativos à distinção social; b) contribuem para a formação da imagem, popular, do enunciador, jornal, pelo enunciado, pela enunciação (*jopará* composto por guarani –

guarani: língua das paixões; *jopará* e guarani: línguas de uso familiar, de interação social, capazes de exercer alguma ação sobre o outro) e pela efetivação do discurso – o convencimento.

Dessa forma, partimos do pressuposto que, por ser um veículo de comunicação, possui uma imagem pública e tem garantida certa legitimidade, por mais que, segundo os esquemas coletivos de representação, possa ser classificado como jornal não sério. Contudo, pela linguagem, especialmente pelo emprego do *jopará*, por adequar seu discurso em função do possível universo cultural de público, além de outros aspectos, apresentava potencial para edificar a imagem popular almejada e conseqüentemente obter êxito nas vendas.

A escolha por um estudo das páginas policiais, do jornal em foco, se justificou pela realização de outra investigação entre os anos de 2011 e 2013 com este *corpus*, e, por ela se constatou serem, em tal seção, onde há maior número de vocábulos em guarani *jopará*.

Outro fator de realização do presente estudo, nos moldes em que foi estabelecido, é o que vai ao encontro do objetivo: o de estudar as marcas linguísticas que identificam o enunciador, seu *ethos*, constituído por signos que, discursivamente, representam uma autoimagem que pode ser negativa e positiva. Sendo assim, a presente pesquisa se faz necessária por debruçar-se sobre a dimensão argumentativa e a intenção argumentativa, visto se tratar de texto, informativo, jornalístico, cuja linguagem tende a ser apelativa e não outro, com outras características, como o jurídico, por exemplo.

Nossa tese, neste contexto, pode ser uma referência, pois os resultados apontam para o estabelecimento de correlação entre a formação do *ethos*, prévio e mostrado, as questões de contrato de comunicação e as línguas do Paraguai, quanto aos seus conflitos sociais e linguísticos.

A relevância da presente tese, de forma geral, recai sobre estudo do *jopará*, enquanto materialidade discursiva, seu ambiente de circulação e os sujeitos envolvidos nas ações. Aliado a esses fatores, destacamos o caráter da análise, interdisciplinar, que se preocupou com processo de formação do *ethos*, suas imbricações e desdobramentos, podendo seus resultados, de diferentes formas, contribuir para a formação de professores que atuam em região de fronteira com o Paraguai.



A forma de abordagem do tema, no presente estudo, se diferencia de outros trabalhos, que compõem o estado da arte, referente ao *jopará*: (Lusting, 1996); (Baz, 2006); Kalfell (2016), dedicaram atenção à descrição dos aspectos formais desse fenômeno, os quais tratam do funcionamento de alguns marcadores conversacionais. São estudos relativos aos seus aspectos gramaticais e descrição sistemática. Os trabalhos de Corvalán (1992); Fasoli-Wörmann (2002); Zajicová (2009), discutem o tema sob a perspectiva sociolinguística, tratando de examiná-lo segundo este ângulo. Estas pesquisas, em linhas gerais, envolvem a compreensão de como as pessoas usam o *jopará*. Krivoshein de Canese (1993) examina o objeto em voga, imbricando-o às políticas educacionais paraguaias.

Portanto, diante deste patamar, a possível aceitabilidade e relevância da presente pesquisa está na autenticidade do estudo, interdisciplinar, do *jopará*, que o concebe enquanto língua em prática discursiva translíngua. A atenção recai sobre a relação língua-discurso, em que a língua é compreendida em suas maneiras de significar; de produzir sentidos; empregada como estratégia que visa ampliar o poder comunicativo, que implica em construção de imagens, imbricada à constituição do *ethos*, além de promovermos uma discussão, demonstrarmos posicionamento e defesa do *jopará* como (trans)língua, o que lhe confere visibilidade, frente aos padrões monolíngues, em que se fecham muitas abordagens de pesquisa relativas ao tema. Ainda há que se ressaltar a necessidade de estudos concernentes ao Paraguai e midiáticos.

Outro fator pertinente é o contexto em que este estudo se originou e se desenvolveu, a fronteira entre Brasil e Paraguai, a qual, como já citada, possibilita trocas culturais, proporcionadas pela proximidade geográfica, destacando, nesse contexto, o Paraguai como cenário multilinguístico<sup>6</sup> e culturalmente complexo, o qual encheu de dúvidas a cabeça de um observador curioso, as quais promoveram reflexões e se configuraram como demandas que exigiam respostas.

Essas trocas culturais são também momentos de fortalecimento de preconceitos mútuos, estranhamentos e aproximações entre as pessoas dos países fronteiriços. Um estudo voltado para o entendimento de aspectos da cultura do

---

6 A pesquisa, quanto à aplicação de seu instrumento de coleta de dados, questionário, foi realizada em *Ciudad del Este*, cidade paraguaia, conhecida por meio de inúmeras matérias jornalísticas, por ter como sua base de recursos o comércio de produtos importados bastante desenvolvido. Por essa razão, muitos povos imigraram para essa região, em sua maioria chineses, árabes e coreanos, o que caracteriza, sob aspectos linguísticos, como espaço de circulação de muitas línguas, e, por conseguinte, muitas culturas.

Paraguai é importante, pois oferece, à comunidade, outros conceitos que não baseados somente em impressões iniciais. Há pesquisas que apontam para o preconceito existente, em região de fronteira, com relação a expressões da cultura paraguaia, em especial às suas línguas ou ainda quando as misturam. Expressões ouvidas em diferentes contextos, do tipo: “eles falam enrolado”, “o espanhol deles é feio”, são alguns exemplos.

Observamos a importância em estudos relativos ao Paraguai, pois devido à sua formação histórica, este país apresenta uma diversidade cultural instigante, tendo como um de seus resultados, o fenômeno do *jopará*, o qual ainda é desconhecido, mesmo para os habitantes de Foz do Iguaçu no Paraná, região e Brasil.

Enfatizamos a necessidade de estudos referentes à mídia, com propósito de entender as relações de poder, provenientes do uso do discurso (poder simbólico) na construção do espaço público. Inerente a essa esfera, o presente estudo se justifica por observar a não opacidade da linguagem e com isso contribuir para o desenvolvimento do senso crítico ao oferecer instrumentos para análise de construção de imagem no discurso, e, dessa maneira, impedir que se caia em falsas aparências.

Finalmente, os resultados da corrente tese poderão, talvez, auxiliar a prática de professores em região de fronteira, especialmente os de língua portuguesa e língua espanhola. Há instituições públicas (UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana e IFPR – Instituto Federal do Paraná, UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná e Rede Pública, estadual e municipal de escolas do município de Foz do Iguaçu e região) que recebem estudantes paraguaios. Instituições particulares também relatam a presença de alunos com dupla cidadania, alfabetizados em espanhol, que falam português em casa, falam guarani e ainda *jopará*.

Os estudos destinados a entender, mesmo que de maneira parcial, a cultura paraguaia, possivelmente contribuirão para práticas pedagógicas, pois ao entender a cultura, sua história, é viável entender também alguns problemas enfrentados por alunos dessa origem, que em menor número nos seus cursos e instituições, podem apresentar angústias, anseios, dúvidas e receios com relação à sua inserção em um ambiente escolar, ainda não preparado para recebê-los, pois o choque cultural pode causar estranhamentos, que podem assumir a forma de preconceitos e julgamentos de valor. Há estudos que revelam a construção, ou reconstrução, de uma identidade

escolar, baseada na alteridade, por parte de alunos *brasiguaios*<sup>7</sup>, em que se percebeu o apagamento de uma cultura em detrimento de outra.

A presente pesquisa estruturou-se em seis capítulos. No primeiro capítulo, discutimos e apresentamos a situação de conflito linguístico vivida no Paraguai ao discorrermos sobre o *jopará*, alguns conceitos estabelecidos por pesquisadores, os quais divergem em classificá-lo.

No segundo capítulo, apresentamos uma parte do referencial teórico que embasa a presente pesquisa, o que inclui a discussão dos conceitos de situação de comunicação, discurso, interdiscurso, cenas de enunciação, modos de organização do discurso: enunciativo e descritivo. Ainda agregamos o tema do gênero discursivo aliado ao entendimento da função da mídia e da sociedade. O gênero que abarcamos é a notícia e tratamos de estabelecer os parâmetros para sua padronização. Observamos, ainda, este gênero no jornal popular e de forma mais específica no jornal em foco.

No terceiro capítulo discutimos, inicialmente, os conceitos de argumentação, sequencialmente imbricamos este tema ao discurso e aos conceitos advindos da Análise Semiolingüística. Nesse percurso não deixamos de recorrer à Retórica Clássica e à contribuição da Nova retórica, para, enfim, aprofundarmos no estudo do *ethos*.

No quarto capítulo discorremos sobre a metodologia adotada, constituída de forma a articular nossas bases teóricas, os instrumentos de coleta de dados e suas funções, associadas à nossa pergunta de pesquisa e aos objetivos alcançados.

No quinto capítulo, analisamos os dados obtidos pela aplicação dos questionários, observando a formação do contrato comunicacional e do *ethos* prévio.

No sexto capítulo, analisamos a dimensão interna do discurso: a construção do *ethos* mostrado, a autoimagem popular, do jornal, a imagem que este faz dos personagens retratados nas páginas policiais e por conseguinte do presumível leitor. Nossa concentração restringiu-se às palavras em guarani *jopará* mais empregadas nas edições que formam essa parte do *corpus*, as quais analisamos segundo as

---

7 Esse termo, segundo Cognese (2002), refere-se aos brasileiros, que na década de 1950, migraram para o Paraguai, mais especificamente para a região de fronteira. Esse vocábulo, além do sentido trivial: metade brasileiro e metade paraguaio, na perspectiva exposta, representa a conjugação de conflitos linguísticos, sociais, históricos, culturais, inerentes à formação de uma identidade nacional.

subcategorias: homens, mulheres, policiais, o conceito de nomeação (Charraudeau, 2008), substantivos e adjetivos.

Por fim apresentamos as considerações finais sobre os resultados alcançados.

## 1 LÍNGUAS DO PARAGUAI: CONTORNOS E CONTEXTOS

A presente pesquisa, como já frisamos, foi idealizada e desenvolvida entre duas cidades: Foz do Iguaçu, cidade do oeste do Paraná e que faz fronteira com a cidade paraguaia *Ciudad del Este*, onde se realizou outra parte deste estudo. Estas cidades e países ainda fazem fronteira com a cidade argentina *Puerto Iguazú*.

Em um mesmo dia é possível fazer o que muitas pessoas fazem: visitar os pontos turísticos de ambas cidades, já que, são conectadas a Foz do Iguaçu por pontes, a primeira pela ponte da Amizade e a segunda por meio da ponte da Fraternidade, sendo todos seus acessos bastante facilitados.

Essas características, possibilitadas pela proximidade geográfica, pelo contato, promovem diferentes trocas, que abarcam as dimensões linguísticas, culturais, sociais e econômicas, fruto dos deslocamentos e interação estabelecidos neste espaço, entre os habitantes dessa tríplice fronteira e destes com os turistas, já que essa região proporciona o investimento em turismo, hospitalidade lazer. Diante desse quadro não é de estranhar que, reciprocamente, hábitos e costumes destes povos sejam observados, compartilhados e outros até incorporados, pois as culturas são permeáveis e influenciam-se mutuamente, estando em permanente processo de mutação (CAVALCANTI; MAHER, 2009).

Os sinais de contatos se notam, dentre muitos aspectos, por meio de significados culturais, tais como àqueles atribuídos à gastronomia. Em Foz do Iguaçu, por exemplo, é possível comprar pratos típicos dos países fronteiriços, dentre eles a *chipa* (espécie de pão feito à base de queijo e polvilho), de origem paraguaia, vendida nas padarias da cidade. Nas rodas de amigos, principalmente no verão, as pessoas tomam o tererê (bebida servida gelada em recipiente específico, à base de erva mate), muito apreciada por paraguaios. Já em *Ciudad del Este* é comum encontrarmos produtos brasileiros e também de muitos países do globo, que objetivam atender ao intenso comércio transfronteiriço<sup>8</sup>, nesta zona desenvolvido, o que favorece o uso do real, moeda brasileira, ao lado do dólar, principal moeda de transação comercial, ficando o guarani, moeda paraguaia, em segundo plano.

---

<sup>8</sup> Em sentido amplo o vocábulo transfronteiriço refere-se a atividades que excluam as fronteiras ou que as ultrapasse as fronteiras, geralmente relativas aos países. *Ciudad del Este*, no Paraguai, é a capital do estado de Alto Paraná. A base de sua economia é o comércio, sendo conhecida como uma das maiores zonas francas de comércio mundiais. Seu comércio se caracteriza, também, por ser de turismo de compra.

O intenso trânsito de pessoas pelas três fronteiras, em que circulam as línguas portuguesa, espanhola, guarani, *jopará*, inglesa, entre outras, aliado à ampla imigração de pessoas que para essa região vieram com suas respectivas línguas e culturas: indianos, chineses, coreanos, libaneses, sírios, dos povos árabes, entre outros, além de brasileiros das mais diferentes regiões, atraídas pelas possibilidades de inserção no comércio e também turismo, configuram a pluralidade cultural e pluralidade linguística da região.

Dos três países que compõem a Tríplice Fronteira, a língua oficial do Brasil, como sabemos, é o português. Também, de conhecimento geral, o espanhol é língua oficial da Argentina e do Paraguai. O Paraguai, no entanto, tem o guarani, também, como língua consagrada pela lei, utilizada em atos oficiais. Essa configuração linguística, oficial, invisibiliza as demais práticas de linguagem da fronteira, como a língua dos imigrantes, dos indígenas, dos surdos, entre outras.

No Paraguai, por exemplo, o *jopará*, enquanto prática de linguagem, desenvolvida por sujeitos bilíngues, visando diferentes propósitos, que se caracteriza pela hibridização de espanhol e guarani, utilizada em interações cotidianas, entre paraguaios, como também destes com brasileiros lá vivem ou trabalham, não deixa de sofrer estigmatizações, que englobam apreciações do tipo: “espanhol errado” ou “guarani errado”. Contudo, encontra espaço na veiculação de notícias, em jornais que tratam de temas locais, como o jornal *Diario Popular*.

Observou-se, inicialmente, de forma empírica, posteriormente por acesso à literatura (Santos, M. E. P., 1999; Santos, 2012; Berger, 2015, Gasparin, 2015), que o cenário linguístico paraguaio é marcado por conflitos, embates e lutas por representação, os quais, convertidos em políticas linguísticas e processos de homogeneização da linguagem, elevaram as línguas “puras” guarani e espanhol ao patamar de línguas e conseqüentemente à invisibilização do *jopará*, em se tratando de seus espaços de circulação, bem como suas classificações técnicas, tais como: crioula, mesclada, variação.

Para observarmos com mais clareza este cenário linguístico, que envolve as línguas guarani, espanhol e *jopará*, nos pautaremos em alguns dados. Segundo Censo Nacional de População e Habitação (2003), a distribuição linguística entre os habitantes do Paraguai se organiza: um total de **59%** da população (3.052.010) é de falantes **bilíngues** (guarani como primeira língua), **26%** é de bilíngues também (1.330.810), porém estes tem o **espanhol como primeira língua**, seguidos de **27%**

da população (1.339.220 pessoas) de falantes de língua **guarani** e somente **8%** da população (411.780) é de falantes, somente, de **língua espanhola**.

Segundo Velázquez (2013), enquanto o espanhol é a língua que representa a cultura ocidental, língua de comunicação, dos meios de difusão massivos, das áreas públicas, políticas, jurídicas e institucionais, o guarani se impõe no seio familiar, espaços recreativos e informais, permanecendo no âmbito oral, na comunicação cotidiana, do contato íntimo e afetivo, sendo usada por políticos e religiosos, quando desejam tocar seus ouvintes.

Diante do que foi exposto, cientes sobre nosso foco de análise, que, reiteramos, examina o processo de formação do *ethos*, tendo em conta alguns fatores: 1) jornal estudado, com características populares; 2) páginas policiais, analisadas segundo suas configurações; 3) a língua, enquanto trabalho simbólico, compreendida “fazendo sentido”, enquanto produção de sentido relativa à intenção do sujeito, faz-se necessário, em vista deste quadro, discutir, entender e aprofundar o tema das línguas no Paraguai, com ênfase no *jopará* e no guarani, o qual tratamos na sequência.

### **1.1 O QUE É JOPARÁ?**

Meliá (1992) discute o *jopará* afirmando que não se trata de espanhol com empréstimos do guarani, mas sim guarani com empréstimos do espanhol. Desde o período de colonização esse fenômeno ocorre e faz parte da cultura paraguaia. Para ele, o guarani falado no Paraguai não é mais o guarani falado na época dos índios. O guarani tribal seria incompreensível para a população atual e o mesmo se aplica ao guarani do período missioneiro. O guarani falado atualmente, segundo Krivoshein de Canese (1993), é originário da tribo *kari`o*, sendo este, historicamente desenvolvido, em contato com o espanhol. Esse guarani tornou-se oficial por apresentar certa uniformidade. Contudo, desde sempre, há graus de interferência do espanhol no guarani, sendo o guarani “puro” uma abstração. Faz parte da formação histórica e cultural, a capacidade da população paraguaia em empregar o espanhol, guarani ou o *jopará*, em diferentes contextos da vida, na fala e na escrita. Por força deste cabedal, Meliá considera o *jopará* a terceira língua do Paraguai.

Krivoshein de Canese (1993) define o *jopará* como o guarani paraguaio com muita interferência do espanhol. Essa autora não considera este fenômeno como a

possível terceira língua paraguaia, devido ao não desaparecimento do espanhol e do guarani, sendo estas, ainda empregadas. A pesquisadora reconhece os muitos graus de interferência uma na outra, em questões escolares, como um mal a ser combatido. Ela aponta, portanto, a necessidade de correção, por meio da educação formal, dos usos de ambas as línguas para que não se convertam em uma terceira, no caso o *jopará*.

Quanto à educação, esta autora observa, que no meio acadêmico os alunos apresentam dificuldade em utilizar a língua espanhola, o que acarreta em problemas de aprendizagem, pois ela verifica que, como a grande maioria deles é falante de língua guarani, a alfabetização em língua espanhola, língua priorizada pela escola, se torna conflituosa, gerando tensões no ensino/aprendizagem. Uma possível solução para esse problema, segundo a autora, seria um plano de ensino bilíngue eficiente.

Lusting (2012) entende o *jopará* como linguagem mesclada de espanhol e guarani, utilizada por grande número de paraguaios no dia a dia, sendo considerada a terceira língua do Paraguai. Outra característica, observada por ele, com respeito ao fenômeno em foco, é sua liberdade expressiva, o que torna difícil sua categorização, pois podemos encontrar zonas e situações onde há o predomínio do guarani sobre o espanhol e em outras onde ocorre o contrário. Lusting (*op. cit.*), ainda destaca que o *jopará* é a variante de menor prestígio no Paraguai.

Na literatura paraguaia a língua *jopará* recebeu o crivo de “horrenda” por Augusto Roa Bastos, escritor de prestígio paraguaio. Roa Bastos em seu romance *El Fiscal*, por meio de um personagem, afirma que o *jopará* é um dialeto que se assemelha a língua *ñe`e tavy*, maneira como um débil mental se expressaria. Contudo, visto os dados demográficos, anteriormente apresentados, a influência da formação histórica e social paraguaia sobre as línguas, há que se ressaltar que o *jopará* é empregado, especialmente em sua forma oral, por grande parte da população.

Gynan (2003) destaca em suas pesquisas, os aspectos fonológicos intactos no guarani falado na atualidade, além desses aspectos também ressalta os contatos nos níveis morfossintáticos, lexicais e de interação comunicativa. Quanto à interação comunicativa, o autor observa que os falantes de espanhol e guarani sabem perfeitamente distinguir as duas línguas e o fato de mesclarem os dois idiomas é



algo de que se valem em vários contextos sociais, justamente por poderem contar com seus recursos léxicos.

Baz (2006), por sua vez, entende o *jopará* como uma variante do guarani em que convergem elementos do espanhol e até mesmo do português. Esta autora dedica seus estudos à descrição formal, sistematizada, de textos orais, obtidos por meio de entrevistas com mulheres, cujo tema de conversa eram suas impressões sobre a Guerra do Paraguai, em que observa a importância de alguns marcadores conversacionais, tais como *upéicha* (assim, dessa maneira), no discurso.

Segundo Kallfell (2016), o *jopará* seria a forma falada do guarani paraguaio, semelhante ao contato entre as línguas portuguesa e espanhola, que geram o portunhol, ou ainda ao contato entre catalão e espanhol (*catanyol*). Ressalta, porém, que essa língua, é resultado de formação do processo histórico e social do Paraguai, não estando restrito seu uso a um espaço geográfico, como no caso do *portunhol* (regiões de fronteira – Brasil/Paraguai, Brasil/Uruguai ou Portugal/Espanha) da mesma forma como o *catanyol* (região da Catalunha-Espanha).

O *jopará*, segundo o quadro que se forma, se mostra como sistema linguístico, empregado para fins comunicacionais. Dessa forma, Meliá (1992), o concebe, como vimos, como a terceira língua do Paraguai. Já Kallfell (2016), observa que o *jopará* não seria apenas uma variação das línguas espanhola ou guarani, por considerar que aquele que domina somente uma, não conseguirá compreender o uso mútuo das duas, visto tratar-se, segundo ele, de dois mecanismos complexos. Em vista deste posicionamento, o próprio autor questiona se o *jopará* pode ser considerado uma língua ou até mesmo a terceira do Paraguai, porque, segundo seus estudos, seria um *continuum* pouco normatizado de possibilidades de realização.

A pesquisadora Zajícová (2009), em seu artigo sobre as diferentes formas (uso, circulação e composição) do *jopará*, observa que ele existe desde a época colonial. Por meio de relatos de jesuítas, em suas missões, as quais exigiam traslados entre os povos e vilas, já observavam, com um olhar crítico, a existência de um guarani diferente do “jesuítico”, considerado como adulteração, já fortemente interpenetrado pelo castelhano.

Esta autora, baseada em diferentes pontos de vista, pondera sobre o *jopará*:

O guarani influenciado pelo castelhano recebeu popularmente o nome de *jopará*, “mescla, mesclado” em guarani, que, no entanto, é um termo que os falantes costumam referir-se a fenômenos linguísticos muito heterogêneos,

que, além disso, não se excluem entre si, quer dizer, se trata de um *continuum* não somente em nível de proporção de ambas línguas, mas também em nível de resultado de contato linguístico, desde os empréstimos plenamente integrados fonética e morfológicamente, passando por empréstimos ocasionais, calcos, etc., até diferentes formas de alternância de código.<sup>9</sup> (ZAJÍCOVÁ, 2009, p. 26 – tradução nossa).

A autora supracitada observa a existência de diferentes manifestações de contato linguístico, em *jopará*, que, dependendo do texto, pode-se explicar sua variedade, com base em diferentes frentes, ainda assim, algo incontestável é o fato da construção comunicativa formar-se a partir de recursos selecionados não de uma das línguas, mas de maneira complementar, de ambas. Tal estudo reconhece as diferentes manifestações do contato linguístico: guarani e espanhol, contudo, não observa este processo segundo seus possíveis conflitos.

Por outro lado, segundo Gasparin (2016), que estudou o contato das línguas guarani e espanhol, no âmbito escolar, no Paraguai, e seus desdobramentos, em específico o conflito linguístico que gera a baixa expectativa, segundo entrevistas com professores, com relação a tornar os alunos competentes em guarani e espanhol. Segundo este estudo apurou, a sustentação do título: Paraguai, país bilíngue, pode ser uma abstração, pois não há uma equivalência entre estas línguas em termos de capital simbólico, em que o guarani, por mais que seja, amplamente e majoritariamente, língua empregada no cotidiano, não se desenvolve enquanto escrita, já o espanhol, língua de uma minoria, é a real língua empregada para todas as atividades que envolvem o mundo formal.

Seguindo nesta linha, trataremos de compor o controverso panorama linguístico paraguaio, no qual daremos ênfase ao *jopará*, imbricado aos conflitos linguísticos que envolvem seu uso, sua possível desvalorização, enquanto não-língua, perante as línguas “puras” guarani e espanhol. Para tanto, teremos como base (Santos; Oliveira, 2018), cujo artigo aborda o tema, mediante relatos, que revelam impressões e conceitos, provenientes de alunos paraguaios que estudam na UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana, localizada em Foz do Iguaçu).

---

<sup>9</sup> El guaraní influido por el castellano ha recibido popularmente el nombre *jopara*, “mezcla, mezclado” en guaraní, que, sin embargo, es un término con el que los hablantes suelen referirse a fenómenos lingüísticos muy heterogéneos, que, además, no se excluyen entre sí, es decir, se trata de un *continuum* no solamente a nivel de proporción de ambas lenguas, sino también a nivel de tipo del resultado del contacto lingüístico, desde los préstamos plenamente integrados fonética y morfológicamente, pasando por préstamos ocasionales, calcos, etc., hasta diferentes formas de la alternancia de código. (ZAJÍCOVÁ, , 2009, p. 26)

Segundo esta fonte, a respeito do *jopará* ser uma língua, alguns entrevistados apontaram dúvida em entender esse fenômeno como tal. Alguns consideraram como uma língua que foi se modificando com o tempo, outros, como variedade ou linguagem popular, ao mesmo tempo que reconheceram a dificuldade em usar o guarani “puro”.

Do que apuramos, podemos inferir que o *jopará* é resultado de processos de conquista e redução, pelos quais a sociedade paraguaia passou. Segundo Melià (1992), todas as dimensões e manifestações da cultura guarani, desde a Conquista espanhola, acomodam-se em posição inferior. Segundo esse posicionamento, com vista aos conflitos relativos às línguas, reconhecemos que as línguas de origem indígena (guarani e *jopará*) estão associadas às práticas de linguagem, cujos espaços de circulação, legítimos, são os não formais ou familiares.

O panorama apresentado indica que o *jopará* não é reconhecido como língua por alguns autores, ainda que sua existência e emprego sejam inegáveis. Essa prática de linguagem, segundo nosso estudo, em suas especificidades, mostra-se qualificada por contornos livres, o que abre possibilidades ao uso de novas palavras e até da criação de uma linguagem própria. Trata-se, pois, de combinações criativas da linguagem, baseadas em novas práticas, as quais estão pautadas pela negociação de sentido<sup>10</sup>. Dessa forma, essa pesquisa exige um posicionamento teórico, político e social, portanto, defendemos que o *jopará*, como (trans)língua, fruto do uso das línguas (guarani, espanhol) de forma dinâmica e simultânea, sem fronteiras muito definidas, sem vislumbrar o uso de sistemas linguísticos autônomos e, sim, em função dos contextos de circulação. Com isso, desejosos de conceder visibilidade ao tema, não o definimos como mescla, mescolança, variação, *pidigin*<sup>11</sup> ou crioula<sup>12</sup>. O que não questiona estas formas de abordagem e compreensão do tema, já consagradas e de ampla difusão.

Esta forma de entendimento se ajusta à abordagem do tema da presente tese, visto que, entendemos a língua, em sua materialidade discursiva, relacionada aos

---

10 Segundo esse ponto de vista, o *jopará* no *Diario Popular*, não está atrelado a regras gramaticais próprias ou rígidas, das quais não decorre, portanto, a obtenção do sentido. Antes, entendido como uso criativo da linguagem, em contexto que envolve sujeitos bilíngues, tem seu valor, do ponto de vista da comunicação, atrelado à situação de seu emprego. Esta base de pensamento se engaja na concepção, segundo Garcia (2009), Canagarajah (2013), que entende a diversidade linguística não como exceção e questiona o padrão monolíngue imposto como “correto”.

11 Língua de contato, cuja gramática pode ser rudimentar. Usada com propósito de comunicação.

12 Língua que sofre interferência de outra, de maior prestígio, a qual impõe seu léxico e sua sintaxe.

sujeitos e suas intenções, como também à situação de produção, ou ainda, sua capacidade de projetar imagens que conformarão o *ethos* do jornal em voga.

### 1.1.1 *Jopará*: o princípio de um posicionamento

Com base no estado da arte, concernente ao *jopará*, pudemos observar, que há uma divergência, por parte dos pesquisadores e usuários, em considerá-lo como a terceira língua do Paraguai. Porém os autores concordam que tanto o guarani quanto o espanhol, línguas oficiais na atualidade, sofreram alterações, sendo possível observar em ambos: graus de contato, o que abala e questiona e até aponta como mito, o purismo das línguas. Ainda assim, o cenário linguístico que se apresenta é controverso. Se por um lado há indícios que demonstram as línguas guarani e espanhol serem alçadas a símbolos nacionais. Orgulhos pátrios. Por outro lado, também há indicativos de resultados frustrados, em níveis educacionais, que abarcam a aprendizagem da língua guarani, assim como sua circulação circunscrita ao ambiente familiar ou informal e ainda carregar, historicamente e socialmente a má reputação de língua de camponeses, língua de matutos.

Em decorrência da necessidade de estabelecer contatos iniciais, preambulares ao delineamento do estudo em voga, com paraguaios, inicialmente com funcionários do comércio de *Ciudad del Este* e posteriormente com estudantes que moram em Foz do Iguaçu, como forma de sondagem e encaminhamento, que poderiam levar à nossa pergunta de pesquisa, quando mencionávamos que pesquisávamos o *jopará* no jornal *Diario Popular*, muitas eram as caras de incompreensão do porquê alguém dedicaria uma pesquisa a esse tema.

Dentre os motivos de estranhamento e graça, referentes ao assunto do presente estudo, estão: a) o fato do jornal empregar o *jopará*, que, segundo os entrevistados, é o falado nas ruas, despojado e fora de qualquer norma, que, segundo suas concepções, uma língua deva ter; b) a forma como o impresso retrata as tragédias, com uso de certas palavras, em *jopará*, as quais, segundo padrões culturais, se tornam engraçadas para eles, deixando a ação, que geralmente é violenta (facadas, golpes, tiros, ...) amena. Porém, observando estas reações, segundo Cavalcanti (2013), os risos e atribuição cômica, demonstrados por eles, provenientes de seus contatos com as matérias do jornal analisado, dos títulos

escritos em *jopará*, se deveram, possivelmente, a uma forma de minimizar o preconceito existente, com relação à língua e estilo adotados pelo jornal.

Esse fato remete a outro, de quando iniciaram as pesquisas em 2011, em torno deste tema, ao observarmos e conversarmos com leitores no comércio de *Ciudad del Este*, um jovem que lia atentamente o jornal, mesmo com o noticioso nas mãos, afirmou que não o lia, somente o interessava o resultado das partidas de futebol. Uma senhora, vendedora ambulante, confessou que a finalidade do periódico era servir para embalar produtos e tapete para o chão.

Já mais tarde, do contato com alunos paraguaios, decorrente de nossa necessidade de obter opiniões de diversos públicos, um deles, com quem conversamos, nos disse, em tom de orgulho, que nunca havia comprado o *Diario Popular*. Essas negações e preconceitos podem estar relacionados aos aspectos editoriais, de linguagem visual, os quais primam por capas apelativas, porém, também têm relação com o uso da linguagem escrita, marcada por uma redação em *jopará*, em algumas seções, por ser metafórica e irônica. O que nos leva a algumas ponderações e argumentação, que alinham nosso foco de pesquisa, em seus contornos específicos e contexto em uso, a uma prática, como aprofundaremos, que descortina ação dos sujeitos, por envolver o uso estratégico da linguagem, visando alcançar objetivos.

Nesse percurso, pareceu-nos conflitante conceber a negação e o possível preconceito, relativos ao *jopará* e ao jornal, visto o número alto de vendas do *Popular* e tendo em vista a cultura paraguaia ser notadamente marcada pela mestiçagem e hibridização, ou seja, apuramos que faz parte da vida dos paraguaios falar misturando as línguas, independente da classe social, conforme, também, nos assegurou uma aluna paraguaia, de 20 anos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, de classe média. O guarani “puro”, sem interferências do espanhol, como constatamos, indica ser uma abstração, defendida por uma parte da sociedade e sustentada por questões sociais, as quais se refletiram em políticas linguísticas que defendem o ensino das línguas “puras”, como veremos.

Diante deste patamar, cremos que haja necessidade de argumentarmos em função do entendimento desse fenômeno, como prática de linguagem fluída e dinâmica, e, portanto, afastar-nos de uma ideologia monolíngue, que reforçam o poder das línguas oficiais paraguaias.

Para Canagarajah (2013), uma competência que necessita ser estimulada é a translíngua, já que ela tem função primordial, pois é a habilidade de negociação de sentidos na comunicação com falantes de outras línguas. Segundo o autor, “é possível modificar, se apropriar e renegociar normas de variedades dominantes enquanto um indivíduo as adota”. (CANAGARAJAH, 2013, p. 12). O que ele propõe é desenvolver uma atitude crítica em relação às variedades prestigiadas, sem abandonar seu ensino, desenvolvendo dessa maneira, repertórios e estratégias que estarão de acordo com as exigências do mundo global que se apresenta. Essas questões nos remetem a uma análise do ato de mesclar as línguas segundo uma prática de alternância de código.

Kallfell (2016) observa que, devido à colonização, tema que ainda aprofundaremos, mais de 500 anos de emprego das línguas espanhola e guarani, de forma bilíngue, levaram a uma situação de interestrato duradouro, constituindo-se o espanhol paraguaio com características peculiares, ou seja, o *jopará* é a forma de expressão, que devido aos aspectos sociais e históricos, de tradição oral, é majoritariamente empregado na fala, havendo a mistura (penetração recíproca) das duas línguas em contraposição ao guarani “puro” – *guaraniete* - que hoje só existe na forma escrita.

Esse autor questiona a definição do *jopará* como terceira língua do Paraguai e o define como fenômeno de linguagem composto com base em dois sistemas linguísticos: espanhol e guarani. Assim, em diversas composições, o *jopará* pode empregar tanto a gramática do guarani misturada ao léxico do espanhol quanto empregar a composição contrária. Nesse sentido, Gynan (2003), destaca que os falantes de espanhol e guarani sabem perfeitamente distinguir as duas línguas e o fato de mesclá-las é algo de que se valem em vários contextos sociais, justamente por poderem contar com os recursos léxicos e gramaticais de ambos os idiomas.

A alternância de código, ou *code-switching*<sup>13</sup>, é, segundo Kallfell (2016), um fenômeno básico e onipresente em uma situação diglósica como a que predomina no Paraguai, sendo absolutamente normal essa prática bilíngue. Segundo as

---

13 “A alternância de código é um fenômeno bastante evidente em falantes que vivem em comunidades bilíngues. Atualmente, os estudiosos de línguas em contato têm dado ênfase aos estudos de alternância de código, que vem a ser o uso de dois sistemas gramaticais de línguas lado a lado, ou subsistemas gramaticais a um mesmo ato de fala de falantes bilíngues. Porém as regras gramaticais desses dois sistemas não podem ser prejudicadas. Portanto a alternância é possível, tanto entre diferentes variações ou registros de uma língua, assim como entre línguas diferentes”. (Von Borstel, 2001, p. 180)

pesquisas desse autor e de Santos (2012), dependendo do contexto (formal ou informal), os membros das comunidades usarão as línguas, guarani e espanhola, “puras”, ou alternarão o código, no ato de fala. Em contextos mais familiares e informais abre-se espaço para o uso do *jopará*.

Garcia (2009) afirma que a translanguagem não está de acordo com a alternância de código, no sentido de ser uma prática que normaliza o bilinguismo sem separação funcional. Para Canagarajah (2013), o principal problema com a expressão alternância de códigos ou alternância entre línguas é pensar nos códigos ou línguas como sistemas autônomos e distintos, quando envolvidos na alternância. Isso impede estudiosos de acomodar a extensão total de significados e práticas que informam a orientação translíngue. Nas palavras do autor:

Na prática translíngue, é possível adotar recursos linguísticos de diferentes comunidades sem uma competência perfeita (como tradicionalmente definido), e esses modos de hibridismo podem ser socialmente e retoricamente significativos (CANAGARAJAH, 2013, p. 10).

O ato de mesclar palavras entre idiomas é uma forma, como já frisamos, de expressar valores e identidade, dando voz ao interlocutor. Ainda assim, Canagarajah (*op cit.*), admite que é possível falar de alternância de códigos em contextos específicos e enfatiza que esse é um dos tipos de uso da linguagem que faz parte do termo translanguagem. Em casos de sedimentação gramatical amplamente aceita e atribuída a línguas específicas, é possível distinguir de qual ‘língua’ uma palavra é emprestada ou entre quais ‘línguas’, frases ou expressões são alternadas.

Diante do que foi exposto é necessária uma argumentação, que merece e deve ser aprofundada futuramente, em favor do ponto de vista que defendemos em relação ao fenômeno em questão, no que tange ao seu enquadramento conceitual.

Nosso objetivo é nos posicionarmos, a partir da noção de translanguagem, entendendo o *jopará* como língua, cujas práticas, em vista das condições sociais e históricas, englobam indivíduos em contexto multilíngues.

Nessa linha, entendemos que a comunidade paraguaia possui repertório linguístico variado, que, para fins comunicativos/discursivos o acessa. Nosso propósito, ao empregarmos o termo (trans) língua, como sequencialmente aprofundaremos, especialmente quanto à nomenclatura (trans), no sentido trans-estrutural, é reforçarmos nosso ponto de vista, em que o *jopará* ultrapassa as



barreiras que circunscrevem as nomeações das línguas, ou seja, vai além de um conceito que aceitaria esse fenômeno como resultado da união de dois sistemas linguísticos autônomos e sim concebe a presença de um sujeito, bilíngue, que interage, por meio de seu repertório, segundo necessidades. Esse conceito, como veremos, marca nosso lugar de fala, de afastamento de uma ideologia que valoriza a língua como entidade pura.

### **1.1.2 O entendimento do *jopará* como (trans)língua**

A ideia que defendemos é de entendimento do *jopará*, como (trans)língua, que, presente nas matérias do jornal analisado, de acordo com as mudanças globais do mundo moderno, é expressão de uma cultura plural, que enfrenta preconceitos, devido, também, a um sistema escolar monoglóssico, como relataram os alunos e segundo algumas fontes (Gasparin,2016); (Santos; Oliveira, 2018).

Os resultados destas investigações apontam que os informantes não aprenderam guarani “puro” na escola, somente tiveram uma noção de escrita e gramática, mesmo tendo em casa membros da família que falam guarani, não praticavam. Eles dividem o guarani popular, que é o *jopará* falado por eles nas ruas, e o guarani acadêmico, cheio de regras, que dizem nunca usar.

O Paraguai é um dos poucos países a ter, reconhecidamente, duas línguas, sendo uma delas, língua indígena, como línguas oficiais, segundo sua Constituição Nacional de 1992: “o Paraguai é um país pluricultural e bilíngue, são idiomas oficiais o castelhano e o guarani. A lei estabelecerá as modalidades de utilização de uma e da outra ” (Constituição da República do Paraguai 1992, parte II, Artigo, 140 – Dos idiomas – tradução nossa). Dessa maneira, existe o compromisso de competência de ensino bilíngue, baseado nos aspectos políticos, mas o que se nota na prática, segundo fontes já citadas, é uma outra realidade. A exigência é a competência linguística em guarani e espanhol, porém, o ensino de língua guarani, seja por problemas de má formação acadêmica, ou por problemas sociais, converte-se em uma árdua tarefa, tornando-se o guarani acadêmico uma língua externa e inalcançável.

No que se refere à língua *jopará*, nesse contexto, ela é empregada por todos, alunos e professores. Os professores o empregam para explicar a matéria, contudo,



a ideologia preponderante é a valorização das monolínguas, em todos os segmentos sociais.

Maher (2007) observa a existência de um modelo, em que o bilinguismo pode ser um problema a ser combatido. Trata-se do Modelo Assimilacionista de Transição, no qual os aprendizes iniciam a aprendizagem em duas línguas, mas a língua de menor prestígio e poder, invisibilizada, portanto, no sistema escolar, é gradativamente substituída pela língua dominante. Sobre o contexto de minorias no Brasil, ela discute as relações de poder implícitas em diferentes tipos de bilinguismo, já que os alunos indígenas, surdos e de comunidades de imigrantes são obrigados a aprender a língua dominante, no caso o português. Não lhes é dada opção. A autora questiona o modo pelo qual diferentes tipos de bilinguismo são percebidos, dependendo do *status* das línguas envolvidas. Nas palavras de Maher:

O bilinguismo português-ínglês, por exemplo, é altamente incentivado no Brasil, haja vista o número impressionante de escolas dessa língua no país. Quando, no entanto, uma das línguas envolvidas é avaliada como sendo não-prestígio, como é o caso, por exemplo, das línguas indígenas ou de LIBRAS, o bilinguismo é quase sempre visto como um “problema” a ser erradicado (MAHER, 2007, p. 69)

Quanto à realidade da educação, no Paraguai, espera-se que o aluno, ao concluir o ensino médio, seja competente nas duas línguas, porém, há uma desconexão desse objetivo com as práticas linguísticas dos aprendizes, e, de forma geral, as quais, em grande maioria, na fala, são materializadas em *jopará*.

Dessa maneira, o quadro que se configura, quanto ao panorama linguístico paraguaio, sobre o ensino de línguas, imbricados diretamente aos seus desdobramentos sociais e culturais, envolve o prestígio das línguas oficiais em detrimento de uma terceira, a qual é empregada por todos, porém silenciada por um ensino que visa o Bilinguismo de Escolha (CAVALCANTI, 1999), no qual se lecionam duas línguas valorizadas, guarani e espanhol, sendo as mesmas ensinadas, muitas vezes, em momentos distintos e por professores distintos.

Dessa maneira, diante dos pontos de vista teóricos, faz-se necessária a tomada de um posicionamento, portanto, no presente trabalho, criticamos uma concepção de língua baseada em uma visão monoglóssica e defendemos a concepção de linguagem adotada : “[...] recursos móveis, fluídos e híbridos que são apropriados pelas pessoas para seus propósitos; esses recursos indexam

significado e ganham forma em contextos situados para interlocutores específicos em sua prática social” (CANAGARAJAH, 2013, p. 7). Dessa forma, sob esse prisma, com intuito de dar visibilidade ao fenômeno, alçamos o *jopará* ao *status* de língua.

Nosso conceito de língua, de forma interdisciplinar, também está filiado à Análise do Discurso, de origem francesa (Pêcheux, 1975), pela qual abandonamos seu entendimento enquanto código, ou ideologicamente neutro e a vemos como lugar da realização dos discursos, onde se manifestam os sentidos. Ela é, sob essa visão, na presente análise, um pressuposto. Necessitamos observar sua materialidade linguística e histórica.

Dessa maneira, segundo nossa perspectiva de análise, discursiva e não linguística, não trataremos da língua, especificamente, embora ela tenha papel importante, a veremos em suas maneiras de significar, pela relação estabelecida entre ela, os sujeitos presentes num ato de comunicação e a situação em que ele se produz.

Aliado ao exposto até o momento, é preciso entender os processos de formação social e histórico que envolvem o panorama linguístico paraguaio, tendo como pressupostos a educação e políticas linguísticas, homogeneizadoras, o que faremos sequencialmente, antes porém, necessitamos abordar o *jopará* no jornal analisado.

### **1.1.3 O *jopará* das páginas policiais do *Diario Popular***

O jornal *Diario Popular*, que se apresenta como “El periódico que más gente lee”, e segundo fontes do próprio jornal, de fato, é o mais lido em todo Paraguai, talvez pelo seu baixo custo quando comparado a outros do país (custa em torno de 2.500 guaranis, o que corresponde a mais ou menos R\$1,00, dependendo do câmbio do dia).

É um dos “produtos” do *Multimedias S.A.*, um grupo empresarial dedicado à comercialização de mídias. Além do jornal impresso, esse grupo ainda conta com três emissoras de rádio (FM Popular-103.1 e *Corazón* – 99.1 e a AM Uno - 650). É possível ler o diário pela internet, pois o grupo possui uma página na rede, mas para isso é necessário ser assinante. A sede do grupo está localizada em Assunção, capital do Paraguai, na avenida Mariscal López, uma das avenidas mais conhecidas dessa cidade.

A maioria das matérias, que estão expressas em língua (trans) *jopará*, estão presentes nas páginas policiais do jornal, como já sabemos, bem como nestas, podemos ver expostos os casos de homicídio, roubos, furtos e práticas consideradas fora da lei.

São exemplos de chamadas de matérias dessa seção, redigidas em *jopará*:

*Vecina macheteó a ñato por su cara* (Vizinha golpeou a marginal na cara, tradução nossa) (Fonte: DIARIO POPULAR. Assunção, n. 5901, 01 abr. 2011, p. 2.)

*Su hijo ka`u le garroteó* (Seu filho embriagado a estrangulou, tradução nossa) (Fonte: DIARIO POPULAR. Assunção: n. 5911, 11 abr. 2011, p. 06)

Nos trechos destacados podemos ter noção de como se arranja a composição mista das línguas espanhol e guarani. A palavra *ñato* significa feio, perverso. O sentido empregado na chamada indica alguém que praticou algum ato ilegal. No outro exemplo, o único termo de origem guarani é o adjetivo – *ka`u* – o qual qualifica o personagem, seu estado.

Os textos que seguem após as chamadas são objetivos, diretos, curtos. O esquema de composição textual aponta características de texto jornalístico, o qual deve limitar-se a não demonstrar uma opinião direta do redator, mas estar atento aos fatos, além de usar uma linguagem simples e clara. A notícia conta com um título e o corpo do texto.

O *jopará* observado na redação das matérias em destaque, como as que formam o *corpus*, apontam como uma de suas características, o material linguístico ser denotativo de ação do sujeito, que ao acessar ao repertório linguístico, que os paraguaios, por serem bilíngues, possuem, de forma estratégica, com vistas a potencializar o ato de linguagem, ultrapassa os contornos subscritos às construções sociais, tradicionais, de concepção de língua. Os redatores escolhem os vocábulos e expressões que irão empregar em *jopará*, obedecendo ao esquema físico da língua latina.

Zajícová (2009), quando trata das diferentes formas do *jopará*, analisa a produção escrita da imprensa paraguaia, que ela classifica como “amarilla”, correspondente à “marrom” no Brasil. Ao analisar uma matéria do *Diario Popular*, ela aponta para o baixo índice (apenas 5%) de material em língua guarani, estes concentrados em marcadores discursivos, verbos declarativos, preposições, entre outros. Algo apontado pela autora e observado no exemplo que trouxemos e nos

textos do periódico de forma geral é o emprego, também, de expressões e palavras, como *ñato*, a qual não está em guarani, mas bem trata-se de léxico com traço de espanhol coloquial/dialetal.

Percebemos, pelos excertos em foco, a mesma predominância de vocábulos em espanhol. Segundo Kallfell (2016), o *jopará* não apresenta uma variedade estável, se trata do entrelaçamento de duas línguas, que, de forma mútua podem apresentar diferentes proporções em textos, com frases estruturadas em guarani com empréstimos de léxico em espanhol e o contrário, depende da localidade, havendo predominância da primeira forma, relativa ao campo (cidades e vilas interioranas) e a segunda, estruturada em espanhol com empréstimos lexicais do guarani, cujo uso é relativo, predominantemente, aos centros urbanos. Esta mesma “fórmula” se repete em outras ocorrências, em outras seções do jornal, as palavras de origem guarani, em *jopará*, são em menor número.

Kallfell (*op. cit.*), baseado em outras pesquisas, observa que o *jopará* já existe há pelo menos 250 anos<sup>14</sup>, em que, por meio de relatos de viajantes, veio ao conhecimento, que nas vilas, homens falavam entre si em espanhol e com suas esposas em guarani. Este autor, pondera, sobre os aspectos estratégicos de usos das línguas, no Paraguai, em quais situações:

Se no trabalho ou entre amigos você quer dar uma expressão de tom ou ênfase humorístico, então, mesmo nas cidades, isso é feito em guarani. Quando, pelo contrário, são de algum modo técnicos ou assuntos específicos, mais uma vez, especialmente nas áreas urbanas, o espanhol é colocado em primeiro lugar. Isso também acontece quando alguém quer se distanciar de seu interlocutor, por exemplo, para destacar sua posição superior. (KALLFELL, 2016, p. 39, tradução nossa).

Seguindo sua pesquisa, apuramos que o tema da conversa, se trata de futebol ou de política; o ambiente, familiar ou laboral; o veículo de comunicação, com traços populares ou de referência e o contexto: formal ou informal, em suma, em muitas situações, se recorrerá ao repertório linguístico, que os sujeitos bilíngues paraguaios possuem, em um ato de linguagem, que este considerem adequados aos seus propósitos comunicativos e ao contexto de uso. Geralmente, como já apuramos, os menos formais estão atrelados ao guarani e ao *jopará*.

---

14 Esse dado é indicativo de que o *jopará*, segundo o ponto de vista teórico e metodológico, em específico o que se pauta nos estudos de base sociolinguista, é uma variedade linguística de contato. Contudo, no presente estudo, ele aponta à quase inexistência de línguas “puras”, neste contexto, o que corrobora ao nosso posicionamento, de alçar o *jopará* ao status de língua.

Quanto à língua guarani, esta é mais empregada no seio familiar e em situações de intimidade, não sendo esta uma regra. Em Foz do Iguaçu, é possível, por histórias e relatos informais, sabermos de brasileiros que se sentiram intimidados ou aborrecidos pelo fato de muitos paraguaios se comunicarem em guarani, durante suas funções de venda, em atendimento a grupos de falantes de língua portuguesa. O fato é que, segundo fontes (Censo Nacional de População e Habitação, 2003), amplamente, esta língua, é falada por toda população, com ênfase em cidades pequenas ou área rural.

Com objetivo de traçar um panorama linguístico, de forma a compreender o entorno, que incide sobre o foco do presente estudo, na sequência, tratamos de aprofundar o tema da língua guarani, que, por sua origem, indígena, assim como o *jopará*, pode sofrer alguma desaprovação ou negação, baseadas em crenças, podendo haver alguma desvalorização, por mais que o guarani seja oficial.

## **1.2 SOBRE A PROBLEMÁTICA DA LÍNGUA GUARANI E SUA SOBREVIVÊNCIA: SÍMBOLO NACIONAL. LÍNGUA DOS AFETOS**

O Paraguai se distingue de outros países da América do Sul por ter como oficial uma língua indígena, esse fato desperta interesse, especialmente de linguistas desejosos em entender, que fatores levaram à conservação da língua, em atividade até os dias atuais. Esse fato apresenta peculiaridades, devendo-se, especialmente, a uma série de ações imbricadas em políticas linguísticas, as quais atenderam interesses diversos, claro.

Curiosamente, acrescenta-se, segundo Melià (1998), que originários falantes da língua guarani, os povos indígenas do tronco tupi-guarani, não sobreviveram ao seu próprio idioma. Na atualidade, existem alguns poucos núcleos de população indígena, numericamente muito reduzida. Esses núcleos encontram-se em algumas regiões de *Corrientes*, na Argentina, que assim como no Paraguai, os mestiços utilizam o guarani como língua oficial. Ao longo de sua história, o guarani paraguaio sofreu alterações, mas, aqui cabe salientar, que se trata de uma língua derivada do guarani autóctone, com vários graus de espanização.

Calvet (2007, p. 145) afirma que a política linguística envolve “um conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre língua(s) e vida social,” sendo o “planejamento linguístico, a implementação prática de uma política linguística, em

suma, a passagem ao ato.” Dessa forma, apresentamos um breve percurso histórico, baseado em decisões e ações estabelecidas por grupos que detêm poder, sobretudo o Estado, as quais são essenciais para entendermos os caminhos que levaram o guarani ao status de língua, oficial, enfrentando, nesse trajeto, conceitos que a atrelam aos estigmas (índio, bárbaro, atrasado, ...). Essas políticas se notam já no período colonial.

Houve certa valorização da língua guarani pelos jesuítas, confirmada pela escrita de muitas obras nessa língua. Ainda assim era, por outro lado, uma forma de controle e dominação ao manter-se os falantes da língua sem acesso a tudo que compunha o mundo hispânico, especialmente sua língua materna, o que ocorria de fato, porém, somente nas Reduções, como confirma Melià (1998), cujas pesquisas apontam a exclusividade de uso da língua espanhola pelos membros que formavam a sociedade colonial não havendo espaço para a língua guarani nem na administração e nem na política.

Ainda, segundo Melià (1997), os jesuítas não entendiam a forma de expressão em guarani como selvagem, pelo contrário viam na formação dessa língua resquícios de um sentimento divino mais primitivo. Ainda assim, segundo ele, há algumas ressalvas quanto ao processo de letramento dessa língua, quando da escrita de obras literárias pelos jesuítas:

Fazer passar uma língua sem grafia para a língua "letrada" (ou literária) é uma tarefa que supõe necessariamente uma série de "reduções". A linguagem passa do ouvido ao olho, do efêmero ao estável, do particular ao geral, do indivíduo à sociedade. O que se ganha na economia de recursos - os sons são reduzidos a fonemas em números bem definidos - é perdido com relação à rica variedade de realizações espontâneas únicas. A língua escrita se torna a língua de todos. Mas também a língua escrita pode ser facilmente controlada por quem a domina política e socialmente [...] (MELIÀ, 1997, p. 253 – tradução nossa).

Esse processo de redução linguística, ocorrido em diferentes níveis : fonologia, morfologia e de léxico demonstra, como aponta Melià (*op. cit.*) e confirma Kern (1982), o domínio da língua guarani, visto que os missionários, a falavam de forma fluente, bem como a população espanhola dessa época. São sinais dos objetivos políticos e econômicos, que acercavam jesuítas e indígenas. Com estas metas, os povos indígenas eram obrigados a frequentar aulas de espanhol.

As autoridades monárquicas empregavam somente a língua espanhola em sua rotina. Suas cartas eram escritas exclusivamente nessa língua. Já nas Missões o

uso exclusivo desse idioma era restrito a elite político-administrativa. Esses fatos demonstram uma política linguística que reafirma a perpetuação da dominação do branco sobre o índio, de uma língua sobre a outra, visto que, o espanhol era a língua dos representantes dos Povos, cujas comunicações oficiais, desde este período, já eram escritas nessa língua.

A propagação da língua espanhola nas Missões nunca foi condição para os trabalhos, pelo contrário, para o jesuíta, o índio falando espanhol, seria igual a ele, algo inconcebível. Os índios também jamais puderam seguir carreira religiosa. Segundo Kern (1982), a situação jurídica do índio missioneiro o protegia contra o encomendeiro e mesmo contra a Inquisição, mas ao mesmo tempo o retinha nos Povos e limitava suas possibilidades de ascensão social.

Em se tratando de conflito gerado, no campo social marcado pelo domínio econômico, bélico e conseqüentemente cultural do europeu sobre o índio, transportado ao terreno linguístico, no Paraguai, observando-se as circunstâncias históricas, não foram desfavoráveis para o povo originário da língua guarani quando este entrou em competição com o espanhol. No início do embate linguístico, o guarani levou vantagem, devido ao número relativamente baixo de conquistadores e colonizadores espanhóis.

Conforme Meliá (1992), sobre o guarani do Paraguai ainda ter numerosos falantes, contemporaneamente, mesmo que essa sobrevivência esteja ligada, quase sempre, a precária identidade cultural de uma comunidade, ainda assim se deve, segundo este autor, como já demos indícios, ao fato de os jesuítas haverem criado uma base importante para a conservação da língua, até sua recuperação atual.

Nas reduções jesuíticas, a evangelização se fez exclusivamente em guarani, seguindo uma estratégia de isolamento, que criava uma barreira linguística para minimizar as incursões dos bandeirantes. O emprego da língua “pagã” na cristianização não só pressupunha um intenso estudo do guarani tribal, por parte dos jesuítas, como também agregava a ele um número grande de neologismos, indispensáveis para a catequese. A estes fatores, agregam-se outros, cujos desdobramentos negativos dificultam a tarefa de equiparação do guarani ao espanhol.

Dentre os fatores históricos importantes para a manutenção do guarani, destacamos um fator negativo, o isolamento contínuo do Paraguai durante o



governo do Ditador Gaspar Rodríguez de Francia<sup>15</sup> (1814-1840), o que levaria ao pouco desenvolvimento social, econômico e cultural do país, pois havia pouca circulação de revistas e jornais, além da dificuldade de implantação do espanhol. A continuidade da língua guarani, promovida por Francia, é associada diretamente ao atraso do país.

A formação linguística paraguaia, caracterizada por ser conflitante, mostra-se como uma espécie de espelhamento das questões sociais, em que a elite econômica e cultural encontra, no mito das línguas “puras” guarani e espanhol, espécies de amuletos, que devem ser valorados, contudo, torna-se dificultosa essa tarefa, com vista à imagem, popularmente construída, segundo Méndez (2013), em torno da língua guarani, avaliada, também, como arcaica: um retardamento frente ao mundo moderno e globalizado.

A ideia de atraso atrelada ao uso da língua guarani, como se pode perceber, vem desde o período colonial, onde, determinadas medidas políticas repercutiram na inculcação da visão de atrasados, ou pouco evoluídos e bárbaros, aos indígenas e sua forma de expressão pela língua, segundo o entendimento de cultura baseado na dicotomia: civilização/barbárie. Ainda assim, no período das guerras da Tríplice Aliança e do Chaco a língua guarani foi importante para alcançar os objetivos traçados. Alguns atos políticos tomados durante a guerra e após ajudaram a formar o Estado e valorizaram essa língua.

Nota-se, pelo que apuramos, que o valor da língua guarani dependeu dos interesses específicos em voga, em determinados momentos históricos. No período de guerra foi convocada a ser instrumento de comunicação. Nas Missões, como já mencionamos, foi valorizada pelos jesuítas, apesar de seus propósitos de dominação, uma vez que sua permanência estabelecia a fronteira que separava brancos e índios, cristãos e pagãos, civilizados e bárbaros.

Em “el significado militar en la Guerra del Chaco”, a importância do uso da língua guarani em período de guerra se evidencia:

Enquanto isso o guarani atinge uma oficialidade em um nível político-militar que supera sua importância durante a Guerra da Tríplice Aliança. Em maio

---

15 Durante o governo Francista, segundo Chiavenato (1979), predominava uma forte inclinação antiespanholista. Este ditador defendeu os interesses do Estado contra inimigos internos e externos. Centralizou ao máximo o poder, controlando praticamente tudo que ocorria no Paraguai. Dentre essas ações de poder se destacam o direito de autorizar casamentos, estímulo à miscigenação e promoção do guarani como língua oficial.



de 1933 o Comandante Chefe Coronel Estigarribia ordenou que todos os telefonemas da campanha fossem realizados exclusivamente em guarani. Além de servir aos objetivos estratégicos, essa prática também pôde ter consequências psicológicas. (In: [google.com/intl/gn](http://google.com/intl/gn) – tradução do autor) Acesso em: 13 jan. 2018.

O uso língua guarani era uma espécie de estratégia de guerra, sendo dessa maneira, os conflitos bélicos, também responsáveis, pelo fortalecimento dessa forma de expressão. Os paraguaios contavam com a língua como aliada em suas táticas de guerra e restrição das informações, pois os outros povos envolvidos na guerra não dominavam este idioma, ampliavam assim, as chances de organização militar.

Nos lembra Lusting (1996), o fortalecimento dessa língua durante a guerra da Tríplice Aliança, pois os soldados, além de tudo, cantavam músicas patrióticas nesse idioma, o que os estimulavam a serem ainda mais combativos. Contudo, como se sabe, com a perda dessa guerra, a comunidade masculina adulta pereceu, o que levou a um colapso econômico e demográfico do país, e, por imposição dos vencedores, o povo paraguaio deveria, como forma de regeneração, esquecer seu líder, general Francisco Solano López, assassinado em 1870, bem como todo tipo de manifestação de identidade paraguaia, portanto, deveriam “matar” a língua guarani. No dia 07 de março de 1870 o governo, imposto e controlado pelos exércitos de ocupação, estipulou mudanças na educação, dentre as quais estava o decreto (Decreto7/3/1870, art. 10) que proibia o uso de guarani nas escolas.

Após essa derrocada, essa língua é novamente reerguida, em se tratando de política linguística, visto que, a população, por outro lado, nunca deixou de empregá-la. Somente em 1967, durante o governo de Alfredo Stroessner, o guarani passa a ser língua oficialmente reconhecida, embora fosse mantido o espanhol como única língua oficial. Apenas em 1992, a nova Constituição, pós-*stronista*, afirmou a condição do Paraguai como nação bilíngüe, estabelecendo o guarani e o espanhol como línguas oficiais, e determinando a obrigatoriedade do ensino em língua materna.

Estes fatos ajudam a compreender que certas ações, ao longo da história de formação da sociedade paraguaia, contribuíram para a sobrevivência da língua, bem como para sua degradação e revitalização. O que não se pode negar é o fato de falar guarani estar associado à composição da identidade nacional – o que torna um(a) paraguaio(a), paraguaio(a) – de ser uma reação anticolonista, de ser resistência, de representar o amor à pátria e às raízes e forma de demonstrar, por

meio da língua em uso, a autonomia. Contudo, vale lembrar que, em se tratando de aspectos estruturais, o que se manteve até os dias atuais está bem longe do guarani pré-hispânico, o que contribui para derrubar o mito do purismo das línguas e sua valorização, algo associado ao *status* de ser língua, prestigiado por uma elite cultural que preza e zela pelo espanhol “puro” e guarani “puro”.

Melià (1992) observa como errôneo em se pensar que existia somente um guarani, o clássico, das obras jesuíticas, e destaca a diferença entre língua escrita e falada.

Há uma tendência a considerar a língua guarani dos jesuítas como um todo único, um bloco sem fissura. Esse guarani "clássico" seria o encontrado nas obras incomparavelmente ricas do padre Antonio Ruiz de Montoya. [...] A língua escrita não pode ser identificada com a língua falada, muito menos uma literatura quase exclusivamente religiosa com o idioma de uso comum. Na língua dos jesuítas, outro fato contribuiu para ampliar a distância entre a língua escrita e a falada: o corpus literário na língua guarani que hoje é conhecido é composto em grande parte por obras escritas por estrangeiros, cujo conhecimento da língua era além disso "científico" e pouco espontâneo. (MELIÀ, 1992, p. 107 – tradução nossa).

Melià (*op. cit.*), aponta para a formação da língua guarani atual, que se dará pela profunda impregnação do adstrato espanhol. Sua consolidação está ligada ao surgimento do campesinato mestiço, que mesmo culturalmente espanholizado, não abandona sua língua própria, no caso o guarani. Desde a sua origem, guarani e espanhol formaram a identidade da população paraguaia e se mantêm em uso diário, muitas vezes mescladas.

Mais uma vez recorreremos aos dados, segundo (SANTOS; OLIVEIRA, 2018), para, de forma pragmática, elucidarmos a questão que se apresenta, pois, segundo as opiniões colhidas, os informantes, alunos paraguaios, no estudo consultado, se consideram falantes de um guarani “callejero”, das ruas, tendo aprendido guarani em casa, com pessoas mais velhas da família ou com amigos e não de forma sistemática, na escola, o guarani “clássico”, “puro”. Claro está que o guarani tribal seria incompreensível pela população paraguaia atual, devido à língua originária haver sofrido interferência da língua espanhola, como reflexo da mestiçagem social.

Com base nos dados citados (SANTOS, OLIVEIRA, 2018), pudemos notar a forma como os informantes observam sua identidade cultural, por ela estar relacionada às suas práticas de linguagem, e estas, estarem atreladas às suas tradições, como o fato de os mais velhos, segundo suas concepções, falarem

guarani “puro” ou “correto” e os mais novos misturarem as línguas, o que seria, para eles, algo errado. Também o fato de falar guarani estar ligado a alguma comunidade ou cidade, por exemplo: atribuem atitude preconceituosa, de negação da língua guarani aos habitantes de Assunção, cidade mais industrializada e desenvolvida, onde, segundo eles, se pensa que falar guarani é coisa de gente do interior, de camponês.

Com base nestes indícios, em Holliday (2011), somando-se aos fatos históricos já levantados, relativos ao processo da formação da Nação, bem como às políticas linguísticas elencadas, temos condições de inferir que, por parte dos paraguaios, há uma tendência à valorização de certas características culturais em detrimento de outras, isto observado no campo linguístico, em suas políticas, é expresso pela oficialidade das línguas “puras”: guarani e espanhol, frente ao silenciamento de outras. Esta tendência pode estar associada à formação da Nação, enquanto constructo, e, conseqüentemente, ao ensino.

Também, com base no que foi apurado, entendermos que essa essencialização cultural, observada, pode estar concatenada a um conhecimento naturalizado, o que nos leva à elaboração de um quadro geral do das línguas do Paraguai, cujo objetivo, além de didático, é o de oferecer um panorama linguístico, fruto das discussões levantadas:

**Quadro 1 – Línguas do Paraguai**

<b>Língua Espanhola</b>	<b>Língua Guarani</b>	<b>Língua <i>jopará</i></b>
oficial	oficial	não oficial
internacional	nacional	nacional
formal	formal/informal	informal
oral/escrita	oral/escrita	Oral em grande maioria
dominação cultural	resistência cultural	Articulação cultural
elite	elite/popular	popular
modernidade	tradição	modernidade
Empregada em meios de comunicação de referência	Empregada em cadernos especiais em meios de comunicação de referência	Empregada em meios de comunicação populares, em cadernos de esportes, criminais, em sua grande maioria
Defendida sua pureza pela elite do país	Defendida sua pureza pela elite do país	Considerada errada: espanhol mal falado ou guarani mal falado
Possui <i>status</i> de língua	Possui <i>status</i> de língua	Classificada como: variação, crioula, <i>pidgin</i> , mescolança. Em muitos estudo não é apontada como a terceira língua do Paraguai.

Fonte: Do Autor, baseado e atualizado em Santos (2012).

Percebe-se que a língua guarani atual já sofreu graus de espanização, o que não a torna língua “pura” e sim reflexo dos processos de mestiçagem ocorridos durante toda a formação social e cultural do Paraguai. Toma-se como exemplo nosso objeto de estudo, cuja composição linguística, nos mostra, de fato, a hibridização cultural. No entanto, a impressão que se tem, segundo os valores nacionais, é que as línguas oficiais – guarani e espanhol, quando na forma escrita, em documentos oficiais e de prestígio, não permitem interseção. Essas atitudes são fruto, também, de uma ideologia monolíngue dominante, no caso do Paraguai bifurcada no mito do espanhol “puro” e guarani “puro”, da qual decorrem crenças e atitudes de seus usuários sobre as mesmas.

Segundo Rodríguez Zuccolillo (2000), alguns clichês são atribuídos à língua guarani, sendo um deles – língua expressiva – que estaria associado à sua composição física, repleta de sons nasais e guturais, que por ser bastante musical estaria adequada à qualidade poética exigida e dessa forma à expressão da emoção. Contudo a pesquisa da autora nos mostra que essa crença sobre a língua está relacionada a outros fatores. Um desses fatores, relativo ao processo ontológico, é o valor das palavras para os guaranis e sua ligação aos fenômenos da natureza. Outro é o sentimento de lealdade, de amor a essa língua do qual seu uso manifesta o orgulho e pertencimento à pátria.

Já Kallfell (2016) *apud* Zajícová (2009), baseado nos dados fornecidos por informantes paraguaios, quanto à eleição realizada por eles entre: guarani, espanhol ou *jopará*, especialmente sobre a primeira língua, afirma: “[...]Considerado diafasicamente, é também o guarani o código usual em todas as situações informais e expressões emocionais, sendo pelo contrário o espanhol o meio formal de comunicação”. (KALLFELL, 2016, p. 39, tradução nossa). Nos mostra, também, esse autor, que para dar um tom de humor, contar uma piada, e toda uma gama de ações relativas aos sentimentos e informalidade se recorre à língua guarani frente ao formalismo e seriedade do espanhol.

Desses dados, provém nossa convicção no poder de persuasão, decorrente do *jopará*, estabelecido, pela possibilidade do enunciador, pela linguagem, pelo discurso, nas seções: *sucesos* e *locales*, do jornal que pesquisamos, produzir uma imagem positiva, popular, conforme trataremos de aprofundar no capítulo dedicado

aos procedimentos metodológicos e por nossa análise dos dados. Antes, porém, é preciso olhar para questões que permeiam o gênero e o discurso.

## 2 DISCURSO E GÊNERO

A palavra discurso tem, dentre suas acepções, talvez a mais ampla, a associada a alguém que toma a palavra em público e dirige sua fala, geralmente solene, a um grupo, tal qual ocorre nos discursos políticos nos palanques; na fala do professor paraninfo da turma que se forma ou do gerente que inaugura a loja.

Ainda há o entendimento de que discurso é um uso exclusivo da língua, tal qual o discurso dos jovens, o político, o administrativo, etc.; dessa forma, discurso é tanto o conjunto de produções quanto o sistema que permite produzi-lo.

Tendo em vista que analisamos a formação do *ethos*, necessitamos tratar do discurso. Sua concepção é entendida sob diferentes aspectos, em diferentes visões. Interessa-nos problematizá-lo e estudá-lo no quadro da ciência da linguagem. Iniciaremos por seu entendimento, segundo um de nossos pilares, a Pragmática, uma vez que, na tarefa de apreender a linguagem, para além da reunião de frases, necessitamos ressaltar, ao analisar o discurso, no processo de construção da imagem de si e do outro, a possibilidade de ativar no outro uma representação de si, do enunciador.

Em seguida, entendemos o discurso interconectado aos fatores sociais, visto que ele existe em uma linguagem e em uma sociedade, o que não se distancia de uma das perspectivas que defendemos: a da Análise do Discurso, sob o ponto de vista de Pêcheux (1975), que, por sua vez, é também base para o estudo que desenvolvemos, cujo foco, reiteramos, está no processo de formação do *ethos*. Segundo esta noção, o discurso pode ser entendido como objeto sócio histórico, em que a língua, por materializá-lo, é vista como trabalho simbólico, fazendo sentido, à medida que o sujeito, por ela, é interpelado pela ideologia. Essa visão, aprofundaremos mais adiante.

Concordamos com o pensamento geral, que todo discurso pertence a uma categoria, que sua materialização ocorre de forma variada, em que são produzidos múltiplos textos, os quais podem ser categorizados como pertencentes a um gênero (conversa, manual, romance, jornal, ...). Estes dispositivos comunicacionais têm sua materialidade relacionada às condições sócio históricas. O gênero notícia, que mais adiante trataremos, supõe a existência de um jornal, de redatores, entre outros fatores.

O que tratamos até o momento foi introdutório, voltaremos a estes temas sequencialmente. De forma a organizarmos nosso pensamento, partiremos de visões mais amplas dos tópicos que formam esta seção, até chegarmos às mais específicas.

Com objetivo de abarcarmos nossos pressupostos teóricos, trataremos do ato de comunicação e suas especificidades, primeiramente, com destaque ao contrato de comunicação, para logo chegarmos ao discurso, sob diferentes perspectivas, sua forma de organização; o gênero, que nesse estudo enfoca a notícia; a notícia num jornal popular, e, para especificar ainda mais: a mesma no jornal *Diário Popular*.

## 2.1 SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

A noção de comunicação baseada em um locutor que emite uma mensagem a um destinatário, que responderá de alguma forma, parece reduzir o ato comunicativo aos elementos citados, porém, o ato de comunicar é mais complexo e envolve dispositivos tais como: a situação de comunicação.

Segundo Charaudeau (2009), os agentes comunicativos, já citados, estão enquadrados em um mesmo tempo físico e mental, são determinados por uma identidade psicológica e social e ainda estão ligados por um contrato de comunicação, noção essa, que logo detalharemos. A matéria linguística, presente no ato comunicativo, pode ser organizada segundo a finalidade de comunicação do sujeito. Tudo isso está estruturado em um sistema que dá forma e sentido, ou seja, em uma língua, oferecendo como produto material, o texto.

Tratando-se dos sujeitos ou parceiros, uma vez que estão em espaço de troca (enunciador e coenunciador), há que se observar alguns aspectos: as características físicas destes e do canal de transmissão, se os sujeitos estão presentes fisicamente no ato, se são únicos, ou múltiplos, ou próximos, ou afastados. O canal pode ser oral ou gráfico, no caso de um jornal será midiático, portanto, indireto e não direto como numa conversa. Há que se observar também as características identitárias dos parceiros.

Idade, raça, sexo...são traços sociais que formam a identidade do sujeito enunciador e do coenunciador, bem como suas profissões, seus estados psicológicos e ainda relacionais, quando há alguma intimidade ou o contato é pela primeira vez.

Todas estas características são essenciais para a apreensão de um ato de comunicação, bem como, ter a noção de que existe entre os parceiros um contrato de comunicação.

### **2.1.1 Contrato de Comunicação. Situação monologal. Situação dialogal.**

Segundo Charaudeau (2009), em um ato de comunicação, o qual forma parte das práticas sociais compartilhadas, os sujeitos comunicantes se submetem à sanções, restrições, aprovações, estranhamentos e desaprovações, que conformarão uma espécie de tratado mútuo relativo à comunicação:

Todo discurso depende, para a construção de seu interesse social, das condições específicas da situação de troca na qual ele surge. [...] A situação de comunicação é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico. [...] Não somente todo locutor deve submeter-se às suas restrições, mas também deve supor que seu interlocutor, ou destinatário, tem a capacidade de reconhecer essas mesmas restrições. [...] Toda troca linguageira se realiza num quadro de cointencionalidade, cuja garantia são as restrições da situação de comunicação. O necessário reconhecimento recíproco das restrições da situação pelos parceiros da troca linguageira nos leva a dizer que estes estão ligados por uma espécie de acordo prévio sobre os dados desse quadro de referência. Eles se encontram na situação de dever subscrever, antes de qualquer intenção e estratégia particular, a um contrato de reconhecimento das condições de realização da troca linguageira em que estão envolvidos: um contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2009, p. 67-68).

Este acordo tácito, proveniente e baseado em uma situação de troca, inscrito em atos comunicacionais, pressupõe a existência de características próprias, já antes mencionadas, compostas por dados externos (idade, sexo, etnia; status social, econômico e financeiro) e dados internos, que, por sua vez se ramificam em: finalidade e propósito comunicacionais e canal de transmissão, ou seja, tornar seu pensamento comum ao outro, de forma que este aceite o que lhe é exposto como inédito e verdadeiro, sinta algo agradável ou desagradável. Para tanto, é necessário que o ato de comunicação seja tematizado e realizado em um ambiente e dispositivo.

O contrato de comunicação ainda está conectado ao como dizer, aos dados discursivos, os quais por sua vez, conjecturam a existência de relações de poder, de força, de inclusão ou exclusão, de aliança entre os sujeitos da linguagem, em que,



por meio de conquistas, estabelecem-se reconhecimentos, mútuos, de direito à palavra. A maneira de dizer ainda pressupõe a necessidade de organização do tema e sua tomada de posição, além, da escolha de modo de organização discursivo (CHARAUDEAU, 2009, p. 70-71).

Quanto ao contrato de comunicação, ainda é necessário observar, que dependendo de algumas situações, ele pode não ser firmado, ou a comunicação pode ser restrita a ponto de anulá-la. Por outro lado, ao estabelecer-se ligação entre os agentes, em suas práticas sociolinguageiras, eles estão envolvidos em situações de comunicação que condicionam sua realização. Estas, por sua vez, podem ser do tipo dialogal, tais como uma reunião de trabalho ou monologal.

A situação de comunicação monologal exige diferentes rituais de abordagem, diferente do uso de uma saudação inicial em situação quando os parceiros estão presentes, o título de uma matéria do jornal, por exemplo, não permite a troca e não possibilita perceber as reações imediatas do interlocutor.

A situação monologal, devido ao condicionamento que imprime à configuração verbal e as suas particularidades, será a qual nos deteremos, já que nas matérias jornalísticas, o locutor imagina seu interlocutor e tem condições de organizar o que vai dizer de maneira lógica.

Quanto às finalidades discursivas concernentes ato de comunicação, estas podem ser agrupadas segundo seus modos de organização, tema sobre o qual trataremos mais adiante. Sobre questões que envolvem o contrato de comunicação, também aprofundaremos. Antes, é necessário definirmos o discurso e tratar de entendê-lo sob diferentes perspectivas, com a finalidade de chegarmos a uma linha teórica alinhada aos objetivos da corrente tese.

## **2.2 DISCURSO: PERSPECTIVAS**

Em se tratando de estudos sobre o discurso, há muitas direções, tópicos, visões, abordagens e pouca homogeneidade, o que acarreta em certa dificuldade em se encontrar um ponto de partida. Contudo, vemos necessidade em compreendê-lo, inicialmente, segundo uma visão pragmática, a qual engloba a linguagem em seu contexto de uso, os objetivos por trás dos atos de comunicação e a intenção do enunciador. Sequencialmente, problematizamos este tema sob a ótica da Semiologia, teoria desenvolvida por Charaudeau (2008), que destaca a

construção do sentido, pela intervenção de um sujeito. Neste processo consideram-se os fatores sociais, psicológicos e linguageiros como pressupostos. Esta abordagem está correlacionada a outras concepções, como a desenvolvida por Pierre Bourdieu, M. Foucault e M. Pêcheux, que vinculam o discurso às relações de poder. Todas estas direções são pilares teóricos que sustentam e orientam nossas análises.

Sob a ótica pragmática, Benveniste (1989) observa a complexidade por trás da aceção, em linguística, do termo discurso. Com uma obra fundamentada no princípio “o homem está na língua”, segundo a qual, em linhas gerais, posiciona a subjetividade e a intersubjetividade no processo de linguagem. Há pelo menos três entendimentos na obra – O aparelho formal da enunciação (BENVENISTE, 1989, p. 81-92)

O primeiro é: discurso como manifestação da enunciação. O autor apresenta uma aceção do termo:

O discurso, dir-se-á, que é produzido cada vez que se fala, esta manifestação da enunciação, não é simplesmente a “fala”? – É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. (BENVENISTE, 1989, p. 82).

Nessa passagem nota-se que a ideia de discurso é entendida como sinônimo de enunciado, o qual é produto do ato de enunciação, sendo que este, convertido em língua e em significado, estabelece a conexão do sujeito com o mundo. Outra forma de entender o discurso é como instância de discurso (BENVENISTE, 1989), ou seja, associado ao funcionamento enunciativo, uma vez que a instância é a produção de um enunciado, na qual há a identificação – espaço/temporal – do “eu” que me torno locutor. Dessa maneira, sob essa ótica, relativa a este tema, percebemos um posicionamento que se mantém distante da estruturalista, especialmente por entender sua relação com o exterior.

Discurso, portanto, já há algum tempo, vem sendo entendido, graças à pragmática, como uma forma de apreensão da comunicação verbal que obedece a alguns contornos essenciais, como o fato de apresentar extensões diversas, que vão desde uma única frase a uma dissertação ou tese de muitas páginas, se desenvolve no tempo, de maneira linear e com determinada finalidade, portanto, é orientado por seu locutor/enunciador de forma a agir sobre o outro, sendo então interativa, uma

troca implícita e explícita. Nesse sentido, segundo estes preceitos, trataremos por coenunciador<sup>16</sup> e não destinatário, um dos parceiros envolvidos na ação, justamente por assimilar o dinamismo da mesma e seu caráter dialógico oposto ao de passividade que o segundo termo indica.

Maingueneau (2007) critica as visões estáticas e arquiteturas do discurso. Para ele pensar o discurso é entender que “o fato de que tenha sido objeto de atos de enunciação por um conjunto de indivíduos” (MAINGUENEAU, 2007, p. 19) é algo que condiciona sua estrutura.

O autor ainda ressalta que o discurso não é somente representação do mundo, mas, acrescenta que é uma maneira de agir sobre o outro. Ao usarmos a linguagem, em atos discursivos, estamos, em certos aspectos, modificando uma situação. Uma notícia de jornal, impresso, pode informar, sugerir, afirmar, negar, entre outras qualidades, que podem causar modificações, derivadas de sua interação.

O discurso, portanto, sob essa ótica, é interação entre os parceiros, em que há uma troca, explícita ou implícita, em que há a tomada de posição de um sujeito EU, ao fazer uso da palavra, a qual implica tornar-se fonte de inferências, referências, julgamentos, credibilidade ou descrédito, em suma, este sujeito do discurso coloca-se como fiador do que profere.

Ao tratar desses temas, segundo Maingueneau (2001), devemos também considerar o discurso, no sentido de ter condições de interpretá-lo, que ele só adquire sentido relacionado a muitos outros discursos. Sequencialmente aprofundaremos essa visão, com apoio no cabedal teórico proveniente das pesquisas do pesquisador supracitado, que tratam das relações interdiscursivas.

### **2.2.1 Maingueneau e o discurso. Alguns conceitos importantes: interdiscurso e Cenografia.**

Dos resultados de pesquisas, em que se debruça sobre o discurso, Maingueneau (2007) desenvolve um conceito importante, que trata da gênese do

---

<sup>16</sup> Já antes tratamos de expôr a fundamentação de nossas nomenclaturas, concernentes ao enunciado, a estas acrescentamos os estudos de Antoine Culioli, que ressalta um fator importante: o sujeito. Proponente da Teoria das Operações Enunciativas (CULIOLI, 1990), cuja qual estabelece que não há enunciação sem sujeitos enunciadores. O sujeito enunciador tem uma origem subjetiva que se constrói necessariamente como intersubjetiva em razão do sujeito enunciador suscitar um coenunciador que é um sujeito enunciador em potencial.

discurso. Este autor nos fala sobre o interdiscurso<sup>17</sup>, sobre a alteridade discursiva, em outras palavras: a presença do Outro no espaço discursivo, como formação discursiva não fragmentada ou justaposta, mas no seu interior, em relações dialógicas, ou seja, em outras palavras afirma que não há discurso que não dependa do outro.

Assim, o interdiscurso se localiza, quando o discurso particular se relaciona com outros discursos, não por meio de marcas visíveis, materializadas linguisticamente, mas por unidades discursivas que pertencem a discursos anteriores.

A estas características, defendidas pelo autor, acrescenta-se, que não há discurso senão contextualizado, uma vez que seu sentido, como ainda veremos, será atribuído dentro do contexto. O discurso, retomamos, ainda deve o fato de sua existência a um ser responsável por ele: [...] fonte de referências pessoais, temporais, espaciais [...] (MAINGUENEAU, 2001, p.55), um fiador de sua verdade, estando este, como fruto do comportamento humano. Ele exige algumas normas de funcionamento e para ser interpretado é necessário relacioná-lo a outros, mas não somente isso.

Este autor ainda assevera que os enunciados não são unicamente sequências de frases dotadas de sentido, mas sim dependentes do *mídium*, ou seja, do meio de transmissão dos mesmos, em forma de discurso, o qual "...imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer." (MAINGUENEAU, 2001, p.71). A chegada do rádio, por exemplo, modificou a relação entre orador–discurso–ouvinte, ou seja, as condições materiais de comunicação mudaram, pois os ouvintes passaram a receber os discursos em suas casas, deixando de serem ouvintes voluntários, exigindo desenvolvimento de técnicas discursivas, por parte do orador, capazes de conquistar sua confiança. Neste ínterim, ainda destacamos a distinção dos regimes de enunciação: oral, escrito e impresso.

---

17 Segundo Orlandi (2002), o interdiscurso, segundo a Análise do Discurso francesa, pela perspectiva de Courtine, na obra "Defintion d'Orientations Théoriques et Méthodologiques en Analyse de Discours" (1984), está embricado à memória discursiva, ou seja, um conjunto de ideias, resgatáveis, que determinam o que dizemos. Por esta ótica, estabelece-se a relação entre a materialidade discursiva, seus efeitos de sentido e suas condições de produção. O interdiscurso remete, portanto, ao antes dito, ao entendimento de que as palavras não são nossas propriedades. Conceitos, estes, que sustentam um ato de linguagem e são fundamentais para compreender o sujeito e a ideologia, presentes no discurso. Esta concepção dialoga com a apresentada por Maingueneau (2007), em foco.

O texto escrito tem como características mais evidentes o fato de não haver modalizações, dependendo do gênero, não estando o coenunciador no mesmo espaço físico. Já mencionamos anteriormente a situação de comunicação, em que o contrato é monologal, ela está de acordo com essa concepção, que traça a oposição oral/escrito.

Quanto ao impresso, este atribui aos enunciados singularidades, tais como: 1) o fato de ser reproduzido em larga escala, por um número alto de cópias, atinge um número grande de leitores, o que reduz a possibilidade de construção de um texto único, destinado a um só leitor, suggestionando e condicionando a escritura de textos pré-fabricados. 2) Oneração de responsabilidades comunicacionais de entendimento, nestas produções, muitas vezes auxiliadas por elementos icônicos (gráficos, desenhos, gravuras, fotos, etc.).

No presente estudo, consideraremos, com apoio em Maingueneau (*op. cit*), os enunciados impressos não icônico (não analisaremos as fotos), pertencentes ao discurso jornalístico – cena englobante; do gênero: notícias – cena genérica. De forma ainda mais específica, nos ateremos: as notícias que envolvem ocorrências criminais – cenografia.

A cenografia, como notamos, engloba as condições de produção que cada discurso implica e sua estrutura, visto que, é por meio das cenas, representadas nos enunciados, que compreendemos sua realidade, as quais são condição para o trabalho com a linguagem, bem como, é por meio destes mecanismos que podemos analisar as relações entre os enunciadores.

Dessa maneira a cenografia é determinada pelo discurso e ao mesmo tempo legitima-o. Os textos selecionados, que compõem nosso *corpus* de análise, são sustentados e engendrados pelo gênero, e, especialmente, pela cenografia, em outras palavras: eles existem, da maneira como existem, pois, discursivamente, produzem uma imagem, em um espaço, para ela, apropriado.

Essas teorias alicerçam a análise, constitutiva da corrente tese, visto que, por ser a interdiscursividade inerente à linguagem, é por meio dela que o sujeito enunciador reflete as experiências humanas, e, ao tomarmos a notícia, pelo viés do discurso, podemos notá-la como catalisadora desta essência humana, cujas pistas linguísticas, demonstram reconhecer o outro na construção de uma imagem de si.

Ainda, segundo nossos objetivos de pesquisa, vemos a necessidade de problematizar o discurso, de forma a imbricá-lo, ao considerarmos a intervenção de um sujeito, a uma construção psicológica, social e linguageira.

Para tanto, nos apoiaremos no posicionamento de Charaudeau (2008), que considera duas lógicas, na análise de discursos, a interna (construção de sentido e texto) e a externa (ações e influência social). Nessa ordem, o entendemos como uma forma complexa, ou ainda, cuja análise ultrapassa a questão linguística do texto, na qual estão presentes os sujeitos discursivos (enunciador e coenunciador), os quais partilham um mesmo tempo e espaço.

Nos pautaremos, também, no posicionamento do supracitado autor, em sua forma de analisar o discurso, segundo sua teoria Semiolinguística. Sequencialmente apresentamos visões complementares que formam nossa base sobre este tema.

## **2.2.2 Discurso para a Semiolinguística**

Segundo Charaudeau (2008), em sua visão semiolinguística, em que a língua é concebida como um sistema de formas, no qual, em um ato de uso da linguagem, o sentido está associado ao comportamento, às crenças e julgamentos dos membros de uma sociedade. Nesta ordem, as palavras têm seus significados além dos que encontramos nos dicionários, o que definirá seu entendimento será a totalidade discursiva, composta, de forma geral, pelo sentido explícito, tomemos como exemplo, como forma de ilustrar, a ordem: feche a porta! Com base no exposto, percebe-se que cada palavra tem seu significado explícito, referencial, ainda assim, implicitamente, dependendo do contexto de uso, o mesmo exemplo utilizado anteriormente pode ter outros significados: estou com frio, faz muito barulho lá fora. A linguagem, e, por consequência o discurso, são, sob esse ponto de vista, formados por duas dimensões: a externa e a interna.

A dimensão interna corresponde a uma organização estrutural, ou seja, a união de forma material do signo a sua simbolização referencial, de forma a fixar: forma e sentido.

Por outro lado, a dimensão externa do discurso, concerne ao que envolve a formação de sintagmas, pela combinação de signos, que remete à realidade vivida pelos produtores do discurso e a quem ele é destinado, segundo a qual, há uma

força que exige uma contextualização que ultrapassa o explícito e que requer, para um entendimento total, que os sujeitos partilhem saberes (práticas sociais).

Para elucidar, empregaremos a frase, que poderia estar nas matérias do Jornal *Diario Popular*, levando em conta que é uma prática linguística cotidiana, no Paraguai, falar *jopará*, teríamos: *El kurepa Gustavo Alfaro será el nuevo técnico*. (O argentino Gustavo Alfaro será o novo técnico). O sujeito discursivo, interagente, deverá conceber o termo *kurepa*, utilizando para tanto, uma gama de saberes (experiências e saberes do mundo) tais como: o texto completo dessa reportagem se encontra na página de esportes e é recorrente no mundo do futebol no Paraguai, a palavra *kurepa*, que em guarani significa porco, segundo algumas fontes, pode ser também associada aos indivíduos de origem argentina, sendo que esse fato se explica devido ao período da guerra, pois eles usavam botas feitas com a pele do porco. O mundo do futebol é marcado por disputas entre times, havendo uma especial rixa entre Paraguai e Argentina. Em suma, o leitor interpretará de forma completa o significado, segundo o saber partilhado entre enunciador e coenunciador/interpretante.

Dessa maneira, segundo Charaudeau (2008), existem filtros construtores de sentido, atuantes, para que os discursos possam ser entendidos, segundo o seu contexto, havendo, portanto, a criação de hipóteses, por parte de quem os interpreta (sobre o saber do sujeito enunciador e deste sobre o que está enunciando e sobre o sujeito destinatário). Os signos, desta maneira, não são unidades autônomas de sentido, uma vez que compõem e existem nos discursos. Todos os aspectos levantados formam parte dos atos de linguagem, estando, desta forma, envoltos em componentes extralinguísticos, compostos pelos ambientes materiais, necessários para sua codificação e decodificação.

Dessa forma, voltando ao nosso exemplo, a palavra *kurepi*, mesmo que investida de mais de um significado (porco: animal; pessoa de nacionalidade argentina; jogador de futebol argentino, ...) não é plena em todos os seus sentidos, ela é uma marca empregada em função de uma expectativa discursiva, ou ainda, das circunstâncias de produção do discurso.

Reparem que se recombinásemos o discurso, empregando outras palavras, teríamos outros resultados: a) *El **argentino** Gustavo Alfaro será el nuevo técnico*. (O argentino Gustavo Alfaro será o novo técnico); b) *El **cerdo** Gustavo Alfaro será el nuevo técnico*. (O porco Gustavo Alfaro será o novo técnico); c) *El **señor de origen***

**argentina** *Gustavo Alfaro será el nuevo técnico.* (O senhor argentino Gustavo Alfaro será o novo técnico). Por meio dessa forma de comparação pode-se perceber que cada discurso (a,b,c) contém um mesmo significante (kurepi: argentino, porco, senhor argentino), em que, cada um desvela as diferenças e semelhanças semânticas atreladas ao contexto discursivo, ou seja, cada marca discursiva de *kurepi*, em cada língua, conforme sua combinação, fornece uma gama de informações: sobre o modo de ação, o impacto que pode causar e sobre o enunciador e sua forma de intervenção (positiva, negativa ou neutra). Em suma a combinação das marcas linguísticas faz o signo.

Ainda, sobre os sujeitos presentes nos discursos, Charaudeau (2008) argumenta que existe o sujeito comunicante – externo – ser social/institucional, que se concretiza por meio de seu enunciado, portanto, é realizado e instituído no discurso. Do outro lado, há o sujeito destinatário, que não somente decodifica, mas ainda, interpreta o discurso segundo a imagem que constrói do sujeito comunicante. Este autor define os sujeitos em quatro instâncias: a) EUc: Eu comunicante é um sujeito agente, localizado na esfera externa do discurso, uma imagem que se realiza no discurso, no EUe (Eu enunciador), sendo este o responsável pelo efeito produzido sobre o outro sujeito, sobre o interpretante, TUi (tu interpretante) também localizado na esfera externa, porém internamente o Eud (destinatário) irá receber o discurso e construir para si a imagem do EUe. Quanto ao discurso, pairam sobre ele, algumas noções: a de contrato e a de estratégia.

A noção de contrato, já anteriormente abordada, envolve os aspectos sociais, os quais se mostram no jogo de ser e parecer, presentes no interior dos discursos. Esta noção envolve também o estatuto social dos sujeitos (EUc/TUi) e a imagem construída na linguagem (EUc/TUd), havendo algumas condições de produção e interpretação, tais como: o implícito codificado, que seria o ambiente de convivência discursiva que permite a interpretação adequada do discurso.

Estas condições codificam as práticas sociais de uso da linguagem. Já na noção de estratégia estão presentes os efeitos de sedução e persuasão que o sujeito comunicante (EUc) deseja imprimir sobre o sujeito interpretante (TUi).

Nesse mesmo sentido, acrescentamos a necessidade de entender, que os discursos, enquanto forma de dizer, de uso estratégico da linguagem, mobilizam uma outra ordem, além da junção de frases. Uma vez que são formas de ação, estão subordinados a condições de produção, as quais englobam alguns fatores:



relação de sentidos que indica a interconexão entre os discursos, o efeito que se deseja produzir, por eles, nos leitores/ouvintes/interagentes e as relações de força, ou seja, o lugar de fala. Dessa maneira, a dimensão externa, já antes tratada, necessita ser aprofundada.

Com este fim, faz-se necessário entender o discurso com base nas ciências sociais, captá-lo enquanto objeto sócio histórico, que se materializa em uma língua, pela ação de um sujeito, interpelados pela ideologia, dessa maneira a língua faz sentido, ela é um pressuposto. O discurso, sob esta mirada, está correlacionado ao poder.

### 2.2.3 Discurso e poder

Segundo nossos objetivos, nosso norteamento, algo que julgamos um importante posicionamento, é a noção, inscrita ao discurso, que não há neutralidade no uso da linguagem, o que nos conduz a um estado de reflexão, que nos permite tecer relações (língua-linguagem-discurso) menos inocentes. Na seção seguinte abordamos o *ethos*, também atrelado ao discurso e ao poder.

Nesse sentido, alinhados a esta abordagem, os estudos de Pierre Bourdieu, nos possibilitam entender de que forma o discurso, em sua concretização (fala, texto, gestos e ícones) está relacionado a algo essencial: a conjuntura social como parte integrante do mecanismo de funcionamento discursivo.

Dessa forma, a produção dos discursos está condicionada ao campo social, espaços em que seus agentes podem ser divididos entre dominados e dominantes, segundo seu poder simbólico e seu *habitus*<sup>18</sup>, ou seja, conforme esquemas que ajustam e moldam suas ações, seu pensar. Decorrentes destas posições, na relação discursiva, as imagens dos sujeitos são projetadas.

Bourdieu irá ressaltar os aspectos sociais relativos aos bens culturais, à materialização discursiva, a qual envolve produção de textos. Para ele os “sistemas simbólicos” cumprem função política de impor, legitimar ou assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica); que existem lutas no campo

---

18 Conceito desenvolvido por Bourdieu (1983), qualificado por ser um sistema de disposições incorporadas pelos indivíduos à medida que são socializados e reagem ao mundo social. Relaciona-se ainda à forma como os agentes incorporam determinadas estruturas sociais, por seus modos de ser, agir, pensar.

intelectual pelo monopólio da violência simbólica legítima (BOURDIEU, 1998, p. 10-12).

Sendo assim, o processo de comunicação no qual os discursos estão envolvidos, em que sintetizam a capacidade linguística aliada ao poder de engendramento, é, também, a adequação dos mesmos a um mercado<sup>19</sup> que impõe sanções e censuras, já que, segundo Bourdieu (1996, p.24) as trocas linguísticas “são relações de interação humana e sociais, portanto são relações de dominação e poder simbólico, onde se atualizam as relações de força entre os locutores e seus grupos”.

Nesta ordem de raciocínio, “o discurso deve sempre suas características mais importantes às relações de produção linguísticas nas quais é produzido” (BOURDIEU, 1996, p. 25). As palavras não têm existência (salvo abstratas, nos dicionários) sem um modo de produção concreto. Assim, todas as ações linguísticas particulares dependem da estrutura do campo linguístico, sendo este um espaço social que abarca práticas específicas, portanto ele é expressão particular da estrutura das relações de força entre os grupos que possuem as competências correspondentes (ex.: língua "polida" e língua "vulgar" ou, numa situação multilinguística, língua dominante e língua dominada).

O que faz com que o discurso se restrinja a determinadas condições e espaços simbólicos está relacionado às suas condições de produção nos diversos domínios sociais e às funções políticas que os sistemas simbólicos desempenham nesse processo. Segundo Bourdieu (1998) os símbolos seriam produzidos para servir à classe dominante.

As ideologias, por oposição ao mito, produto coletivo e coletivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo (...). Este efeito ideológico, produzi-lo a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário da comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante. (Bourdieu, 1998 p. 11).

---

19 Bourdieu (2008), essa noção de mercado está atrelada ao campo de produção de bens simbólicos, em que são reguladas as normas de produção e critérios de avaliação. Este bens simbólicos concorrem pela legitimação cultural.

Isso nos remete à compreensão de que os discursos, como trocas linguísticas, devem seu valor social ao fato de mostrarem-se propensos a se organizar em sistemas de diferenças, produzindo um sistema de diferenças sociais de ordem simbólica. Esse sistema hierarquizado e hierarquizante marca aqueles que dele se apropriam.

Nesta direção, Van Dijk (2008) traça uma ligação entre poder, discurso e a comunicação. Sob sua ótica, com base nas ciências sociais, o poder é entendido como controle, diluído em estratégias, que grupos sociais, detentores de prestígio e ascendência, desenvolvem, que lhes permita influenciar outros grupos. Uma das formas de perpetuação do poder é dominar o discurso, de forma mais determinante: o acesso a ele. Sob esta análise, as pessoas não têm liberdade para escrever ou falar em todos os âmbitos e situações comunicacionais, mas antes, elas são controladas por instituições, leis. Esta forma de pensar, agir, é difusa socialmente.

O autor ainda ressalta o aspecto interacional imbricado a este processo, em que a legitimação do poder social de grupos é definida em função do acesso preferencial e gerenciamento dos meios de produção discursiva. A implantação de estratégias discursivas, como as desenvolvidas pelos meios de comunicação, por exemplo, pode influenciar a composição de modelos mentais e representações sociais.

Outros autores também entendem as relações de poder constituídas a partir do discurso, em sua capacidade de disseminação da informação por meio da língua.

Para Foucault (1986), em suas pesquisas relativas a traçar uma arqueologia<sup>20</sup> do saber filosófico, as quais levaram ao engendramento de um itinerário relativo a este tema, a noção de discurso tem papel fundamental, visto que ele é materialização ideológica, e, por conseguinte, interação e possibilidade de perpetuação de poder e controle. O saber, em sua análise, portanto, não ocorre em uma estrutura, pela qual seja possível verificar a verdade ou a falsidade. Isto será possibilitado analisar, pelo resultado da elaboração mental, sua existência e prática, em um determinado período histórico, em suma, por meio do discurso.

---

20 O uso do termo arqueologia remete ao trabalho do arqueólogo, que envolve procedimentos de escavação vertical a fim de obter seus documentos e objetos de estudo. Isto aplicado ao discurso, indica seu estudo profundo, procurando coligar as estruturas que formam ações morais e o conhecimento. (FOUCAULT, 1986, p. 159)

A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos; mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Ela não trata o discurso como documento, como signo de alguma coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém a parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um “outro” discurso mais oculto. Recusa-se a ser “alegórica”. (FOUCAULT, 1986, p. 159).

Este autor define o discurso como “ um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 1986, p.135), segundo os quais, sua unidade de análise não se restringiria à da língua, e sim para além dela, sendo ela o código possível para a construção de novos enunciados, estes sim, entendidos na singularidade.

Os enunciados, sob este prisma, são “[...] coisas que se transmitem e se conservam, que têm um valor, e das quais procuramos nos apropriar; que repetimos, reproduzimos e transformamos, para as quais preparamos circuitos preestabelecidos [...]” (FOUCAULT, 1986, p. 147). Sob este prisma, quanto ao enunciado, considera-se o dito, o que está posto, sua existência, materialidade, sendo esta atrelada aos signos linguísticos e a partir deles os sentidos, determinados em um tempo e um espaço.

Para este autor a análise do discurso traz à tona os significados mais profundos por meio da palavra, sendo que eles, os discursos, não se realizam em campos desertos, sem relações com tempo e espaço, antes disso formam uma complexa rede, em que seus estudos, podem revelar as relações de poder, um campo de embates e imposições pelo que é válido. Disseminados pelo tecido social, eles regulam os sentidos e criam uma realidade possível.

O autor não entende os enunciados, que constituem a formação discursiva, em sua totalidade, como objetos linguísticos, mas sim, observa que são submetidos a regularidade, a uma abordagem social e ideológica. Sob esta perspectiva, pode-se inferir que cada enunciado pertence a uma formação discursiva, e ainda, que o discurso não é, somente, uma sequência de palavras, mas sim uma forma de pensamento.

O discurso, sob a ótica de Foucault, dialoga com outra concepção, a estabelecida sob o enfoque da Análise do discurso (AD) de tradição francesa, proveniente dos estudos de Pêcheux (1975), visto que, o discurso, por esta lógica, é

entendido, segundo a ideia de percurso, de movimento, estando, dessa maneira, associado ao processo de linguagem, cujo estudo proporciona observar o homem falando. Nessa ordem de raciocínio, a língua não é entendida como sistema abstrato, mas como pressuposto, enquanto trabalho simbólico, funcionando para a produção de sentidos, sendo estes, parte da vida de seus interagentes, enquanto seres sociais.

Esta forma de pensar o discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade, enquanto objeto sócio histórico, em que se materializa a ideologia, uma vez que não há discurso sem sujeito e a língua faz sentido pelos sujeitos e para eles.

O sujeito, sob este ângulo, é pensado discursivamente, já que, por ele se inscreve nos processos discursivos. Este posicionamento concebe o sujeito como determinado e determinante em uma formação discursiva, fruto de sua prática de linguagem.

Com relação ao sentido, assim como o sujeito, sob a concepção de Pêcheux (*op. cit*), ele não é individual, mas sim fundamentalmente histórico, ele não é considerado como: já produzido, mas em um processo.

Ainda, relativo ao entendimento de discurso, está vinculada sua finalidade, o propósito que se deseja alcançar a partir dele. Este traço correspondente à sua formação está imbricado aos seus pressupostos: discurso é prática de linguagem; conjunto de enunciados, efetuados pelo uso da língua, os quais formam as mais diversas esferas da vida humana. Portanto, com propósito de interação entre os sujeitos, cada âmbito de uso da língua molda tipos de enunciados, mais ou menos estáveis, os quais formarão os gêneros do discurso.

Mais adiante trataremos do gênero notícia, sensacionalista/popular, nas páginas policiais e no *Diário Popular*, mas antes necessitamos entender a relação entre sentido e discurso.

#### **2.2.4 O sentido e as leis do discurso**

Existem posicionamentos que apontam a relação entre o enunciado, sentido e contexto. Os enunciados, como acontecimentos discursivos, são elaborados e produzidos por um enunciador e destinados a um coenunciador, em uma língua. Nesta atividade o sentido estaria inscrito no enunciado e não nas palavras por elas

próprias, mas sim o contexto contribuiria para o sucesso do entendimento do mesmo.

Maingueneau (2001) destaca a assimetria no ato de enunciação, segundo a qual a reconstrução do sentido, por parte de quem interpreta o enunciado, pode não estar de acordo com as representações do enunciador, uma vez que os enunciados não têm sentidos fixos, são sequências gramaticais que dependem de um contexto, o qual pode revelar-se, antes ou depois, dos mesmos serem interpretados, ou ainda da situação de enunciação, a qual extrapola o estritamente linguístico, mobilizando regras pragmáticas. Trata-se, pois, de uma série de instruções presentes no discurso e fora dele, que permitem ao leitor formular hipóteses e chegar a uma interpretação.

É claro que para que haja êxito comunicacional é preciso que os agentes se empenhem e colaborem para tornar seu pensamento comum ao outro e para que faça sentido. Ainda nessa tarefa, estão implicadas algumas normas, forjadas socialmente, nas quais a relação de cumplicidade, já mencionada, é ativada. Dentre estas normas, ainda concebidas como leis, estão as de pertinência e sinceridade.

A lei de pertinência indica que, ao produzir um enunciado, seu enunciador deve levar em conta seu destinatário, para que este possa confirmar sua pertinência. Vamos usar como exemplo o objeto desse estudo: o jornal *Diario Popular* publica o seguinte título de uma de suas matérias da página de esportes: “*Estamos preparados, he’i el profe kurepa*” (estamos preparados, disse o técnico argentino, tradução nossa). Ainda que criado por nós, este título poderia ser usado pelo jornal. Escrito em *jopará*, pode ser pertinente ao contexto que é veiculado. A imagem que produz pode corroborar para a que o jornal deseja imprimir: popular. O contexto tratado atribui ao leitor a capacidade de encontrar sentido nas palavras de origem guarani, e, quiçá, identificar-se com o *jopará*.

Quanto à sinceridade, ela é relativa ao engajamento dos agentes, para que, o que se diz, seja respeitado e entendido, para que, reiteramos, faça sentido.

Quanto ao conteúdo dos enunciados, é necessário que eles tenham informatividade, ou seja, forneçam informações novas e que estas sejam precisas, claras, de acordo com o gênero. Os enunciados são formados pela intenção de comunicação, tal qual a presente em ato de pedir uma informação ou descrever um fato ocorrido em algum bairro. Sob a configuração, em diversos gêneros textuais, organizados discursivamente, está a intenção: enunciar, descrever, contar,

argumentar. Assim, as reportagens, foco de interesse do presente estudo, se encaixam nos modos: descritivo, narrativo e enunciativo.

### **2.2.5 Modos de organização do discurso:**

Até o momento temos observado que as concepções de discurso estão de acordo com o entendimento de que, sendo um ato de linguagem e portanto envolvendo um EU e um TU, haverá de alguma forma, marcas linguísticas no enunciado, as quais revelam a subjetividade e o posicionamento do enunciador, na forma como o (sujeito) homem se inscreve na língua. Nesta concepção se insere a enunciação, que, segundo a Semiologia (Charaudeau, 2008) uma das bases do presente estudo, é um conceito articulado a duas visões: a linguística e a discursiva.

Nesta direção, o discurso, composto por enunciados, pode refletir em suas marcas linguísticas (pronomes de 1ª e 2ª pessoas, tempos verbais, advérbios temporais e modais, dêiticos, adjetivos e nomes afetivos etc...), a presença e posicionamento do enunciador.

A concepção discursiva, sob esta visão, conecta-se à enunciação, a partir de princípios sociais, psicológicos e contextuais, envolvidos em uma situação de comunicação, na qual o enunciador materializa seu dizer, levando em conta o contrato que firma com seu interlocutor, no qual se inserem crenças e valores compartilhados. Nesta linha, a formação discursiva, composta por enunciados, terá seus sentidos atrelados às relações estabelecidas entre eles, entre uma palavra e outra.

Essas noções indicam que o discurso está circunscrito à interação, aos agentes, ou seja, ao entorno social, comunicacional, ideológico e histórico, já que ocorre por meio de uma língua e da ação de um sujeito. Estes fatores instruem o enunciador com relação ao coenunciador, já o enunciado é resultado do uso de tais instruções, as quais conformarão seu dizer.

Dito isto, entendemos que os discursos se ordenam, conforme seus gêneros, dentro de modos de organização de determinadas categorias da língua, segundo um propósito comunicativo. Assim, o gênero: notícia, como já mencionado, pode se enquadrar, também, no modo enunciativo, uma vez que pode haver o apagamento ou a intervenção do jornalista no material verbal produzido.

### **2.2.5.1 Modo de organização enunciativo:**

No modo enunciativo, a relação enunciador-coenunciador, no discurso, é ressaltada, de maneira que se possa identificar o posicionamento de um em relação ao outro ou do enunciador em relação a ele próprio.

Charaudeau (2008) sinaliza para a atenção com o aspecto referencial do modo enunciativo, ou ainda o circuito interno do ato de linguagem, dessa maneira, o sujeito encena<sup>21</sup> seu dizer, daí ser uma categoria de discurso. Essas categorias indicam que o modo enunciativo se materializa em três funções: a alocutiva, a elocutiva e a que nos interessa mais: delocutiva.

No comportamento alocutivo, o sujeito enunciador, pelo discurso, implica e impõe uma conduta, exigindo de seu coenunciador uma resposta ou reação, havendo, portanto, uma influência de um sobre o outro. Essa relação entre ambos, nestes moldes, por atos de linguagem, pode ser de superioridade, pois o primeiro, dependendo do contexto, poderá impor ao segundo a execução de uma ação. Esta relação abrange as modalidades da interpelação, injunção, autorização, sugestão, proposta, julgamento, aviso.

Relação de inferioridade (ou relação de pedido): o enunciador se mostra como alguém que necessita do “saber” ou do “poder fazer” do outro, dessa forma propõe uma solicitação. Compreende as modalidades da interrogação e da petição.

Por sua vez, na modalidade elocutiva, por meio da organização de seu discurso, o enunciador revela seu ponto de vista sobre o mundo, não implicando nessa ação o coenunciador, indicando uma relação dele consigo próprio. Isso pode ser expresso em forma de julgamento, ao proferir uma opinião ou uma apreciação sobre algo ou alguém; ou ainda um modo de saber, quando o sujeito tem a capacidade de manifestar sua constatação, seu saber ou ignorância. Também se materializa no discurso, que expõe o motivo que leva o sujeito a realizar um propósito, por meio das modalidades de obrigação, possibilidade e querer. Ainda o grau de adesão a um propósito, um modo de engajamento, o que corresponde às modalidades de promessa, da aceitação/recusa, do acordo/desacordo e da

---

21 Encenar, sob a perspectiva de Charaudeau (2008), não tem sentido de farsa, mas sim refere-se à materialidade discursiva, ao dito, ao posto.



declaração. Por fim, um modo de decisão, que mostra o estatuto do sujeito em relação ao tipo de decisão (modalidade da proclamação).

Já no delocutivo, comportamento em que se retoma a fala de um terceiro, daí nosso foco no alinhamento dessa função aos nossos objetivos, o que ocorre é um “jogo” de apagamento do sujeito enunciador e de seu coenunciador. Por este comportamento, no discurso, se nota a intenção de instaurar a objetividade/neutralidade, como se o discurso pudesse falar por si mesmo, demonstrando um ponto de vista externo, uma forma de testemunho dos dizeres do mundo e a forma como são impostos a ele.

Esse tipo de relação e comportamento, em virtude do efeito de sentido, pode ser interpretado em discursos de gênero jornalístico, que em face dos objetivos firmados, explica nossa atenção com relação a esta modalidade, especialmente no discurso relatado – citado, integrado, narrativizado e evocado (relativo ao: “como o outro fala”).

De maneira ainda mais específica, nos referimos à forma de relatar o discurso, de maneira integrada, ou seja, feita em terceira pessoa, na qual há a retomada do dizer de um terceiro, integrando-o ao do que relata.

Essa modalidade se constrói, também, pelo discurso indireto, e, para tanto, são empregadas categorias da língua, como os verbos de elocução, os quais são essenciais para atribuir as falas dos personagens de forma objetiva.

O jornal em foco emprega, com muita frequência, esse recurso redacional. Dentre as palavras e frases, que mais se repetem, está o verbo de locução *he`i* (ele(a) disse), [...] “Encima vino a llover y se llenó todito outra vez”, *he`i el karai*. [...] (*Diario Popular*, n. 5817, 07 jan. 2011, p. 08)<sup>22</sup>. Esse expediente pode auxiliar na formação da imagem de órgão crível, como também pode funcionar como elemento que estabelece uma cumplicidade com o leitor, uma vez que dá voz aos agentes.

Como nosso foco recai sobre o discurso, materializado em texto que descreve ações; o modo descritivo, por sua configuração, interessa-nos, visando efeitos analíticos.

#### **2.2.5.2 Modo de organização descritivo**

---

<sup>22</sup> “Além de tudo começou a chover e encheu tudinho outra vez”, disse o senhor [...] (*Diario Popular*, n. 5817, 07 jan. 2011, p. 08. tradução nossa.)

Charaudeau (2008) nos fala que os relatos jornalísticos, como os textos de forma geral, são heterogêneos, do ponto de vista organizacional, ou seja, um texto de organização descritiva pode estar associado a uma situação de comunicação cuja finalidade, além de descrever, é de informar, como um texto de oferta de emprego.

Outro aspecto a ser pontuado na forma de organização descritiva é a relação língua/texto. Em textos descritivos há uma afinidade entre as marcas de uma mesma categoria de língua e o modo de organização do discurso. O descritivo é um modo de organização que conta com três tipos de componentes, os quais são, ao mesmo tempo, autônomos e indissociáveis: nomear, localizar-situar e qualificar.

Independente da classe semântica, nomear é fazer existir um ser, por meio de uma dupla operação: entender que existe uma diferença na continuidade do universo e ao mesmo tempo poder relacionar essa diferença a uma semelhança. Essa operação constitui o princípio de classificação.

Nomear, segundo Charaudeau (*op. cit.*), não é somente o processo de rotular, com base em uma referência pré-existente, mas passa pelo olhar do sujeito que constrói e estrutura a visão do mundo. Quanto antes, nomear, consiste, pelo ato de descrever, em identificar os seres, segundo a finalidade das situações de comunicação nas quais se inscreve.

Para nomear são empregados, além dos procedimentos discursivos destacados, os procedimentos linguísticos. Nosso foco recai sobre a nomenclatura, pelo uso de nomes comuns ou próprios (categorias da língua: substantivos e adjetivos). A este tema dedicaremos atenção mais adiante.

Outro componente importante do modo de organização descritivo é localizar-situar, que consiste atribuir características a um ser, de maneira que, o fato dele existir dependa de sua posição no espaço e no tempo. Para tanto, exigirá a projeção da visão de mundo que um determinado grupo cultural realiza sobre outro.

E, finalmente, pela nomenclatura, atribuímos aos seres qualidades que os caracterizam, construindo classes e subclasses de seres (CHARAUDEAU, 2008, p 112). A qualificação tem origem no olhar que o sujeito lança sobre os outros seres e o mundo, testemunhando, então, sua subjetividade.

A descrição pela qualificação pode ser considerada a ferramenta que permite ao sujeito, que faz uso da linguagem, satisfazer seu desejo de posse do mundo: é ele que o singulariza, que o especifica, dando-lhe uma substância e uma forma

particulares, em função da sua própria visão das coisas, visão essa que depende não só de sua racionalidade, mas também de seus sentidos e sentimentos.

Entretanto, os sujeitos, em atos de linguagem, são seres discursivos e sociais, que vivem em coletividade, compartilhando as normas da prática social, as quais regulamentam as relações entre eles e suas qualidades, algumas, como: audição, tato, paladar, olfato, independem das sociedades, porém, as normas funcionais não são evidentes:

Qualificar é, então, uma atividade que permite ao sujeito (falante/escrivente/sinalizante) manifestar o seu imaginário, individual e/ou coletivo, imaginário relativo à construção e à apropriação do mundo, num jogo de conflito entre as visões normativas, impostas pelos consensos sociais, e as visões próprias ao sujeito (CHARAUDEAU, 2008, p.114).

Portanto, o ato de descrever fixa, imutavelmente, lugares (localização) e épocas (situação), maneiras de ser e de fazer das pessoas, assim como as características dos objetos. A partir do momento em que os seres do mundo são nomeados, localizados e qualificados, é como se eles fossem impressos numa película para sempre.

Como procedimento linguístico, para o ato de localizar, empregam-se as categorias de língua que têm por efeito fornecer ao relato um enquadre espaço-temporal, jogando essencialmente com a precisão, o detalhe e a identificação dos lugares e da época de um relato: advérbios, locuções adverbiais, datas e nomes próprios de lugares.

Essas características, dentre outras, formam esse modo de organização. Quando comparado a outros modos, percebemos que, por sua composição, o descritivo não se fecha em si, é bastante livre. Apesar da existência de algumas regularidades discursivas, não existe percurso obrigatório para a construção do descritivo.

Ainda assim, o texto, organizado sob o modo descritivo ou outros, é dependente da situação de comunicação, tema que já tratamos, pois nela foi concebido. Mostra-se dependente, também, do gênero a que pertence, pois é nele que percebemos de onde a produção textual extrai sua finalidade.

### 2.3 GÊNERO DISCURSIVO

É mister que toda a atividade humana envolve o uso da linguagem, portanto, aceitam-se as premissas que suas formações combinatórias, em função da interação, sejam multiformes e sua expressão concreta, por meio da língua, em forma de enunciados (orais ou escritos), reflitam condições e finalidades específicas, as quais exigirão recursos (de uso da linguagem) que estejam de acordo com o tema destes enunciados, alinhados a um gênero discursivo.

Ao encontro destas premissas, corrobora a visão Bakhtiniana, em que os gêneros “refletem de modo imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social” (BAKHTIN, 2003. p 268). Entendemos que eles são práticas sócio-comunicativas, influenciados por fenômenos sociais e dependentes da situação comunicativa em que são enunciados, estando, dessa maneira, como já mencionado, presentes em toda ação que envolve a comunicação, uma vez que, no momento que interagimos (por meio da oralidade, escrita, gestos, ícones) recorreremos a um gênero, o qual está atrelado ao desejo do enunciador, sua intenção, revelando, neste afã, suas necessidades.

Do que foi apurado, salienta-se a heterogeneidade dos gêneros, alguns bastante padronizados, como documentos oficiais e outros diversificados, como os publicistas ou um relato de algum acontecimento cotidiano, o fato é, que, devido a sua vasta variabilidade, em função dos fatores já compartilhados, seu estudo dependerá, também, de um plano diversificado, uma vez que seus traços gerais podem ser abstratos e vazios. Sua compreensão atravessará diferentes campos do saber: social, histórico, linguístico, ideológico, entre outros.

Entendemos, no presente estudo, o gênero discursivo, como um conceito plural, uma dimensão temporal, que se reporta aos usos da língua e linguagem, que por sua vez, estão suscetíveis ao tempo, às configurações ideológicas. Em virtude dos contextos de uso da linguagem (espaço, tempo, finalidade, meio), os discursos, em sua materialização, podem organizar-se, segundo traços, que podem obedecer a uma constância. Como exemplo: as notícias do jornal *Diário Popular*, em suas páginas dedicadas aos acontecimentos policiais.

A este raciocínio, relativo à enunciação, acrescenta-se o enunciador, como sujeito heterogêneo: social, histórico, ideológico. Em função deste cabedal,

aprendemos a moldar nosso discurso, sob a forma de enunciados, com finalidade interativa. Daí, uma vez mais, salientarmos sua variabilidade, assim como a importância de seu estudo, suas abordagens, alinhados aos nossos objetivos investigativos.

Neste processo, verifica-se a necessidade de exame de uma das formas de materialidade discursiva, veiculada a um gênero: o texto, salientando neste estudo seus aspectos sociais e discursivos. Pensando em sua condição concreta, textual, recorreremos à história para entendermos a origem de sua composição, que engloba o material (linguístico), o estilo e a gramática.

Aristóteles e Platão apresentaram em seus estudos, resultados provenientes da organização composicional mencionada, sendo ela composta do agrupamento dos discursos, segundo seu gênero, formando então grupos distintos: lírico, épico e dramático.

Aristóteles, em *Arte Retórica* e *Arte Poética*, por sua vez, explica, que havendo três espécies de auditório, havia a necessidade de adaptar-se a eles, em função de traços que marcavam cada gênero destinado a cada auditório: o judiciário, o deliberativo (ou político) e o epidítico (laudatório).

As diferenças apontadas nestes gêneros, já desde os estudos gregos, indicam que são estabelecidas em função de configurações ideológicas e do tempo, visto que, os distintos gêneros são regulados por questões éticas, e suas concretizações, para além da comunicação, são vistas como maneiras de ação entre os interagentes. O judiciário acusa ou defende e refere-se ao passado, o deliberativo orienta ou guia e também indica o caminho contrário em todas as questões referentes à cidade, dessa forma, refere-se ao futuro. O epidítico critica ou louva um homem, uma categoria de homens ou seres lendários, como Helena<sup>23</sup>, dessa maneira refere-se ao presente.

Essas concepções e organizações podem ter contribuído para a base dos estudos de Bakhtin (2003), ainda que, ele desenvolvesse o conceito de gênero a partir das relações entre os interagentes, ou seja, tendo em conta suas situações de produção. A noção de gênero discursivo, formulada por este autor, engloba seus

---

23 É de conhecimento geral, que Helena, filha de Zeus e da rainha Leda, quando tinha onze anos, foi raptada pelo herói Teseu, contudo, seus irmãos Castor e Pólux a resgataram e levaram de volta a Esparta. Foi exaltada por sua beleza e cobiçada por diversos pretendentes, no entanto, escolheu Menelau, com quem se casou. Ele se tornou rei de Esparta. Helena é protagonista, também, de um grande caso de amor, com Páris. Os amantes fogem para Troia. Este seria o início de uma guerra entre espartanos e troianos, que duraria dez anos.

núcleos formadores, sendo um deles: o texto. Reiteramos a necessidade, visando nossos objetivos, de seu estudo.

Marcuschi (1996), aderindo aos conceitos bakhtinianos, apresenta uma definição, relativa aos gêneros, interconectada à enunciação, o que, sequencialmente, lhe garante observar que, há um consenso entre os conceitos: gêneros discursivos e textuais. Este ponto de conexão, segundo o autor citado, recai sobre sua finalidade interativa, em que, organiza-se o modo de dizer, de maneira a adequá-lo ao contexto. Ele não vê muita relevância entre empregar o termo gênero discursivo ou gênero textual. Nosso objetivo, ao trazer a contribuição de Marcuschi, é: ampliar a visão sobre o tema (gênero) e ressaltar o estudo do texto, uma vez que, ele concebe o gênero como um dispositivo textual/discursivo.

Para Marcuschi (1996), gêneros são:

modos de organização da informação que representariam as potencialidades da língua, as rotinas retóricas ou formas convencionais que o falante tem a sua disposição quando quer organizar o discurso. (MARCUSCHI, 1996, p.4)

O mesmo autor (MARCUSCHI, 2002, p.19) concebe os gêneros textuais “como fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social” e acrescenta: “os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia”. No entanto, ele adverte que “os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa”, muito pelo contrário, eles se caracterizam “como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” (MARCUSCHI, 2002, p.19).

O autor (Marcuschi, *op.cit.*) considera essencial tratar os gêneros textuais como fenômenos históricos, relacionados com a vida social e cultural. Este autor observa que a maleabilidade, dinamicidade e plasticidade dos gêneros advêm de seu surgimento, proliferação e modificações, em função de necessidades socioculturais e até inovações tecnológicas, haja vista o aumento de gêneros, comparando-se às sociedades anteriores, à comunicação escrita.

O referido pesquisador (Marcuschi *op.cit.*) ainda distingue gênero e tipo textual, o primeiro é a forma, concretamente realizada, encontrada nos diversos textos empíricos; e o segundo, constructo teórico, que abrange categorias determinadas. Ressalva a importância dos estudos dos mesmos, o que significa ter

condições de prever regras de conduta, seleção de palavras e estrutura de composição.

O autor ainda observa que são três os elementos principais que caracterizam o gênero: conteúdo temático (assunto concernente à interação pela linguagem); o plano composicional (estrutura formal dos textos pertencentes ao gênero); o estilo (leva em conta as questões referentes à seleção e opção: vocabulário, estruturas frasais, preferências gramaticais). Sendo assim, cada enunciado produzido, num determinado tempo, é portador de um sentido, depositado por seu enunciador (sujeito histórico, interpelado pela ideologia, expressa pela língua).

Já, segundo Bakhtin (2003) os elementos elencados: conteúdo temático, estrutura composicional e estilo são ideológicos, uma vez que, não são resultado de escolhas particulares, mas sim, são regulados segundo o contexto de produção.

Conforme os objetivos já traçados, em função das características que formam os gêneros discursivos, os quais são traços essenciais para o entendimento e base sólida para investigações que envolvem os discursos, trataremos de aprofundar a discussão dos gêneros, estabelecendo os contornos referentes ao gênero em foco: a notícia. Mas antes, faz-se necessário entender a ligação entre mídia e sociedade, uma vez que, os assuntos tratados nas notícias não são escolhidos de forma aleatória; e a vastíssima gama de fatos ocorridos no mundo não caberiam todos num espaço tão pequeno quanto as páginas das edições dos jornais. Há, portanto, no vínculo: mídia e sociedade, uma relação de poder, vista capacidade, por parte da imprensa, em determinar o que é e o que não é notícia.

### **2.3.1 Mídia e Sociedade**

Ler, ver e ouvir notícias faz parte do ritual das pessoas, que consomem informação pelos meios de comunicação. Trata-se de uma forma de manter contato com a realidade. Os meios de comunicação têm influência sobre a sociedade, do mesmo modo que dela recebem. Os programas de televisão, as telenovelas,..., estabelecem modos de comportamento, proporcionam eleição de padrões de beleza, entre outros aspectos. Os jornais, por sua vez, têm a capacidade de determinar os assuntos que serão assunto de discussões diversas, nas mais variadas formas de interação cotidianas.

A mídia tem o poder de selecionar quais temas terão visibilidade pública e quais serão condenados à invisibilidade social, além de verificar se algumas pautas selecionadas terão maior projeção, em detrimento de outras, e se serão consideradas, socialmente, relevantes.

O campo midiático, com base em Bourdieu (1997), como outros campos sociais, tem uma certa autonomia e certo grau de estruturação, ele próprio, como em um jogo, estabelece as regras a seus participantes, regras, essas, que, se seguidas, poderão conferir aos “campeões” prestígio, influência e poder.

No jornalismo e na publicidade esta relação de forças, a qual constitui e estrutura este campo, baseada na disputa pela boa reputação, consideração e respeito que seus órgãos almejam, se reflete, por exemplo, na capacidade de escolhas, do que deve ou não ser noticiado, do que deve ou não ser assunto, tudo isto determinado por veículos de referência, legitimados social e culturalmente. Assim, mídia é sociedade, na forma como seus órgãos legitimadores, repletos de capital simbólico, têm a capacidade de interferir ou determinar comportamentos, tais como: o modo de vestir, de pensar, de falar, entre outros.

Ao refletirmos sobre essas formas de agir, da mídia sobre a sociedade, chegamos à constatação de que os assuntos mais comentados pelas pessoas foram noticiados pelos órgãos de imprensa mais difundidos, e, de forma geral, quase que inquestionáveis, quanto à sua veracidade, visto o prestígio do órgão que os veicula, assim como a ocultação de certos temas é fruto de jogos de interesse e manipulação.

Marcondes Filho (1989) questiona o papel que desempenha a atividade periodística na sociedade, e, conclui que as notícias são formas de firmar, publicamente, opiniões e informações, atreladas, claro, a interesses de grupos ou indivíduos. Um grupo midiático não fala sozinho, dá voz à grandes representantes, monopolistas de classe, disfarçados de variedade de opiniões.

Esses efeitos da mídia sobre a sociedade podem ser verificados em estudos relativos ao agendamento, ou, a responsabilidade dos meios de comunicação sobre os temas de conversa das pessoas, também conhecido como agenda *setting*<sup>24</sup>. Pode-se concluir com isso que os meios de comunicação reproduzem um sistema de classificação segundo uma ordem social de importância de grupos sociais.

---

24 Teoria de comunicação. Utilizada no trabalho como forma de explicação para relação entre mídia e sociedade.



Barros Filho *et al.* (2010) tece uma fina reflexão sobre os processos, pelos quais alguns assuntos da imprensa têm mérito para se tornarem notícia, outros, em detrimento, foram e são ocultados. Para exemplificar, os autores falam sobre a crise aérea, noticiada há algum tempo no Brasil, uma vez que este tema era de interesse das classes dominantes, pois são os membros destas, de forma geral, que compram passagens e usufruem de seus serviços. Dentre os fatores para que este tipo de ocultação pudesse ter ocorrido, estava a visão de mundo do jornalista e a visibilidade das ideias.

O jornalista é como qualquer pessoa, formada sócio ideologicamente, que possui suas crenças, valores e comportamentos, decorrentes de sua bagagem cultural, sua formação pessoal e profissional. Essas características, aliadas ao contexto de produção, influenciam no momento da escolha dos assuntos que podem virar notícia. O que não é corriqueiro, trivial, mas pelo contrário, extraordinário, segundo a pauta definida, interessa à equipe de um jornal de elite, quiçá, mais que outros órgãos, em função do estilo a ser seguido. A luta pela notícia, única e exclusiva, o furo de reportagem, faz com que a mídia privilegie as ideias prontas e convencionais, tendo em conta aquilo que é aceito por todos: a doxa, em nomenclatura platônica. Disto, concebemos que o controle sobre a visibilidade é um mecanismo de dominação e expressão do poder.

Segundo Foucault<sup>25</sup> (1995), para entender o poder, devemos pensar no que legitima o poder. Uma das formas de poder é aniquilar a individualidade, sendo que, quando pensamos em poder, devemos pensar que ele ocorre em função do outro, que ele designa relação entre parceiros.

No que se refere à comunicação, concernente ao estudo do gênero discursivo, sua materialidade, enquanto texto, jornalístico, devemos aceitar que ele implica em relações de poder, pois: “comunicar é sempre uma certa forma de agir sobre o outro ou os outros” (FOUCAULT, 1995, p. 240) , ou ainda, “As relações de comunicação implicam atividades finalizadas...e induzem efeitos de poder pelo fato de modificarem o campo de informação dos parceiros.” (*Id. Ibid.*, p. 241) Estas afirmações sinalizam que o poder não está em algo concreto, mas sim nas práticas e nas relações que o envolvem, neste caso, pela produção e troca de signos. Ainda mais especificamente, essa reflexão aponta para os efeitos de poder que a mídia

---

25 O objetivo de Foucault não era apresentar uma teoria ou metodologia sobre o poder, mas sim discutir o sujeito e as relações de poder.

produz, especialmente os veículos que reproduzem uma ideologia elitista expressa pela linguagem, no caso da mídia escrita (língua padrão, sóbria, objetiva e direta) quando estes se tornam referência e padrão a ser seguido.

De forma a entender a relação: poder-mídia-gênero-texto, é preciso imbricar a linguagem. O falar coloquial é historicamente associado a um falar “errado” e “inferior”; ainda que seja uma forma de expressão, interação, empregada por todas as classes sociais, visto a diversidade de situações e contextos de uso. Notoriamente, o uso coloquial, é carregado de expressividade (vide as tantas obras literárias que expressam os falares regionais e populares), ainda assim, em função das relações sociais de comunicação, envolvidas em relações de força e poder, nas quais os meios de difusão da informação estão interconectados, tudo que está fora do padrão, em termos de linguagem, está fadado à marginalização e discriminação. Essas nuances são perceptíveis no *Diario Popular*, já que se trata de um veículo de comunicação.

O jornal *Diario Popular*, como antes mencionado, se diferencia de outros jornais no Paraguai por seguir uma linha de jornalismo popular, sobre a qual trataremos mais adiante. Um traço divisor entre os jornais deste segmento e de outros, é a linguagem, apelativa e carregada de emoção (fotos e texto). Em se tratando do Paraguai, o emprego de *jopará*, devido aos fatores sociais, culturais e ideológicos, por ação de órgãos de imprensa, pode ser julgado, como adequado a esta configuração.

Estas características inserem estes produtos midiáticos em um mercado que funciona na contramão das exigências do padrão, elitizado, imposto e legitimado por uma minoria social.

O que transparece é que jornal *Diario Popular* sabe que seu público-alvo não é, preferencialmente, o leitor, com perfil social alinhado às crenças, gostos e forma de pensar da elite paraguaia, ainda assim, não significa que seja produzido por pessoas de comunidades. Mesmo tendo um lado assistencialista bastante desenvolvido, visando alcançar vendas, ele não é um jornal comunitário. Trata-se de uma empresa, cujos funcionários, redatores, são profissionais remunerados.

Estes profissionais, inseridos no campo jornalístico e influenciados por ele, se esforçam em estabelecer uma ponte entre o *Popular* e o possível leitor, baseados em estereótipos. Dessa relação se intui, que o jornal, pela instituição que carrega, influencia e é influenciado pela sociedade e pelo campo jornalístico.

Por meio de pesquisas mercadológicas ou normas dos manuais, os quais apontam a necessidade de colocar-se no lugar do leitor, com a finalidade de mobilizar o possível consumidor e subir as vendas, a imprensa estabelece quem é seu público e quais as estratégias para cativá-lo, propondo estabelecer entre ambos, uma espécie de contrato, ao espelhar, por meio da linguagem, seu universo social e cultural. Sendo assim, os órgãos de imprensa, enquanto empresas, comercializam as notícias.

O que vira notícia em um jornal popular é o fato que mostra capacidade, mas bem de entreter o leitor do que propriamente informá-lo. As pautas, a linguagem e o tom, podem ser compatíveis ao espaço habitável, ao universo cultural, referentes ao perfil de leitor, traçado por este tipo de veículo.

Diante de todo o exposto, faz-se necessário aprofundarmos o gênero: notícia.

## **2.4 A NOTÍCIA**

Em princípio, diferentemente da reportagem, a notícia está entre os textos jornalísticos de caráter informativo, uma vez que narra acontecimentos pontuais, fatos do cotidiano, enquanto a reportagem, de caráter mais amplo, social ou político, portanto opinativo, extrapola os limites da notícia, portanto é mais complexa. A reportagem é assinada pelo repórter, a notícia não. Importante frisar essas diferenças, uma vez que nosso interesse recai sobre a notícia.

Barbosa (2001) observa a anterioridade da notícia ao surgimento dos meios de comunicação, já que, ao longo da nossa existência, existiram outras formas, primitivas, de disseminação das informações, como por via oral (boca a boca). Em muitos lugares, havia um circuito oficial de informação e de notícia. Na antiguidade, ficava a cargo das autoridades nobres a função de repassar as informações oficiais à população. Na Idade Média, além dos nobres, pessoas ligadas à igreja também disseminavam notícias oficiais. Para distâncias mais longas, as autoridades ou líderes enviavam um mensageiro, alguém especializado em levar notícias a lugares distantes. Dessa maneira, percebe-se sua importância histórica.

Com base em Sodré (1996, p.131), que define a notícia como “ponto central da informação jornalística”, ressaltamos sua posição e importância no processo de fazer jornalístico, sendo ela, a informação materializada, adaptada a normas, que

visam uma padronização e negação do subjetivismo, estando estas normas relacionadas aos aspectos mercadológicos. O que não se pode negar, é que por trás da moldura que enquadra a notícia no gênero, há o desejo de relatar os fatos, os quais, segundo critérios, poderão ou não, tornar-se notícia.

Marcondes Filho (1989), amparado pelas pesquisas de Eco, aponta que a noção de notícia é permeada pelo desejo que temos pelo novo, ou “os interesses que temos nos saltos bruscos do estado” (MARCONDES FILHO, 1989, p. 11 *apud* Eco, 1979, p.15-33), em suma, o extraordinário, em jornais “sérios” prevalece sobre os fatos triviais. Um caso de embriaguez e suas consequências, poderá ser noticiado se o sujeito envolvido for representante de algum grupo, socialmente influente, o que torna a notícia, ou melhor, sua visibilidade, não tanto democrática e mais ideológica.

Dessa forma os jornais são:

[...] como pontas de icebergs, que no nível externo representam a democracia formal, na qual todos seriam iguais, e, no fundo, escondem o poder político ou econômico que os sustenta, que é incomparavelmente diferenciado de um jornal para o outro em relação ao seu tamanho e importância. (MARCONDES FILHO, 1989, p. 13)

Sob essa ótica, a notícia se classifica como mercadoria, em tudo que a forma: esteticamente, emocionalmente e nas sensações que propicia. Tudo, deve e pode ser adaptado ao mercado e suas normas. Segundo a visão de Marcondes Filho (*op.cit.*) ela é também uma forma de manipulação ideológica e expressão do poder político, como já pudemos discutir anteriormente, quando tratamos da relação entre a mídia e a sociedade.

Este autor ainda expressa sua não conformidade com a concepção de notícia como resultado da objetividade jornalística e a não deformidade de determinada realidade, bem como a máxima: “verdade dos fatos”, e sim, como o que se apresenta aos leitores/ouvintes/expectadores, expressando, de forma parcial, a realidade, em que, há a tendência, especialmente da notícia televisionada, do não confronto de ideias, dos conflitos evitados, suscitando a aceitabilidade, de forma geral, da mesma.

Já Lages (2001) recorre ao percurso histórico, relativo ao tema, e nos diz que a notícia estava atrelada à indústria, ao comércio, à política e as manufaturas, pois eram relatos, taxados como importantes, os tocantes aos fatos que envolviam estas

representativas esferas do poder. A partir da Revolução Industrial, a notícia passa a ser artigo de consumo e ganha um público mais amplo e diversificado, afetando também sua confecção.

O que antes era artesanal e baseado em crenças individuais, com o desenvolvimento industrial e conseqüentemente comercial, a tendência era de produção de notícias que eliminassem as crenças individuais e se tornassem desprovidas de emoção. Já não se projetavam nelas os valores do indivíduo, mas da coletividade, e, como tal, passa a ser reveladora de conflitos e tensões, refletidos nas questões de classe ou cultura.

Além do já mencionado, o autor citado (Lages, *op.cit.*), observa que, por ser um produto que se inclui na comunicação de massa, a notícia, se por um lado é uma forma de desvendar o mundo, por outro pode ser forma de manipulação e controle social. Da mesma maneira que penetra em todos os saberes, tornando-os comuns, é destinada a um público sem rosto e do qual se objetivam atitudes desejadas.

Voltando à diferenciação, traçada no início dessa seção, este autor ainda apresenta uma distinção, bastante pertinente, entre notícia e reportagem:

Entre os gêneros de texto correntes nos jornais, a notícia distingue-se com certo grau de sutileza da reportagem, que trata de assuntos, não necessariamente de fatos novos; nesta, importam mais as relações que reatualizam os fatos, instaurando dado conhecimento do mundo. A reportagem é planejada e obedece a uma linha editorial, um enfoque; a notícia, não. (LAGES, 2001, p. 30)

Há, ainda, que ressaltar, que reportagem e notícia, por mais que o senso comum as confunda, já que, são ancoradas em um mesmo tipo de mídia jornalística, ainda assim, a notícia é o resultado concreto, em forma de discurso, pertencente ao gênero, do observável no mundo, suas transformações e deslocamentos, já a reportagem faz um levantamento de um assunto, conforme ângulo preestabelecido, ampliando-o e aprofundando-o.

Esta pesquisa trabalhará com excertos de notícias e não reportagens, conforme já mencionamos. Para chegarmos à análise, ainda nos falta entender como se constrói uma notícia.

#### **2.4.1 A fabricação da notícia: um modelo a ser seguido.**

Entender o processo de fabricação de uma notícia envolve, antes de tudo, saber, quem as emite, pois são “processos decisórios que se produzem no seio do grupo promotor da informação [...]” (SOARES, 1986, p. 67), portanto, são ações, como já tratamos anteriormente, que descortinam questões que envolvem poder, já que, as instituições podem decidir sobre os assuntos que irão circular, bem como seus conteúdos informativos.

Nesse transcurso, cabe ao jornalista colher a notícia, ao redator selecioná-la e ao editor moldá-la aos parâmetros<sup>26</sup>, podendo ainda haver algum censor que aprova ou a elimina da edição. Em suma: esta equipe seleciona o que é pauta e as ações a serem tomadas, ainda assim, estas atividades, inerentes ao fazer jornalístico, funcionam, segundo Barros Filho *et. al.* (2010), em conformidade ao espaço social de produção da notícia, no qual, em virtude de suas regras de ação, estabelecidas por seus agentes, baseadas em ideologias, em relações assimétricas, define-se o que dizer, o que não dizer, de que maneira dizer.

Tais regras enquadram os perfis editoriais: jornal de referência e jornal popular. São delimitações sistematizadas em função da linguagem empregada pelos órgãos, relativas ao processo de constituição das notícias, as quais deverão ter como parâmetro, também, as atitudes do público receptor, tendo em consideração as suas preferências e desejos. Dessa maneira, o trabalho do redator, que traduz os fatos em palavras, segue protocolos de escrita.

Obedecendo normas éticas, que são criadas a partir de uma estrutura sócio-política e ideológica, sobretudo com vistas a falar a um leitor interessado em fatos abrangentes e públicos, e, em função da necessidade de conquistar prestígio e credibilidade, jornais de referência, precisam adaptar a linguagem a uma forma socialmente aceita. O protocolo, anteriormente mencionado, está formado por normas de estilo, que em traços gerais estipulam:

Linguagem simples e vocábulos compreensíveis. Oração directa: sujeito, predicado e complemento. Evitar a voz passiva e os tempos compostos. Fugir à adjectivação. Banir chavões e frases feitas. Restringir o uso de termos estrangeiros e técnicos. (SOARES, 1986, p. 69)

---

26 Estes parâmetros são regulados, segundo Bakhtin (2003), conforme a formação social, histórica e ideológica, inerente aos sujeitos, tanto o enunciador ao estabelecer a pauta e posteriormente as características composicionais do discurso, quanto sua interpretação por parte do coenunciador.

Espera-se que os textos, sob estas normas, sejam redigidos em períodos curtos e com parágrafos frequentes, seguindo uma sequência que indica que sua parte inicial - *lead*<sup>27</sup> – responsável por cativar o interesse do leitor, seja a parte nuclear da produção jornalística, tendo, portanto, muita importância, especialmente quando se dimensiona o mercado, muito competitivo, relativo aos meios de comunicação. Dessa forma, busca-se pelos *leads*, recorrendo ao uso criativo da linguagem, uma maneira de sobressair, em meio a um pasteurizado campo, o jornalístico, em que os órgãos de informação estão ligados aos mesmos terminais emissores (agências de notícias ou centros difusores).

Nessa perspectiva, o que salta aos olhos, na composição de uma notícia, são seus títulos (título – subtítulo). Eles podem funcionar como apelo à leitura. Espera-se que eles expressem o teor nuclear da mensagem. Contudo, há uma tendência à padronização, segundo aspectos já levantados, também nos títulos:

- o título deverá ter o máximo de informação no mínimo de palavras. Uma síntese harmoniosa e chamativa – necessariamente agressiva;
- banir as generalidades e a vulgaridade e fugir de títulos vagos;
- dispensar sempre que possível os artigos, opção contestada pelos puristas;
- procurar frases compreendendo sujeito, predicado e complemento, ainda que apenas implícitos;
- os verbos devem estar no presente ou no futuro (e não no passado) na voz activa (e não na passiva);
- evitar o interrogativo, porque a dúvida diminui o impacto da mensagem. Evitar a vírgula; [...] (SOARES, 1986, p. 69).

Diante do exposto, percebe-se que a notícia e as partes que a formam, na imprensa falada ou escrita, é a “alma” do jornal, que dela, de sua composição, pode depender o sucesso da edição, daí que, entre os profissionais da área, como já antecipamos em outro momento, haja objetivo de tratar de uma notícia inédita, que nenhum outro órgão o fez, o chamado furo de reportagem.

No que tange à notícia escrita, como pudemos apurar, ela é ajustada segundo alguns manuais. Os aspectos elencados, que formam estes manuais, são responsáveis por estruturar e regular a redação em língua portuguesa e foram apresentados a fim de ampliar a visão sobre o tema e a título de comparação, podendo haver até uma tendência à massificação da linguagem, uma vez que

---

27 O substantivo inglês *lead* é sinônimo de precedência, primazia, guia, primeiro lugar, mas enquanto técnica, abertura ou entrada, trata-se do parágrafo com que se inicia a notícia e através do qual se pretende conquistar a atenção e adesão do público. (CAMASSETTO, 2003, p. 55)



seguem parâmetros definidos pelo gênero que pertencem. Porém, ainda, interessamos os manuais de redação em língua espanhola, segundo os quais, em função do campo jornalístico, os cursos de formação de jornalistas do Paraguai estabelecem normas de escrita.

Um desses manuais, Manual de Estilo da sociedade Interamericana (ALBERTOS, SOÀREZ, 1996), elaborado segundo as normas gramaticais previstas na *Real Academia Española*, mostra, logo de início a seguinte concepção sobre o uso da língua espanhola, na construção das notícias, condicionantes ao jornalismo de referência, em países que tenham essa língua como oficial:

*La lengua española, o castellana, es el instrumento primero y fundamental para el trabajo de miles de periodistas estadounidenses. "América española habla y escribe una lengua que es en la mayoría de los países la lengua de sus periódicos - decía en su introducción el Manual de Estilo del Instituto de Prensa de la Sociedad Interamericana de Prensa (1965). Propender a conservarla en su estructura y su riqueza de variaciones, a limpiarla de corruptelas, a unificarla en su léxico y en las acepciones de sus vocablos, es trabajar por su virtualidad como idioma."*<sup>28</sup> (ALBERTOS, SOÀREZ, 1996, p. 15).

Esta forma de pensar o uso da língua, neste campo, caminha para uma concepção higienizadora desta, segundo a qual, a clareza de ideias, o bom andamento do fazer jornalístico, ao bom gosto e a sobriedade exigidos serão expressos de maneira eficiente na língua de maior prestígio, obedecendo a um padrão monolinguístico.

Essas normas, formadas segundo aspectos sociais, históricos, culturais e ideológicos, se baseiam em uma visão purista da língua, não vislumbram os particularismos locais. Em seus preceitos, esta seria a forma de escrita, em nível culto, tida como ideal. Seu emprego é considerado como defesa de um bem:

*[...] la lengua de los periódicos iberoamericanos no es una lengua menor, sino, al contrario, esa lengua universal que llamamos español o castellano. La unidad de esa lengua es, por lo tanto, para los periodistas de nuestro continente un bien que importa defender en el seno de la comunidad de*

---

28 A língua espanhola, ou castelhana, é o instrumento primeiro e fundamental para o trabalho de milhares de jornalistas americanos. 'América espanhola fala e escreve uma língua que é, na maioria dos países, a língua de seus jornais – dizia em sua introdução o Manual de Estilo do Instituto de Prensa da Sociedade Interamericana de Prensa (1965). Propender a conservá-la em sua estrutura e sua riqueza de variações, a limpá-la de corruptelas, a unificá-la em seu léxico e nas acepções de seus vocábulos, é trabalhar por sua virtualidade como idioma. (tradução nossa) (ALBERTOS, SOÀREZ, 1996, p. 15).



*habla española. Defendiendo esta unidad estamos trabajando por la causa de la razón humana en nuestros pueblos. Y, al mismo tiempo, estaremos colectivamente en mejores condiciones para entender con todos los pueblos de la Humanidad.*<sup>29</sup> (ALBERTOS, SOÁREZ, 1996, p. 18)

Contudo, o manual em foco, em suas diretrizes, reconhece os níveis de fala, que existem diferenças entre a fala e a escrita, bem como, que a variabilidade do léxico da língua espanhola paraguaia ocorre devido aos fatores históricos de formação da nação, marcados por invasões de outros povos, portanto forjado por trocas culturais, tendo como resultado a incorporação de palavras árabes, algo de provençal, que desde sempre tem nutrido o idioma. Diante disso, reforçamos nosso posicionamento, ao entendermos que pureza das línguas é mais um sentimento ou desejo, ainda que a história e a prática a descaracterize.

O manual, com relação ao léxico, sugere:

*Hay que evitar siempre el empleo de palabras o de acepciones que no estén recogidas en el Diccionario. La mayoría de las veces, la palabra nueva o extraña está ya registrada en el diccionario con un sinónimo, aprobado por la tradición cultural y literaria de nuestros mejores autores clásicos. Por ejemplo, en lugar de mentalizar - vocablo todavía no aceptado por las autoridades del idioma - es preferible persuadir, imbuir, convencer, inculcar, etc.*<sup>30</sup> (ALBERTOS, SOÁREZ, 1996, p. 86).

O conteúdo do manual em voga é enfático quanto ao uso das palavras nos jornais da atualidade, em que, segundo a ótica defendida, eles têm produzido textos cada vez mais carregados de abusos, especialmente de uma linguagem corporativa, proveniente das relações econômicas, ou mundo dos negócios, mas não só decorrentes destes fatores, advertem os autores, a pobreza vocabular é fruto também do comodismo e aceitação social que esses usos encontram, mas que as

---

29 [...] a língua dos jornais iberoamericanos não é uma língua menor, senão, ao contrário, essa língua universal que chamamos espanhol ou castelhano. A unidade dessa língua é, portanto, para os jornalistas de nosso continente um bem que importa defender no seio da comunidade de fala espanhola. Defendendo esta unidade estamos trabalhando pela causa da razão humana em nossos povos. E, ao mesmo tempo, estaremos coletivamente em melhores condições para entendermos com todos os povos da Humanidade. (tradução nossa) (ALBERTOS; SOÁREZ, 1996, p. 18)

30 Há de se evitar sempre o emprego de palavras ou de acepções que não estejam coletadas no Dicionário. A maioria das vezes, a palavra nova ou estranha está já registrada no dicionário com um sinônimo, aprovado pela tradição cultural e literária dos nossos melhores autores clássicos. Por exemplo, em lugar de *mentalizar* – vocábulo ainda não aceito pelas autoridades do idioma – é preferível *persuadir, imbuir, convencer, inculcar, etc* (tradução nossa) (ALBERTOS, SOÁREZ, 1996, p. 86)

redações dos jornais deveriam se proteger desses ataques tecnocratas a fim de salvaguardar os níveis intelectuais de seus leitores.

O modelo em foco é, devido às questões sociais, históricas e ideológicas, claramente normativo, o que definirá sua eleição ou subversão, será o mercado de consumidores das notícias, uma vez que há leitores interessados em editoriais diversos. O modelo apresentado poderá ser rompido, até mesmo dentro das subdivisões dos cadernos de uma mesma edição. Ainda assim, há diferenças sensíveis, se compararmos a notícia no jornal de referência e no popular. No primeiro caso, dentre algumas variações de estilo, ela molda-se segundo as ideologias de grupos sociais influentes, que demonstram apressa pela norma culta, “bom gosto” e sobriedade, no trato da linguagem, quanto ao segundo, segue pelo caminho inverso. Nos deteremos em esmiuçar a notícia, sob a ótica popular.

#### **2.4.2 A notícia no Jornal Popular**

O mercado dos produtos jornalísticos populares se modificou, cresceu e se modernizou. Estes produtos, destinados ao público das classes sociais B, C e D, antes conhecidos e reconhecidos por um fazer jornalístico pautado em crimes, desavenças, contratempos conjugais, catástrofes e toda sorte de problemas e assuntos que formam o cotidiano, na maioria das vezes, de bairros periféricos das cidades, mudou. Nem só desses temas, os jornais populares atuais sobrevivem.

O público leitor dos jornais populares não compra o jornal somente atraído por histórias incríveis de crimes hediondos, mas sim, porque estes veículos se tornaram espaços prestadores de serviços e de entretenimento. Inclusive a palavra popular pode ser empregada em detrimento de sensacionalista, em função da carga negativa e estigmatizante desta; em contrapartida “popular” é um termo que identifica a empatia entre este tipo de imprensa e seu público-alvo, pelas características que já mencionamos acima. É interessante entender o percurso histórico pelo qual os jornais populares passaram.

Conforme Amaral (2006) *apud* Angrimani (1995) os primórdios da imprensa já mostram a presença de jornais populares:

[...] Na França do século XIX, os jornais populares de uma página eram conhecidos como *canards*, termo que significa conto absurdo ou fato não verídico. Os que mais faziam sucesso eram os sensacionalistas que

contavam histórias de catástrofes, crianças violentadas e eclipses[...] (AMARAL,2006, p. 17, grifo do autor)

Entre os anos de 1560 e 1631, França e Estados Unidos formam o berço de jornais, cujo estilo editorial se aproximava ao dos jornais populares da atualidade. Sua efetivação se deu pelas novas técnicas de impressão e desenvolvimento dos meios de comunicação (telégrafos e telefone), bem como o surgimento de anúncios. O fato é que o sistema de ensino precisou acompanhar essas mudanças, formando dessa maneira, o público leitor de jornais.

Os jornais, que somente exploravam temas ligados à política, buscaram retratar o cotidiano da população, estampando temas referentes a crimes e dramas familiares, por exemplo. Suas matérias se compunham de relatos ricos em detalhes, tudo feito para assegurar a fidelidade do leitor, além do valor destes impressos, bem mais baixos. Um exemplo deste tipo de jornal foi o New York Sun, fundado em 1833 nos Estados Unidos e o New York Herald (1887) no mesmo país, sendo o último com características semelhantes ao Sun (AMARAL,2006).

Além dos jornais citados, também nos Estados Unidos, o New York World, criado por Joseph Pulitzer e Randolph Hearst (1880) assegurava preços baixos e conquistava os leitores pelos títulos. Este jornal era destinado aos imigrantes e as classes operárias:

O New York World, encabeçado por Pulitzer em 1883, dirigia-se para os imigrantes e a classe operária. A circulação do jornal subiu de 15 mil para 250 mil exemplares em quatro anos. Pulitzer não dispensava a página editorial, os relatos, as cenas de costumes, os escândalos, o combate à corrupção e os dramas policiais que deveriam servir para fortalecer a influência sobre o público cada vez mais numeroso. *Batizado de sangue* foi a manchete do jornal para noticiar a morte de pedestres pisoteados numa ponte recém-inaugurada[...] (AMARAL,2006, p. 18, grifo do autor)

Pulitzer utilizava manchetes em vermelho, em algumas publicações, pois sabia de sua importância para a adesão do público, aliás, a partir de então, elas tiveram ainda mais peso. De fato o fazer jornalístico foi modificado a partir deste tipo de publicação. O estilo jornalístico instituído por Pulitzer, no Brasil, ficou conhecido como “marrom”, sendo os jornais pertencentes a ele, caracterizados pela abordagem de temas ligados ao cotidiano e à violência.

Segundo Amaral (2006):

[...] o sensacionalismo está ligado ao exagero; à intensificação, valorização da emoção; à exploração do extraordinário, à valorização de conteúdos descontextualizados; à troca do essencial pelo supérfluo ou pitoresco e inversão do conteúdo pela forma. [...] a superposição do interesse público; a exploração do sofrimento humano; a simplificação; a deformação; banalização da violência, da sexualidade e do consumo; a ridicularização das pessoas humildes; o mau gosto; a ocultação de fatos públicos relevantes; a fragmentação e descontextualização do fato; o denunciamento; os prejulgamentos e a invasão da privacidade tanto de pessoas pobres e como celebridades.[...] (AMARAL, 2006, p. 21).

O sensacionalismo está muito relacionado à exploração de temas ligados à violência e sua superexposição, uma vez que, é muito comum observarmos sua presença em coberturas policiais.

Os traços que identificam os produtos ligados à imprensa sensacionalista podem ser estratégias de mídia para ampliar o índice de leitores. A partir da subseção subsequente, vamos observar como estas características se manifestam no jornal *Diario Popular*, antes, porém, propomos uma imersão por uma breve história da imprensa e sua relação com as línguas (guarani e espanhol) no Paraguai até chegarmos ao noticioso em foco.

### **2.4.3 A imprensa no Paraguai: o lugar das línguas guarani e espanhol.**

Nas reduções jesuíticas estabeleceram-se os primeiros meios de comunicação em toda *Cuenca del Plata*. As primeiras prensas de madeira foram construídas em 1700, pelos padres Juan Bautista Neumann, Segismundo Asperger e José Serrano. Essas prensas estavam instaladas nos povos de Loreto, Santa Maria la Mayor e San Francisco Javier (BOSIO, 2008).

Um alto número de publicações foi produzido em latim, espanhol e guarani. Tratava-se de livros, folhetos, tábuas astronômicas e lâminas, publicadas entre 1700 e 1767 nessas localidades.

A publicação de sermões e o catecismo em língua guarani, por volta de 1724, feita pelo cacique Nicolas Yapuguay do povoado de Santa Maria la Mayor é um feito que marca o surgimento da imprensa em terras guarani. Contudo, ao longo de seu percurso houve percalços.

O Paraguai enfrentou o período de ditadura de Rodriguez de Francia sem imprensa e sem parlamento, somente em 13 de março de 1844, quando Carlos Antonio López assumiu a presidência, é que se começou a dar importância ao papel impresso. Este comandante ordena a edição de jornais como um meio de fortalecer a defesa nacional. O *Paraguayo Independiente* foi o primeiro jornal a surgir neste período, conforme aponta Bosio (2008):

*El primer número de El Paraguayo Independiente apareció el 26 de abril de 1845. Por eso se considera esta fecha como la originaria del periodismo nacional. Fueron publicados un total de 118 números de este periódico, cuyo último número fue del 18 de setiembre de 1852, año de la batalla de Caseros, donde Justo José de Urquiza venció a Juan Manuel de Rosas, eliminando así una de las barreras al reconocimiento de nuestra independencia [...]*<sup>31</sup> (BOSIO, 2008, p. 82).

Tendo como um dos redatores principais, o próprio Presidente da República, esse jornal foi uma publicação semanal, editada pela imprensa do Estado. Ele foi criado com fins políticos, pois o Paraguai necessitava registrar e divulgar suas conquistas de independência em relação à Província de *Buenos Aires*.

Pozzo (2008) aponta indícios sobre as atividades do jornal *El Paraguayo Independiente* como uma fórmula de representação da ideia de nação.

*[...] En sus páginas, su entonces director Carlos Antonio López publicaba leyes y decretos, polémicas con gobiernos extranjeros acerca del reconocimiento de la independencia paraguaya, textos periodísticos editados en diarios de la región acerca del país, e inclusive detalles de como ser la bandera paraguaya, los sellos empleados por el Estado, asimismo normativas con relación a los usos de la imprenta. Los textos publicados en los semanarios durante la Primera República Paraguaya (1811-1870), crean e imaginan un determinado modelo de nación [...]*<sup>32</sup> (POZZO, 2008, p. 67).

---

31 A primeira edição de **El Paraguayo Independiente** apareceu em 26 de abril de 1845. É por isso que essa data é considerada a origem do jornalismo nacional. Um total de 118 edições deste jornal foram publicadas, cuja última edição foi 18 de setembro de 1852, o ano da Batalha de Caseros, onde Justo José de Urquiza venceu Juan Manuel de Rosas, eliminando assim uma das barreiras para o reconhecimento de nossa independência [...] (tradução nossa) (BOSIO, 2008, p. 82).

32 [...] Em suas páginas, o então diretor Carlos Antonio López publicava leis e decretos, polêmicas com governos estrangeiros sobre o reconhecimento da independência paraguaia, textos jornalísticos publicados em jornais da região sobre o país, e até detalhes de como ser a bandeira paraguaia, os selos utilizados pelo Estado, bem como os regulamentos relativos aos usos da imprensa. Os textos publicados nos semanários durante a Primeira República do Paraguai (1811-1870), criam e imaginam um certo modelo de nação [...] (tradução nossa) (POZZO, 2008, p. 67).

As palavras impressas em papel adquiriam o sentido de um rito de instituição, por seu poder de nomeação e capacidade de construção da realidade, bem como a construção da ideia de nação, especialmente no período de formação das repúblicas americanas. Esta era a principal forma de fazer política, pois o que era publicado adquiria *status* de verdade.

Durante o período da Guerra da Tríplice Aliança surgiram alguns jornais, denominados de “trincheira”, a partir de 1867 esses jornais se caracterizaram pela linguagem empregada: rápida, ligeira, utilização do humor ácido e picante. Além disto, havia ainda a utilização, na redação dos artigos, das línguas espanhola e guarani.

Segundo Pozzo (2008), com a morte de Carlos Antonio López em 1862, seu filho, Francisco Solano López, assume a presidência e durante o governo de Solano a língua guarani não teve o protagonismo de outros períodos “Os estudantes eram alfabetizados em espanhol, em função da necessidade do Estado em formar uma elite de funcionários” (POZZO, 2008, p. 101 – tradução nossa). Essa elite era encarregada de estabelecer vínculos com os governos estrangeiros. Durante a guerra, as cartas e documentos eram redigidos em espanhol, mesmo sendo o guarani a língua mais usada pelos soldados e oficiais no *front*.

Sendo protagonista entre os soldados, ela foi também língua de comunicação dos jornais de trincheira, até mesmo funcionava como um estímulo, uma vez que estabelecia o sentido de união necessário.

Em 25 de abril de 1867 é lançado o jornal *El Centinela*, considerado sério e ao mesmo tempo jocoso, pois sua configuração editorial contava com seções nas quais empregava-se a língua guarani em músicas em tom de humor. Contava com um caderno escrito em idioma guarani. Esse jornal, assim como outro dessa mesma época, o *Cabichu'í* cumpriam o papel, conforme afirma Bosio (2008), de dar mais ânimo aos combatentes de guerra, pois havia a presença de um humor mordaz nas caricaturas e nas matérias.

O *Cabichu'í* foi considerado uma arma de combate, pois trazia a língua dos soldados expressa em suas matérias, bem como em poemas satíricos. Segundo Bosio (2008), [...] “no se trata de un periódico en guaraní, si no de un periódico con pequeñas secciones en guaraní, al mismo tiempo que transitado por frecuentes

*locuciones guaraníes de apimentado sabor popular*<sup>33</sup> (BOSIO, 2008, p. 92). Os poemas que misturavam guarani e espanhol fechavam as colunas de cada número:

*Mbohapy aña rymba  
Ojehu en este mundo  
Ojoguaetéva ifigura  
Karaja, jagua há burro,*

*Pedro II el Karaja  
El jaguá Bartolo Mitre  
Venancio Flores el burro  
Los de la Alianza Triple*

*Mbohapyve oñomoirû  
Ko'ã animal vai vai  
Há ojapo peteî contrato  
Oipyhy haguã Paraguay  
(BOSIO, 2008, p. 93 *apud* Melià, 1992).*

Esse pequeno poema satírico trata de três malditos animais, os quais se encontraram no mundo: o macaco, o cachorro e o burro. Cada animal mencionado é associado a um militar importante, sendo Pedro II, brasileiro, o macaco, Bartolomeu Mitre, o cachorro e Venancio Flores, o burro. Os três animais fazem um contrato para tomar o Paraguai.

O jornal *Cacique Lambaré* surge no dia 24 de julho de 1867. Este jornal era totalmente redigido em *jopará* e suas matérias apresentavam um forte tom patriótico, pois eram de propriedade do Estado e expressavam sua política.

O período pós-guerra da imprensa paraguaia foi marcado pelo surgimento de alguns jornais que expressavam a genuína intenção das elites políticas construir as bases de uma República, como afirma Bosio (2008), estudando as características básicas da imprensa desse período:

*[...] Dieron así origen a una fuerte campaña de orientación nacional. La prensa se hace sentir en todos los órdenes de la vida de la nación, fiscalizando e interviniendo en todas las actividades, orientando a la opinión pública. Basicamente, toda la prensa presentará un corpus de ideas liberales, sustentado por un eje temático vinculado a la jerarquización e inclusión al ejercicio de la soberanía popular*<sup>34</sup> [...] (BOSIO, 2008, p. 117).

33 [...] “não se trata de um periódico em guarani, senão de um periódico com pequenas seções em guarani, ao mesmo tempo que transitado por frequentes locuções guaranis de apimentado sabor popular” (BOSIO, 2008, p. 92, tradução nossa)

34 [...] Deram origem a uma forte campanha de orientação nacional. A imprensa faz-se sentir em todas as ordens da vida da nação, supervisionando e intervindo em todas as atividades, orientando a opinião pública. Basicamente, toda a imprensa apresentará um corpus de ideias



A lei favorável à livre expressão da imprensa orientava o fazer jornalístico da época que inclusive era oxigenado pelas novas ideias de jovens que haviam concluído os estudos em outros países e retornavam, ainda assim, muitos jornais foram perseguidos e tiveram que ser fechados para logo reiniciar com outros nomes, além de enfrentarem ameaças de leis inconstitucionais e o assassinato de alguns jornalistas.

Durante o período da Guerra do Chaco, surgiram outros jornais de trincheira. Semelhantes aos da Guerra da Tríplice Aliança, apresentavam como característica o uso do humor.

Porém, com a chegada ao poder do presidente general Alfredo Stroessner, a liberdade de imprensa é novamente ameaçada. Esse presidente liderou um golpe militar, entre 04 e 08 de maio de 1954. Apresentou-se como candidato único e foi anunciado presidente em 15 de agosto do mesmo ano. Durante seu governo, a imprensa era controlada pelo Estado, porém, alguns setores de oposição como o empresarial também lançaram seus jornais (*ABC e Última Hora*), o que levou o general Stroessner a elaborar leis sancionadas na constituição de 1967, que asseguravam que a crítica às leis era livre, mas ninguém poderia desobedecê-las. Jornais como o *Última Hora* foram fechados.

O Jornal *ABC Color* surgiu em 1967 e se destacou pelo inovador sistema de impressão, muito moderno, pela utilização de impressão a frio, via fotografia *offset*<sup>35</sup>. Pozzo (2007) destaca as vantagens que esse tipo de impressão trouxe no setor jornalístico:

[...] *La introducción del offset por ABC Color no solamente significó una ventaja en el aspecto de la calidad de la impresión, sino también introduce una nueva propuesta en el campo de la diagramación, que se transfiere al texto periodístico [...]*<sup>36</sup> (POZZO, 2007, p. 251-252).

Esse diário publicava 20 mil exemplares por dia e o uso das cores nas fotos acabou por revolucionar todo o sistema jornalístico do Paraguai. Além disso, esse

---

liberais, apoiado em um eixo temático vinculado à hierarquia e inclusão ao exercício da soberania popular[...] (tradução nossa) (BOSIO, 2008, p. 117).

35 Técnica de impressão na qual o papel corre pela máquina. Ideal para grande quantidade de impressão. O termo é empregado para qualificar a modernidade do sistema empregado para a impressão do jornal.

36 [...] A introdução do *offset* por ABC Color não significou apenas uma vantagem no aspecto da qualidade da impressão, mas também introduz uma nova proposta no campo do layout, que é transferido para o texto jornalístico [...] (tradução nossa) (POZZO, 2007, p. 251-252).



jornal tinha uma seção específica destinada à atividade política. Segundo Bosio (2008) é o primeiro diário que não abraçou a causa partidária ou governamental. Porém, Pozzo (2007) nos mostra que mesmo dando abertura para os partidos existentes na época, ainda assim, quando se publicava alguma notícia de interesse nacional dava-se destaque para a figura do então presidente Stroessner. Esse jornal representava os interesses da classe empresarial, assim como o *Última Hora*.

O *Última Hora* surgiu como jornal independente, muito preocupado com a notícia, sem se importar com sanções que poderia sofrer por parte do governo. O grande destaque deste jornal é a cobertura no campo cultural, como aponta Bosio (2008):

*Ha sido el único periódico en cubrir religiosamente los lanzamientos de libros en nuestro medio desde su fundación. Su 'Correo Semanal' contiene notas y artículos de renombrados intelectuales nacionales y extranjeros abordando temas variados, siempre actuales y relevantes.*<sup>37</sup> (BOSIO, 2008, p. 243).

Este jornal é até hoje um jornal de referência, no qual se emprega nas redações somente a língua espanhola. Certamente é o periódico que mais representa os interesses das classes sociais mais abastadas do Paraguai. É também muito respeitado e exerce grande influência na formação de opinião.

Ao longo da história do jornalismo no Paraguai podemos perceber que a elite, de uma forma ou de outra, seja pela elite governamental ou elite cultural, sempre esteve por trás das notícias.

Ao apresentar a gênese histórica dos jornais no Paraguai procuramos identificar o papel da imprensa escrita em seus diferentes momentos. Além desse fato, procuramos relacionar os acontecimentos históricos às línguas (guarani, espanhol ou *jopará*) empregadas nas redações das notícias. Resta-nos tratar da atualidade ao descrever o jornal *Diario Popular*.

#### **2.4.4 O que é notícia no *Diario Popular*: o jornal que mais gente lê.**

O jornal *Diario Popular*, como já mencionado, é um dos veículos de comunicação do Grupo Multimedia do Paraguai, empresa que possui uma cadeia de

---

<sup>37</sup> Foi o único jornal a cobrir religiosamente o lançamento do livro em nosso meio desde sua fundação. Seu 'Correo Semanal' contém notas e artigos de renomados intelectuais nacionais e estrangeiros, abordando temas variados, sempre atualizados e relevantes. (tradução nossa) (BOSIO, 2008, p. 243).

rádio e imprensa escrita. De grande tiragem (por volta de 42.000, segundo fonte do próprio, disponível em [www.hoy.com.py](http://www.hoy.com.py)). É editado em Assunção e distribuído por todo o país. Apresenta cobertura de notícias mundiais, locais e internacionais. Nas cidades mais importantes tem correspondentes que cobrem os fatos destas regiões. Juntamente com o *Diario Crónica* formam os dois maiores jornais que atendem à denominação de jornais sensacionalistas ou populares. É dividido em cadernos que enfocam notícias internacionais e locais, um caderno para crianças, um para esportes e outro para notícias policiais.

As seções e cadernos que compõe o jornal são: **a capa, o caderno *locales*, sucesos, os cadernos especiais e especial de domingo, *el mundo* e o caderno *deportes***. As capas são coloridas e bastante chamativas. Geralmente apresentam as fotos de mulheres famosas do Paraguai, muitas vezes em poses sensuais e com pouca roupa. Quando não são mulheres a estampar a capa, são fotos de jogadores de futebol ou momentos de algum jogo de algum time do Paraguai. As capas se destacam pelo conteúdo icônico, não verbal: imagens e verbal: manchetes.



Figura 01 – Capa do *Diario Popular*

Fonte: DIARIO POPULAR. Assunção: n. 8474, 04 nov. 2017, capa

Esta é a **capa** de um dos exemplares<sup>38</sup>. Nela podemos ver que o jornal segue o estilo tabloide, segundo o qual as notícias são mais curtas, a linguagem é mais rápida e as ilustrações são maiores. O tamanho é menor, medindo 35 cm por 29 cm. A capa revela uma preocupação com as imagens.

Como mercadoria que é, uma vez que atende às necessidades do mercado e os interesses econômicos são centrais, definindo seu modo de ser, este veículo investe na produção das capas. A capa em destaque é uma síntese do gênero popular da atualidade, pois busca seduzir o leitor, segundo um perfil delineado, pela seleção de imagens e a construção de manchetes que sejam vendáveis, algo que se mostra de extrema necessidade para o jornal impresso. A exploração da violência, recurso sensacionalista, ainda em voga, deixou de ser o foco central no jornalismo popular. Temas ligados à vida das celebridades, ligados ao assistencialismo ou relatos que envolvam injustiçados dividem espaço.

Na edição em foco (DIARIO POPULAR. Assunção: n. 8474, 04 nov. 2017), sua capa dá maior destaque ao caso de abuso sexual cometido pelo jogador de futebol, Jonathan Fabbro, namorado da modelo paraguaia, Larissa Riquelme, que se tornou famosa também no Brasil pela forma inusitada com que torcia para a seleção do Paraguai, durante a copa do mundo de 2014, pois colocava o celular entre os seios. Este fato, aliado à sua beleza, deram-lhe destaque na imprensa mundial. O jogador em evidência era acusado de molestar sexualmente uma menor, que segundo o jornal, era parente da própria namorada. Um escândalo!!

Outros destaques, menores, ainda formam a capa desta edição: a dançarina, modelo, estrela de um programa de dança que é comparada à atriz norte-americana Jennifer Lopez, especialmente pelo aspecto físico. Os ataques, com uso de arma de fogo, de afiliados a partidos políticos rivais. Para fechar, na parte inferior, à direita, da capa: um caso de feminicídio, um escândalo político e o caso da bailarina de show erótico, que foi presa por haver menores em seu espetáculo, tendo como medida cautelar a proibição de “chupar” (ingerir bebida alcoólica).

Algumas características semântico/discursivas saltam aos olhos nesta edição de capa, bem como em algumas matérias e manchetes: 1) não há a preocupação com a informação precisa ou seu caráter referencial, 2) muitas estão redigidas em *jopará*, 3) apresentam um estilo próximo da língua falada e 4) há ainda a presença do humor.

---

38 Esta capa não faz parte do *corpus* do trabalho sendo sua função a de ilustrar o tema abordado.

A manchete mais evidente na edição em voga: “Nena `acosada` ndaje por Fabbro...¿es pariente de Lari?” (Garota abusada, dizem, por Fabbro... é parente de Lari? - tradução nossa) servirá como exemplo, para ilustrar, de forma geral, algumas das características da linguagem escrita que desejamos ressaltar, sendo que estas mesmas, e outras, se percebem, constantemente, ao longo de outras seções. O que vale ressaltar, ainda, é a intenção do jornal, por meio, também da escrita, de aproximação e influência sobre seu possível leitor.

A manchete em questão não privilegia a informação em si, sem que haja um traço que demonstra isenção. Inicia o texto com o uso de um substantivo (*nená/menina*), atrelado ao uso familiar, empregado para referir-se ao membro com pouca idade e do sexo feminino. Essa forma de aludir à personagem em foco, vitimizada, exalta alguns traços (menina, de pouca idade, membro da família) que poderão contribuir para a configuração do tom da cena: dramático, ao mesmo tempo que situa o texto no campo opinativo pois impõe ao leitor a forma de apreciar a personagem, a medida que reforça seus aspectos físicos.

O segundo dado que podemos observar na manchete é uso das aspas na palavra *acosada* (“”) (“*acosada*”, cuja tradução ao português: “abusada”). O uso das aspas, nesse caso, indica sentido ambíguo, impreciso e talvez oposto. A vítima, de tão pouca idade, pode não ter sido abusada, segundo indica o uso desta pontuação. Esse tipo de construção discursiva exime o jornal da essência, segundo parâmetros que moldam o campo jornalístico: preocupação com os fatos, e o coloca como reprodutor de boatos.

Na sequência, a redação da manchete, que está em *jopará*, reforça a imprecisão e sentido irônico, ao empregar, como estratégia, a palavra em guarani *ndaje*. Trata-se de um verbo (dizer) que, neste caso, indica que existem rumores em relação ao fato, ou ainda, pode ser uma forma de expressar e dar “voz” ao pensamento coletivo. O fato de estar em guarani *jopará*, como veremos ainda, de forma mais profunda, afeta o leitor/coenunciador e ressignifica a intenção do locutor/enunciador: informação não preocupada com o fato, de caráter familiar, informal e popular.

Para encerrar essa pequena análise, ilustrativa, cujo objetivo é esmiuçar a linguagem empregada pelo jornal, o veículo termina a manchete usando um artifício que visa o *marketing*: o uso da interrogação, um estratagema empregado para

aguçar a curiosidade e cumprir uma das funções da mesma: promover a venda do jornal.

Último argumento empregado pelo noticioso na redação analisada, traço que reforça outros aspectos até então apontados, refere-se ao seu caráter popularesco, a maneira como nomeia outra personagem retratada, a modelo Larissa Riquelme, pelo diminutivo, abreviando seu nome: *Lari*. Essa modificação do nome próprio da famosa tem clara intenção de produzir efeito de intimidade com a retratada, intimidade esta que, pela exposição midiática da imagem da modelo em foco, transmite essa falsa sensação. Em língua oral, os falantes quando interagem, em situação de intimidade, algumas vezes se chamam por abreviaturas e nomes carinhosos.

Nas páginas do **caderno sucesos e locales** encontramos as ocorrências policiais de Assunção (capital do Paraguai) e de outras cidades como Luque, Villa Rica, Ciudad Del Este. O *Diario Popular* conta com jornalistas correspondentes que cobrem os acontecimentos por todo o país. Além das ocorrências policiais, estes cadernos apresentam acidentes de trânsito, problemas e dramas familiares, brigas entre casais ou vizinhos, entre outros temas desta mesma natureza.

A organização dos textos nestas páginas segue uma ordem de importância ou relevância das matérias, havendo um espaço maior para uma notícia e menor para outras curtas. De forma geral todas são curtas. Sobre esta seção, que é o foco central da análise, dedicaremos, mais adiante, atenção e profundidade necessárias. Nos **cadernos locales** são retratados, também, os fatos que envolvem política.

Os **cadernos especiais** geralmente são coloridos, assim como as capas. Apresentam matérias diferenciadas e de entretenimento. Uma de suas seções é “a puro chisme”. A palavra *chisme* pode ser traduzida como fofoca, com foco na a vida dos famosos do Paraguai e de outros países. Algumas modelos paraguaias são retratadas em trajes sumários. São apresentadas também algumas entrevistas com artistas.

O **caderno especial** de domingo “notas” apresenta, dentre outros temas, a opinião de um psicólogo especializado em sexologia, como forma de entretenimento “picante”, alguns artistas e jogadores de futebol são perguntados sobre algum tema relativo ao comportamento sexual (posição preferida durante o ato sexual, preferências, etc). Além das respostas há a análise do psicólogo.

Temas como saúde, bem-estar, lazer e cultura são tratados também nos cadernos especiais semanais e de domingo. Não há quase textos redigidos em

língua *jopará* nestes cadernos, tão pouco no *el mundo*, que cobre notícias internacionais, provenientes de agências. Temas referentes ao Brasil e a outros países da América Latina são bastante frequentes.

**Historias reales** é um tipo de texto, não jornalístico, próximo da literatura rosa, melodramática, onde são narrados temas amorosos como: envolvimento com homem casado, amores impossíveis, traições e decepções amorosas, êxitos amorosos, etc. As histórias são narradas em língua espanhola, apresentando no total de exemplares analisados apenas duas ocorrências de uso do *jopará*.

O jornal encerra suas edições diárias com os **deportes**. Este caderno apresenta a cobertura das atividades esportivas de forma geral, com grande destaque para o futebol. São apresentados os resultados das principais partidas. Os lances polêmicos, as vitórias e derrotas. As fotos apresentadas são coloridas. O uso do *jopará* não é tão recorrente quanto nos cadernos *locales* e *sucesos*.

De forma resumida, nota-se a configuração do *Popular*, que atende às ideologias, tais como a de adequação da linguagem e de gênero. O trabalho de editoração defini, seleciona, o que vai ser exibido e a quem deve agradar. Se há na imprensa de referência um modelo, como vimos, os populares, na contramão editorial, seguem um anti-modelo.

#### 2.4.5 El “popu” e o Antimodelo

Pelo que foi apurado, os jornais rotulados como sensacionalistas, como o *Diario Popular*, abrem espaço a informações ligadas ao cotidiano, relativas aos dramas de pessoas comuns, estes temas não escapam de serem noticiados por jornais tidos como “sérios”, já que, muitas vezes envolvem a violência, a qual está presente em todas as camadas sociais. Porém, a forma de abordagem e o espaço destinado às notícias, em ambos jornais, são diferentes.

Segundo Serra (1980), a seção policial, dentro de um jornal, representará o cotidiano de camadas da sociedade formadas por excluídos:

[...] é o espaço em que figuram como personagens centrais e atuantes aqueles cujo aparecimento no resto do jornal é impossível ou secundário. Pois em relação ao espaço total do jornal, eles são ‘desviantes’: marginais, ladrões, assassinos, traficantes, desonestos, homossexuais, prostitutas, menores delinquentes, em grupo, organizados ou individualmente [...] (SERRA, 1980, p. 19).

Se há uma topografia da notícia nas edições dos jornais: maiores, menores, detalhadas, superficiais, de capa, de esportes, entre outras, em seus múltiplos cadernos, certamente, o ambiente destinado aos personagens da sociedade, associados ao trabalho, à justiça e ao poder, enfim, a uma ordem social legítima, não são as páginas criminais, a não ser quando são vítimas, ou envolvidos em escândalos. Serra (*op. cit.*) nos diz:

Ora, ao situar as manifestações daqueles setores em seção especial, e ao designá-la como 'policial' ou 'criminal', é ao mesmo tempo como desviantes sociais e como ilegais que o espaço do jornal os representa. Unificando-os preferencialmente sob o tópico 'policial', indica-nos a instância policial como mediadora por excelência da normalidade e do desvio, colocando-a como agente normal para demarcar a outra e para garantir sua dominância em termos globais. (SERRA, 1980, p. 19).

Ocorre uma inversão da valorização do material jornalístico em jornais populares, ou rotulados como sensacionalistas, o que em um jornal "sério" seria uma anomalia, resguardado à seção especial, em jornais populares é corriqueiro e abrangente, tudo que se refere à vida popular se espalha por este tipo de impresso, sendo que os fatos relativos à violência ganham notoriedade.

Dias (2008) apresenta o resultado de uma pesquisa que aponta as formas como a violência é veiculada pela mídia impressa, ou seja, a forma como as palavras são manipuladas e transformadas em discursos da violência. Esta autora analisou o jornal popular Notícias Populares de São Paulo, e conclui que:

[...] o discurso da violência mistura, aqui, tragédia, malícia, humor grosso, preconceito sexual contra a mulher (cuja participação no fato trágico fica, pelo menos, dúbia), preconceito racial (chamar a mulher de *nêga* constitui uma forma de rebaixá-la socialmente) do que resulta, conforme vimos, ainda, [...] 'uma contribuição desse jornalismo para tornar a violência irreal e banalizada'. No fundo a malícia e o humor subvertem todos os valores. (DIAS, 2008, p. 116 grifo do autor).

A representação dos atos e estados da violência é convertida em linguagem, carregada de expressões e gírias muito pitorescas, que expressa as experiências vividas pelas classes operárias, em matérias de jornais como o *Diário Popular* do Paraguai ou o Notícias Populares<sup>39</sup> de São Paulo.

---

39 Jornal que circulou em São Paulo entre 1963 e 2001



Buscando encontrar uma maneira de provocar os leitores, por meio da linguagem, os discursos acabam por reproduzir uma ordem estabelecida, tendo como consequência a estigmatização da imagem do marginal como elemento que vive e pratica a violência no seu dia a dia, veiculado a uma forma típica de se expressar.

Para alcançar seus objetivos comerciais e construir um vínculo com o leitor os jornais populares se distanciam das regras previstas em manuais de redação, especialmente as que estabelecem o uso de linguagem formal e culta, criando um estilo próprio, uma espécie de antimodelo. (AMARAL, 2006).

O estilo jocoso da redação das matérias, a maneira de se apresentar por meio da linguagem, com o emprego da picardia e do humor em suas redações, são um diferencial, especialmente quando comparado ao estilo sóbrio e quase solene adotado por jornais de referência (*Ultima Hora, ABC color*, entre outros).

Exemplos do uso do humor são: *Kurepilândia* e *Rapailândia*. Estes neologismos formados a partir da sufixação e conseqüente transformação do nome original, realizada em função da expressividade que tais vocábulos podem causar, foram empregados nas redações do *Diário Popular*. *Kurepilândia* refere-se à Argentina e *Rapailândia* ao Brasil, pois, *kurepi*, em guarani, é o termo empregado para designar porco, porém, dependendo do contexto, utiliza-se para referir-se ao argentino. O sufixo *-lândia* indica terra (do inglês *land*). No caso do Brasil, o termo que se utiliza, em *jopará*, para brasileiro é *rapai* (variação do português rapaz) com acréscimo do sufixo *-lândia*.

Segundo Dias (2008), os efeitos de humor podem servir para amenizar os efeitos das notícias apresentadas, sendo este um recurso empregado pela equipe de redação do jornal *Diário Popular* em quase todas as páginas. Trata-se de um recurso empregado pela linha editorial do jornal analisado, porém presente em outros jornais populares.

Até mesmo temas “sérios”, como os fatos que envolvem política, são feitos de forma mais “leve”. Há uma coluna que se chama “chusma, chusma!!!” a qual descreve fatos que ocorreram na câmara dos deputados. A palavra *chusma*, em espanhol, traduz-se ao português por gentalha. A famosa série de Tv mexicana - Chaves, apresentava o personagem Kiko, cuja forma de insultar os vizinhos, era gritando “chusma, chusma!!!” – gentalha. A coluna *chusma, chusma!!!* tem um caráter crítico, quanto às atitudes dos políticos. Percebe-se, mais uma vez, que, assim como nas capas e em outras seções, há o uso de expressões sarcásticas.



Verificamos que o *Diario Popular* emprega também muitos termos no diminutivo, tais como: *abuelita*, *doñita* (avozinha e senhorita). Além do diminutivo, utilizam-se palavras abreviadas, tais como: *boli* (bolígrado – caneta), *Poli* (policía – polícia), *ña* (doña – senhora).

Palavras e expressões chulas também aparecem em algumas reportagens. Verificamos o caso do uso do termo *joder* (praticar o ato sexual).

A linguagem, em comparação com outros jornais, é coberta de termos e expressões populares, ditados, além é claro, do uso do *jopará*. Segundo Amaral (2006), uma das maneiras de conquistar o público a que se destina, cotidianamente, é pelo uso de uma linguagem mais simples e chamativa.

A maior parte dos jornais de segmento popular constrói um leitor dependente de seu assistencialismo e atraído pelo fato de seu rosto e sua fala publicados no jornal. Os jornais imaginam que o leitor gosta de se ver, contar suas histórias e as injustiças cometidas contra si,... (AMARAL, 2006, p.62).

Os temas das matérias que compõe as edições de jornais populares, de forma geral, não são somente tratam de violência, giram, também, em torno de problemas relacionados à saúde, educação e segurança pública, ou seja, são relativos aos descasos de órgãos públicos com relação a esta população. Outros temas são as fofocas sobre a vida dos famosos. Também se destacam os assuntos que tratam de esporte, em específico o futebol. As matérias procuram explorar os dramas cotidianos. O *Diario Popular* apresenta todos os aspectos mencionados.

Em seção anterior apresentamos algumas marcas de estilo sugeridas como padrão de texto jornalístico, adotado por jornais de elite. Na contramão dessa prática, os jornais populares obedecem a um esquema que se adéqua ao que os editoriais julgam ser o do perfil das classes sociais a que atendem e/ou representam. Para ilustrar estabelecemos o seguinte quadro:

**Quadro 2** - Contrastes entre jornais de referência e jornais populares no Paraguai.

<b>Jornal de referência/elite</b>	<b>Jornal popular</b>
Estilo sóbrio	Estilo exagerado e expressivo
Apelo aos fatos	Apelo às emoções - melodrama
Representa os interesses da elite e do Estado (línguas oficiais)	Explora o universo das periferias
Linguagem objetiva e direta	Emprego de expressões populares, gírias, humor acentuado
Última hora, ABC Color: língua espanhola e língua guarani	<i>Diario Popular</i> , <i>Diario Crónica</i> : língua espanhola e língua <i>jopará</i>

**Fonte:** do autor

Dentre os traços que marcam a dicotomia elite/povo, o que nos interessa mais é o linguístico, especificamente os populares, compostos por frases e expressões, como as que expusemos anteriormente, os quais podem reforçar a imagem amigável do veículo, necessária, para seus objetivos, que não visam somente ter o leitor para uma edição, mas sim um leitor assíduo, ainda que para alcançar essa meta seja necessário, pela informalidade dos discursos, romper com as normas discursivas que regem o padrão, estabelecidas segundo critérios calcados em fatores ideológicos, sociais, históricos e culturais.

Com intuito de apontar as bases que sustentam nossas análises, relativas ao *ethos*, dedicamos atenção a este tema sequencialmente.

### 3 UM ESTUDO DO *ETHOS*

Um estudo, como o presente, que se dedica a analisar a construção da imagem do enunciador e do outro, depreendida da materialização discursiva, que se caracteriza por ser realizada em uma língua que hibridiza guarani e espanhol, em um jornal popular, é um estudo que, necessariamente, envolve a comunicação, por conseguinte não há como omitir a existência de uma dimensão argumentativa, uma vez que, as edições de um jornal são produtos de uma empresa, necessitam ser vendáveis, estando a cargo de uma equipe de trabalho que deva assegurar essa qualidade, moldando esses produtos, sua linguagem (verbal e não verbal), de forma a conquistar adesão, que sejam acessíveis a seu público e a imagem projetada inspire confiança.

Diante disso, faz-se necessária uma discussão inicial sobre a argumentação e posteriormente sobre a argumentação na retórica, especialmente a aristotélica, por ela dedicar-se a discernir os meios de persuasão, tratando de estabelecer uma teoria da argumentação e da elocução, basilares para um estudo que tem por foco a construção do *ethos*, ainda assim, não podemos deixar de compreender as emoções nesse processo, antes de discutirmos a construção da imagem do enunciador, visto que, com base em Aristóteles (2005), com apoio de Mosca (2001), ponderamos que não há uma dissociação entre as características intelectivas e afetivas, entre as instâncias *ethos*, *pathos* e *logos*.

Sem perder de vista estas concepções, no corrente estudo, damos ênfase à formação do *ethos*, por via de sua atualização teórica, depreendida por pesquisas de (Maingueneau, 2005, Amossy, 2005), cujas bases também estão na análise do discurso francesa, segundo as quais, o lugar do *ethos* está na intersecção entre retórica e pragmática, ou entre retórica, pragmática e sociologia dos campos, convergindo, referentes, claro, ao *ethos*, para a elaboração das noções sobre a construção de uma imagem de si e do outro no discurso. Este processo implica o envolvimento do público leitor, seus sentimentos, crenças e valores (*pathos*), os quais são explorados pelo enunciador e concretizam-se na confecção do discurso, (*logos*).

A partir da retórica de Aristóteles, basilar em qualquer estudo sobre as maneiras de tornar um discurso eficaz, partiremos para a nova retórica de Perelman; Tyteka, fundamental em nossa análise, e sua contribuição para o entendimento da participação do auditório (leitores) na argumentação, uma vez que, em função dele o discurso é adequado, sendo dever do enunciador buscar nas crenças e valores a base para inspirar confiança.

Sob o aporte de Perelman; Tyteka, discutiremos a construção do *ethos*, desde a visão aristotélica até sua atualização, base de nossas análises, interfaceada pela Pragmática, proveniente dos estudos de Dominique Maingueneau (2005) e Ruth Amossy (2005), cujo aprofundamento exige interação com as pesquisas sobre estigma e estereótipo em Erving Goffman (2001) e Sociologia dos Campos de Pierre Bourdieu. Em se tratando de escolha enunciativa, há que se verificar seus efeitos, especialmente o de *ethos*, com auxílio da Análise Semiolingüística de Charaudeau (2008).

### 3.1 ARGUMENTAÇÃO

A argumentação, em alguns estudos, é vista como constitutiva da linguagem, já em outros, é vista como um ornamento do dizer, o que demonstra suas diferentes abordagens. Trataremos de percorrer alguns destes caminhos, visões, a fim de enriquecermos e darmos maior sustentação para nosso quadro teórico, concernente a este tema.

Contudo, nosso posicionamento alinha-se a uma visão contemporânea sobre o tema, interseccionada entre o estudo dos mecanismos empregados na argumentação, os quais operam no discurso e são base para entendermos que a persuasão, no contexto estudado, forma-se, também, pelo racional e emocional, pelo engendramento de uma disposição em relação ao enunciador, deflagrada por sua intenção de influenciar o coenunciador, visto que, o discurso estudado manifesta tanto a intenção argumentativa, quanto uma dimensão argumentativa<sup>40</sup>, ressaltando-se, por este prisma, uma perspectiva semântica e pragmática, assim como uma

---

40 A intenção argumentativa é proveniente da capacidade do discurso em foco de agir sobre o outro, de forma a persuadi-lo por meio do emprego de técnicas, estratégias. Já a dimensão argumentativa é decorrente da essência do discurso, de guiar a maneira de captar os agentes. (AMOSSY, 2006).

visão que envolve questões mais discursivas, propriamente: a que engloba os sujeitos, a história e a ideologia.

Abreu (2002) define o ato de argumentar como arte de convencer e persuadir, bem como Breton (2003), que aponta que o objetivo da argumentação é convencer, por armadilhas mentais, pela sedução e pela razão. Para convencer é preciso saber gerenciar informação, demonstrando e provando. Persuadir é saber gerenciar relação, é falar à emoção do outro. Define algumas condições para argumentar: 1) Ter definida a tese, que seriam as próprias ideias, ou ainda as respostas às perguntas que nos fazemos. 2) Ter uma linguagem comum, em acordo com o auditório. Ter a noção de que a clareza é uma responsabilidade de quem comunica. 3) Ter um contato positivo com o auditório, saber ouvir, ser sincero e com bom humor. 4) Agir de forma ética, ter a capacidade de ser crível (BRETON, 2003).

Convencer alguém de algo é um processo que está respaldado basicamente em teses e argumentos, baseados em fatos ou presunções, fundamentados em técnicas capazes de estabelecer conexão entre as teses, de adesão inicial à tese principal, bem como em argumentos (justificativas, premissas, pressupostos) organizados de maneira lógica durante o ato comunicativo.

Plantin (2008) observa que, do ponto de vista clássico, a argumentação está vinculada à lógica, à retórica e à dialética.

Além do aspecto lógico, Abreu (2002) observa os aspectos emocionais envolvidos no ato de persuadir e a necessidade de aprender a educar a sensibilidade para apurar os valores hierarquizados pelo auditório, baseados em fatores culturais, históricos e ideológicos. Estes aspectos sociais e ideológicos do uso da linguagem são abordados por alguns teóricos.

Breton (2003), quando trata do tema da argumentação, discute o ato de convencimento, o qual pode ser estabelecido pela sedução, porém, foca sua atenção no uso de raciocínios que levam em conta o auditório em uma situação de comunicação. Inscreve o estudo da argumentação no campo das ciências da comunicação e no triângulo: emissor – mensagem – receptor, também chamados: o primeiro de orador e último de auditório, pois argumentar é comunicar. Quanto a convencer, há que se ressaltar que isso não se faz a qualquer preço, antes sim, argumentar é raciocinar, ou ainda, organizar suas ideias de forma a expressá-las, dando boas razões para aderir a elas. Este autor observa que a argumentação faz parte da retórica, mas propõe que o seu bom uso implica em uma ruptura com a

retórica clássica, pois seu objeto evolui, a linguagem, os modos de comunicação e os valores evoluem, são matérias vivas. Ainda, por se tratar de comunicação, ressalta no processo argumentativo, a recepção do argumento.

Pela abordagem de Breton (*op. cit.*), entendemos que, ao passo que comunicamos, tornando nosso pensamento comum aos outros, se o fazemos de modo a agir sobre a opinião do outro, construindo uma intersecção entre os universos mentais de quem enuncia e quem coenuncia, estamos argumentando. Nossas opiniões são sustentadas por nossas crenças, valores e representação de mundo, ou seja, estruturados em ideologias. O autor questiona se tudo é argumentável?

Nesse ponto, constrói sua defesa da distinção e ruptura da argumentação com a retórica, pois defende que a retórica usa todas e diversas técnicas, que, quando empregadas às redes de linguagem, aprisionam o público, diferentemente da argumentação, por questões éticas de construção dos argumentos, faz o público crer, mas o manipula. Enfatiza a distinção ao demonstrar que no ato argumentativo, imerso em situações inter-humanas de uso, há o predomínio, ou dominante, do raciocínio, enquanto na retórica, há a dominante dos sentimentos. Ao longo do tempo alguns modelos (esquemas) foram desenvolvidos, os quais explicavam o funcionamento da argumentação levando-se em conta a dimensão linguística.

Plantin (2008), por meio de um percurso histórico, aborda os estudos da argumentação, apontando que os resultados das pesquisas nessa área, na virada do século XIX para o século XX, invalidam a retórica, por ser um método incompatível com o pensamento positivista e os estudos em argumentação concentram-se no direito e na teologia, basicamente. Somente nos anos 1950 estas investigações passam por um notável desenvolvimento, havendo uma reconstrução da retórica clássica, sendo a França o berço de propostas de novas teorias da argumentação. O modelo de Toulmin<sup>41</sup>, apresentado a partir dos anos 1950, é descritivo e baseado em esquemas lógicos, destacando as conexões lógicas entre os elementos que formam um discurso argumentativo: tese, argumentos e conclusão, ou seja, esse modelo é pensado para um discurso racional, bem como o fez Ducrot.

---

41 Modelo desenvolvido por Stephen Toulmin que explica desde o ponto de vista lógico a organização estrutural da argumentação sem que esta esteja imbricada em uma forma de interação.

Ducrot (2009) reflete sobre as marcas linguísticas da argumentação ao traçar a diferença entre argumentação retórica e argumentação linguística. Como argumentação retórica, define como: atividade verbal que tem por objetivo fazer com que alguém acredite em alguma coisa, para a qual tece críticas, observando suas limitações, uma vez que, em sua concepção, a retórica exige que a argumentação apresente as instâncias que fogem do racional e englobam os sentimentos (*ethos* e *pathos*). Este autor observa que a argumentação se fundamenta em um caráter racional (*logos*), que necessita justificar, o que para ele é questionável. Ducrot (*op. cit.*) define a argumentação linguística como encadeamento de proposições ligadas implícita ou explicitamente por algum conector (pois, portanto, por conseguinte...).

Em seus estudos, o citado autor, observa que, de fato, os discursos são formados por um *logos*, mas questiona se são suficientes para a persuasão, ou seja, critica os encadeamentos argumentativos expressos por meio do pois, portanto, e outros conectores, indicando que proposições calcadas nesse formato, em vista de sua insuficiência, teriam a necessidade de ser complementadas por fatores irracionais (*ethos* e *pathos*) (DUCROT, 2009).

Grosso modo, algumas pesquisas de Ducrot, referentes à argumentação, assumem uma concepção semântica, pois giram em torno da pressuposição nos atos de fala completos ou atos ilocucionários, as quais observam que em um ato ilocucionário os interlocutores, ao apresentarem as palavras, criam obrigações: em crer que o que dizem um ao outro é verdade, ou ainda, obrigando, dependendo da enunciação, apresentar uma resposta, sendo assim, até o que fica subentendido, deve ser decifrado pelos agentes envolvidos nestas ações. Dessa forma, sua tese desloca o foco para as palavras, sem esquecer, é claro, que existem as crenças e os sistemas sociais, porém ainda, o enunciado é argumentativo por ele próprio, em si mesmo, nem que seja o próprio silêncio ou um ato corporal, ressaltando, então, a importância do encadeamento, na medida em que, nos atos de comunicação, o que o enunciador disse e da maneira como disse, orientam a continuação do discurso, mesmo que seja por proposições diretas, ou ainda pressupostas.

As visões expostas, de alguma forma, rompem com a orientação lógica, expressa por: argumento - conclusão e caminham para um posicionamento alinhado à multiplicidade, e, por vezes, à contraditoriedade dos enunciados, pois eles não estão fechados em si mesmos. Para além do engendramento, das técnicas de persuasão, imbricadas à intenção argumentativa, sem, contudo, desconsiderá-los,

estão as situações de comunicação, em que, o uso da língua é condicionado à argumentação, podendo haver argumentatividade nas palavras, por elas próprias. Contudo, em vista de nosso objeto, nossa perspectiva abarca, também, a exterioridade, o espaço social.

Dittrich (2003), sob a luz da Semântica, da Pragmática, da Retórica e da Teoria da Argumentação, apoiado por outros autores, em uma perspectiva interdisciplinar, analisa a dimensão argumentativa ao estudar as expressões referenciais retiradas de textos que tratam de economia em revistas de circulação nacional, observando, que as reportagens desejam produzir algum efeito em seus possíveis leitores, estando essa ação imbricada no ato de interlocução, conduzindo quem lê a acreditar no que lê, pois, entre a escolha entre uma expressão ou outra, uma palavra ou outra, dependendo do contexto, estas podem revelar mecanismos que sustentam determinada interpretação, e que, longe de serem isentas, expressam opinião.

Seu estudo é realizado por meio de uma abordagem, que se configura híbrida, por estar situada na interface entre a Semântica, quando toca às condições de verdade dos enunciados estudados, e a Pragmática, relativa à intenção comunicativa de quem os profere. Duas pontas, uma delas preocupada pela relevância da informação e a outra com a dimensão argumentativa.

Quanto à dimensão argumentativa, este autor pondera:

(...) Dentro da margem de escolha que a língua permite, o autor tem o direito de optar – no caso das descrições definidas – pela combinação mais adequada para indicar o referente, informando sobre determinado fato e, ao mesmo tempo, levar o interlocutor a crer em uma versão dos acontecimentos. (DITTRICH, 2003, p.78).

O autor citado concorda com a existência, segundo a teoria da relevância (*apud* Spencer e Wilson, 1995), de dois tipos de intenção em uma comunicação verbal, a informativa e a comunicativa, sendo estas as pistas do autor sobre sua representação da realidade. Porém, Dittrich (2003) assevera a existência da intenção argumentativa, que perpassa as duas outras citadas, a qual, justamente, tem relação com a escolha da representação referencial que vai simbolizar determinado objeto, em que o autor manifesta que a informação deve ser processada a partir de determinado contexto.



Nosso alinhamento, relativo à argumentação, devido aos traços que formam os discursos analisados no presente estudo, corresponde a um posicionamento entremeado pela dimensão e intenção argumentativas, visto que, tais discursos demonstram, com relação ao primeiro aspecto, ser inerente ao seu gênero, não uma estratégia persuasiva direta. Já, com relação à intenção, ela é deflagrada em decorrência da ação do enunciador, em organizar os elementos discursivos, ou seja, pela eleição do *jopará*, por recorrer a um repertório linguístico (espanhol, guarani) com a finalidade de comunicar de forma efetiva, que culmina na redação das notícias das páginas policiais como estratégia. Dessa forma, devemos abarcar, por este prisma, a questão da interação, a imagem que o enunciador deseja construir, em função do universo cultural do coenunciador, a fim de conquistar adesão, seu lugar social.

Ao tratarmos da dimensão e intenção argumentativas, em textos jornalísticos, segundo o contexto em questão, não poderíamos deixar de pensar na retórica, tema que aprofundaremos sequencialmente, porém, antes, necessitamos discutir a argumentação inscrita no discurso.

### **3.1.1 Argumentação inscrita no discurso: perspectivas**

Segundo Amossy (2011), é inegável que a tomada da palavra, mesmo que sem intenção de convencer, persuadir, ainda assim, exerce algum tipo de influência, orientando o modo de pensar ou agir, o que encaminha, quem dedica investigação a um tema que engloba esta esfera, ao imbricá-lo à Análise do Discurso, à sua constituição basilar.

Diante de tais constatações, a autora argumenta em função desta perspectiva, visto que “a argumentação é inseparável do funcionamento global do discurso, e deve ser estudada no quadro da Análise do Discurso.” (AMOSSY, 2011 p. 132). Isto, aplicado ao tema do presente estudo, indica que os discursos, tais como a notícia de jornal no contexto estudado, por revelar uma dimensão e intenção argumentativa, inscrevem-se nesta fundamentação: discursiva, pragmática e retórica.

A Análise do discurso (AD), segundo seus preceitos básicos, no que tange à argumentação, se debruçará sobre a língua, diferentemente de outras correntes que abordam o tema, como já constatamos, como um encadeamento de proposições

lógicas, o que não as desqualifica. Antes, essa linha observa que a argumentação está na densidade da língua (PECHÊUX, 1975), ou seja, nos seus recursos (ambiguidade, estereotipia, conectores, dêiticos, polissemia, metáforas, entre outros), sem mencionar o meio em que se produz; em suma: o enunciador leva em conta as características de seu coenunciador; cada discurso é produzido num espaço de tempo e num lugar social; para a análise deve ser observada não somente a materialidade (os recursos já citados) se não o que orientou o enunciador a fazer suas escolhas e organizar sua argumentação, da forma como o fez.

Pelo viés da Análise do Discurso (AD) francesa, segundo Pechêux (1975), interconectamos a argumentação à materialidade discursiva e às condições de produção.

Quanto à materialidade, ela está imbricada à língua, como já mencionamos, enquanto trabalho simbólico; aos sujeitos, enquanto indivíduos, situados em tempo histórico, dotados de capacidade enunciativa e interpretativa, portanto interpelados pela ideologia, sendo estes os pressupostos para a produção de sentido, e, conseqüentemente, constituintes das condições de produção discursiva (PECHÊUX, 1975).

Com relação às condições de produção, elas englobam não somente os sujeitos, mas também a situação, os quais formam o contexto, o qual abarca: as circunstâncias da enunciação, os fatores sociais, históricos e ideológicos, que, relativos ao nosso objeto de estudos, correspondem ao gênero: notícia, em jornal popular, como também às questões que envolvem o prestígio das línguas “puras” paraguaias, o espanhol sobrepondo-se a todas; à apreciação da não afetação da linguagem e à conexão do *jopará* ao universo cultural do leitor do *Diario Popular*, entre outros fatores.

Por esta perspectiva, nas formações discursivas, considera-se que há relação entre os discursos, visto que, sua materialidade, suas formações ideológicas, os sentidos produzidos, estão conectados, na medida em que as palavras não têm sentido completo, por elas próprias, mas sim como parte do discurso, estes, por sua vez, delineiam-se em outros. As articulações entre os discursos, os sentidos, dependem do antes dito.

Segundo este aporte, neste ponto, situa-se a argumentação, pois, o enunciador, a partir de seu lugar de enunciador, tem uma expectativa em relação ao coenunciador, portanto ao argumentar projeta-se a imagem de si e do outro.

Partindo desses pressupostos basilares, a Análise do Discurso francesa, entende como a argumentação se inscreve, tanto na materialidade discursiva, como na forma como os discursos se inter-relacionam. Por este aparato teórico e metodológico é possível descrever o funcionamento do discurso de forma a não omitir sua dimensão argumentativa.

A partir desta conjectura, não deve ser negligenciado por pensadores, que, no ato de enunciação há a presença dos sujeitos (enunciador/coenunciador), havendo, portanto, entre eles, o desejo de influenciar, de algum modo, como nos apresentam algumas correntes da pragmática em que: “o dizer é um fazer” (AMOSSY, 2011 p. 129).

Como já apresentamos, os conceitos de argumentação são variados, segundo correntes, que vão de Aristóteles a Perelman, passando por Breton, os quais, em linhas bastante gerais, giram em torno do uso da linguagem com intuito de conseguir a adesão e o convencimento. Amossy (2011) propõe uma visão mais ampla da argumentação, alinhando-a às bases da Análise do Discurso francesa, à retórica e à pragmática, segundo a qual, pode ser entendida como “ a tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário.” (AMOSSY, 2011 p. 130), o que amplia a concepção de Perelman, no que tange a: aderir a uma tese.

Essa atualização, proposta pela autora, atinge também as formas de pensar, ver e sentir, ou seja, uma gama de situações argumentativas, as quais envolvem o confronto de ideias, daí seu estudo conectar o quadro comunicacional ao social e histórico, enfim, por ele observamos que é necessário abarcar a forma como o enunciador organiza os elementos discursivos, tendo em vista o perfil do coenunciador.

Neste ponto é que Amossy (2011, 2005) indica a necessidade de retomada de um pilar da retórica clássica: o *ethos* ou a construção da imagem de si; e, acrescentamos, em decorrência de nosso estudo, o *pathos*: a construção discursiva da emoção, o que trataremos ao longo desse capítulo. Em outras perspectivas estas instâncias não são observadas. Ainda resguardamos uma subseção dedicada ao *ethos*.

### 3.2 A RETÓRICA

Segundo Reboul (2004), a Retórica nasce na Sicília, por volta de 465 a.C., após a expulsão dos tiranos. Nasce da necessidade do povo de defender-se juridicamente com o objetivo de resguardar sua causa, já que neste período não havia advogados. A Retórica surge no âmbito judiciário tendo como definição primeira, dada por Córax, como “criadora de persuasão” (*apud* REBOUL, 2004, p 3). Por mãos, ou melhor dizendo, capacidade retórica, os logógrafos redigiam as queixas sustentando a capacidade de convencer qualquer pessoa ou coisa através do poder persuasivo. Sua retórica não argumentava a partir do verdadeiro, mas a partir do verossímil.

Segundo o autor supracitado, Corax e Tísias procuraram apresentar os estudos da verossimilhança e defenderam o seu entendimento por meio da ciência, o qual se daria pelo raciocínio, ou seja, através da organização das ideias, em suma: do *logos*.

Desta maneira, a retórica é composta pelo argumentativo e pelo oratório. A argumentação, neste campo, reside na capacidade, lógica, de elaborar proposições destinadas à sanções. Por este prisma, argumentação implica ter em conta o auditório, visto que é dirigida a ele, realiza-se por meio da língua, baseia-se em premissas verossímeis e depende da ação do orador, além, é claro, de oferecer conclusões contestáveis (REBOUL, 2004).

O mesmo autor observa que, Górgias e outros sofistas atribuem poder à palavra, não necessariamente à verdade que ela carrega, mas o poder de convencimento que se estabelece através de seu uso e sua relação com o auditório. Os sofistas concebem a retórica como arte do discurso persuasivo. Sua contribuição para os estudos retóricos é, sem dúvida, importante, principalmente no que se refere às habilidades no falar e manuseio das palavras com objetivo de convencer seu interlocutor, o que, de certa maneira indicam relações de força e relações de poder.

### 3.2.1 Retórica, Discurso e Poder

Tratar de argumentação implica, necessariamente, retomar o estudo do discurso, sob a ótica clássica, pelo aporte grego. Como apuramos, a persuasão estava atrelada ao uso da palavra em sua vertente oratória, sobretudo, em expor suas ideias publicamente. Era necessário convencer de forma elegante, unindo arte e espírito. Daí podermos traçar uma relação entre retórica, discurso e poder, tendo em vista que a retórica é a disciplina que nos ofereceu as primeiras reflexões sobre a linguagem, seu uso. Ela nos brinda a possibilidade de estudo, não da língua, mas sim do discurso, ou seja, concernente ao uso das palavras com objetivo de convencimento, enquanto ação sobre os espíritos, enquanto prática e persuasão, por meio de uma eficácia simbólica, o qual poderá tornar-se instrumento de dominação e poder.

As relações de poder estão inscritas nas mais diversas ações, inclusive as práticas discursivas, segundo Correia (2007) observa: “constitui um domínio particular do exercício do político pelas práticas discursivas e sua instrumentalização reflete uma vertente estratégica das relações de poder, [...]” (CORREIA, 2007, p. 19). Neste âmbito, a linguagem se torna uma arena das lutas políticas, materializada pelas palavras, nos discursos.

O discurso, pelo viés da retórica, é, também, mesmo que não seja de forma tão incisiva, um aporte para o presente estudo, uma vez que analisamos notícias, em um jornal popular, cujo intuito é o convencimento, segundo Reboul (2004), refere-se a toda produção verbal, com unidade e sentido, que, por uso de técnicas, tem objetivos persuasivos. Técnicas como a fabulação, a simulação, a polidez, a calúnia e o equívoco, as quais podem ser empregadas com propósito, também, de sedução.

Um exemplo de efeito de sedução pelo discurso é um elogio, o qual afeta uma das partes envolvidas, em uma situação de comunicação, sem que este se de conta da manipulação por trás dessa ação. Há que se falar dos discursos políticos ou públicos, hábeis na técnica, os quais nunca abrem mão totalmente de formas de controle e dominação, sendo uma ação comunicativa, onde os conflitos e

divergências surgirão e para resolvê-los há recorre-se à diplomacia, à organização dos argumentos, à persuasão.

Já para Aristóteles a retórica deve ser exaltada não como poder somente da palavra, como o faziam os sofistas, mas sim no peso de um discurso procedido por silogismos ou entimemas.

### 3.2.2 Retórica. A contribuição de Aristóteles:

Aristóteles (2005) afirma que a retórica e a dialética são faces da mesma moeda, assemelham-se, pois ambas artes abordam os meios de persuasão, sendo que, para a retórica o que está em jogo é o argumento crível, ou que tem aparência de ser, já na dialética há o silogismo verdadeiro e o aparente (ARISTÓTELES, 2005, p. 48). Ele deixa claro que a função da retórica, antes de ser a de persuadir, é, contudo, a de apresentar os meios de persuasão, diferenciando-os. Dessa maneira, este filósofo define a retórica como “a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” (ARISTÓTELES, 2005, p. 48). Acrescenta ainda: “(...) tem, por assim dizer, a faculdade de descobrir os meios de persuasão sobre qualquer questão dada.” (ARISTÓTELES, 2005, p. 49).

Este autor ainda define os aspectos que formam o sistema retórico:

Estrutura lógica da retórica: As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: a) quando estão associadas ao caráter moral do orador, em que ele se mostra digno de fé, uma vez que é próprio do ser humano acreditar mais depressa em pessoas honestas, sendo que a confiança se estabelece também pelo discurso; b) quando os ouvintes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pelas paixões; c) pelo próprio discurso, pela verdade ou o que parece verdade. (ARISTÓTELES, 2005, p. 50).

À luz da razão, Aristóteles estabelece, então, uma nova teoria sistematizada envolvendo a integração entre a razão (*logos*) e a emoção (*ethos* e *pathos*). Este mesmo autor irá definir três tipos de argumentos: os apoiados na razão, no caráter moral do orador e na emoção.

Aristóteles(*op. cit.*) organizou sua obra em três livros. Sendo que, o livro I é onde ele traça a concepção dos argumentos e a adaptação entre os mesmos e o público, de acordo com os gêneros (judiciário, deliberativo e epidítico). Já no livro II recai a atenção sobre o receptor, suas emoções e novamente os argumentos,

porém, como são recebidos e não concebidos. No livro III, o foco está na mensagem, com destaque à *lexis* ou *elocutio* (figuras) bem como à *taxis* ou *dispositio*, ordenação das partes do discurso.

O sistema retórico, segundo Aristóteles, está dividido em 4 partes: a invenção, a disposição, a elocução e a ação. Segundo Reboul (2004), sobre a elocução: ela é a redação do discurso; “...quem quiser persuadir o grande público não poderá permitir-se incorreções nem preciosismos...” (REBOUL, 2004, p. 62).

A disposição é a organização dos argumentos de modo que se ordene na redação do texto a forma como dizer o que se pretende dizer. Já a ação, como sugere o nome, é a exposição e manifestação do discurso.

#### Quadro 03 - Sistema retórico

<b>INVENTIO</b>	<b>DISPOSITIO</b>	<b>ELOCUTIO</b>	<b>ACTIO</b>
Encontrar o que dizer; Etapa argumentativa; O assunto que se vai tratar.	Ordenar o que encontrou; Ordenar os argumentos; Etapa textual; Organização das ideias; Organizar o modo de dizer.	Ornamentar a linguagem; Redação escrita do discurso; Argumentação.	Atuar: usar gestos e dicção; Trabalho de exposição.

Fonte: do autor, com apoio nas ideias de Reboul (2004)

Tendo em vista a necessidade de comprovação da presente tese, pelos objetivos já mencionados, nos deteremos, dentro do sistema retórico, a explanar sobre o *inventio* e *elocutio*.

#### 3.2.2.1 O inventio

A invenção, segundo Reboul (2004), é a primeira parte da Retórica de Aristóteles e tem sua definição baseada em ideias polarizadas, o que pode ser algo ambíguo, já que por um lado é o “inventário”, a observação e organização pelo orador, dos argumentos ou procedimentos retóricos; e por outro é a “invenção”/ criação de argumentos, aliada à criação do sentimento de confiança que inspirará seu discurso, no auditório.

Já Roland Barthes (1975), sobre o *inventio*, salienta:

[...] Essa ideia da *inventio* implica dois sentimentos: por um lado, uma confiança inabalável no poder de um método, de um caminho: se lançarmos

a rede das formas argumentativas sobre o material com uma boa técnica, teremos certeza de colher o conteúdo de um excelente discurso; e por outro lado, a convicção de que o espontâneo, o ametódico não conduz a nada: ao poder da palavra final corresponde um nada da palavra original. O homem não pode falar se não concebeu sua palavra, e, para gerá-la, há uma *techne* especial, a *inventio*. (BARTHES, in COHEN et al., 1975, p. 183).

Este autor indica que não há muita invenção, no que se refere aos argumentos, o que há, sim, é técnica e método. A fim de alcançar seus objetivos persuasivos, o orador deverá cuidar da ordenação dos mesmos, da ornamentação do discurso, o qual estará enquadrado e amparado por um gênero. Esta visão ressalta nosso posicionamento, relativo ao discurso e à argumentação, já antes trabalhada, uma vez que, observamos, nestes âmbitos, suas dimensões internas, concernentes à organização dos elementos discursivos, à disposição lógica/argumentativa, assim como suas esferas exteriores, que correspondem ao sujeito, à histórica, à ideologia e à regulação das ações discursivas em função do auditório (perfil de leitor).

Logo de haver encontrado: o que dizer, é preciso adaptar a ideia ao código e efetivá-la por meio da elaboração do discurso escrito (*lexis*).

### 3.2.2.2 O Elocutio

Reboul (2004), baseado nos estudos de Aristóteles, confirma que a elocução é a terceira parte da Retórica Aristotélica, a qual trata da língua e do estilo, em termos técnicos: a redação do discurso. Para se construir o discurso, o enunciador deve observar algumas regras, dentre elas, a vivacidade, pela qual mostra sua pessoa, por meio de escolha de palavras, poderá construir seu *ethos*, pois torna o discurso marcante, agradável e cativante, em suma: autêntico.

Chamamos nosso objeto de análise para essa discussão, a fim de tornar mais visível esse referencial teórico, o qual nos apropriamos. O jornal *Diario Popular*, pelo uso de palavras em guarani *jopará*, mostra-se vivaz, demonstra organização dos elementos discursivos com intenção de convencer, mostra-se confiável:

*Opyta yvýrupi (Encarnación)*

*Un vendedor quedo yvýrupi, luego que malandros le robaron su motocicleta mientras ingresó a un negocio para levantar pedidos de mercaderías. El ñemonda se produjo jueves ka'aru, frente al local comercial "San Roque" y resulto víctima Julian Fernando Aca (24), domiciliado em el barrio Santa Maria de esta ciudad. El muchacho he'i que dejó estacionada su moto*



*marca Star 125cc frente al negocio donde entró sapy`ami, pero al salir ya no encuentro más su mba`yru.*<sup>42</sup> (DIARIO POPULAR. Assunção: n. 5908, 08 abr. 2011, p. 8).

Perelman, Tyteca (2002) chamam a atenção para a forma como os argumentos serão apresentados, de maneira que se tornem presentes às nossas consciências. Isto aplicado ao trecho em foco, nos direciona a observar que o discurso, enquanto matéria, está repleto de frases curtas e de expressões familiares, decorrente do uso da língua, com intenção deixar a linguagem mais próxima da suposta fala de seu leitor. A clareza, constata-se como algo fundamental.

A notícia analisada nos aponta indícios do fazer jornalístico seguido pelo *Popular*. Os textos são objetivos, diretos, curtos. A notícia conta com um título e corpo do texto. O título *Opyta yvýrupi*, escrito em (trans)língua *jopará*, é um diferencial, visto que, a maioria dos jornais paraguaios, segundo apuramos, empiricamente, opta pela redação em espanhol.

Reboul (*op. cit.*), com base em Aristóteles, afirma sobre a necessidade de clareza que o discurso, segundo esta visão, deve ter, para alcançar seu propósito, que é comunicar, para tanto, ele não deve ser nem superficial, rasteiro e nem acima de seu valor, mas adequado, sendo estes traços, consequência, também, da escolha de palavras.

Nas palavras de Reboul (*op. cit.*)

[...] a retórica criou uma estética da prosa, uma estética puramente funcional, da qual tudo que é inútil é excluído, em que o mínimo efeito de estilo se justifica pela exigência de persuadir, em que qualquer artifício gratuito engendra preciosismo ou vulgaridade. (REBOUL, 2004, p. 62).

A notícia, exposta anteriormente, sobre a qual dedicamos atenção, como forma de exemplificar o funcionamento do *elocutio*, no que tange ao estilo<sup>43</sup>, nos aponta que o esquema de composição textual mostra características de texto jornalístico, o qual deve limitar-se a não demonstrar uma opinião direta do redator, mesmo que isso seja uma abstração, estar atento aos fatos, além de usar uma

42 Um vendedor ficou a pé logo que os ladrões roubaram sua motocicleta enquanto entrou em um estabelecimento para fazer pedidos de mercadorias. O roubo aconteceu na quinta-feira à tarde, em frente ao local comercial “São Roque” e resultou vítima Julian Fernando Aca (24), domiciliado no bairro Santa Maria desta cidade. O rapaz disse que deixou estacionada sua moto da marca Star 125 cc em frente ao negócio onde entrou um momento, mas ao sair já não encontrou mais seu veículo. (tradução nossa) (DIARIO POPULAR. Assunção: n. 5908, 08 abr. 2011, p. 8)

43 Reboul (2004) ressalta que o estilo está conectado à estética do discurso, ao uso da técnica com exigência de persuadir. Por este prisma, alinha-se o discurso ao estilo, por seus pólos: assunto, auditório e orador.

linguagem simples e clara. Já quanto ao uso da língua *jopará*, segundo o apurado, ela, concernente à elocução, representa a escolha do modo de expressão apropriado para o discurso, pois, o contexto exige do orador o conhecimento do público a que o destina. Diante destes pressupostos, recai a importância da abordagem de uma linha teórica preocupada com o auditório (perfil do público leitor).

### **3.2.3 A importância do auditório. A importância da palavra**

A *Nova retórica* de Perelman & Tyteca, de forma geral, é um estudo amplo, dedicado à argumentação, que segue os preceitos da retórica e da dialética gregas. Coube, portanto, a estes autores, a tarefa de reabilitar o saber persuadir, antes desprezado. Eles trouxeram à tona, a pesquisa em torno dos meios verbais empregados pelo orador, com objetivo de conquistar adesão à tese proposta.

Como se nota, o auditório (perfil de leitores) é essencial, porém, o que essa teoria aponta, é que o foco de análise está no texto escrito, composto por meio de técnicas referentes ao manuseio da linguagem, de forma a torná-la apta para o convencimento, havendo ainda, para esse fim, elementos advindos de condições psíquicas e sociais, essenciais para efeitos argumentativos (PERELMAN; TYTEKA, 2002).

Para tornar seu pensamento comum a outrem, ou seja, comunicar suas ideias, é mister o envolvimento dos agentes, visto que, um ser se expressa a outro, pelo uso de uma linguagem, comum a eles. Para convencer, entretanto, além de tornar seu pensamento comum a todos, é necessário ordenar os argumentos, de forma ponderada, mostrando preocupação e apreço, um pelo outro, de maneira que prendam a atenção, mutuamente, favorecendo o contato entre os espíritos.

As condições psíquicas, e, em especial, as sociais, serão úteis, uma vez que, além do caráter, o enunciador depende, para persuadir, do meio social. Como já mencionado, para alcançar seus objetivos, o enunciador eficiente, poderá adaptar seu discurso ao auditório (podendo, este, ser formado por uma única pessoa), levando em conta aspectos relativos à sua inserção social: sexo, profissão, idade, religião, língua, entre outros fatores, os quais formam uma espécie de acordo, em se deseja, por meio do discurso, ser bem julgado, aplaudido e aceito.

Em se tratando de auditório, Perelman, Tyteca (*op. cit.*), distinguem, baseados em conceitos filosóficos, que envolvem a lógica e a razão, o auditório particular do

auditório universal, ainda que este último seja uma abstração, quando se trata da concretude do ato de linguagem, uma vez que compreende o conjunto de todos os seres humanos, ainda assim, é conceitual, quando se trata de texto escrito, em virtude de estar atrelado à argumentação convincente, já um diálogo face a face refere-se a uma argumentação persuasiva, visto que engloba um único interagente. Por seus termos, o universal corresponde àquele que se opõe ao local e individual.

Por força de associação a uma imagem de razão para o convencimento, por meio de seus discursos, uma argumentação que se dirige ao auditório universal deve se ater aos aspectos éticos e a uma padronização elitista e normativa, influenciando, inclusive, a deliberação íntima, uma vez que, consciente de sua crença e preparado para defender seus argumentos, estes serão dirigidos a um auditório (universal) na tentativa de convencimento, os quais já convenceram, intimamente, a quem tem a palavra. As crenças e valores, como percebemos, são essenciais para persuadir, interna e externamente, pois são tradicionais, aceitos e ainda compõe o gênero epidíctico.

Os discursos epidícticos são um gênero em que o orador elabora o discurso mostrando seu ponto de vista ao elogiar ou censurar o referido por ele na redação, e, contando para isso com o apelo aos valores comuns, em uma dinâmica onde quem tem a palavra está qualificado para fazê-lo, criando uma disposição para a ação e como consequência a modificação do estado das coisas, ou seja, a argumentação não se desenvolver no vazio e sim em situações que envolvem aspectos sociais e psicológicos (PERELMAN, TYTEKA 2002).

Em se tratando de adesão, há que se ter em conta os acordos estabelecidos, em que “um objeto, um ser ou um ideal deve exercer sobre uma ação e as disposições à ação uma influência determinada [...]” (PERELMAN, TYTEKA, 2002, p.84), estando nessa ordem a questão da idealização da língua, elevada ao *status* de padrão, portanto um valor, e, conseqüentemente, como elemento persuasivo, atrelada sua importância aos fatores históricos, de construção do Estado-Nação, sociais e políticos.

Do que foi depreendido, possibilita-nos aferir que recorrer ao uso da língua padrão ou de uma língua de menor prestígio, em alusão ao mundo do interlocutor, vai depender da intencionalidade e finalidade do discurso.

Neste ponto podemos travar um diálogo com a teoria de Charaudeau (2009), que trata da mídia como suporte para a comunicação, para afirmarmos que estes

fatores formam parte do acordo estabelecido entre os participantes de um ato comunicacional, baseado em valores, crenças, hierarquias e até em fatores psicológicos, enfim, uma série de escolhas, convertidas em técnicas que contribuirão para a eficácia da construção do discurso, e, por conseguinte, à adesão à ideia expressa, ponto de vista, ou ação, que visam convencer, quando este seja o motivo de comunicação. [...] “A linguagem não é somente um meio de comunicação, é também instrumento de ação sobre as mentes, meio de persuasão.” (PERELMAN, TYTECA, 2002, p.150).

As crenças e valores do auditório, a reputação e prestígio de quem usa a linguagem e o próprio uso que faz dela, a maneira como se expressa, são elementos em evidência quando se trata de ganhar a adesão dos espíritos.

Na obra em questão (Perelman, Tyteca, *op. cit.*) há o reconhecimento por parte dos autores, que os modos de expressar o pensamento, de apresentar os dados, a escolha dos termos, no ato de produção do discurso, podem produzir um efeito estético, de admiração, de riso, raiva, medo, entre outros, os quais podem ter alguma influência argumentativa, uma vez que, é justamente nelas, nas palavras, onde temos a concretude do pensamento, não havendo neutralidade em seu uso, ou seja, não há discurso neutro, [...] “mesmo quando a expressão parece neutra e passa despercebida, em geral já há escolha dos termos e esboço de argumentação” (PERELMAN, TYTECA, 2002, p.174). Por meio das escolhas vocabulares é possível conduzir o leitor a aceitar o que se deseja admitir, bem como alcançar a comunhão entre quem escreve e quem lê.

Estamos tratando, claramente, do poder de persuasão das palavras e da dimensão argumentativa do discurso, o qual é organizado pelo orador e destinado a um público. Portanto, a fim de seguirmos, de forma lógica, a edificação de nosso pensamento, necessitamos retornar à filosofia Aristotélica, para tratarmos dessa forma de organização discursiva, a qual se converte na elaboração dos argumentos sustentados pelo orador/enunciador, os quais podem ser provenientes da emoção despertada por ele nos ouvintes/leitores. Explanaremos sobre estes, primeiramente. Os que são fruto do próprio discurso, trataremos na sequência; e por último os que provêm do caráter do orador, estando neles concentrada nossa atenção. Em suma: dissertaremos sobre o *pathos*, o *logos* e por fim o *ethos*.

### 3.2.4 *Pathos*. As emoções no discurso

Que a retórica envolve um retor/enunciador e um discurso público, cuja finalidade é a persuasão e tem por objetivo encontrar os meios de persuasão, isso já está claro, porém ainda necessitamos debruçar-nos sobre de que forma isso se dá, sobre um dos expedientes explorado pelo enunciador, discursivamente, a fim de alcançar seus objetivos.

Uma das maneiras de tornar seu discurso persuasivo é explorando as emoções. Aristóteles (2005) nos ajuda a compreender que as emoções contribuem para a formação de juízo, na medida em que elas comportam a alegria, a tristeza, a cólera, a amabilidade, a vergonha e toda a gama de estados emocionais que o orador poderá suscitar em seu interlocutor, contribuindo para a validação de seu ponto de vista, seus enunciados persuasivos ou provas (*pisteis*) apresentados em situação de interlocução, quando um deseja fazer o outro aderir ao seu discurso.

Entre o emissor/retor e o receptor/auditório, quando estabelecida a comunicação, ela é feita pela troca de mensagens. Pesquisadores da Escola de Yale, nos anos 1950, se debruçaram sobre os efeitos capazes de facilitar a compreensão. As mensagens não estão fadadas a somente serem decodificadas, o que tornaria o processo de comunicação restrito a mera troca de informações, elas precisam convencer, e, para tanto, contam, também, com entorno social. Segundo McGuire (*apud* Chabrol, Radu, 2008) a persuasão está relacionada à memorização da mensagem, e, para tanto, é necessário que se atraia a atenção para ela, seja por suas características, seja controlada pelo indivíduo que a aplica, como também aos seus recursos atencionais, sendo um deles o apelo às emoções. Estamos tratando da vividez da mensagem (Nisbet e Ross, *apud* CHABROL, RADU, 2008). Nos termos da teoria aristotélica, já explorada, a vividez/vivacidade está presente na elocução, na construção do discurso.

Uma mensagem vívida é aquela capaz de manter a atenção e estimular a imaginação. Ela suscita mais a atenção porque evoca imagens que provocam emoções, o que é essencial para a boa compreensão do discurso, e, por conseguinte, efetivar a persuasão, bem como, a atividade cognitiva do auditório/leitor/receptor, a qual, segundo Petty e Cacioppo (1981, *apud* CHABROL, RADU, 2008, p 28) está relacionada à capacidade de confrontar o conteúdo de um discurso persuasivo com suas crenças e atitudes anteriores, quando exposto a ele,

gerando, necessariamente, um maior número de pensamentos positivos para a tomada de decisão em aceitá-lo.

Componentes afetivos e da personalidade do auditório/leitor/receptor, imbricados ao processo de recepção dos discursos, tais como o interesse e envolvimento do mesmo pelo/com o tema, o juízo que faz baseado em esquemas armazenados na memória<sup>44</sup> (heurísticas), ativados em situação de comunicação, segundo o qual, as características confiáveis do emissor/orador proporcionam conclusões sem muito esforço cognitivo Chaiken e Eagly (1983) *apud* Chabrol, Radu (2008, p. 53). Quanto aos elementos emocionais, destacamos o medo.

Discursos que apelam aos sentimentos, tais quais o medo, tendem a ser mais persuasivos, uma vez que é possível caracterizar o medo como uma emoção negativa, que exigiria alguma reação do auditório/leitor/receptor, dessa forma, aplicado às campanhas publicitárias, de alerta sobre acidentes de trânsito, este recurso funcionaria, pelo uso de imagens ameaçadoras, pois elas contribuiriam para apontar soluções para que tais situações não ocorressem.

Este tipo de comunicação, elaborada segundo a linguagem verbal e não verbal, pode ter o conteúdo mais ameaçador, moderado ou menos ameaçador. Algumas pesquisas apontam que o conteúdo moderado é mais persuasivo. A emoção forma parte do tudo que compõe um discurso e sua prática. Para tanto é necessário discorrer sobre esse processo.

Entender os elementos envolvidos na construção dos discursos e em suas práticas, é ter uma visão pragmática da ação comunicacional. Quando se tratam de discursos em que a persuasão é incisiva, há que se ter em mente que operam qualidades psicológicas e sociais (clareza, legitimação e ratificação da qualidade de informações, partilhamento de crenças e conhecimentos), estando essas características empenhadas na construção do sentido, coconstruído e negociado progressivamente, por meio de inferências e descodificação, explicando de maneira

---

44 Relativo à memória imbricada à persuasão e ao discurso, Vitale (2015) desenvolve uma tese em que analisa os comentários e editoriais publicados pela imprensa escrita, referentes à saída do governo argentino de Hipólito Yrigoyen, em 6 de setembro de 1930. Este material a autora investiga orientada pela noção de memória retórico-argumental, referente às estratégias persuasivas, que em tais discursos observou-se haver, com finalidade de provocar adesão às suas teses, que reforçavam o apoio aos sucessivos golpes de Estado. Os discursos foram investigados, também, com apoio no marco de referência da Análise do Discurso francesa, mais especificamente na noção de formação discursiva, pelo qual se justificou que o material deveria ser estudado como concernente não a posicionamentos individuais, mas sim ao sujeitamento ideológico, que por sua vez, engloba o conflito de classes.

figurada, seriam contratos firmados entre os agentes envolvidos nos atos comunicativos. (CHARAUDEAU, 2009).

Ressalta-se nesses “contratos”, que as palavras em uso são uma atividade eminentemente social, onde os atores envolvidos se constituem como sujeitos e constroem suas identidades. Esses aspectos ressaltados dão conta da dimensão cognitiva e são capazes de fazer saber ou compreender um discurso. Porém, e quanto às marcas emotivas neste processo? Neste caso, tratamos da intencionalidade patêmica.

É possível reconhecer em discursos, os traços de intenção patêmica, também revelados no *elocutio*, por escolha e combinação das palavras, mais expressivas que outras. Estes traços estarão arraigados às características culturais e ao tema tratado, uns com maior carga emocional, positiva ou negativa, que outros. (CHARAUDEAU, 2009).

Como já tratamos, a escolha lexical em discursos persuasivos, tem seu componente cognitivo: a memorização, e, por conseguinte, a sua compreensão. Discursos organizados não objetivando a tomada de posição podem ser rapidamente esquecidos. Fatos dramáticos são mais facilmente recordáveis que outros, pois envolvem humores afetivos. O enunciador, presente nas notícias em análise, na presente tese, faz uso de discursos, que, segundo o gênero e suas pretensões, abusam dos elementos dramáticos, ainda assim, essa forma de apresentar os fatos está, segundo a linda editorial, apoiada nos anseios do público.

Segundo Perelman e Tyteca (2002), para argumentar, é necessário que o orador tenha apreço, seja ouvido, com o objetivo de obter a adesão e influenciar o auditório ao qual se dirige; mas, acima de tudo, é preciso “preocupar-se com ele, interessar-se por seu estado de espírito” (PERELMAN; TYTECA, 2002, p.18). Nos baseamos nestes autores para uma vez mais, observarmos a relação enunciador-coenunciador ao referirmo-nos à finalidade do discurso estudado, a de “conquistar-lhe” o apoio à causa defendida.

[...] os seres que querem ser importantes para outrem, adultos ou crianças, desejam que não lhe ordenem mais, que lhe ponderem, que se preocupem com suas reações, que os considerem membros de uma sociedade mais ou menos igualitária. Quem não se incomoda com um contato assim com os outros, será julgado arrogante, pouco simpático [...] (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 18)

Com base nestas ideias, algo deve ficar claro: que o *pathos* envolve aspectos psicológicos no processo discursivo de convencimento, funcionando conforme os sentimentos do auditório. O enunciador deve despertar a paixão, dependendo de suas intenções.

O *pathos* tem dentre suas funções a de despertar a empatia e a sensibilidade do auditório, tornando o discurso agradável e atraente. Esta faceta está interconectada à organização dos elementos discursivos. Em termos retóricos aristotélicos: o discurso deve ser racionalizado, o que se refere ao *logos*.

### 3.2.5 Logos

O *ethos*, como ainda veremos, diz respeito ao orador, o *pathos*, como vimos, ao auditório, o *logos*, segundo Aristóteles (2005), refere-se à argumentação propriamente dita.

Perelman e Tyteca (2002) enfatizaram em seus estudos a estrutura da argumentação. O *logos* é a dimensão racional do processo argumentativo, estando atrelado aos aspectos persuasivos de adesão do auditório à tese proposta. Ainda, conforme estes autores, o orador que visa a uma argumentação eficaz necessita selecionar, organizar, adaptar os dados e interpretá-los. O auditório pode aderir a causa apresentada, conforme a habilidade do orador de selecionar a linguagem adequada, sua capacidade de organização dos argumentos e de interpretação dos mesmos.

De acordo com Eggs (2005):

[...] o *logos* convence em si e por si mesmo, independentemente da situação de comunicação concreta, enquanto o *ethos* e o *pathos* estão sempre ligados à problemática específica de uma situação e, sobretudo, os indivíduos concretos nela implicados. (grifos do autor) (EGGS, 2005, p.41).

Percebe-se que o *logos* é um componente argumentativo pertencente a uma esfera racional, uma vez que, está ligado à capacidade discursiva do orador/enunciador, na apresentação da tese e organização dos argumentos.

Aristóteles (2005), ainda nos fala sobre os tipos de argumentos existentes: *etimema* e exemplo. Destacamos o *etimema*, que, segundo este pensador é:



[...] a nossa confiança é tanto mais firme quanto mais estivermos de ter obtido uma demonstração; atendendo que a demonstração da Retórica é o etimema; que este fornece, em resumo, a convicção mais decisiva, assente que o etimema é uma espécie de silogismo. (ARISTÓTELES, 2005, p. 30).

Entende-se que os silogismos ou *etimemas* são provas ou argumentos dedutivos, que se mostram essenciais para as pretensões de convencimento, objetivadas por quem constrói um discurso, com desejo que convencer a outrem a aderir ao que se pretende.

Ainda assim, batemos na mesma tecla, ao referir-nos à relação entre enunciador, discurso e coenunciador, já que, segundo nossos propósitos, necessitamos abordar a relação entre a adesão ao discurso promovida pela imagem projetada.

Dedicar-nos-emos, a seguir, ao estudo do *ethos* sob diferentes perspectivas, ressaltando que a adotada no presente estudo pauta-se pelos estudos de Perelman, Tyteka (2002) e pelas perspectivas de Maingueneau (2005) e por Amossy (2005).

### **3.3 O ETHOS**

#### **3.3.1 O *ethos* em Aristóteles**

A noção de *ethos* surge na Antiguidade, no contexto da retórica grega, cujo pensamento apoiava-se no discernimento de que para convencer alguém sobre determinado pensamento, conceito, concepção, ideia, em suma, expressar sua opinião, era essencial mostrar-se digno de confiança, especialmente nesta sociedade, cuja performance, respaldada por um discurso coerente, em público, nas praças e tribunais, era essencial para o êxito do que se pretendia defender.

A Retórica de Aristóteles (2005), como já sabemos, define três tipos de argumentos: os apoiados na razão, na emoção e no caráter moral do orador. O *ethos*, segundo essa visão, é definido como a autoimagem projetada pelo orador, tendo esta, em concomitância com as palavras proferidas, a função de persuadir o auditório a quem é destinado o discurso.

Não era de estranhar que as características do orador fossem levadas em conta, uma vez que a produção discursiva era essencialmente oral, onde os fatores como: transparência, autenticidade, aspectos físicos e até as vestimentas

contribuíam para a construção de uma autoimagem positiva, havendo, dessa forma, a junção da figura do orador, de carne e osso, associada ao seu discurso, todavia indissociáveis.

Por outro lado, não distante da concepção aristotélica, a noção de *ethos*, baseada na arte oratória romana, inspirada pelas ideias de Isócrates, mestre da retórica de Atenas do século IV a. C., defendia que a autoridade e influência do orador estavam, antes de tudo, como algo preexistente, em suas qualidades individuais e institucionais (reputação familiar, sua conduta e *status* social).(REBOUL, 2004).

Diante disso, observa-se que o *ethos*, segundo a concepção aristotélica está de acordo com o caráter de honestidade que orador apresentará no ato discursivo, de forma a parecer digno de credibilidade, ou ainda, nos indícios da verdade, sem haver muita importância se os traços são sinceros realmente. A imagem, não necessitaria ser o caráter real do orador, mas sim, a criação de um *ethos*, no caso, ligado à enunciação, devendo, dessa maneira, o dono da palavra mostrar as qualidades: prudência e capacidade de bem deliberar. A virtude, fruto de boa educação e do ato de agir bem; e benevolência, captada pelo auditório em relação ao orador.

Segundo Eggs (2005), o *ethos*, dentre as provas engendradas por Aristóteles, é a mais importante, pois, outros retóricos de sua época não creditavam a esta instância o êxito persuasivo. Este mesmo autor, ao analisar a Retórica aristotélica, entende que o termo *ethos* está associado a um sentido neutro, devendo haver uma união entre o tema e o estilo escolhidos e a imagem do orador, ou ainda à sua *hexis* (*status* social).

Dascal (2005), ao tratar do *ethos*, com intenção de recuperar a unidade aristotélica sem excluí-la, questiona o aspecto lógico de abordagem do caráter que o orador deseja projetar, pois tanto *ethos* quanto *pathos* parecem não pertencer ao domínio argumentativo-cognitivo, ou ainda, vê como problema essa projeção de caráter, quando a mesma não é tematizada, ou seja, relacionada a uma ordem prática e contextualizada no discurso.

Com a decadência da Retórica, ocorrida a partir da queda do Império Romano, não sendo considerada objeto de estudo, desde então, o estudo do *ethos*, conjuntamente, se esvai. Há uma crítica, por parte de Ricoeur (2000), ao afirmar que, com o passar do tempo, a Retórica vem sofrendo uma amputação e perdendo

sua credibilidade. No entanto, desde a Idade Média, devido a algumas obras, ocorreram ressurgimentos, ainda assim seu estudo efetivo foi reabilitado por Chaim Perelman e Tyteca, como também a noção de *ethos*.

### 3.3.2 O *ethos* na Nova retórica de Perelman e Tyteca

Perelman, Tyteca (2002), com a obra *Tratado da Argumentação*, não só resgatam a retórica, como a ampliam: “estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento” (PERELMAN, TYTECA, 2002, p.04). Diferentemente da retórica antiga, cujo objeto encontrava-se na arte de confeccionar discursos para serem performatizados nas praças, tendo estes, objetivos persuasivos, na *Nova retórica*, deste autor, o auditório ainda é essencial, porém, como já mencionamos, a concentração dos estudos recai sobre o texto escrito e os meios de prova para obter adesão, ou seja, na linguagem e a técnica, utilizada por ela, para persuadir, sem, contudo, menosprezar as condições psíquicas e sociais, sem as quais a argumentação perderia o efeito.

Algumas ideias, que tratamos nesta seção, já foram anteriormente abordadas. Mesmo correndo o risco de sermos redundantes, vemos necessidade em reiterar que, para Perelman e Tyteca (*op.cit.*), o orador constrói seu *ethos* em função das expectativas de seu auditório, das imagens que faz dele. A interação entre os dois se faz por meio da imagem que um faz do outro. Dessa forma, como já discutimos em outras ocasiões, é dever do orador buscar uma *doxa* (crenças e valores) comum com o auditório.

Portanto, para convencer alguém de algo que se profere, é necessário que todo o trabalho de construção dos argumentos e do *ethos* esteja amparado em representações sociais coletivas, com relação ao interagente, a fim de produzir nele um sentimento positivo.

Ampliando a noção de *ethos*, Dittrich (2009), apoiado pela teoria da argumentação de Perelman e Tyteca, entende que existe um “[...] esforço mais ou menos consciente do enunciador em apresentar razões que fortaleçam a confiança na tese, ancoradas na confiança de quem a propõe [...]” (DITTRICH, 2009, p. 71). Dessa forma, este autor propõe os conceitos de: argumentos credenciadores e legitimadores, os quais apoiam o *ethos*.

Para Dittrich (*op. cit.*), os argumentos credenciadores favorecem a confiança no proponente da tese e se realizam pelas credenciais que orador/enunciador possui, tais como: a imagem social positiva, pautada por ações e boa reputação, além dos títulos obtidos pela educação formal. Já os legitimadores, justificam a natureza ética da tese e a legitimam social e juridicamente.

Observa-se que o estudo do *ethos*, ao longo do tempo, acompanhando a retomada da retórica, proliferou, ainda assim, é inegável que nas pesquisas que englobam o discurso, isso tenha ocorrido com mais vigor e efervescência.

### **3.3.3 O *Ethos* segundo a perspectiva de Dominique Maingueneau**

O que se deseja, nesse ponto do estudo em curso, é discutir as abordagens do *ethos* sob a perspectiva Análise do Discurso e Pragmática, sequencialmente interfaceadas à Sociologia dos Campos, cuja finalidade é respaldar nossa metodologia, a partir dos múltiplos olhares. Portanto, a linha teórica que suportará a análise, estará de acordo com alguns pressupostos: que o ato de tomar a palavra implica na criação de uma imagem de quem comete esse ato, havendo com isso alguma consequência. Todo discurso tem um enunciador, que deseja comunicar algo a um coenunciador, estabelecendo-se um jogo interativo, em que, um exerce algum poder sobre o outro.

Dos preceitos da Análise do Discurso francesa, especialmente o aporte que conecta o *ethos* ao discurso, interfaceados aos da Pragmática e Sociologia dos Campos, surge uma atualização, relativa ao referido tema e sobre a argumentação, a respeito do qual, sequencialmente trataremos, com apoio em Amossy (2005). Antes, porém, aprofundamos este estudo, pela teoria que conecta *ethos* à Pragmática.

Conforme abordamos anteriormente, para retórica clássica, uma das provas mais convincentes que o orador pode oferecer ao público, a fim de persuadi-lo é sua boa imagem, o que leva a entender, sob essa ótica, que ela engloba a enunciação e nem tanto o enunciado. Os estudos de Maingueneau (2008), cujos parâmetros tem base na Análise do Discurso francesa, indicam que o *ethos* se localiza, para além da enunciação, sendo relativo, não ao orador de carne e osso, mas o que se deixa mostrar pela tessitura do texto, construído nele, sendo, pois, um autor discursivo, ou seja, no enunciado.

Maingueneau (2008) contribui para a ampliação dos estudos do *ethos*, pois além de situação de eloquência e oralidade, caso do *ethos* em Aristóteles, suas pesquisas abarcaram a diversidade das situações discursivas: enunciados orais, escritos, visuais ou verbo-visuais, representado um orador ou instituições, o que o imbrica a uma noção também pragmática.

Este autor irá defender que o *ethos* se constrói dentro da instância enunciativa, por meio do discurso. Esta instância enunciativa envolve: o tipo de discurso (religioso, político, jornalístico. ...), o gênero a que pertence e o contexto. Dessa forma, o *ethos* se ligará ao enunciador mediante suas escolhas linguísticas, tendo estas, a capacidade de revelar as pistas acerca de sua autoimagem. Ele ainda acrescenta que, se desejamos explorar o *ethos* a fim de estudá-lo, é preciso tornar operacional essa ação, inscrevendo-o em alguma problemática, tal qual ele o faz ao analisá-lo sob o aporte da Análise do Discurso.

Sendo assim, o *ethos*, segundo o autor citado, se mostra na maneira de se exprimir, estando associado essencialmente à enunciação, ou ainda à forma como o discurso interpela o leitor/ouvinte, estando a persuasão, dessa maneira, ligada a ele, uma vez que: se conseguir mostrar um bom caráter, uma boa imagem, poderá inspirar confiança, dessa forma, o enunciador não necessariamente precisa tecer comentários elogiosos sobre si, no discurso, para persuadir, sendo esta ação, o resultado do uso eficiente da palavra e o processo que o envolve, como a escolha vocabular (MAINGUENEAU, 2008).

Nessa direção, sua teoria atravessa a pragmática, sendo sustentada por ela, uma vez que, observa que o enunciador deixa marcas no discurso, pelas quais seu *ethos* é percebido, de forma quase sutil. Tomemos por exemplo: a entonação enfática em determinadas frases, a forma de escrita que rompe, de propósito, com algumas convenções, ..., enfim, o *ethos* se mostra, como sabemos, no ato de enunciação, no enunciado posto em funcionamento pela enunciação. (MAINGUENEAU, 2008).

Esta concepção vai além da que se apoia na figura do orador, pessoa física, discursando em praça pública, de forma a causar boa impressão para alcançar adesão ao que propunha. A noção em foco ultrapassa o quadro da argumentação por abarcar o estudo, também, de textos escritos sem traços argumentativos. O *ethos*, segundo o prisma em questão, por estar na enunciação, abarca as representações que o coenunciador constrói, anteriores ao discurso.

O *ethos*, segundo a teoria, do referido autor, está fundamentado no entendimento de que o texto escrito, por tratar-se de enunciação, possui uma vocalidade, cuja leitura faz manifestar uma instância subjetiva: o fiador. Por esta concepção, a figura do fiador é construída pelo coenunciador a partir de indícios textuais. Visto que, o *ethos* é, historicamente, interconectado à tradição clássica, que o associa ao caráter do orador-pessoa, esta dimensão, segundo a ótica de Maingueneau (*op.cit.*), corresponde aos aspectos psicológicos, já à corporalidade, ela está, claro, conectada ao corpo físico, mas também à maneira como a audiência dá corpo a um texto escrito, ou seja, à forma como o leitor se apropria do *ethos*, em um processo de movimentação no espaço social, baseada, para tanto, em uma série de esquemas (estereótipos associados a comportamentos que podem ser avaliados como positivos ou negativos).

Desta maneira, está a apreensão do *ethos*, por parte da audiência, suggestionada a um entendimento de sua composição, que abarca uma dimensão prévia, cuja corporalidade ativa estereótipos, resultando na: figura do fiador, conforme salienta Maingueneau (2005):

[...] O “fiador”, cuja figura o leitor deve construir com base em indícios textuais de diversas ordens, vê-se, assim, investido de um caráter e de uma corporalidade, cujo grau de precisão varia conforme os textos. O “caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à “corporalidade”, ela é associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e mover-se no espaço social. [...] (MAINGUENEAU, 2005, p. 72).

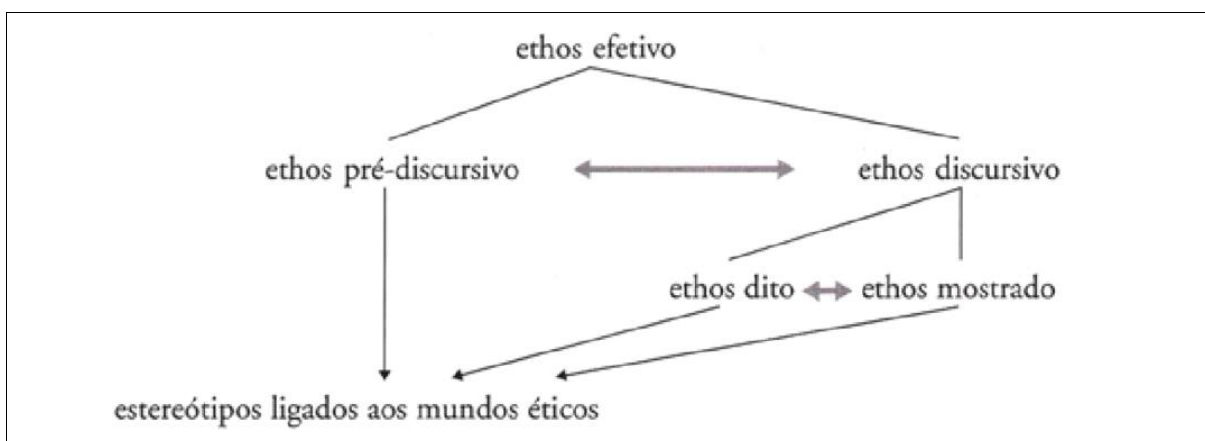
Seguindo essa linha de raciocínio, o *ethos* discursivo é formado pela forma como público (coenunciador) constrói uma imagem do enunciador, portanto, por um *ethos* prévio, segundo o qual, determinados enunciadores, podem estar associados a um *ethos* que sua enunciação pode confirmar ou discordar.

Em detrimento do que foi apurado, nota-se que a elaboração do *ethos* efetivo é complexa, pois envolve uma gama de interações: abarca, além da ação do enunciador, que demanda organização dos elementos discursivos, de maneira a legitimar seu dizer, ações do coenunciador, que construirá a imagem do enunciador apoiado em fatores variados, que, dependendo do discurso, vão de aspectos físicos: o tom de voz do enunciador, à avaliação da escolha de palavras ou emprego, no caso de contexto bilíngue, de uma língua ou outra.

O pensamento do autor indica uma concepção de discurso que o liga, como em outra seção tratamos, à enunciação e a uma configuração sócio histórica, estando ele sujeito a uma legitimação associada à cena discursiva, uma vez que, o enunciador (fiador) pretende estabelecer uma compatibilidade entre o seu discurso e o mundo que ele apresenta, arranjados de forma dinâmica e pela interação ativa de estereótipos. Além do *ethos* prévio, formado, como vimos, por representações culturais fixas e modelos pré-construídos, que o leitor/ouvinte/coenunciador estabelece para edificar sua imagem, até mesmo antes do ato enunciativo.

Dessa maneira o *ethos*, segundo Maingueneau (2005), é resultado, além de um *ethos* pré-discursivo (prévio), do *ethos* discursivo, este, formado pelo *ethos* dito e mostrado. O dito é criado por referências diretas do enunciador, já o mostrado está no domínio do não explícito, sendo uma imagem formada pelas marcas que o enunciador deixa em seu discurso, conforme nos mostra o esquema:

**Figura 02** - A constituição do *ethos* em Maingueneau



Fonte: MAINGUENEAU, (2005)

Os conceitos de *ethos* dito e mostrado, como se pode perceber, se inscrevem em uma linha contínua, o que demonstra a incapacidade de haver uma distinção clara entre ambos. Figuras de linguagem, como as metáforas, por exemplo, podem circunscrever-se em ambos campos, dependendo da forma como são arranjadas no discurso.

Quanto aos estereótipos ligados aos mundos éticos, estes são parte pregnante do fiador, aos quais ele dá acesso, durante o ato de leitura, pois são formados por situações estereotípicas, associadas a comportamentos. São exemplos: o mundo ético das celebridades, o mundo ético dos assaltantes, que

inclui cenas como: prisão em flagrante, violência, uso de armas, ameaças, entre outras. Sobre os estereótipos trataremos a seguir.

### 3.3.4 Os estereótipos

Segundo Goffman (2001), os estereótipos funcionam como uma espécie de carimbo ou etiqueta, socialmente instituídos, baseados em características de grupos, para moldar padrões, ou seja, são indissociáveis da influência mútua que os parceiros, sujeitos que interagem, sobretudo pelo discurso, desejam exercer sobre os outros. Portanto, quando tratamos da imagem projetada pelo enunciador, no e pelo discurso, ela é um delineamento do EU, atrelado a certos atributos sociais.

Goffman (*op. cit*) indica que os ambientes sociais estabelecem os parâmetros para categorizar, segundo atributos: naturais e comuns, as pessoas que nele circulam.

Para Amossy (2005), a legitimação do discurso dependerá do sistema de crenças e valores comuns ao enunciador e coenunciador, havendo a necessidade de associação a modelos culturais pregnantes, ou seja, um processo de estereotipagem. Nas palavras da autora a:

[...] comunidade, avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ele difundida e no interior da qual o classifica. Se se tratar de uma personalidade conhecida, ele será percebido por meio da imagem pública forjada pelas mídias. As práticas sociológicas e semiológicas definem geralmente o estereótipo em termos de atribuição: como no teste original de Katz e Braly, relacionamos um tema – o japonês, o pequeno-burguês, a dona de casa – a uma constante de predicados. (AMOSSY, 2005. p. 126).

Dessa forma, nas relações interpessoais, inerente a todos nós, em que há uma influência entre os parceiros, no sentido da receptividade recíproca, nos apoiamos em atributos que formam nossas identidades sociais, a imagem que apresentamos de nós mesmos e dos outros, no trato social, para fazermos julgamentos, os quais são aparentes, e poderão ser confirmados ou refutados, quando passarmos a conhecer a identidade social real, atributos que o parceiro realmente possui.

O fato é que para serem aceitos entre os “normais” e não estigmatizados, os sujeitos seguem padrões socialmente modelados que se configuram em ações



preestabelecidas e podem estar associadas às funções que estes exercem na sociedade. Por exemplo: o comportamento do diretor de um jornal, de um pai, o perfil de um jornal popular, estando estas imagens construídas, submetidas à indissolução quando empregadas no sentido das influenciarem mutuamente.

Os estudos de Goffman (2001), já citados, podem ser retomados no entendimento da construção do *ethos* no discurso, como demonstram as pesquisas de Amossy (2005), imbricados à descrição das trocas verbais. Para entendermos esta relação, utilizaremos, como forma de exemplo e também para ser específico, o caso do veículo de comunicação em foco, *Diário Popular*, não hesitar em optar pela redação das matérias em uma língua estigmatizada, *jopará*, o que acarreta em atitude estigmatizante, pelo fato de empregá-la, com ênfase, nas páginas policiais, estando, dessa forma, sujeito ao julgamento, que estes atos sugerirão, quando da construção da imagem do jornal.

Todo ato de tomar a palavra é um ato político, pois mobiliza os interagentes a tecerem considerações sobre qualidades e defeitos do enunciador, sem que isso seja explícito. A pragmática dedicará atenção a estudar a instância discursiva do locutor, atualizada nas pesquisas de autores como Ruth Amossy sobre as imagens de si no discurso.

### **3.3.5 *Ethos* na visão da intersecção: Pragmática, Retórica e Sociologia dos Campos**

Amossy (2005), amparada pela Pragmática, Retórica e Sociologia *bourdieuriana*, argumenta em função da imagem de si no discurso, segundo a qual o locutor/enunciador age sobre seu parceiro na troca verbal, observando o aspecto social incutido nesta ação, que tem por objetivo o convencimento do enunciador sobre o coenunciador.

Ela retoma a ideia do “jogo de influências mútuas” que repousam os discursos, em que o enunciador pode agir, orientando modos de ver e de pensar. Essa autora ainda propõe um alargamento da visão de argumentação, proposta por Perelman & Tyteca, no sentido de discutir que os espíritos não aderem somente à tese, mas também a modos de pensar, de ver e de sentir, visto que as trocas de palavra têm um caráter dialógico, ou seja, a interpelação exige respostas de aceitação, negação ou modificação.

As ideias da autora citada vão para além do discursivo, no que tange à construção do *ethos*, pois, segundo sua concepção, o sujeito é avaliado pelo que emite e também pelo que é, valendo-se, nas ações de troca, de um universo de crenças compartilhadas, portanto, a imagem que se projeta no discurso deve ser entendida, também, com base nas representações sociais. Acrescente-se, nesta ordem de raciocínio, que o discurso, antes de tudo, tem valor e poder e as relações de interação são relações de força simbólica.

Bourdieu (1998) irá ressaltar os aspectos sociais da produção de textos e bens culturais. Para ele os “sistemas simbólicos” cumprem função política de impor, legitimar ou assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica); que existem lutas no campo intelectual pelo monopólio da violência simbólica legítima (BOURDIEU, 1998, p. 10-12).

Para Bourdieu (1996) as trocas linguísticas são relações de interação humana e sociais, portanto, são relações de dominação e poder simbólico, onde se atualizam as relações de força entre os locutores e seus grupos. O homem como ser social e dotado da capacidade de expressar suas ideias através da fala, gesto ou escrita, socialmente modelada. Ora, se por um lado o ato de comunicação é a capacidade linguística de engendramento de discursos por outro também é adequação regulada por um mercado que impõe um sistema de sanções e censuras específicas capaz de criar barreiras.

A estas conjecturas podemos atrelar o conceito de *habitus*, cunhado por Bourdieu (1983), concernente à mediação: indivíduo e sociedade, segundo o qual, abarca a realidade exterior e as realidades individuais, de forma conciliadora, uma vez que, refere-se aos esquemas, que envolvem percepção, apropriação e ação, socialmente instituídos (estruturados no social) e estruturantes (nas mentes), pois são experimentados e postos em prática, em um campo social determinado. Este instrumento conceitual, aplicado aos estudos do *ethos*, refere-se à homogeneização relativa aos arranjos atinentes aos gostos e preferências, apreciações positivas ou negativas, cujas referências serão estabelecidas pelas classes dominantes.

Baseados nos estudos de Amossy (*op cit*), com apoio na teoria de Bourdieu (1983), compreendemos que a interação entre os agentes comunicadores se efetua por meio da imagem que um faz do outro, contudo, essa relação não é passiva, a efetividade do discurso provém, também, do conjunto de qualidades, socialmente positivas, tributadas ao enunciador, que lhe conferem autoridade.

Esta imagem construída: com base nas relações sociais, confirmada no discurso, é arquitetada pelo enunciador, com base em um jogo de espelhos, uma vez que, este se vale da *doxa* do coenunciador para construir sua imagem. Podemos chamar nosso objeto de pesquisa para elucidar essa ideia: o noticioso estudado emprega o *jopará* na redação das páginas policiais em função da imagem que esta empresa de comunicação faz do público leitor desse caderno. Conforme assevera Amossy (*op. cit*), ao analisar um fragmento da Carta aberta aos camponeses de Jean Giono, cujas conclusões se adéquam à nossa argumentação:

É, portanto, a ancoragem social do dispositivo enunciativo que ilumina a análise interna do discurso. O que é feito, nesse momento, das posições institucionais e da autoridade exterior que constituem, para Bourdieu, a realidade do *ethos*? Para perceber o seu efeito, é preciso passar do locutor como construção discursiva ao sujeito que fala como ser do mundo, isto é, ao escritor e ao capital simbólico do qual ele está investido. (AMOSSY, 2005, p. 135).

O que a autora citada enfatiza é a não separação do *ethos* discursivo do institucional, caso do nosso objeto de estudo, cujo enunciador não é personificado na figura do nome de um jornalista de carne e osso, mas trata-se de uma empresa, pertencente à corporação: jornal – cuja gama de relações sociais se vale do pensamento comum: “o que está no jornal é verdadeiro”, ou seja, seu discurso é validado por ser moldado, conforme seu capital simbólico, que, guardados os estereótipos atribuídos à sua editoração (jornal popular, espreme que sai sangue, sensacionalista,...) ainda confere grau de legitimidade aos fatos por ele noticiados, nas páginas criminais.

Como já mencionamos algumas vezes, é o discurso, no contexto supracitado, que nos interessa, em sua totalidade externa e interna, portanto, trataremos de alguns conceitos, na sequência, que se referem a esta dimensão, visto que, na redação das matérias, que compõem o *corpus*, observa-se que, estrategicamente, são escolhidas palavras, que não somente nomeiam, como demonstram um posicionamento, confirmando que a linguagem não é translúcida.

### **3.3.5.1 Nomenclatura, denominação, designação**

Nominação, denominação e designação são três conceitos que, aparentemente, são semelhantes, porém guardam diferenças significativas. Se recorrermos ao dicionário, veremos que denominação é: 1) designação; 2) palavra ou locução utilizada para designar uma pessoa, animal ou coisa. Um exemplo de denominação é o nome próprio, como forma de identificação, frente ao resto da mesma categoria ou espécie. Designar ou denominar? Essa é uma questão, não somente semântica.

Observa-se que há certa confusão entre os conceitos de denominação e designação, pois em ambas há o signo como cerne. Na denominação ele está atrelado a uma atividade própria do ser humano, correspondendo a uma referência duradoura e, portanto, coletiva. Já na designação a referência é momentânea e não convencional.

Kleiber (1984) observa a existência de ideias diversificadas e controversas sobre o conceito de denominação, tendo em vista que se trata de algo amplo. Ainda assim há um consenso: o nome serve para designar um ser ou uma coisa extralinguística.

Siblot (2004, 2007) nos diz que a denominação se refere à categorização referencial por um elemento do léxico, ou ainda, a forma como o homem pode entender o mundo de forma a categorizá-lo e ter condições de dizê-lo, da maneira como o faz, em suma: nomeando-o. Este conceito está atrelado ao estado fixo e controlado, das unidades lexicais, onde os termos podem ser considerados isoladamente.

Segundo Kleiber (1984) a denominação está subordinada ao esquema:  $x$  (signo)  $\rightarrow$   $x$  (coisa), bem como à circunstância que, este ato de referência (signo-coisa) é fruto de uma denominação prévia, convencional e durável. Isto nos leva a entender, por exemplo, que o fato de encontrarmos a palavra *kurepi* (porco) como processo referencial, que denomina não só o animal, mas dependendo do contexto, também, a pessoa de nacionalidade argentina, não é uma associação referencial momentânea ou transitória, visto que, estes sentidos (porco/argentino) já estão codificados e previamente construídos.

A designação, segundo Kleiber (1984), por outro lado, é fruto de uma sequência linguística ocasional entre o signo e a coisa referenciada, desta forma, não é um ato prévio, resultando, muitas vezes, em associações não convencionais de palavras, a fim de formar uma nova, não havendo o engessamento entre nome e

conceito, como por exemplo a palavra: *valéroduto*, segundo analisou Guadanini (2010), como sendo o conjunto de contas bancárias de Marcos Valério, cujo montante foi fruto de desvio de verbas públicas.

Já quanto à nomenclatura, segundo Siblot (2007), ela está ligada à situação de enunciação, portanto é um ato dinâmico de significância, cuja ação de nomear está atrelada a uma tomada de posição, a qual expõe algo sobre aquele nomeia.

Orlandi (2001) nos diz que a denominação, como processo discursivo, está veiculada a interpretações, sendo parte da construção discursiva. Ao nomearmos estamos também formulando, dando corpo aos sentidos e dessa forma interpomos a relação linguagem/pensamento/mundo. Dessa maneira, levando-se em conta que o ato de nomear ocorre em um espaço e em um tempo, há uma tomada de posição, do ponto de vista discursivo, por parte de quem nomeia, visto que, este se inscreve no processo, podendo ocorrer o apagamento, de um ou outro sentido, havendo, pois, um direcionamento de sentidos.

A ação de nomear localiza-se entre: o que foi dito, o que não foi e o que é possível dizer, ou ainda, este ato indica a não transparência da linguagem, quanto aos efeitos de sentido produzidos (ORLANDI, 2001). Partindo destas conjecturas, questionamos, de forma retórica, com vista à organização de nossa argumentação: Por que nomear, também, o sujeito das narrativas policiais do *Diário Popular* de: *karaí* (senhor) e não somente *hombre* (homem) ou *señor* (senhor)? Pensar estas questões é trabalhar nosso tema, o que fizemos e ainda faremos sequencialmente.

Dessa maneira, este paradigma é indicativo da representação que o enunciador tem, do que foi por ele nomeado, seus desdobramentos pragmáticos e de *ethos*, uma vez que, ao atribuir o nome, não se está somente descrevendo e sim prescrevendo, desta forma, criando uma imagem, tanto do enunciador, quanto de quem está sendo nominado, que pode ser positiva ou negativa.

Para a Semiologia, de Patrick Charaudeau (2008), a nomeação é uma categoria discursiva que forma parte da construção descritiva do discurso, que, para ocorrer, depende de categorias da língua como a denominação.

### **3.3.5.2 A denominação para a Semiologia e seus efeitos: a mobilização do *ethos***

Em conformidade com Charaudeau (2008), uma forma de abordar o discurso, seria por meio de uma teoria transdisciplinar que trataria do fenômeno da linguagem em sua dimensão externa (lógica das ações e influência social) e interna (construção do sentido e construção do texto). Nessa tomada de posição se baseia a análise Semiolinguística.

Semio – de *semiosis*, que indica que a construção do sentido, se configura pela união: forma-sentido, sob a demanda de um sujeito com intenção e influência social e uma ação; *linguística*, pois a forma em questão é a das línguas naturais, as quais por suas combinações (sintagmática/paradigmática em diversos níveis: palavra, frase e texto) significam o mundo, sob a ação deste sujeito.

Para que essa semiotização se realize é necessário um processo de transformação que compreenda a identificação como ato de conceituar e classificar os seres por meio de nomes. A qualificação, por caracterizar estes seres para discriminá-los, especificando sua maneira de ser, bem como inserindo-os em esquemas de ação que lhes atribuem uma razão de ser, sem esquecer que eles agem e sofrem ações em razão de certos motivos, os inscreve em uma cadeia de causalidade. (CHARAUDEAU, 2008).

A teoria em questão, considera outro processo de semiotização do mundo, o formado por atos de linguagem, que ocorre pela transação, onde o mundo significado passa a ser um objeto de troca entre os parceiros, agentes comunicativos, sujeito emissor- produtor de um ato de linguagem (o *sujeito comunicante*), de sujeito receptor-interpretante deste ato de linguagem (o *sujeito interpretante*). Neste ínterim estão localizadas as atividades da linguagem dedicadas a descrever um fato.

Charaudeau (2008) salienta que, para a construção de um texto, podemos argumentar, ao demonstrarmos as ligações de ordem lógica de causa e efeito entre os fatos, podemos contar o fato, oferecendo o testemunho de uma experiência, ou ainda, podemos descrevê-lo identificando e qualificando os seres.

Nomear, segundo este autor, é um dos componentes do modo de organização descritivo. Para fazer existir um ser no mundo não basta somente etiquetá-lo, é preciso nomeá-lo, fazendo-o existir, pela visão de mundo do sujeito que o percebe e classifica.

Os seres são nomeados segundo sua referência material ou imaterial, por nomes comuns ou próprios, que os individualize e os classifique segundo o gênero.

Os próprios atendem a identificação específica. As categorias da língua, cujos procedimentos linguísticos conferem existência aos seres são: indeterminação, atualização, concretização, dependência, designação, quantificação, enumeração e, a que no interessa aprofundar: denominação. (CHARAUDEAU, 2008).

A denominação, segundo o mesmo autor, dedica-se a identificar os seres, sejam eles pertencentes a classe geral ou particular/específica. Ela ocorre sob forma de nomes comuns ou próprios. Madonna, por exemplo, é um tipo de denominação, de identificação de uma evocação simbólica. Já em contos, onde os animais são personagens principais, há a denominação por identificação de uma classe genérica (Os três porquinhos). Alguns casos de denominação não atribuem ao ser uma identidade específica podendo identificá-lo por meio de arquétipos (um homem...a mulher...a criança...)

Pelo exposto, apuramos que, esta particularidade do sistema discursivo é formada de diferentes teorias, cada qual conceitua denominação segundo seu ponto de vista teórico. O ponto em comum, reside no ato de dar nome a uma coisa. Desse pressuposto, partimos para o desdobramento desse ato, que, tratando-se de discurso midiático, onde há a necessidade de ajustamento ao público leitor, em função de mobilizá-lo, acarreta que, a forma de nomear os sujeitos das narrativas, pela escolha de palavras, tem grande influência, o que demonstra sua dimensão e intenção argumentativa: a autoimagem do veículo de comunicação, em conjunto à imagem que este faz dos personagens, nas reportagens e conseqüentemente do leitor.

### **3.3.5.3 Nomear para mobilizar: construção do *ethos*.**

Partindo do princípio, de que o ato de linguagem é formado por um sujeito, que por meio do discurso, visa atingir seu parceiro, de modo a fazê-lo agir, afetá-lo emocionalmente, ou orientar sua forma de pensar e conseqüentemente conferir ao receptor/interpretante a necessidade de interagir, sofrendo influência, direta ou indiretamente, entendemos sua dimensão discursiva, argumentativa e intenção argumentativa, em especial quando o veículo que “carrega” as mensagens é o jornal.

O jornal tem como produto de venda a notícia, e, para vendê-la, é necessário seguir o ditado popular: “não é com vinagre que se apanham moscas”, e sim com açúcar, em outras palavras: para comercializar as edições do jornal, concorrer com outros veículos e efetivar vendas, ganhar o mercado, é preciso colocar “açúcar” no produto, em se tratando de mercadoria, formada por discurso oral ou escrito, há que saber escolher as palavras, há que jogar com elas, há que movimentá-las de maneira que façam sentido para quem são destinadas.

Segundo a teoria de Perelman, Tyteka (2002), já anteriormente tratada, ajuda-nos, neste ponto de nossa fundamentação, a compreender que, a figura do orador/enunciador influencia de forma incontestável a maneira como o auditório receberá as palavras proferidas por ele, ou seja, a imagem que seu discurso faz de si. Dessa maneira, acreditamos que a forma como o enunciador (jornal) apresenta um referente, por meio de recursos da língua (substantivos, adjetivos) está estreitamente veiculada à argumentação, mais especificamente ao componente *ethos*.

A caracterização identificatória, feita pela escolha dos referentes, em discurso, pelo sujeito, quando este deseja captar, influenciar e conseguir adesão, demonstrando ser crível e de confiança, desvela que o ato de nomear também predica e categoriza os seres nomeados. A mídia, com a intenção de tornar visíveis os fatos, esbarra na opacidade da linguagem. Traduzir fatos para um código, onde pode haver mais de um referente para as coisas do mundo, indica fazer escolhas, de forma a passá-los pelo filtro, que torna o produto da linguagem, no caso o texto, orientado e intersubjetivo (expresso na relação: veículo – leitor/ouvinte/expectador).

A escolha de palavras, em *jopará*, para caracterizar e identificar os sujeitos, nas reportagens do jornal, foco da presente pesquisa, pode demonstrar o viés opinativo ou apreciativo por trás desse ato, que poderá agradar a uns e desagradar a outros, dependendo da *doxa* comum entre enunciador e coenunciador, revelando seu *ethos*, nesta ação de ordenação do sentido.

Como ponte entre nosso arcabouço teórico e nossas análises é preciso explicitar essa conexão, o que se faz mediante as escolhas metodológicas, conforme apresentamos na sequência.



#### 4 PERCURSO METODOLÓGICO

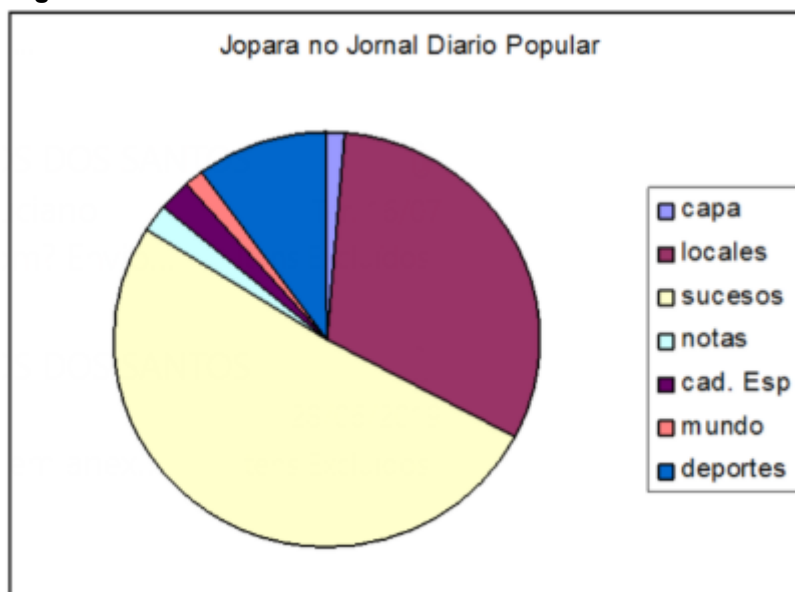
Muitos são os autores que defendem o ensino de língua estrangeira organizado em torno do estudo do texto (oral e escrito), sendo que o texto autêntico, real, criado por falantes nativos, tem função primordial nessa atividade. Em função de elaborar aulas em que os alunos possam ter contato com materiais autênticos (livros, revistas, panfletos, quadrinhos, jornais, ...), muitos professores partem em busca de reuni-los. Em se tratando de professores de espanhol, a região onde se localiza a cidade de Foz do Iguaçu, proporciona acesso a materiais nesse idioma. Esta cidade é conectada, por pontes, à Argentina e ao Paraguai. Basta cruzar essas fronteiras.

O interesse pelo jornal em foco surgiu dessa mesma causa. Desse contato para fins didáticos, houve um encanto maior por alguns impressos, devido ao fato de dois jornais, dos que foram adquiridos em certa ocasião, pelo motivo citado, estarem não somente em língua espanhola, porém “misturavam” guarani e espanhol, são eles – *Diario Popular* e *Diario Crónica*. Dessa experiência, surgiu o impulso por essa forma de expressão.

Por meio de estudos, leituras e conversas com paraguaios, chegou-se ao *jopará*, e muitas foram as dúvidas sobre essa língua. Essas dúvidas geraram um projeto de pesquisa de mestrado, em 2010, em que se delimitou o trabalho ao jornal *Diario Popular*, devido ao mesmo ter maior abrangência. Entre leitores, ser o mais conhecido.

Nessa pesquisa trabalhou-se com um *corpus* formado por todas as edições de janeiro a maio de 2011. No total foram 151 exemplares, os quais foram lidos e as ocorrências em *jopará* foram sublinhadas, já que não aconteciam em todas suas seções.

Logo após, foi criada uma planilha, e, de forma quantitativa, chegou-se ao seguinte gráfico:

**Figura 03:** Gráfico de vocábulos encontrados

Fonte: Santos (2012)

Mais da metade das matérias escritas em *jopará* estavam na seção policial, seguida dos esportes e das capas. O *corpus* foi delimitado ao caderno *sucenos*, que aborda, basicamente, as ocorrências policiais de vários municípios do Paraguai. Essa pesquisa de 2010-2012, como já mencionada, culminou no entendimento do *jopará* como forma de classificação e distinção social. Dentre as sugestões da banca, que avaliou esse trabalho, foi a que se mantivesse o foco no tema do *jopará*, ainda desconhecido para muitos brasileiros e com poucas pesquisas destinadas ao seu uso, funcionamento e descrição, o que instigou-nos a seguir os estudos.

O caminho para as configurações atuais de abordagem do *jopará* no *Diario Popular*, as quais o conectam à construção do *ethos*, explica-se por experiências anteriores, leituras e estudos, que permeiam essa dimensão. Iniciou-se pelo aporte teórico, provido do contato, durante o mestrado, com a retórica, o que proporcionou, por meio de leituras, o desenvolvimento de artigos, em que foram analisados os funcionamentos dos meios retóricos.

Essas experiências e leituras, ajustadas à formação em Letras, contribuíram para o fortalecimento da instauração de um projeto de pesquisa, tendo em vista o fenômeno em escopo e sua configuração, segundo os quais, inclinaram a mirada para o entendimento, do *jopará*, como possível elemento de constituição do *ethos*, popular, pela escolha vocabular, enquanto estratégia, isto é, recurso persuasivo e a

língua enquanto trabalho simbólico, que incidem sobre a produção de imagem de si e do outro no discurso.

Perante esse patamar, no que se refere ao *jopará*, conforme já apresentamos no capítulo I, devido, sobretudo, aos conflitos linguísticos paraguaios, exigiram um posicionamento teórico e crítico, de defesa desse fenômeno, como (trans)língua, fruto da translíngua, por se tratar de uma prática, em contexto bilíngue, de caráter híbrido.

O termo (trans)língua, empregado nessa tese, justifica-se por representar a ideia, expressa graficamente pelo termo – *trans* – do que vai além do entendimento de emprego de duas línguas autônomas, deslocando o foco para seu uso, enquanto prática discursiva dos sujeitos, cujo objetivo é a maximização do potencial comunicativo.

Neste ínterim, essa visão configura-se como paradigma e sustentação teórica que dialoga com nossa argumentação, ao se inter-relacionar ao processo de construção do *ethos*, em análise, cujas repercussões podem auxiliar no entendimento da marginalização do veículo, personagens e leitores.

Diante desses pressupostos, de lacunas e desdobramentos, necessários, recorrentes, relativos ao tema abordado, é que se configura a presente pesquisa.

Partindo do ponto de vista ideológico, em que nos posicionamos quanto ao que julgamos pertinente aos objetivos desse estudo, ou seja, a insistência da não naturalização da língua e seu entendimento como um constructo humano, como prática e representação social, seu delineamento tem um caráter empírico, qualitativo, de interpretação dos dados, documental, bibliográfico e interdisciplinar.

O caráter empírico diz respeito ao processo inicial da pesquisa, cujo percurso já descrevemos, em que para chegarmos à problematização, já apresentada, de forma empírica, pudemos contar com nossa vivência, de já havermos investido nesse tema, além dos dados obtidos por meio de análises e reflexões prévias sobre o mesmo.

Tratando-se do estudo do discurso, em um veículo voltado a um público variado, o foco está na intenção do produtor e na mensagem produzida, sendo assim, estamos conscientes de que nossa análise descreve e procura compreender os efeitos possíveis de sentido. Portanto, abarcando o caráter dedutivo, com base no implícito, chegaremos às nossas conclusões.

Ainda de acordo com nossos propósitos e pergunta norteadora, essa pesquisa se estabeleceu, com base, também, no caráter qualitativo, uma vez que, em um de nossos estudos, promovido pela coleta de dados, desejamos captar as crenças do público entrevistado, para tanto se mostrou necessário mensurá-las. Foram entrevistados funcionários do comércio de *Ciudad del Este*, com intuito de questioná-los sobre: 1) o *Diario Popular* e sua confiabilidade; 2) sobre as impressões a respeito da língua *jopará* e uma redação monolíngüística. Tais resultados apresentaremos em capítulo sequencial.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Nossa pesquisa compreende, explica e analisa, interdisciplinarmente, os fenômenos em questão: *ethos*, *jopará*, discurso. Interessa-nos captá-los, também, a partir das perspectivas contidas nas edições dos jornais, enquanto documentos, por isso de uma análise documental, sendo que, destas, parte uma parcela de nossos dados, mais especificamente de sua linguagem. Agregamos o levantamento e leitura de obras (livros, teses, artigos, ...) que tratam dos temas.

Segundo Gil (1987, p.50) a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos, muito mais ampla que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem se torna, particularmente importante, quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço, sendo este estudado, em nossos moldes, segundo um entendimento que deve contar com múltiplas visões.

Em virtude de uma análise complexa que envolve aspectos linguístico-discursivos, sociais e argumentativos, filiamo-nos ao posicionamento de Fiorin (2008) que entende o caminho para a interdisciplinaridade como sendo essencial num caso como esse.

A partir dessa conjectura, entende-se que a interdisciplinaridade não prevê a simples diluição das fronteiras disciplinares, mas a combinação, a união, a reorganização e a complexificação de métodos de análise em torno de um objeto comum. Dessa maneira, nos valem do pensamento de Japiassu (1976), de que ciência ou teorias científicas não se pretendem de maneira hegemônica,

soberanizando, dessa forma, o conhecimento, ao contrário, elas vêm renunciando às pretensões de totalidade e completude, o que permite a combinação interdisciplinar.

Em virtude do exposto, resta-nos apresentar os instrumentos a serem empregados na coleta de dados e suas funções. Porém, ainda necessitamos discorrer sobre alguns conceitos e finca-pés teóricos, que demonstram de onde estamos falando, coerentes, com nossos objetivos.

#### 4.1 A ANÁLISE: PRESSUPOSTOS

A realização da análise ocorreu, segundo algumas articulações entre pressupostos teóricos.

O princípio que rege a abordagem de nosso tema fia-se nos estudos de Maingueneau (2005; 2008) e Amossy (2005) sobre o *ethos*, enquanto construção de imagem, no discurso. A formação do *ethos* discursivo se compõe da união, indissociável, do *ethos* prévio e do *ethos* mostrado. Este aporte está imbricado ao entendimento do *jopará*, enquanto língua, caracterizada por resultar em uma prática de ordem translíngua, que envolve a organização do repertório linguístico (espanhol e guarani), portanto enquanto estratégia discursiva, que visa maximizar a comunicação, que compreende, dessa forma, o contexto.

A formação do *ethos*, sob esses contornos, exige entendê-lo, também, com base na teoria de Bourdieu (1996), no que se refere à visão do Jornal, enquanto “porta-voz autorizado”, reconhecido, e sua função social, o que pode lhe outorgar certa eficácia discursiva. Mesmo que o leitor não tenha total conhecimento acerca do veículo, pelo *status* que este possui, enquanto órgão de imprensa, ele influencia, de alguma maneira (especialmente em um contexto latino-americano<sup>45</sup>), sua forma de ser e pensar.

Ainda assim, estamos cientes que a imagem anterior ao discurso (*ethos* prévio), que os leitores podem ter, quanto ao jornal, assim como em outras situações de comunicação, construída com base em estereótipos, pode ser negada ou refutada, não efetivada no *ethos* mostrado.

---

45 Nos pautamos em Martín-Barbero (1987), em suas pesquisas relativas à comunicação, em contexto latino-americano, em específico sobre as mediações, enquanto espaço de interação da produção e da recepção dos sentidos, ou seja, enquanto a própria cultura, para enfatizarmos o reconhecimento, portanto, que os meios de difusão de informações, como a televisão, o jornal, são estrutura para as práticas sociais (cotidiano) das pessoas.

Quanto ao *ethos* mostrado (textos em análise), observamos as conjecturas: 1) o material linguístico deixa pistas (escolhas de palavras) da imagem que o jornal pretende construir (amigo, íntimo, confiável, popularesco, voz da comunidade), sem que ela seja, necessariamente, real; 2) o corpo editorial adota postura que rompe com os padrões jornalísticos (não julgamento, isenção) ao nominar/classificar pessoas (*tatácho*<sup>46</sup> – bêbado, *mondaha* – ladrão, ...), pelo uso de palavras em *jopará*.

Seria mais cômoda uma análise, não exatamente nos moldes da presente, em que o enunciador produzisse o discurso em seu nome, cujas marcas linguísticas e discursivas, revelassem a construção de seu *ethos*, como por exemplo as que abrangem o gênero editorial ou um artigo de opinião. Não é o ocorre em nossa pesquisa.

Antes de aprofundarmos a metodologia, acrescentamos outro pressuposto relativo à análise: estudamos o discurso, entendendo-o como ato comunicacional formado por uma dupla dimensão: uma explícita e outra implícita. Nosso objetivo abarcou o sentido implícito, uma vez que buscamos a significação dos signos dentro de um contexto real e não somente o sentido encontrado no dicionário.

Em função de uma abordagem que se caracteriza como interdisciplinar, vemos necessidade de apresentarmos nossas categorias de análise, em forma de quadro, de maneira a situar o leitor quanto ao nosso aporte teórico relativo a tais categorias.

**Quadro 4:** Categorias de Análise: Referencial teórico interdisciplinar

<b>Categorias</b>	<b>Referencial teórico – Abordagem interdisciplinar</b>
<b>LÍNGUA</b>	Língua <i>jopará</i> : defendida como (trans)língua. Prática linguística de indivíduos bilíngues. Por este ponto de vista entendemos que o <i>jopará</i> é um recurso móvel e híbrido, que indivíduos acessam para fins comunicativos (CANAGARAJAH, 2013, p. 7). Nossa posição é contrária à valorização do purismo linguístico. Língua: Por tratarmos de uma instância discursiva, que engloba o <i>ethos</i> , nossa visão de língua está, também, filiada à Análise do Discurso, de origem francesa (Pêcheux, 1975), pela qual abandonamos seu entendimento enquanto código, ou ideologicamente neutra e a vemos como lugar de realização dos discursos, onde se manifestam os sentidos. Ela é, sob essa visão, na presente análise, um pressuposto.
<b>DISCURSO</b>	Discurso: Pela Análise do Discurso francesa, o discurso pode ser entendido como objeto sócio-histórico, em que a língua, por materializá-lo, é vista como trabalho simbólico, fazendo sentido, à medida que o sujeito, por ela, é interpelado pela ideologia (PÊCHEUX, 1975).

46 Esta palavra não faz parte de nosso *corpus*, ainda assim, é frequente sua presença nas matérias investigadas.

	<p>Discurso: Localizado na interface entre Pragmática e Análise do Discurso francesa, é entendido como configuração sócio histórica, cuja organização estrutural e modo de legitimação dependem da cena discursiva (MAINGUENEAU, 2005).</p> <p>Discurso: Pela visão Semiolinguística (CHARAUDEUJAU, 2008), a qual insere o discurso em uma problemática, além de pragmática, comunicacional, o que permite foco nos sujeitos da linguagem e suas intencionalidades. Dessa maneira, discurso é um ato de linguagem, que ocorre em um contexto, entre os sujeitos, com propósitos de influência, em um quadro de ação. Sob ação do sujeito, portanto, o mundo a significar é transformado em mundo significado.</p> <p>Discurso: Bourdieu (1996) aponta que os discursos, enquanto trocas linguísticas, são relações de interação humana e sociais, portanto são relações de dominação e poder simbólico, onde se atualizam as relações de força entre os locutores e seus grupos. Foucault (1986) entende que o discurso é organização de argumentos, por conseguinte, interação e possibilidade de perpetuação de poder e controle.</p>
<b>GÊNERO</b>	<p>Segundo Bakhtin (2003), gêneros discursivos são práticas sócio-comunicativas, influenciados por fenômenos sociais e dependentes da situação comunicativa em que são enunciados, estando, dessa maneira, presentes em toda ação que envolve a comunicação, uma vez que, no momento que interagimos (por meio da oralidade, escrita, gestos, ícones) recorreremos a um gênero, o qual está atrelado ao desejo do enunciador, sua intenção, revelando, neste afã, suas necessidades. Sua compreensão atravessará diferentes campos do saber: social, histórico, linguístico, ideológico, entre outros.</p>
<b>ARGUMENTAÇÃO</b>	<p>Argumentação: Segundo a visão da nova retórica, a argumentação é uma forma de ação do sujeito do discurso, por meio de sua ordenação, com vistas a provocar a adesão de um determinado auditório (PERELMAN, TYTEKA, 2002).</p> <p>Argumentação: A Análise do Discurso francesa observa que a argumentação está na “espessura da língua” (PECHÉUX, 1975), ou seja, nos seus recursos (ambiguidade, estereotipia, conectores, dêiticos, polissemia, metáforas, entre outros), sem mencionar o meio em que se produz; em suma: o enunciador leva em conta as características de seu coenunciador; cada discurso é produzido num espaço de tempo e num lugar social; para a análise deve ser observada não somente a materialidade (os recursos já citados) se não o que orientou o enunciador a fazer suas escolhas e organizar sua argumentação, da forma como o fez.</p> <p>Argumentação: Amossy (2011) propõe uma visão mais ampla da argumentação, alinhando-a às bases da Análise do Discurso francesa, à retórica e à pragmática, segundo a qual, pode ser entendida como “a tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário.” (AMOSSY, 2011 p. 130), o que amplia a concepção de Chaïm Perelman, no que tange a aderir a uma tese.</p>
<b>ETHOS</b>	<p><i>Ethos</i>: Para Perelman, Tyteka (2002) o orador constrói seu <i>ethos</i> em função das expectativas de seu auditório, das imagens que faz dele. A interação entre os dois se faz por meio da imagem que um faz do outro. Dessa forma, é dever do orador buscar uma <i>doxa</i> (crenças e valores) comum com o auditório. O <i>Ethos</i>, portanto, está no enunciado.</p> <p><i>Ethos</i>: Na interface: Análise do Discurso francesa e Pragmática: o <i>ethos</i> se mostra na maneira de se exprimir, estando associado essencialmente à enunciação, ou ainda à forma como o discurso interpela o leitor/ouvinte, estando a persuasão, dessa maneira, ligada a ele, uma vez que: se conseguir mostrar um bom caráter, uma boa imagem, poderá inspirar confiança, dessa forma, o enunciador não necessariamente precisa tecer comentários elogiosos sobre si, no discurso, para persuadir, sendo esta</p>

	<p>ação, o resultado do uso eficiente da palavra e o processo que o envolve, como a escolha vocabular (MAINGUENEAU, 2008).</p> <p><i>Ethos</i>: Na interface: Análise do Discurso francesa, Pragmática e Sociologia dos Campos: Amossy (2005) amplia a noção de <i>ethos</i> ao argumentar em função da imagem de si no discurso, segundo a qual o locutor/enunciador age sobre seu parceiro na troca verbal, observando o aspecto social inculcido nesta ação, que tem por objetivo o convencimento do enunciador sobre o coenunciador.</p>
--	--

Fonte: do autor

Nossa metodologia conecta-se aos nossos propósitos investigativos, que, visam descortinar a formação do *ethos*, pela projeção de uma imagem popular do impresso em foco, sendo que, nesse caminho, necessitamos reconhecer o tipo de contrato de comunicação estabelecido entre os interlocutores, pautados pelo exame da modalidade enunciativa, segundo base teórica proveniente da Semiologia de Charaudeau (2008). Portanto, adotamos como instrumentos para obtenção de dados: a análise das reportagens da seção policial e os questionários aplicados.

Apresentamos, na sequência, as configurações de nossa coleta de dados, e, mais adiante, no capítulo seguinte, as análises.

## 4.2 INSTRUMENTALIZAÇÃO

### 4.2.1 Questionário

Foram aplicados 50 questionários aos leitores do jornal, trabalhadores do comércio de *Ciudad del Este*, cidade paraguaia que faz fronteira com a cidade brasileira Foz do Iguaçu. O objetivo, para fins de analisar a formação do *ethos* prévio e contrato de comunicação, era apurar, como já mencionado anteriormente, de que forma estes leitores pensam o jornal em questão, como pensam o uso do *jopará*, especialmente nas páginas policiais, ou seja, que imagem têm de tal veículo.

Como chegamos a esses parâmetros?

O número de entrevistados foi estipulado, levando-se em conta o universo total de leitores do jornal, considerável, ainda assim desconhecido, portanto, para efeitos de absorção das crenças do público, segundo nossos propósitos, era necessária uma amostra razoável. Não seria prudente trabalhar com dois entrevistados, por exemplo.



Estas informações foram importantes para entendermos o processo de construção do *ethos* prévio atrelado à questão das línguas (espanhol, guarani e *jopará*) no contexto em destaque, todos interligados à formação do contrato de comunicação, já que, o jogo discursivo demonstra a interação em que os agentes (enunciador e coenunciador) marcam suas posições, ou ainda, seus papéis sociais, estando no espaço interno dessa instância, ou seja, na formação discursiva, a construção das identidades, podendo haver uma aliança ou ruptura do contrato.

Portanto o questionário mostrou-se uma maneira de traçar o perfil do leitor, o valor que os sujeitos da amostra atribuíram às línguas e sua relação com o enunciador, o que atendeu ao entendimento da composição do *ethos* prévio e sua confirmação no discurso.

A população-alvo foi definida, fundamentalmente, pelos dados estudados, provenientes do censo nacional, segundo os quais, reiteramos, apenas 8% da população paraguaia se afirma monolíngue, em espanhol, sendo assim, a abordagem aleatória, feita nas ruas de *Ciudad del Este*, se justificou, uma vez que o conhecimento da (trans)língua *jopará* é algo trivial. Melià (2010), observa que o guarani sempre foi uma realidade nos lares, nas ruas e nas relações linguísticas diárias do povo, em todos os pontos da nação, e que, apesar das tentativas de desprestigá-lo, ele permaneceu vivo, forte e reprodutivo. Este autor também assevera que o guarani e espanhol “puros”, no Paraguai, são abstrações.

O fato de a amostra indicar que os leitores do jornal são funcionários do comércio de *Ciudad del Este* se baseou na observação empírica. O editorial define seu público como variado ([www.hoy.com.py](http://www.hoy.com.py), acesso 27 de maio de 2018), porém nenhum dado estatístico que pudesse comprová-lo foi apurado, ainda assim alguns fatores foram levados em consideração: 1) que esses jornais são vendidos nas bancas do comércio, o que facilita a boa circulação nessa zona; 2) o baixo custo do mesmo em relação a outras publicações; 3) os estudos de Dias (2008), que apurou que o jornal popular, Notícias Populares de São Paulo, cuja autodefinição era “o jornal do trabalhador” pretendia atender os interesses desse público; Amaral (2006), que entende que os jornais populares, diferentemente dos jornais de referência, atendem a um público que compõe uma camada mais ampla da sociedade, condicionados a fatores sociais e econômicos.

Um aspecto importante foi ter certeza que os abordados conheciam o jornal em questão, algo não difícil, visto a grande popularidade que este veículo tem. Em um

piloto, exploratório, aplicado em março de 2017, não houve nenhum caso em que os abordados desconhecem o veículo.

Tendo em conta os objetivos do vigente estudo, dada a sua natureza e situação em que se desenvolveu, a amostra foi composta por trabalhadores que estiveram disponíveis a participar, e não selecionados por critério estatístico.

Os sujeitos foram escolhidos de forma espontânea e aleatória, que dentre as características, demonstram idade predominantemente situada a partir de 18 anos, visto que, essa era idade mínima exigida.

O questionário contou com questões fechadas e abertas e foi aplicado pelo próprio pesquisador.

Aspectos sociais (idade e sexo) e educacionais (escolaridade) foram considerados relevantes na análise dos dados.

#### **4.2.2 Análise documental**

O vigente estudo, sobre a conexão entre o uso do *jopará* e construção do *ethos* popular do *Diário Popular*, segundo suas configurações, decorrentes de observação e análise, inicial, de todas as edições impressas do impresso em foco, entre os meses de janeiro a julho de 2011, encaminhou-o a ser analisado, interdisciplinarmente, sob alguns olhares já expostos. Desse exaustivo trabalho, pudemos construir nossa pergunta de investigação, objetivos, fundamentar e realizar a delimitação, relativa ao *corpus* de análise.

Os critérios para o recorte dessa parcela do *corpus* (61 edições sequenciais do ano de 2011) foram estabelecidos segundo os preceitos: 1) de forma empírica, observou-se que jornal emprega o *jopará* em todas as suas edições. É uma estratégia rotineira, ainda assim, isto ocorre com maior ênfase, nos cadernos que formam as páginas criminais, *Sucesos* e *Locales*; 2) após leitura de 181 edições, dos meses de janeiro a junho de 2011, foram selecionadas 61 edições sequenciais, que correspondem aos meses de março e abril. A escolha foi aleatória, uma vez que o jornal adota a (trans) língua *jopará* nessas páginas como prática. Necessitávamos trabalhar com um número de edições menor, a fim de poder investigar todos os casos, de forma mais minuciosa.

Estas edições, do ano de 2011, justificam-se pelo fato do vigente estudo tratar-se de um desdobramento do assunto: *jopará*, o qual gerou uma investigação, anterior, que ocorreu entre os anos de 2010-2012, pela qual se constatou o entendimento dessa língua como forma de classificação e distinção social. Dentre as sugestões da banca, que avaliou esse trabalho, foi a que se mantivesse o foco no tema do *jopará*, ainda desconhecido para muitos brasileiros e com poucas pesquisas destinadas ao seu uso, funcionamento e descrição.

Diante desses pressupostos, lacunas e desdobramentos, necessários, a respeito do tema, é que surgiu a presente pesquisa. Os 151 exemplares, do ano de 2011, todos autênticos, formavam um rico acervo a ser explorado, mostrando-se fecundo para o desenvolvimento, inclusive, de outros estudos. De forma mais específica, elucidaremos nosso percurso.

Trabalhamos com fragmentos retirados das páginas das edições, já antes mencionadas. Essa tomada de atitude se deveu à experiência passada, que propiciou reconhecimento de mais de 20.461 (vinte mil quatrocentos e sessenta e um) palavras em guarani *jopará* (SANTOS, 2011, p.17) encontradas. Esses dados, aliados ao manuseio do software – *Atlas TI 8.0*<sup>47</sup> – propiciaram-nos estipular quais vocábulos iríamos focar, pois, por essa ferramenta, ao criarmos seus códigos, estabelecidos por um trabalho de varredura nas edições do jornal, pudemos notar que, em sua maioria, enquadravam-se nas categorias linguísticas: 1) nomes – substantivos e adjetivos; 2) verbos *dicendi*; 3) preposições e advérbios.

Dentro desse universo, nesse caminho, ainda necessitamos efetuar mais um recorte, concomitante ao referencial teórico e ao que nos propusemos analisar, o que nos inclinou, decorrente de leitura e análise, a estabelecermos que trabalharíamos com o conceito de nomação (Charraudeau, 2008) composto pelas categorias: substantivos e adjetivos. Tais classificações linguísticas, aplicadas ao *jopará*, são respaldadas pelos estudos de (Melià, 1992), (Krivoshein de Canese, 1996), (Guash; Ortiz, 1991), que traçaram parâmetros de formação das primeiras estruturas do guarani, no período colonial, consolidadas na gramática guarani paraguaia moderna, dicionarizadas.

---

47 Software para análise qualitativa de dados textuais, gráficos, áudio e vídeo. O contato, manuseio e aplicação dessa ferramenta se deveu ao estágio doutoral realizado na Universidade Nova de Lisboa, no ano de 2017, no Laboratório de Argumentação, dessa instituição. Com as atividades provenientes da utilização do software pudemos certificar o encaminhamento para delimitação do *corpus* documental, ainda assim, ela foi realizada, segundo leitura e análise de todos os exemplares, de janeiro a julho de 2011, do *Diário Popular*.

Do universo de nomes, com auxílio do software já mencionado, mas sobretudo pela leitura e estudo das edições do impresso, chegou-se às seguintes palavras e categorias de análise, organizadas, também em forma de quadro:

**Categorias principais:** Língua, Discurso, Argumentação, *Ethos*: Construção do *ethos*, popular; *Jopará* na construção do *ethos* popular do Jornal *Diario Popular*; A imagem de si e do outro no discurso.

**Subcategorias:** Homens, mulheres; Estratégia persuasiva; Estereótipo – como o jornal/enunciador atribui identidades, julga e conseqüentemente constrói seu *ethos* (popular – positivo); Adaptação da imagem a esquemas coletivos com base em representações sociais; Semiologia: modo de organização: descritivo – nomeação por gênero. Categoria da língua: substantivo – adjetivo. Efeito discursivo: formação do *ethos*.

**Quadro 5** - Construção do *ethos* - homem

Vocábulo	Quando usados?	Nomeação: gênero e comportamento	<i>Ethos</i> : Imagem de si e do outro Estereótipo Imagem do outro: estigmatizada. Imagem do <i>jopará</i> : estigmatizada/estigmatizante; Estratégia de persuasão.
<i>oka'u</i> (Fogo; estar de fogo; embriagado)	Em ocorrências de trânsito, principalmente	Substantivo ou adjetivo; Gênero e comportamento	Imagem de si e do outro; Estereótipo; estigmatizada; Imagem do <i>jopará</i> : estigmatizada/estigmatizante; Estratégia de persuasão.
<i>Mondaha</i> (ladrão)	Para ladrões	Substantivo; Gênero e comportamento	Imagem de si e do outro; Estereótipo; estigmatizada; Imagem do <i>jopará</i> : estigmatizada/estigmatizante; Estratégia de persuasão.
<i>Karai</i> (homem)	Vítima ou acusado	Substantivo; Gênero	Imagem de si e do outro; Estereótipo; estigmatizada; Imagem do <i>jopará</i> : estigmatizada/estigmatizante; Estratégia de persuasão.
<i>Léka</i> (homem, velho)	Acusado	Substantivo; Gênero e comportamento	Imagem de si e do outro; Estereótipo; estigmatizada; Imagem do <i>jopará</i> : estigmatizada/estigmatizante; Estratégia de persuasão.

<i>kurepi(a)</i> ( <i>literal: porco;</i> <i>discursivo:</i> <i>argentino</i> )	Vítima ou acusado	Adjetivo pátrio	Imagem de si e do outro; Estereótipo; estigmatizada; Imagem do <i>jopará</i> : estigmatizada/estigmatizante; Estratégia de persuasão.
--	-------------------	-----------------	---

Fonte: do autor

#### Quadro 6 - Construção do *ethos* - mulher

Vocábulo	Quando são usados?	Nomeação segundo o gênero e comportamento	<i>Ethos</i> : Imagem de si e do outro: ajuizador, punitivo, Imagem de si: positiva, popular Estereótipo Imagem do outro: estigmatizada. Imagem do <i>jopará</i> : estigmatizada/estigmatizante; Estratégia de persuasão.
<i>Mitãkuña</i> ( <i>Mulher - moça</i> )	Vítima	Substantivo; Gênero e comportamento	Imagem de si e do outro; Estereótipo; estigmatizada; Imagem da (trans)língua <i>jopará</i> : estigmatizada/estigmatizante; Estratégia de persuasão.

Fonte: do autor

**Subcategorias: policiais.** Estratégia persuasiva; Estereótipo – como o enunciador/jornal atribui identidades, julga e conseqüentemente constrói seu *ethos* (popular – positivo); Adaptação da imagem a esquemas coletivos com base em representações sociais. Semiolinguística: modo de organização: descritivo – nomeação por comportamento. Categoria da língua: substantivo. Efeito discursivo: formação do *ethos*.

#### Quadro 7 - Construção do *ethos* – policiais

Vocábulo	Quando são usados	Nomeação por profissão	<i>Ethos</i> : Imagem de si e do outro Estereótipo Imagem do outro: estigmatizada. Imagem do <i>jopará</i> : estigmatizada/estigmatizante; Estratégia de persuasão.
<i>Volái (policiais)</i>	Ações policiais	substantivo	Imagem de si e do outro; Estereótipo; estigmatizada; Imagem da (trans)língua <i>jopará</i> : estigmatizada/estigmatizante; Estratégia de persuasão.

Fonte: do autor

Apresentamos, sequencialmente, os resultados de nossa coleta dados, realizada por meio de questionários. Essas informações são importantes para entendermos o processo de construção do *ethos* prévio e a formação do contrato de comunicação, em análise.

## 5 FORMAÇÃO DO CONTRATO DE COMUNICAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS* PRÉVIO: ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Segundo Charaudeau (2009), os discursos dependem de condições específicas para sua realização, as quais são reguladas por convenções, normas e comportamentos, que estabelecem restrições e sanções, talhadas nas práticas sociais e nas trocas comunicacionais, relativas ao espaço, tempo, uso de palavras e de língua.

As situações de comunicação estão imbuídas em tais aspectos, seus agentes podem aceitar tais imposições, como também podem encontrar formas para transgredi-las, caso seja necessário. Outro fator de condição a ser elencado, quando a forma de interação é o texto informativo, jornalístico, como o foco de nosso estudo, é que o público leitor constrói representações sobre o *ethos* do enunciador. Portanto, tendo em vista os objetivos estabelecidos, que envolvem, como sabemos, o estudo do discurso, os aspectos levantados são relevantes.

Com objetivo de analisar a construção do *ethos* prévio e compreender a elaboração das convenções que regulam e formam o Contrato de Comunicação<sup>48</sup>, estabelecido entre o enunciador, *Diario Popular* e o coenunciador, leitor do jornal, por meio de um questionário, aplicado a 50 participantes, trabalhadores do comércio de *Ciudad del Este*, no Paraguai, buscamos entender os parâmetros que formam esta espécie de acordo prévio, recíproco, que implementa limites e permissões concernentes às notícias e ao discurso.

Nossa atenção está em entender de que maneira a (trans)língua *jopará* participa desse acordo. Desta feita, nosso foco, nesse ponto da tese, está na dimensão externa da linguagem, nos dados provenientes do entorno, referentes à prática social, comportamental dos indivíduos. Ou seja, necessitamos traçar uma ponte entre nossos objetivos, os dados que englobam o perfil dos leitores abordados e suas crenças e atitudes quanto às línguas (espanhol, guarani e *jopará*) em especial quanto ao *jopará* nas páginas policiais (seções: *sucesos* e *locales*) do jornal em foco. Dessa maneira, recorreremos a algumas pesquisas pautadas por princípios

---

48 Conceito estabelecido por Charaudeau (2008), sobre o qual já tratamos em nossa fundamentação teórica. Nossa análise de dados, neste capítulo, recorrerá a este aporte. Este contrato, em linhas gerais, trata-se de um acordo tácito, que ocorre em uma troca comunicacional, entre os locutores, segundo o qual, os interagentes sabem como agir.

da sociolinguística e linguística aplicada para a interpretação dos dados relativos ao estudo da língua guarani.

Outro ponto de nossa atenção é compreender a elaboração do *ethos* prévio, a qual está atrelada a aspectos que mobilizam a afetividade, associada aos estereótipos, ao material linguístico e ao ambiente.

Todas essas perspectivas, procuramos abarcar, sob forma de perguntas, aplicadas ao público alvo, cujo processo de elaboração do questionário, em alguns aspectos, guiou-se pela consciência a respeito dos conflitos, concernentes às línguas do Paraguai, como anteriormente apuramos, particularmente os que abarcam a (trans)língua *jopará*. A interpretação dos dados fornecidos por este instrumento poderá nos dar indícios a respeito do que pensam os coenunciadores sobre o veículo. Quanto ao contrato de comunicação: suas crenças sobre o *jopará*. Em suma, aspectos externos, não verbais.

Quanto a parte inicial do questionário, objetivamos apurar junto aos participantes, informações sociais, econômicas e acadêmicas, cujas variações, referentes a estes dados, puderam indicar, que algumas dessas condições, podem determinar ou influenciar alguns resultados.

Antes ainda, é necessário detalhar esta etapa da pesquisa.

## **5.1 SELEÇÃO DA ÁREA DE APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS, TAMANHO E CARACTERÍSTICAS DO QUESTIONÁRIO E DA AMOSTRA**

Os 50 questionários utilizaram o método aleatório simples<sup>49</sup>. Foram aplicados aos leitores do jornal, trabalhadores do comércio de *Ciudad del Este*, cidade paraguaia que faz fronteira com a cidade brasileira Foz do Iguaçu. A escolha da área de aplicação, zona de comércio de *Ciudad del Este*, se justificou pela observação empírica. Constatou-se que o jornal era muito lido nestas regiões, especialmente por ser impresso, de custo baixo, também devido a sua configuração editorial, que já tratamos anteriormente. Estes fatores o tornam abrangente, acabando por destinar-se a um público variado, e, conseqüentemente, difundido.

---

49 Método probabilístico, bastante difundido, cuja técnica aponta a possibilidade de todos os participantes formarem a amostra. Em nosso estudo, todos os respondentes, que de forma espontânea, aceitaram a pesquisa, são nosso universo.



As abordagens foram feitas de maneira informal, nos próprios ambientes de trabalho. Foram abordagens aleatórias e contaram com a presença do entrevistador. Antes de iniciar a pesquisa, uma série de informações eram repassadas aos respondentes, tais como: as exigências éticas e de resguardo, de identidade, eram aclaradas; a forma de preenchimento do formulário era explicada, e, fundamentalmente, era apurado junto ao entrevistado, se este conhecia o *Diario Popular* e se tinha mais de 18 anos, comprovados por ele, e por apresentação de documentos.

O questionário<sup>50</sup> apresentou nove questões fechadas, redigidas em língua espanhola<sup>51</sup>, nas quais os respondentes deveriam optar por uma alternativa, marcando-a. Também contou com duas questões abertas, em que podiam expressar suas opiniões de forma escrita. Não havia obrigatoriedade em responder nenhuma das questões, por mais que os questionários, quanto mais respondidos, em sua totalidade, melhor serviriam para o andamento da pesquisa.

Outro aspecto a ser levantado, quanto ao questionário, é referente à questão 5, ela foi elaborada em forma de escolha aleatória, cujo objetivo, por trás dessa metodologia, era apurar, em números, em que inclinação tendiam a apreciação dos respondentes, quanto à linguagem não padronizada, empregada pelo jornal, nas páginas selecionadas, mesmo que essa não estivesse em *jopará*.

Essa etapa da pesquisa apresenta como margem de erro: 13.9% para o total da amostra, calculada utilizando-se a população finita. Uma vez que não atinge a todos os membros dessa comunidade, depreende-se um erro amostral, caracterizado como de fenômeno de ocorrência, cujo índice é de 50%, segundo o tamanho de nossa amostra. Apresenta intervalo de confiança de 95%.

Não foi traçado um perfil muito específico para possíveis participantes, a não ser os já apresentados. Os leitores que estivessem disponíveis e que tivessem mais de 18 anos poderiam responder. Ainda assim, os traços relativos ao sexo e grau de escolarização influenciaram nos resultados de interpretação dos dados.

---

50 Disponível nos anexos da pesquisa.

51 Optou-se pela aderência à língua padrão paraguaia, espanhol, para elaboração dos questionários, em função de tal documento dever cumprir protocolos éticos, formais, os quais o conduziram a esta padronização.

## 5.2 OS PARTICIPANTES: PERFIL

Os participantes são homens e mulheres, maiores de 18 anos, residentes em *Ciudad del Este*, município de Alto Paraná, no Paraguai. Todos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido; e manifestaram ler e conhecer o *Diario Popular*.

Dos 50 respondentes, 32 são do sexo masculino e 18 do feminino. Como já mencionado, a abordagem foi feita sem orientação quanto ao sexo ou escolaridade, calhando de serem preponderantes os homens.

Quanto à escolaridade, foram empregados os níveis, segundo a composição do sistema escolar paraguaio, cujos resultados foram: 02 com ensino primário incompleto; 05 com ensino primário completo; 05 com educação média incompleta; 13 com educação média completa; 14 com ensino superior incompleto; 09 com ensino superior completo e 02 respondentes não informaram.

Outra questão que compunha o perfil era o bairro onde vivem os respondentes. As respostas demonstram que são: *Ciudad Nueva, San Rafael, San José, Hernandárias, Santa Ana, Don Bosco, San Agustín, San Sebastián, km 9 Mondagui, Centro, Presidente Franco, Ñansaindi, Santa Inés, Che Royami, Las Blancas, Los jazmines, Obrero, Mingua guazú, Carolina, km 81/2, Las Americas*. Todos formam parte do perímetro urbano de *Ciudad del Este*, segunda cidade mais populosa do Paraguai, estando somente a capital, Assunção, a sua frente.

Este município é a capital do departamento de Alto Paraná. Sua economia gira em torno do comércio, especialmente de importados, sendo a terceira zona franca mais movimentada em todo o mundo, estando atrás de Miami, nos Estados Unidos e Hong Kong, na China.

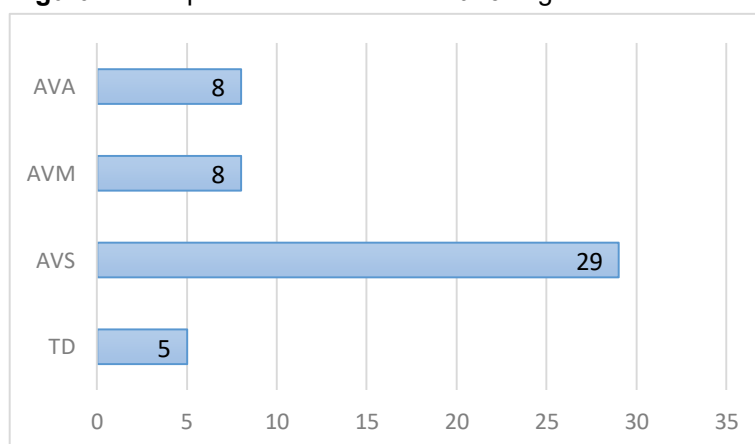
Na sequência apresentamos a descrição dos resultados, os quais, serão representados em níveis numéricos e percentuais, em forma de gráficos, para facilitar sua visualização. Ao final desta seção, tecemos a análise, tomando-se o cruzamento das informações.

### 5.3 QUANTO À PERGUNTA 2: VOCÊ LÊ O DIÁRIO POPULAR? OS ENTREVISTADOS RESPONDERAM:

A primeira questão, concernente ao diário, nosso objeto de pesquisa, gerou nosso primeiro gráfico (figura 4). Seus resultados referem-se ao número total de leitores, segundo o tamanho de nossa amostra, que assinalaram a opção que indicava a frequência que liam o jornal.

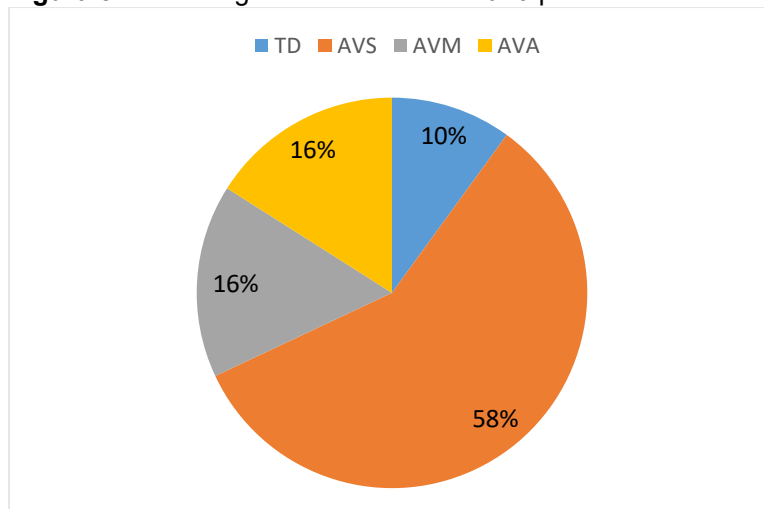
Essa questão é pertinente, segundo nossos objetivos, no que se refere a entendermos de que forma o *Diário* faz parte da vida dos entrevistados. Segundo Maingueneau (2001), há, em toda enunciação, um sujeito situado, além do texto. As propriedades associadas ao seu estilo, em nosso caso, informal de notícia, puderam e podem ser perceptíveis ao público, que poderá aderir a ele. Portanto, necessitamos mensurar, segundo este parâmetro, segundo alguns dados, essa relação: Jornal-leitores.

**Figura 4.** Frequência de leitura do *Diário* segundo a totalidade da amostra



**Legenda:** **AVA:** Algumas vezes por ano, **AVM:** Algumas vezes por mês, **AVS:** Algumas vezes por semana, **TD:** Todos os dias.

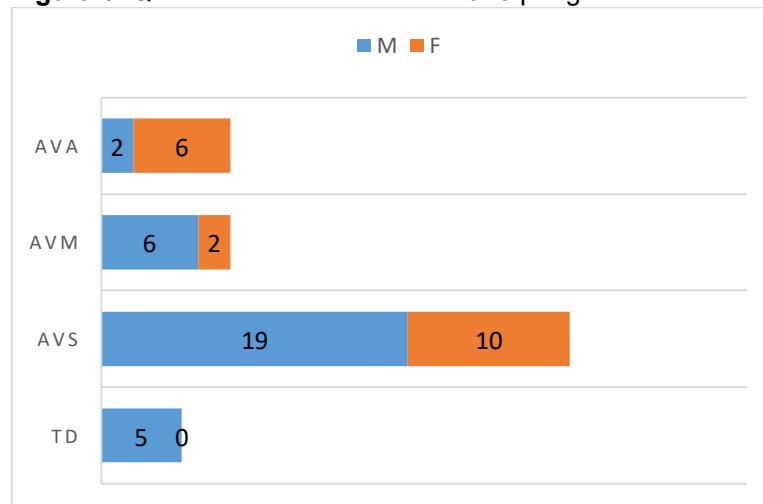
O gráfico a seguir (figura 5) nos fornece a informação anterior, porém em forma de números percentuais, o que facilita a visualização, e, especialmente, entender a relação entre os percentuais e a frequência de leitura, que neste caso, indica que 58% do total da amostra tem contato e lê as matérias algumas vezes por semana.

**Figura 5.** Porcentagem de leitores do *Diario* por variável de análise

**Legenda:** **AVA:** Algumas vezes por ano, **AVM:** Algumas vezes por mês, **AVS:** Algumas vezes por semana, **TD:** Todos os dias.

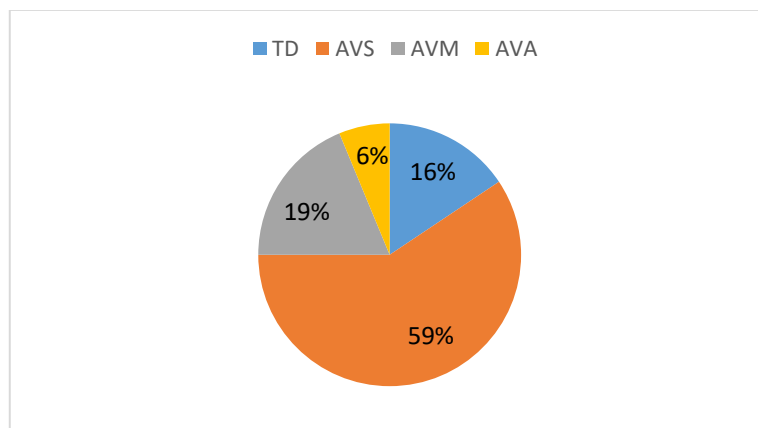
Esses dados (figura 5) nos apontam um nível alto de procura pelo impresso em análise, o que corrobora, segundo nossa sondagem, anterior ao questionário, quanto a sua possível circulação, satisfatória.

Na sequência, exibiremos de que forma esses percentuais se conformam, segundo o total da amostra, quantos aos leitores, separados por sexo (figuras 6, 7 e 8). Segundo Charaudeau (2009), os discursos midiáticos devem levar em conta o perfil do destinatário-alvo, para poderem apresentar informações que sigam esse perfil, suas exigências.

**Figura 6.** Quantidade de leitores do *Diario* por gênero.

**Legenda:** **AVA:** .Algumas vezes por ano, **AVM:** Algumas vezes por mês, **AVS:** Algumas vezes por semana, **TD:** Todos os dias.

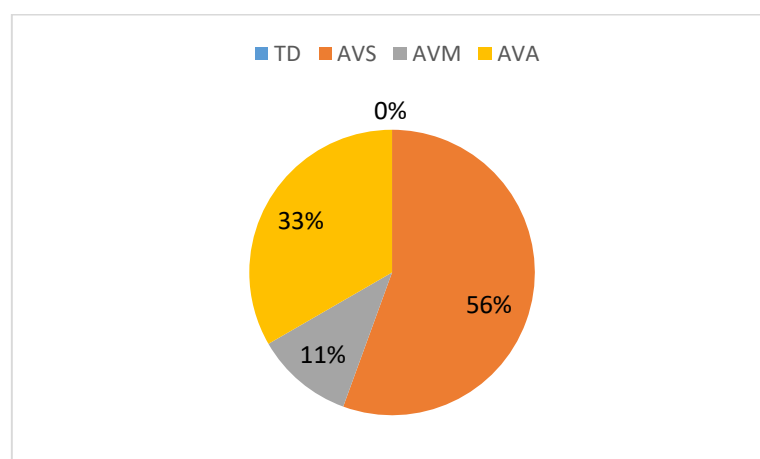
**Figura 7.** Percentual de leitores do *Diário*, do sexo masculino, por variável



**Legenda:** AVA: .Algumas vezes por ano, **AVM:** Algumas vezes por mês, **AVS:** Algumas vezes por semana, **TD:** Todos os dias.

Dessa forma, tratamos de traçar a distinção, traduzida em percentuais, entre os gêneros. Esse é um dado importante, visto que as crenças, atitudes, interesses e outros aspectos sociais, culturais, podem variar segundo a idade, o sexo, escolaridade e a classe econômica. Em nosso caso, em nosso estudo, apresentamos as variações relativas aos três primeiros itens. (figura 8, 9 e 10).

**Figura 8.** Percentual de leitores do *Diário*, do sexo feminino, por variável.

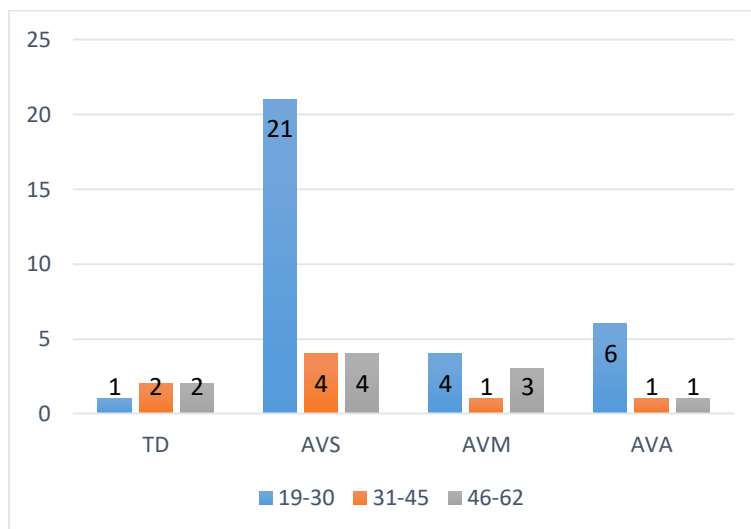


**Legenda:** AVA: Algumas vezes por ano, **AVM:** Algumas vezes por mês, **AVS:** Algumas vezes por semana, **TD:** Todos os dias.

O gráfico representado pela figura de número 7 faz parte, integralmente, do gráfico da figura 6. Cada um, individualmente, obedece ao total de indivíduos da

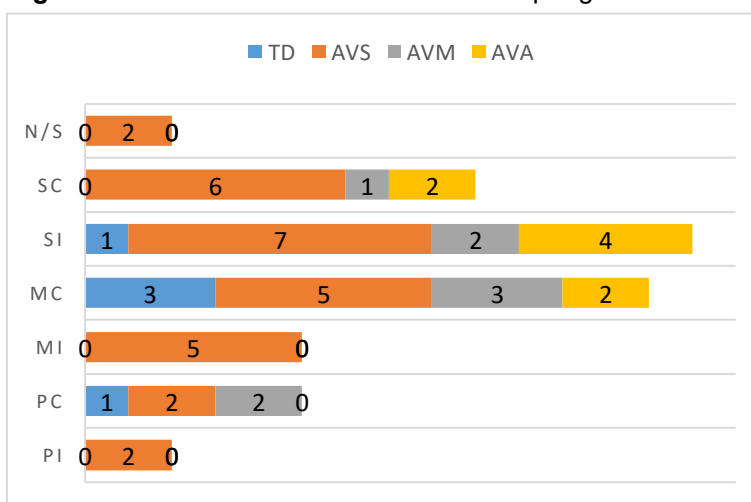
amostra, dividida por gênero, porém, a somatória de ambos é de 100% da amostra global. Cada seção obedece a forma  $\{x=(x/x*100)/50\}$ . Dessa maneira, o percentual refletido em cada parte do gráfico obedece a sua participação no total global de 50 questionários. O mesmo passará com os dados relativos às outras perguntas, que serão expostos na sequência, quando se referirem ao percentual distintivo, quanto ao gênero.

**Figura 9.** Quantidade de leitores do *Diario* por categoria de idade.



**Legenda:** AVA: Algumas vezes por ano, **AVM:** Algumas vezes por mês, **AVS:** Algumas vezes por semana, **TD:** Todos os dias.

**Figura 10.** Quantidade de leitores do *Diario* por grau de escolaridade



**Legenda:** AVA. Algumas vezes por ano, **AVM:** Algumas vezes por mês, **AVS:** Algumas vezes por semana, **TD:** Todos os dias. **N/S:** não souberam; **SC:** Superior completo; **SI:** Superior incompleto; **MC:** educação média completa; **MI:** educação média incompleta; **PC:** educação primária completa; **PI:** educação primária incompleta.

Quanto a idade dos leitores respondentes, em sua maioria, está na faixa entre 19 e 30 anos. Leem com certa regularidade os que ainda não concluíram o ensino superior e os que concluíram o ensino de nível médio.

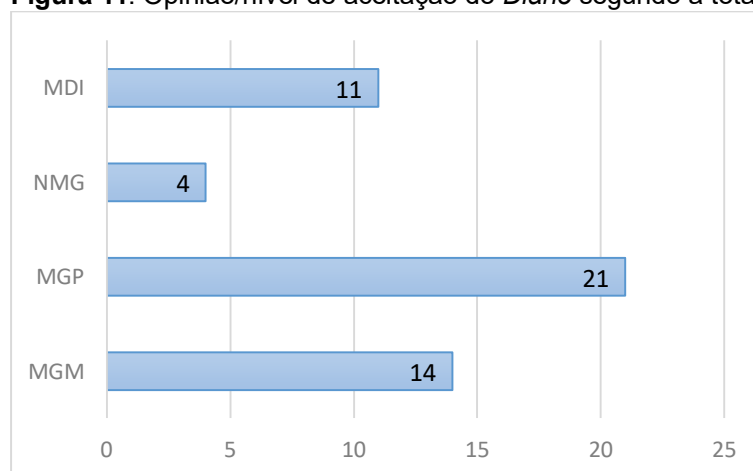
Todas as informações fornecidas por este item, nos mostram indícios relativos ao perfil de leitor, que demonstra interesse pelo jornal, revelando também, se tratar de um veículo realmente difundido, que atinge um público variado, não segmentado. Estes dados não confirmam a expectativa de perfil de público de jornais populares, segundo resultados de outras análises ou segundo traços baseados em clichês – baixa escolaridade, maiores de 30 anos.

Ainda apresentaremos dados que possam apontar os níveis relacionais: jornal – leitor.

#### 5.4 QUANTO À PERGUNTA 3: O QUE OPINA SOBRE O *DIARIO POPULAR*?

Nosso propósito, ao elaborar essa questão, era graduar os níveis de satisfação, por parte dos respondentes, com relação ao veículo, para, dessa maneira, avaliar a afinidade entre enunciador e coenunciador.

**Figura 11.** Opinião/nível de aceitação do *Diario* segundo a totalidade da amostra.

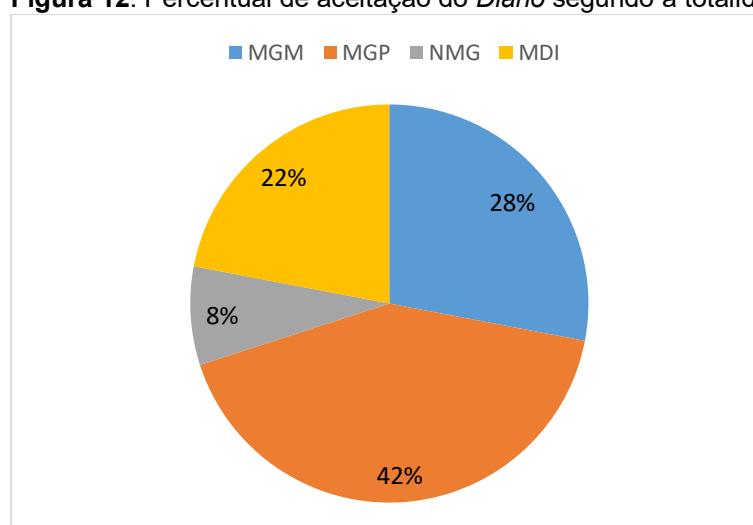


**Legenda:** MDI: Me Da Igual, NMG: No Me Gusta, MGP: Me Gusta Poco, MGM: Me Gusta Mucho (**MDI**: Indiferente; **NMG**: Não gosto; MGP: Gosto um pouco; **MGM**: Gosto muito – tradução nossa)

Os gráficos que medem o quanto os participantes gostam do *Diario* (figuras 11 e 12), nos mostram que, 21 respondentes optaram pela alternativa que indica um grau médio de aceitação.

Segundo Maingueneau (2008), *ethos* efetivo é composto da dimensão discursiva e da social, entre o dizer e o ser. Enquanto órgão público, o *Diario* possui uma imagem pública. Uma imagem que demonstre afinidade, que desperte afeto, como a que, segundo os índices (gráficos das figuras 11 e 12) comprovados, se estabelece, poderá render ao enunciador um *ethos* calcado em credibilidade e identificação, necessários para toda sorte de objetivos, enquanto empresa.

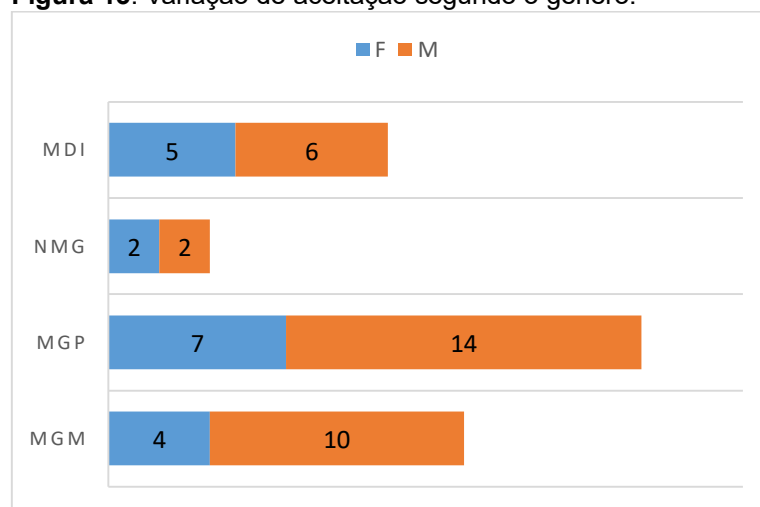
**Figura 12.** Percentual de aceitação do *Diario* segundo a totalidade da amostra.



**Legenda:** MDI: Me Da Igual, NMG: No Me Gusta, MGP: Me Gusta Poco, MGM: Me Gusta Mucho (**MDI:** Indiferente; **NMG:** Não gosto; **MGP:** Gosto um pouco; **MGM:** Gosto muito – tradução nossa)

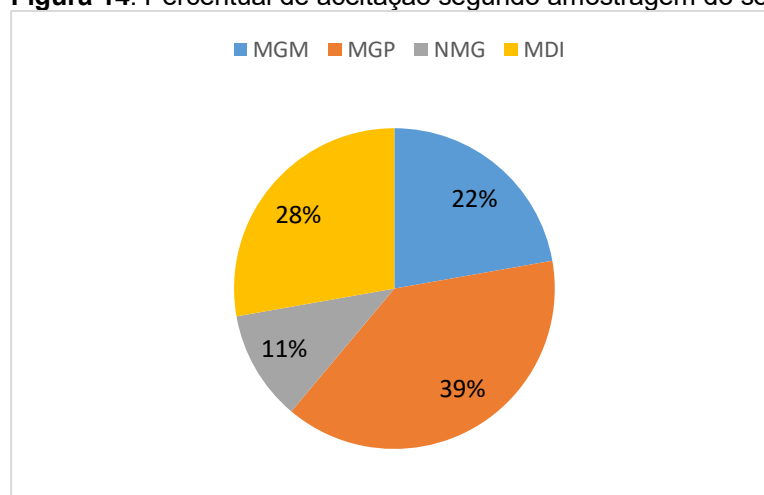
Quando observamos os dados, anteriormente comentados (figura 12), expressos em números, podemos notar que quase metade do total da amostra, 42%, gosta um pouco do jornal, porém o nível mais baixo de aceitação, que indica não gostar nada do impresso, é de 8%. Dessa forma, os graus de afetividade, entre os leitores respondentes e o jornal, estão na faixa de relativamente alto, já que 28% do total, gosta muito.



**Figura 13.** Variação de aceitação segundo o gênero.

**Legenda:** MDI: Me Da Igual, NMG: No Me Gusta, MGP: Me Gusta Poco, MGM: Me Gusta Mucho (**MDI**: Indiferente; **NMG**: Não gosto; **MGP**: Gosto um pouco; **MGM**: Gosto muito – tradução nossa. F: Femenino, M: Masculino).

Quanto à variação, referente ao mesmo tema, relativa ao gênero (figuras 13, 14 e 15) o que se pode notar, é, que o grau de afinidade, de nível intermediário (gostar um pouco), é maior entre os homens, 44%, enquanto que, entre as mulheres consultadas, esse nível é de 39%.

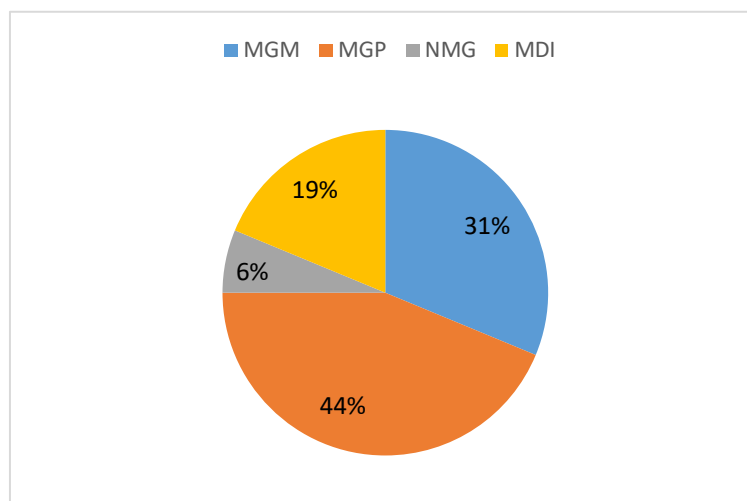
**Figura 14.** Percentual de aceitação segundo amostragem do sexo feminino

**Legenda:** MDI: Me Da Igual, NMG: No Me Gusta, MGP: Me Gusta Poco, MGM: Me Gusta Mucho (**MDI**: Indiferente; **NMG**: Não gosto; **MGP**: Gosto um pouco; **MGM**: Gosto muito – tradução nossa).

Já o percentual que indica nível alto de aceitação (gostar muito), é também maior entre os respondentes do sexo masculino. Os índices de baixa aceitação (não

gostar nada) são maiores entre as participantes, assim como, elas, mais que os homens, estão na faixa que indica indiferença a respeito do tema.

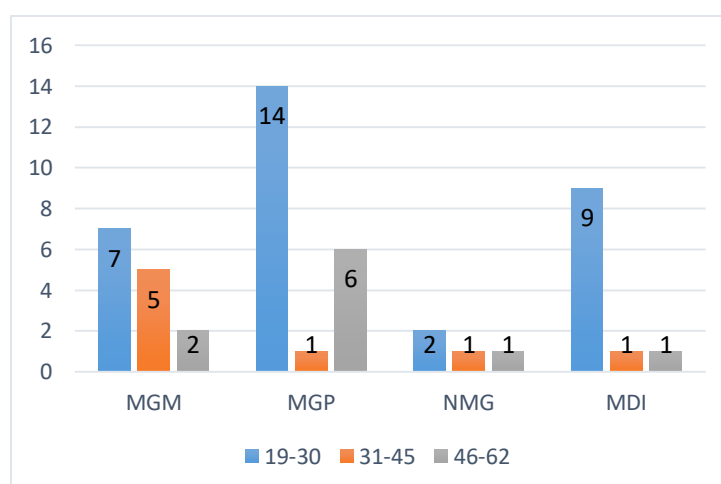
**Figura 15.** Percentual de aceitação do jornal segundo amostra masculina.



**Legenda:** MDI: Me Da Igual, NMG: No Me Gusta, MGP: Me Gusta Poco, MGM: Me Gusta Mucho (**MDI**: Indiferente; **NMG**: Não gosto; **MGP**: Gosto um pouco; **MGM**: Gosto muito – tradução nossa).

Quando analisamos os dados, segundo as variações relativas à idade (figura 16) dos participantes, podemos notar que: 14 respondentes, sua maioria, que se mostra, medianamente favorável, ao jornal, está na faixa entre 19 e 30 anos, assim como, nesta mesma faixa etária, formam-se outros dados: 1) a maioria de respondentes é favorável ao impresso, ao seu estilo de configuração, o que indica um nível alto. 2). Também, na mesma faixa de idade, estão os indiferentes a ele.

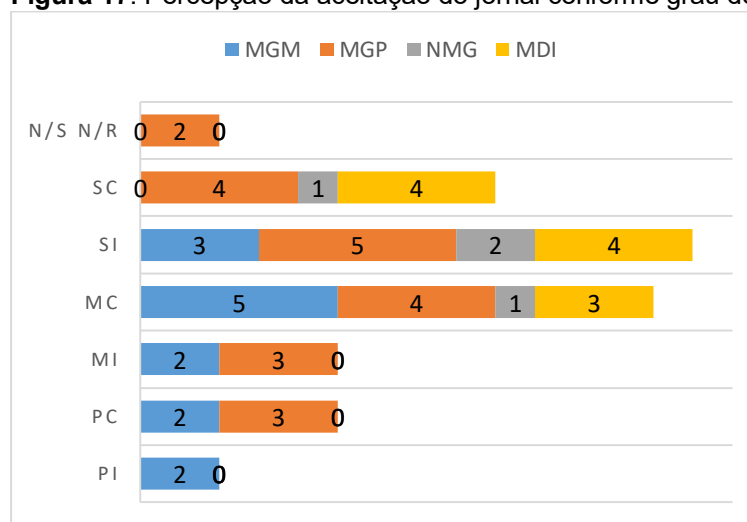
**Figura 16.** Variação de aceitação do *Diario* conforme a idade.



**Legenda:** MDI: Me Da Igual, NMG: No Me Gusta, MGP: Me Gusta Poco, MGM: Me Gusta Mucho (**MDI**: Indiferente; **NMG**: Não gosto; **MGP**: Gosto um pouco; **MGM**: Gosto muito – tradução nossa).

Quando analisamos os dados, segundo as variações relativas à escolaridade (figura 17) dos participantes, podemos notar que, a maioria, entre os que se mostram favoráveis ao jornal, tem o ensino de nível médio completo, já a maioria dos que possuem nível superior completo, gostam medianamente do impresso.

**Figura 17.** Percepção da aceitação do jornal conforme grau de escolaridade



**Legenda:** MDI: Me Da Igual, NMG: No Me Gusta, MGP: Me Gusta Poco, MGM: Me Gusta Mucho (**MDI**: Indiferente; **NMG**: Não gosto; **MGP**: Gosto um pouco; **MGM**: Gosto muito – tradução nossa) N/R Não responderam. **SC**: Superior completo; **SI**: Superior incompleto; **MC**: educação média completa; **MI**: educação média incompleta; **PC**: educação primária completa; **PI**: educação primária incompleta.

Os resultados da pesquisa, nesse ponto, são muito interessantes, importantes, por revelarem, junto ao público, dois aspectos relativos ao impresso em foco. Um deles é o fato de existir, efetivamente, relação de afetividade entre ambos: jornal e o público respondente.

Outro é concernente ao perfil dos respondentes, cujos resultados apontam níveis de maior satisfação, que demonstram ser favoráveis às configurações do jornal. Este perfil é composto por: homens, entre 19 e 30 anos, que concluíram a educação média. Já os que terminaram o ensino superior, tendem a ser indiferentes ou gostar pouco do periódico.

Esses dados podem ser indicativos de aspectos que envolvem a fidelização do público-alvo. Um deles pode ter conexão com o fato de, majoritariamente, ser um público masculino. Como possível argumento, a esse elemento, observamos sua configuração editorial, a qual, através do uso da linguagem não verbal, por fotos, expõe mulheres em trajes de banho, inclusive nas capas, e, dedica atenção ampla

ao mundo do futebol, em suas páginas de esportes. Estes temas, com base em convenções sociais, podem ser de gosto do público masculino, havendo, pois, um provável amoldamento a ele.

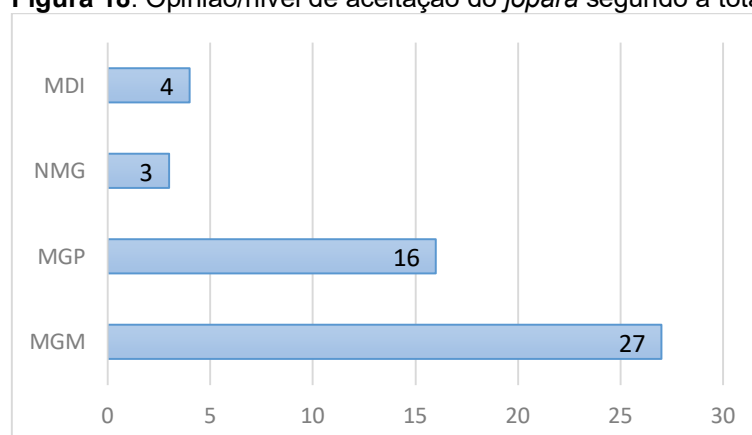
Ainda, na direção de compreender o papel do *jopará* na formação do *ethos* popular do impresso, propusemos algumas questões, cujos resultados compartilhamos, sequencialmente.

### 5.5 QUANTO À PERGUNTA 04: QUAL SUA OPINIÃO SOBRE O *JOPARÁ* NO DIÁRIO POPULAR?

Nosso objetivo ao elaborar uma questão, cujas alternativas, pudessem nos fornecer índices de aceitação da (trans)língua *jopará*, no jornal, foi de, baseados em Charaudeau (2008), atrelar esses índices, suas variações, ao esquema de regras que permite, ou não, o periódico fazer uso dessa língua, bem como, de que maneira, este aspecto, enquanto estratégia discursiva, é captada pelo leitor, ou seja, de que forma ela auxilia no processo de formação da imagem do jornal.

O primeiro resultado mede qual nível de afetividade dos participantes da amostra em relação ao *jopará*, no contexto em foco, segundo sua satisfação.

**Figura 18.** Opinião/nível de aceitação do *jopará* segundo a totalidade da amostra.



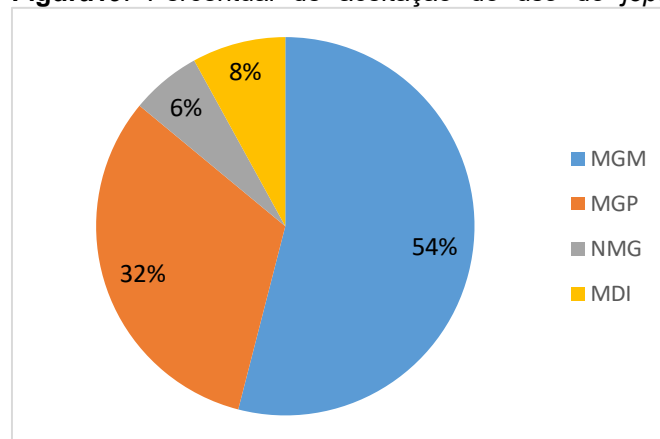
**Legenda:** MDI: Me Da Igual, NMG: No Me Gusta, MGP: Me Gusta Poco, MGM: Me Gusta Mucho (**MDI:** Indiferente; **NMG:** Não gosto; **MGP:** Gosto um pouco; **MGM:** Gosto muito – tradução nossa)

Os gráficos que medem o quanto os participantes gostam de ler suas notícias em *jopará*, no jornal, (figuras 18 e 19) nos mostram que 27 respondentes optaram pela alternativa que indica um grau alto de aceitação, isso indica, em termos

percentuais, um total de 54%, mais da metade. O nível baixo de aceitação da (trans) língua no jornal é de 6%.

Essa questão poderia ser interpretada, segundo afinidade com o órgão de imprensa em evidência e não necessariamente com relação ao *jopará*, contudo, mais adiante, contrastaremos esse índice, ao medirmos níveis de aceitação, de uma hipotética redação do jornal em língua única espanhola ou guarani.

**Figura 19.** Percentual de aceitação do uso do *jopará* segundo totalidade da

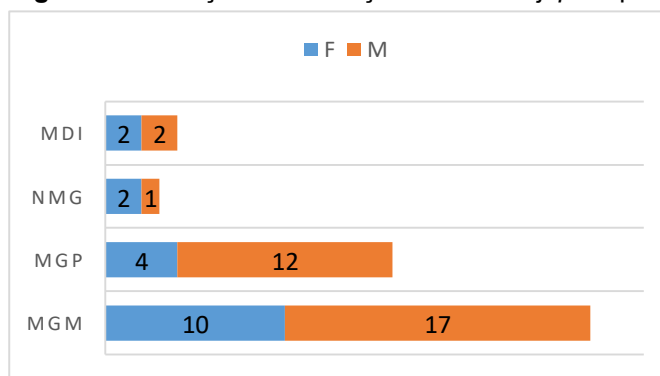


amostra.

**Legenda:** MDI: Me Da Igual, NMG: No Me Gusta, MGP: Me Gusta Poco, MGM: Me Gusta Mucho (**MDI:** Indiferente; **NMG:** Não gosto; **MGP:** Gosto um pouco; **MGM:** Gosto muito – tradução nossa).

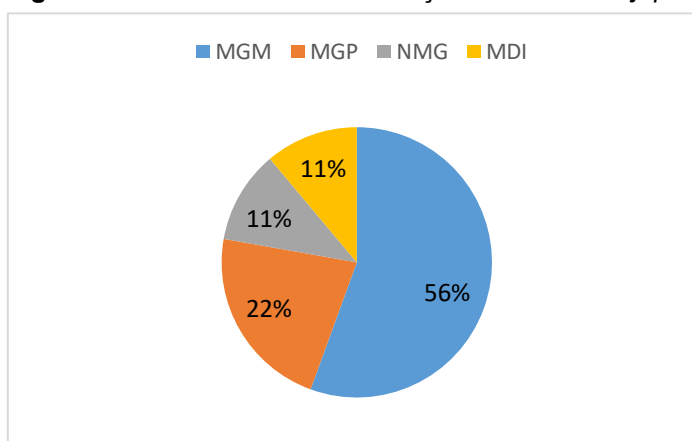
Quanto à variação, referente ao mesmo tema, relativa ao gênero (figuras 20, 21 e 22), o que se pode notar, é que o grau de afinidade de nível alto (gostar muito), é maior, 56%, entre as mulheres, enquanto que entre homens consultados, esse nível é de 53%.

**Figura 20.** Variação de aceitação do uso do *jopará* por gênero.



**Legenda:** MDI: Me Da Igual, NMG: No Me Gusta, MGP: Me Gusta Poco, MGM: Me Gusta Mucho (**MDI:** Indiferente; **NMG:** Não gosto; **MGP:** Gosto um pouco; **MGM:** Gosto muito – tradução nossa). F: Feminino; M: Masculino.

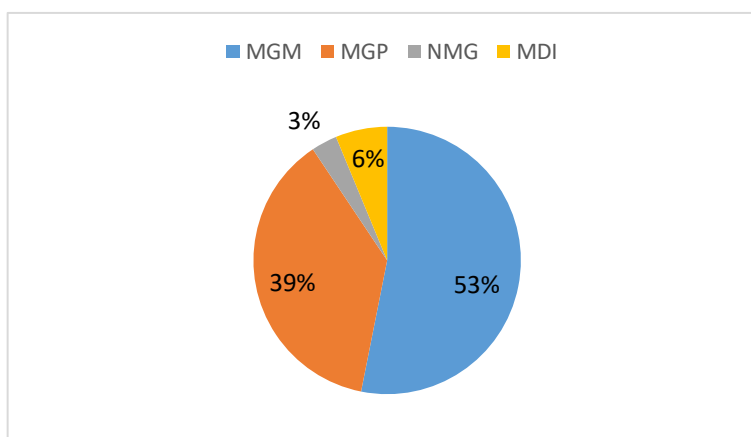
**Figura 21.** Percentual de aceitação do uso do *jopará* segundo a amostra



feminina.

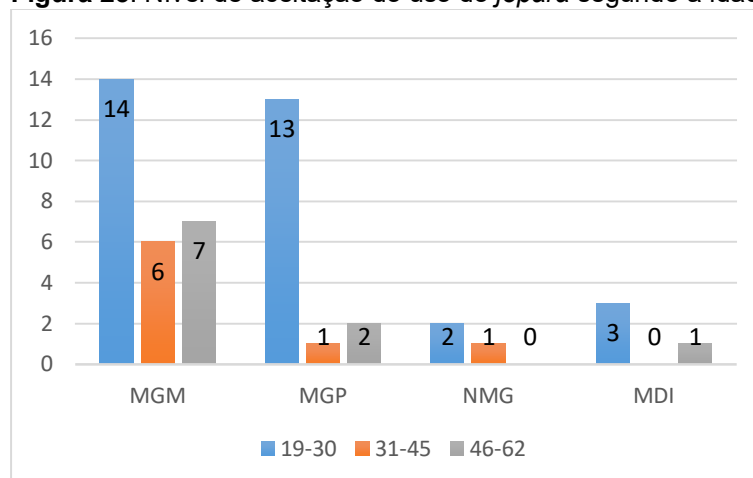
**Legenda:** MDI: Me Da Igual, NMG: No Me Gusta, MGP: Me Gusta Poco, MGM: Me Gusta Mucho (**MDI**: Indiferente; **NMG**: Não gosto; **MGP**: Gosto um pouco; **MGM**: Gosto muito – tradução nossa)

**Figura 22.** Percentual de aceitação do uso do *jopará* segundo a amostra masculina.



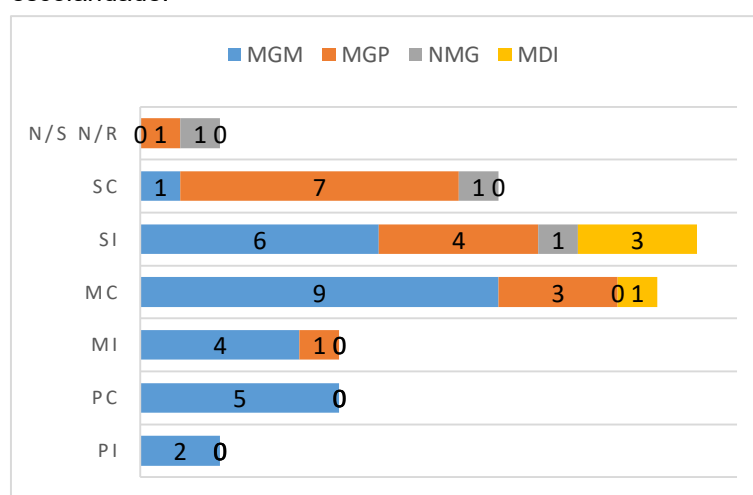
**Legenda:** MDI: Me Da Igual, NMG: No Me Gusta, MGP: Me Gusta Poco, MGM: Me Gusta Mucho (**MDI**: Indiferente; **NMG**: Não gosto; **MGP**: Gosto um pouco; **MGM**: Gosto muito – tradução nossa)

Quanto à variação, referente à aceitação da (trans)língua no contexto analisado, relativa à idade dos participantes (figura 23), observa-se que o nível mais alto e satisfatório, corresponde à faixa etária de 19 a 30 anos, porém, quase o mesmo número de respondentes, dessa mesma faixa, apresenta nível médio de aceitação do *jopará* no jornal.

**Figura 23.** Nível de aceitação do uso do *jopará* segundo a idade.

**Legenda:** MDI: Me Da Igual, NMG: No Me Gusta, MGP: Me Gusta Poco, MGM: Me Gusta Mucho (**MDI**: Indiferente; **NMG**: Não gosto; **MGP**: Gosto um pouco; **MGM**: Gosto muito – tradução nossa)

Quando analisamos os dados, segundo as variações relativas à escolaridade (figura 24) dos participantes, podemos notar, que a maioria, entre os que se mostram favoráveis ao *jopará*, no contexto analisado, tem o ensino de nível médio completo. Já a maioria dos que possuem nível superior completo, gostam, medianamente, de ler as notícias em *jopará*.

**Figura 24.** Percepção de aceitação do uso do *jopará* no diário segundo grau de escolaridade.

**Legenda:** MDI: Me Da Igual, NMG: No Me Gusta, **MGP**: Me Gusta Poco, **MGM**: Me Gusta Mucho (**MDI**: Indiferente; **NMG**: Não gosto; **MGP**: Gosto um pouco; **MGM**: Gosto muito – tradução nossa). N/R Não responderam. **SC**: Superior completo; **SI**: Superior incompleto; **MC**: educação média completa; **MI**: educação média incompleta; **PC**: educação primária completa; **PI**: educação primária incompleta.

Esses níveis podem ser entendidos por estarem atrelados ao fato que, segundo Bourdieu (2014), a escola, para além de gerir os conteúdos disciplinares, determinados por leis educacionais, tem no processo de formação do pensamento crítico o atravessamento de uma ideologia, que encaminha ao afunilamento cultural, unilateral, na forma como os gostos, as crenças e os valores, oriundos de grupos sociais dominantes, são base para a distinção. Nesse contexto, os entrevistados, cujos níveis escolares são mais avançados, têm incorporado o conhecimento, acerca da padronagem das línguas, que, no Paraguai, garante *status* de língua ao guarani e ao espanhol, segundo sua “pureza”.

Os dados obtidos, por meio dessa questão, demonstram que a (trans)língua *jopará*, empregada na redação das páginas policiais, é aceita pelos entrevistados. Mais da metade, de ambos os sexos, gostam dos textos em *jopará*.

Observa-se, no entanto, um certo grau de rejeição, mas não negação, por parte dos entrevistados com grau de escolaridade de ensino superior completo. Já os respondentes, que não concluíram ensino primário ou secundário, são unânimes em aceitar a (trans)língua no *Diario*.

## 5.6 RELATIVO À PERGUNTA 05: MARQUE A ORAÇÃO QUE VOCÊ MAIS GOSTA:

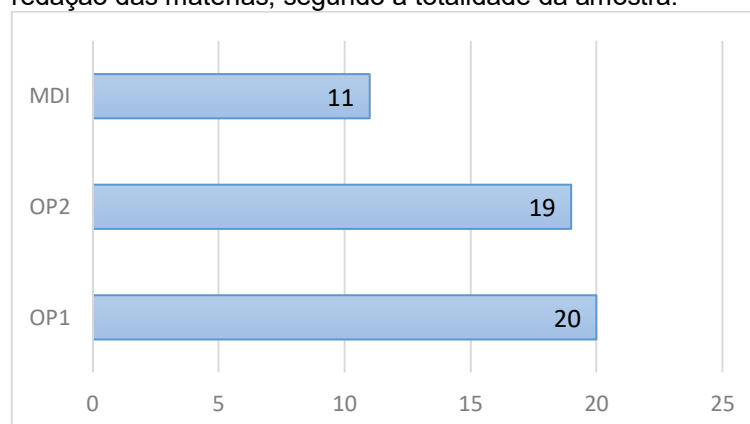
**Opción 1: observaron dos ñatos en una motocicleta. (observaram dois malandros em uma motocicleta – tradução nossa).**

**Opción 2: observaron dos malandros en una motocicleta. (observaram dois malandros em uma motocicleta – tradução nossa).**

Por pouca diferença, mas ainda em maioria, os participantes escolheram a opção 1 (figuras 25 e 26), em que aparece a palavra *ñato*, em língua espanhola, que, segundo consulta aos dicionários, pode ter algumas acepções, dentre elas: chato, sem ponta, porém, na região que cobre os países da Argentina e do Paraguai, esta palavra se traduz como: feio, perverso (Oficina de textos, 1996).

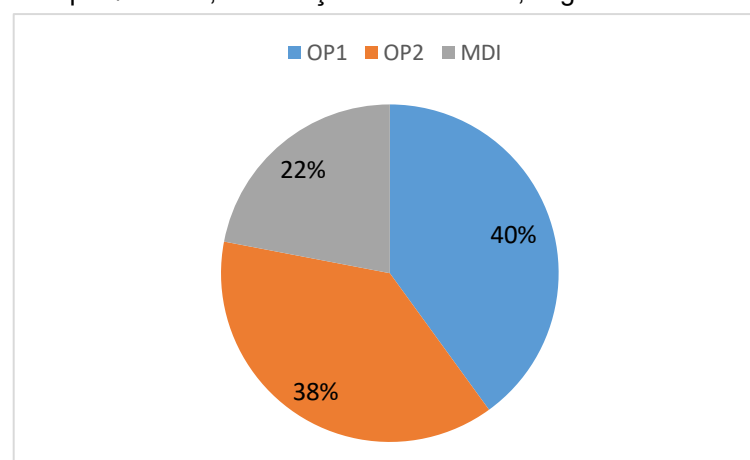


**Figura 25.** Opinião/preferência entre palavras, de uso coloquial/dialetal, na redação das matérias, segundo a totalidade da amostra.



**Legenda:** **MDI:** Me Da Igual, **NMG:** No Me Gusta, **MGP:** Me Gusta Poco, **MGM:** Me Gusta Mucho (**MDI:** Indiferente; **NMG:** Não gosto; **MGP:** Gosto um pouco; **MGM:** Gosto muito – tradução nossa)

**Figura 26.** Percentual de Opinião/preferência entre palavras, de uso coloquial/dialetal, na redação das matérias, segundo a totalidade da amostra.



**Legenda:** **MDI:** Me Da Igual, **NMG:** No Me Gusta, **MGP:** Me Gusta Poco, **MGM:** Me Gusta Mucho (**MDI:** Indiferente; **NMG:** Não gosto; **MGP:** Gosto um pouco; **MGM:** Gosto muito – tradução nossa)

Os percentuais demonstrados pelas respostas dos participantes ao questionário, no que se referem ao gosto dos entrevistados quanto à linguagem coloquial empregada nas matérias analisadas, apontam que, a maioria do público, prefere a oração onde se emprega a palavra *ñato*, frente a que usa o termo *malandro*.

O primeiro vocábulo, conforme Zajícová (2009), forma parte de um rol de palavras, expressões e agramaticalidades, associadas ao léxico e dialeto espanhol paraguaio. Já a segunda é uma palavra com demarcações universalizantes, quanto à sua empregabilidade, no léxico espanhol dos países dessa comunidade linguística.

Mesmo que as orações não estejam em *jopará*, ainda assim, segundo um parâmetro ético de escrita jornalística, elas rompem com a padronagem e formam o estilo do periódico.

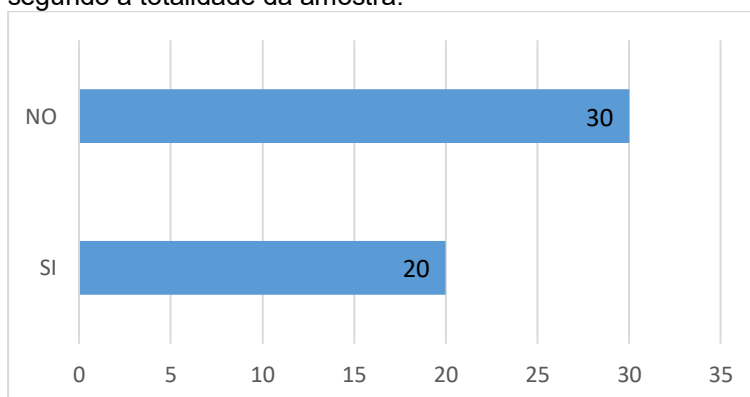
O propósito da formulação e aplicação dessa questão é relativo ao nosso objetivo de compreender que, para além do *jopará*, também contribui para construção do *ethos*, popular, o alicerce em uma linguagem não formal, que vai, desde aspectos imagéticos até a uma escrita que se aproxima à língua falada, paraguaia. Esses dados não incidirão, diretamente, em nossa análise, vista a tese que defendemos, porém, comporão o contexto de uso do *jopará*, este sim, em foco.

Nessa ordem, sentimos necessidade de questionar os entrevistados, quanto à possibilidade, visto o universo linguístico paraguaio, de redação do jornal em línguas únicas: espanhol ou guarani.

#### **5.7 RELATIVO À PERGUNTA 06: O DIÁRIO POPULAR DEVERIA ESTAR REDIGIDO TOTALMENTE EM ESPANHOL? OS ENTREVISTADOS RESPONDERAM:**

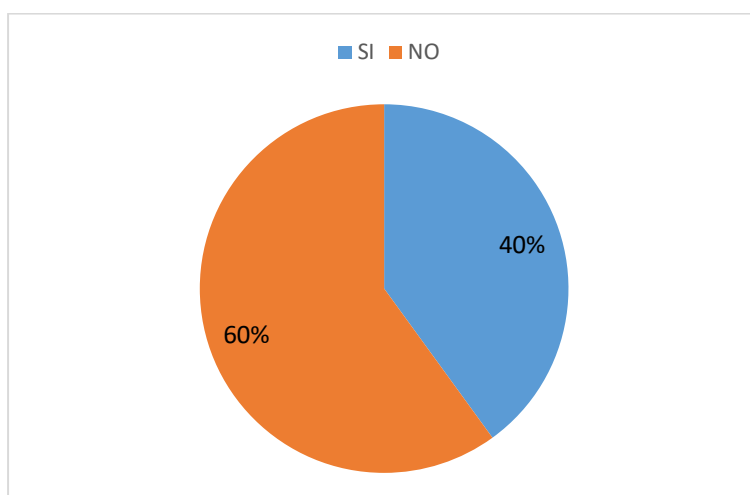
Os dados referentes a essa questão nos auxiliam a entender: que relação o público demonstra, por meio das respostas, ter, com um discurso em língua única, espanhola. Necessitávamos verificar o nível de empatia do público quanto a essa proposta. Tínhamos a ideia que haveria grande aceitação ao que cogitamos. Contudo, a maioria (figuras 27 e 28) dos participantes, não está de acordo com uma linha editorial que abdicasse da redação em *jopará*.

**Figura 27:** Opinião/preferência de uso da língua espanhola na redação do *Diario* segundo a totalidade da amostra.



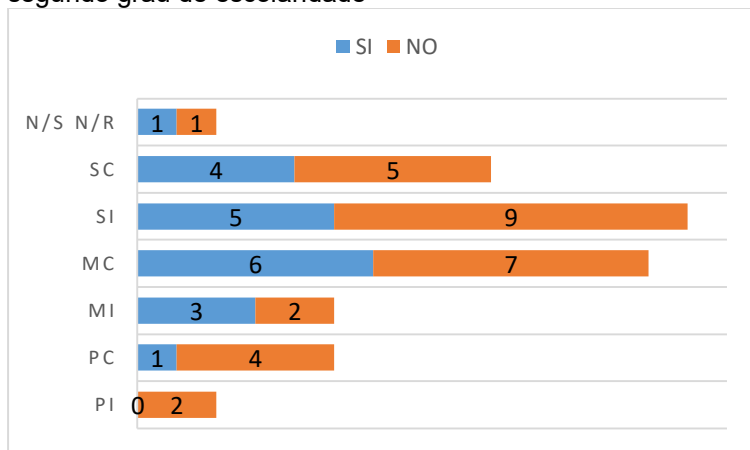
**Legenda:** No: não; Sí: sim

**Figura 28:** Percentual de preferência de uso da língua espanhola na redação do *Diario* segundo a totalidade da amostra.



**Legenda:** No: não; Sí: sim

**Figura 29:** Opinião/preferência de uso da língua espanhola na redação do *Diario* segundo grau de escolaridade



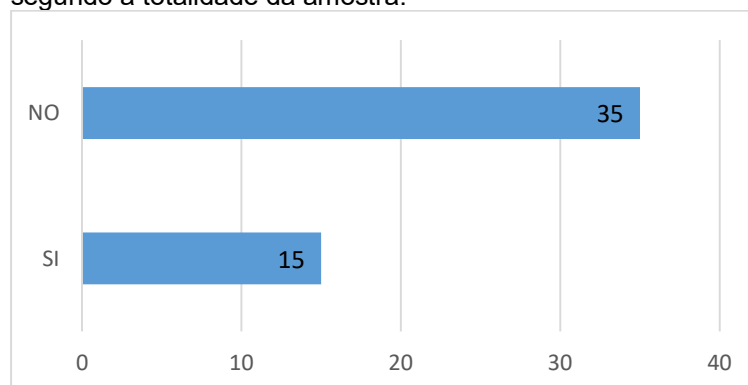
**Legenda:** No: não; Sí: sim. N/R Não responderam. **SC:** Superior completo; **SI:** Superior incompleto; **MC:** educação média completa; **MI:** educação média incompleta; **PC:** educação primária completa; **PI:** educação primária incompleta.

Dentre os que não são favoráveis à redação, somente em língua espanhola, há uma concentração de respondentes com ensino superior incompleto, já entre os com ensino médio completo e superior completo, há quase uma paridade entre os favoráveis e contra, sobrepondo-se os que não estão de acordo com a proposta.

### 5.8 RELATIVO À PERGUNTA 07: O *DIARIO POPULAR* DEVERIA ESTAR REDIGIDO TOTALMENTE EM GUARANI? OS ENTREVISTADOS RESPONDERAM:

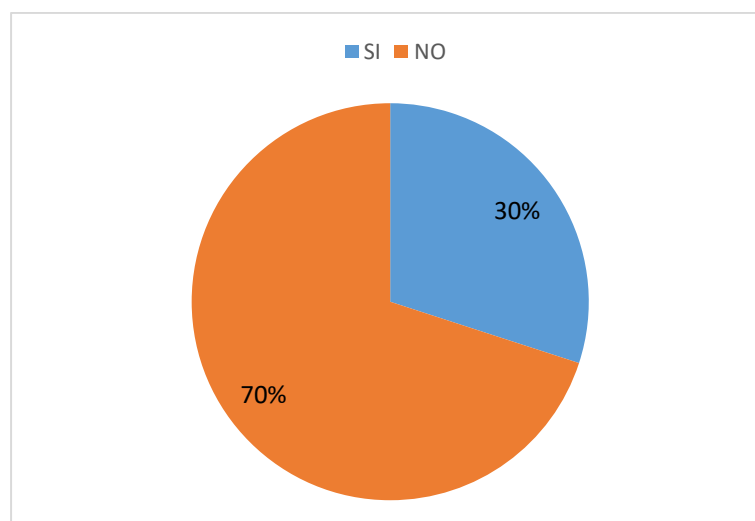
Caso o jornal optasse por apresentar suas notícias somente em língua guarani, os entrevistados se mostraram ainda menos satisfeitos, 70% não está de acordo com discurso monolíngue em guarani, conforme apontam os dados:

**Figura 30:** Opinião/preferência de uso da língua guarani na redação do *Diario* segundo a totalidade da amostra.



**Legenda:** No: não; Sí: sim

**Figura 31:** Percentual de preferência de uso da língua guarani na redação do *Diario* segundo a totalidade da amostra.

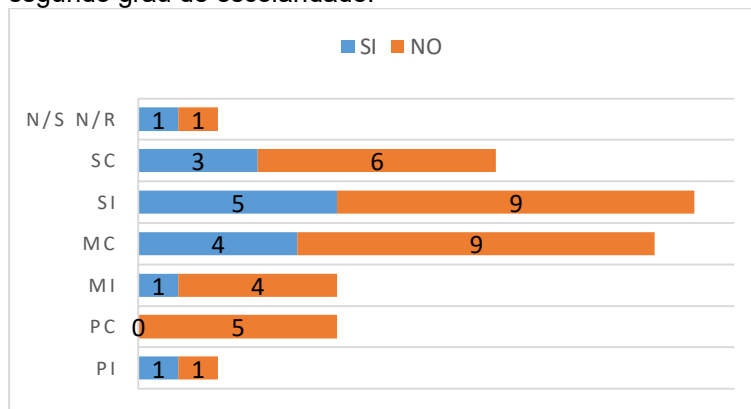


**Legenda:** No: não; Sí: sim

Caso compararmos o nível de aceitação da proposta de redação, monolíngue, espanhol, anteriormente apresentado, com o da proposta, nas mesmas condições, em guarani, veremos que há maior aceitação da segunda.

Uma possível argumentação, de forma a interpretar esses dados, foi realizada com apoio em algumas fontes (PATIÑO, 2013), (GASPARIN, 2015), (RODRIGUEZ ZUCCOLILLO, 2000), derivadas de estudos que se debruçaram sobre a língua guarani, cujos resultados apontam, de forma geral e convergente, um alto nível de empregabilidade da língua guarani na vida cotidiana e sua alta aceitabilidade, decorrente, também, de políticas lingüística, com vistas à sua valorização, refletidas em seu uso em contexto escolar, folclórico, na literatura e por alguns meios de comunicação, porém, como algo pitoresco e não como forma efetiva de comunicação formal. Contudo, como veremos, a circulação do guarani, está associada, massivamente, ao seio familiar ou contexto informal, de interação face a face.

**Figura 32:** Opinião/preferência de uso da língua guarani na redação do *Diário* segundo grau de escolaridade.



**Legenda:** No: não; Si: sim. N/R Não responderam. SC: Superior completo; SI: Superior incompleto; MC: educação média completa; MI: educação média incompleta; PC: educação primária completa; PI: educação primária incompleta.

Dentre os que não são favoráveis à redação, somente em língua guarani, há uma pequena concentração de respondentes com ensino superior incompleto, ainda assim é preponderante. Em todos os níveis de escolaridade, há uma negativa em haver redação, monolíngue, em guarani.

Diante desse panorama, recorremos aos dados de Patiño (2013), cuja pesquisa apurou haver alto nível de empregabilidade da língua guarani, na comunicação diária, em um universo pesquisado, formado por estudantes. Ainda assim, o contexto de uso da língua era o informal e familiar.

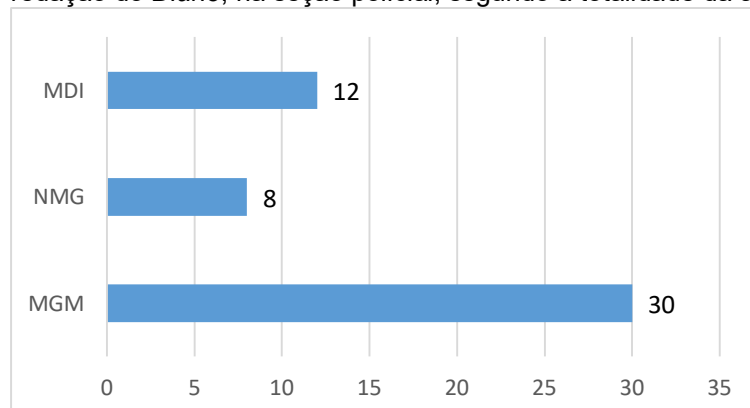
Já Gasparin (2015), em sua pesquisa, demonstra que, por problemas de diferentes ordens, ainda as instituições escolares, no Paraguai, não conseguiram desenvolver a competência comunicativa em língua guarani.

Estes dois estudos nos ajudam a entender nossos dados, segundo as quais, o guarani não é imaginado como comunicação formal. Se houvesse um jornal, escrito somente em guarani, haveria, ainda, número baixo de pessoas que o pudessem ler.

## 5.9 QUANTO À PERGUNTA 08: O QUE VOCÊ SENTE QUANTO ÀS PALAVRAS EM GUARANI JOPARÁ, NA SEÇÃO POLICIAL?

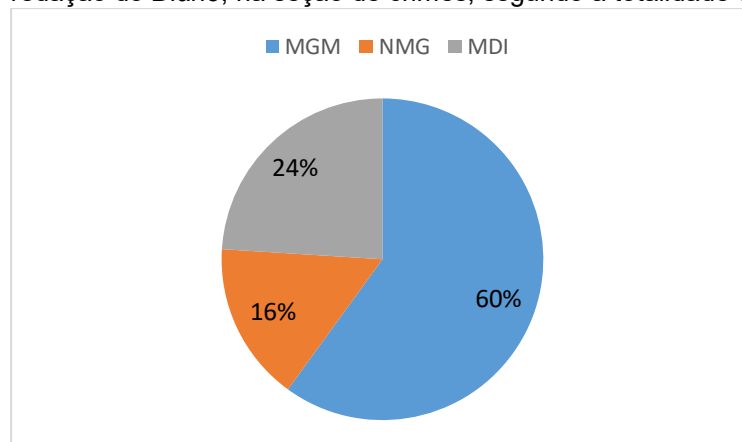
Do total de pessoas que responderam ao questionário, 12 delas, o que representa 24%, mostraram indiferença quanto ao uso de palavras em guarani *jopará* na seção policial. Todavia, ainda é alto o índice de pessoas que gostam de encontrá-las nos textos dos cadernos *Sucesos e Locales*. (figuras 33 e 34).

**Figura 33.** Opinião/preferência de uso de palavras em língua guarani jopará na redação do *Diário*, na seção policial, segundo a totalidade da amostra



**Legenda:** **MDI:** Me Da Igual, **NMG:** No Me Gusta, **MGP:** Me Gusta Poco, **MGM:** Me Gusta Mucho (**MDI:** Indiferente; **NMG:** Não gosto; **MGP:** Gosto um pouco; **MGM:** Gosto muito – tradução nossa).

**Figura 34.** Percentual de preferência de uso de palavras em língua guarani na redação do *Diário*, na seção de crimes, segundo a totalidade da amostra

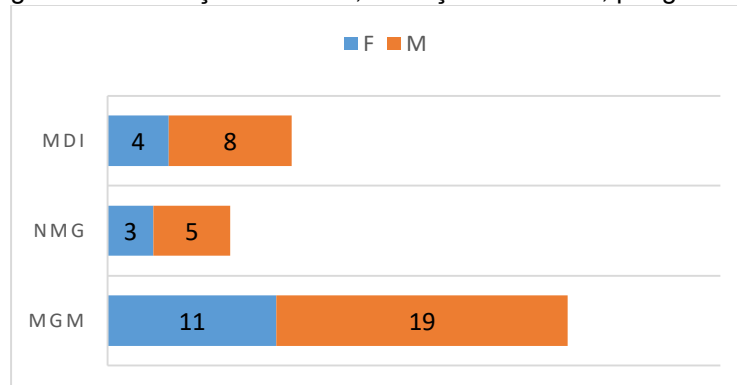


**Legenda:** **MDI:** Me Da Igual, **NMG:** No Me Gusta, **MGP:** Me Gusta Poco, **MGM:** Me Gusta Mucho (**MDI:** Indiferente; **NMG:** Não gosto; **MGP:** Gosto um pouco; **MGM:** Gosto muito – tradução nossa).

Concernente à pergunta, no que trata das variações entre as opiniões de homens e mulheres, quanto ao tema, notamos que há quase um empate entre elas,

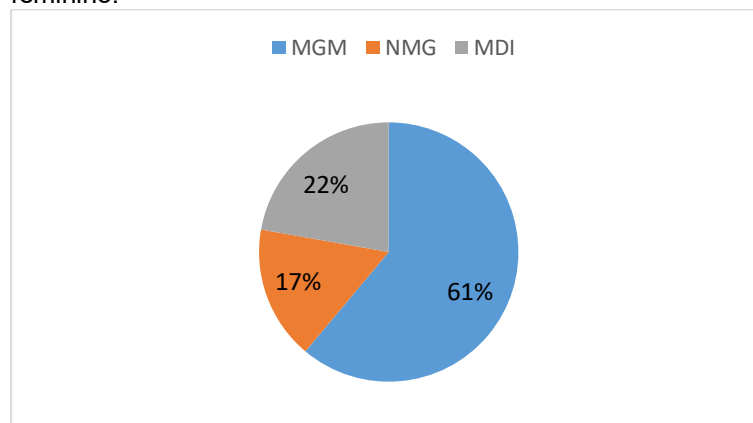
ainda assim, as mulheres gostam mais de palavras em guarani *jopará*, nas páginas policiais, que os homens (figuras 35 e 36 e 37).

**Figura 35.** Comparativo de opinião de preferência de uso de palavras em língua guarani na redação do *Diario*, na seção de crimes, por gênero.



**Legenda:** MDI: Me Da Igual, NMG: No Me Gusta, MGP: Me Gusta Poco, MGM: Me Gusta Mucho (MDI: Indiferente; NMG: Não gosto; MGP: Gosto um pouco; MGM: Gosto muito – tradução nossa)

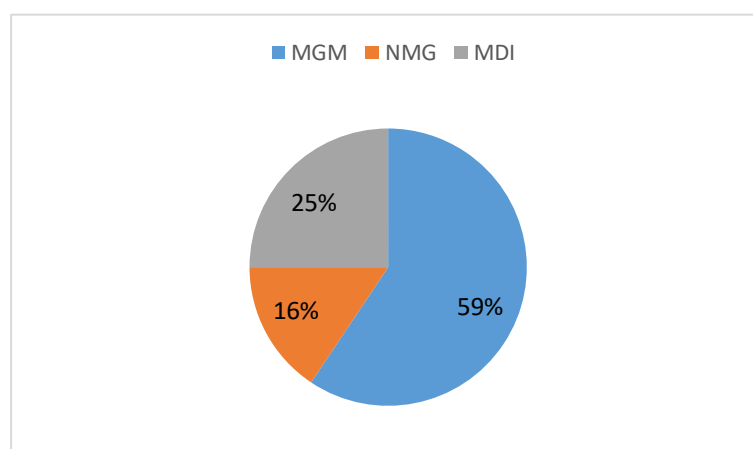
**Figura 36.** Comparativo de opinião/ preferência de uso de palavras em língua guarani na redação do *Diario*, na seção de crimes, segundo a amostragem relativa ao sexo feminino.



**Legenda:** MDI: Me Da Igual, NMG: No Me Gusta, MGP: Me Gusta Poco, MGM: Me Gusta Mucho (MDI: Indiferente; NMG: Não gosto; MGP: Gosto um pouco; MGM: Gosto muito – tradução nossa).



**Figura 37.** Comparativo de opinião/ preferência de uso de palavras em língua guarani na redação do *Diario*, na seção de crimes, segundo a amostragem relativa ao sexo masculino.

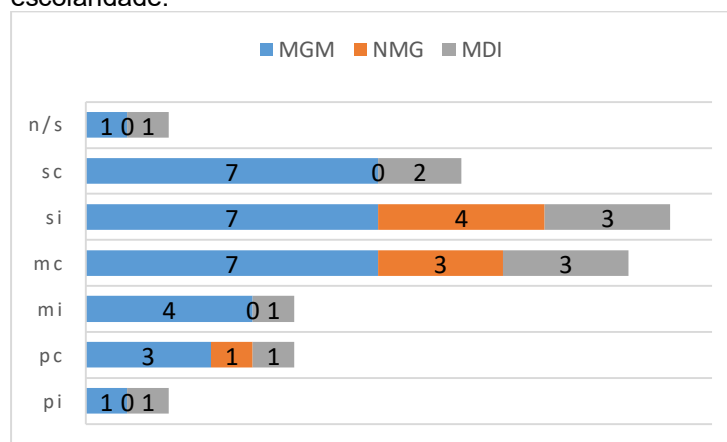


**Legenda:** MDI: Me Da Igual, NMG: No Me Gusta, MGP: Me Gusta Poco, MGM: Me Gusta Mucho (MDI: Indiferente; NMG: Não gosto; MGP: Gosto um pouco; MGM: Gosto muito – tradução nossa).

Quanto à variação observada, decorrente de nosso questionamento, segundo o nível de escolaridade dos participantes, há um empate entre os que tem ensino de nível médio completo e os de superior incompleto e os de superior completo, quanto a ser favorável às palavras em guarani *jopará*, ou seja, os que optaram pela alternativa que demonstram gostar muito.

Porém, o nível mais alto de insatisfação, quanto ao que perguntamos, é de 4 respondentes, que não gostam dessas palavras nesse contexto, os quais não concluíram o ensino superior (figura 38).

**Figura 38.** Comparativo de opinião/ preferência de uso de palavras em língua guarani na redação do *Diario*, na seção de crimes, segundo a amostragem relativa ao nível de escolaridade.



**Legenda:** MDI: Me Da Igual, NMG: No Me Gusta, MGP: Me Gusta Poco, MGM: Me Gusta Mucho (MDI: Indiferente; NMG: Não gosto; MGP: Gosto um pouco; MGM: Gosto muito – tradução nossa) N/R Não responderam. SC: Superior completo; SI: Superior incompleto; MC: educação média completa; MI: educação média incompleta; PC: educação primária completa; PI: educação primária incompleta.

Dos 50 participantes, 30 deles, uma maioria considerável, marcaram a opção que indicam, gostar muito, das palavras em guarani *jopará*, presentes nas notícias que cobrem fatos policiais. Esse percentual é preponderante, inclusive, quanto ao gênero, homens e mulheres respondentes, indicam, majoritariamente, gostar muito das palavras na língua em questão.

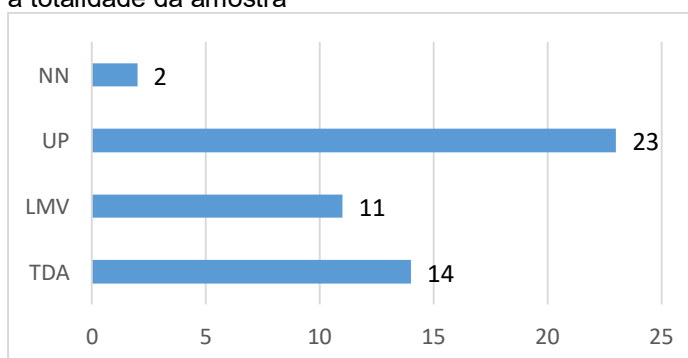
Outro dado obtido, relativo ao nível de escolaridade dos informantes, aponta que em todos os níveis, há uma maioria de respostas para a opção que demonstra a alta aceitação de palavras em *jopará*, de origem guarani, nas redações das seções policiais.

Diante do apurado até o momento, resta-nos entender, se o jornal em foco é confiável.

#### 5.10 RELATIVO À QUESTÃO 10: O *DIARIO POPULAR* É CONFIÁVEL?

O primeiro gráfico (figura 39) refere-se ao número total de leitores, segundo a proporção de nossa amostra, que assinalaram opções, que indicavam o grau de confiabilidade no jornal, o que, conforme apuramos, pelos números apresentados, 23 pessoas, 46% (figura 40) do total, elegeram a alternativa: um pouco, sendo que, esta, representa o penúltimo nível, mais baixo, de confiança, com relação ao impresso.

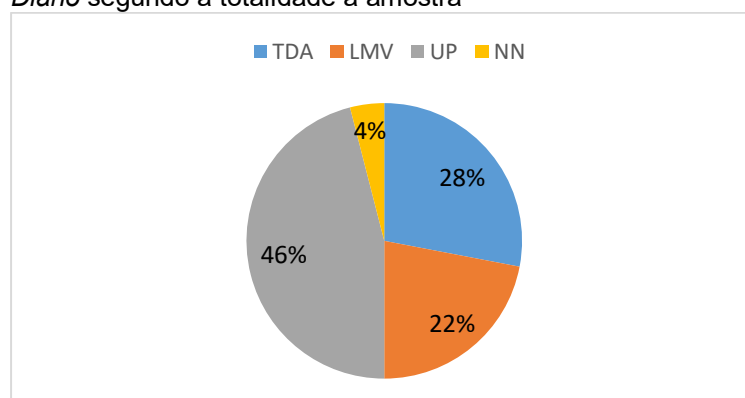
**Figura 39.** Opinião quanto à confiabilidade na informação contida no *Diario* segundo a totalidade da amostra



**Legenda:** TDA: Totalmente De Acuerdo; LMV: La Mayoría de las Veces; UP: Un Poco; NN: No Nunca (**TDA:** totalmente de acordo; **LMV:** a maioria das vezes; **UP:** um pouco; **NN:** não, nunca – tradução nossa).

No entanto, segundo os dados gerados, é alto o nível de confiabilidade, expresso pelo percentual de 28%, referente à alternativa que representa o índice mais alto, concernente a essa variedade. Esses números formam o panorama geral. Havendo variação, quando expressos por sexo.

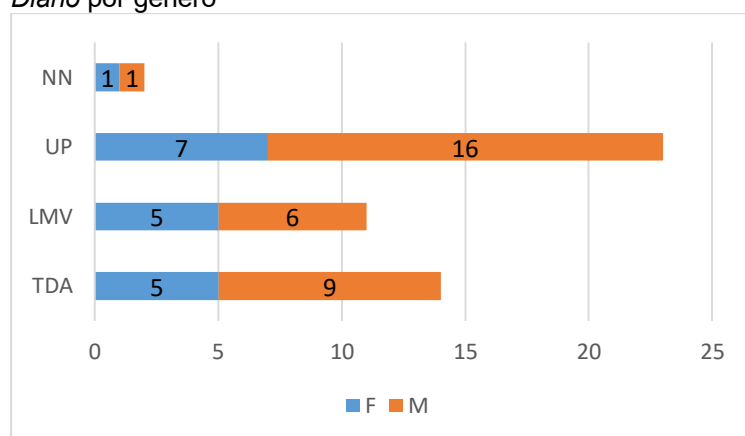
**Figura 40.** Percentual de opinião quanto à confiabilidade na informação contida no *Diário* segundo a totalidade a amostra



**Legenda:** TDA: Totalmente De Acuerdo; LMV: La Mayoría de las Veces; UP: Un Poco; NN: No Nunca (TDA: totalmente de acordo; LMV: a maioria das vezes; UP: um pouco; NN: não, nunca – tradução nossa)

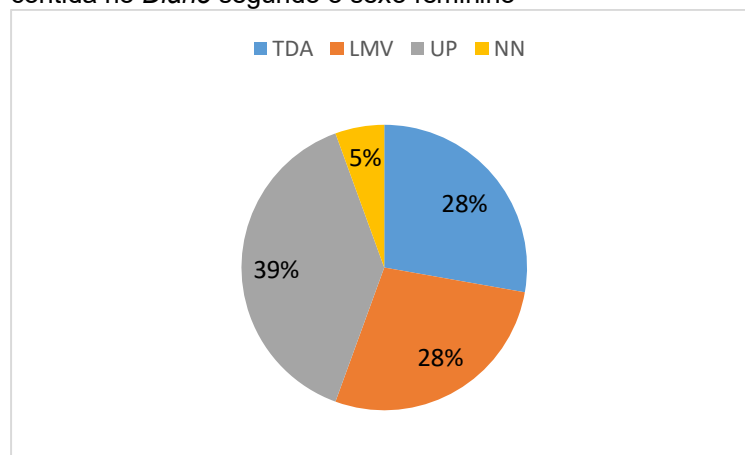
Das pessoas que assinalaram a alternativa – um pouco – relativa ao nível, razoavelmente baixo de confiabilidade, 16 respondentes estão entre os homens, ou seja, 50% do total é do sexo masculino, frente aos 39% do total delas (figuras 41, 42 e 43), porém, ambos têm a mesma opinião quanto ao nível mais alto de confiabilidade.

**Figura 41.** Comparativo de opinião quanto à confiabilidade na informação contida no *Diário* por gênero



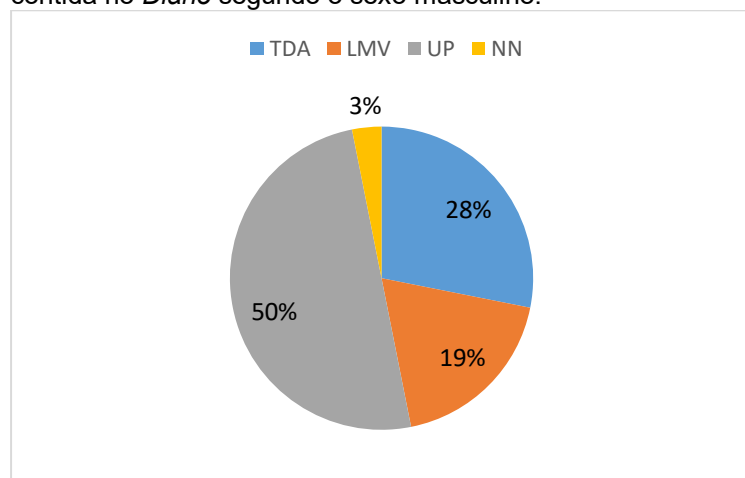
**Legenda:** TDA: Totalmente De Acuerdo; LMV: La Mayoría de las Veces; UP: Un Poco; NN: No Nunca (TDA: totalmente de acordo; LMV: a maioria das vezes; UP: um pouco; NN: não, nunca – tradução nossa).

**Figura 42.** Percentual comparativo de opinião quanto à confiabilidade na informação contida no *Diario* segundo o sexo feminino



**Legenda:** TDA: Totalmente De Acuerdo; LMV: La Mayoría de las Veces; UP: Un Poco; NN: No Nunca (**TDA:** totalmente de acordo; **LMV:** a maioria das vezes; **UP:** um pouco; **NN:** não, nunca – tradução nossa)

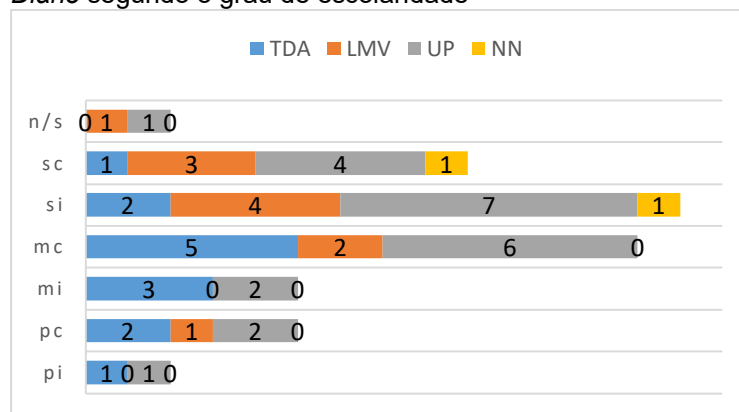
**Figura 43.** Percentual comparativo de opinião quanto à confiabilidade na informação contida no *Diario* segundo o sexo masculino.



**Legenda:** TDA: Totalmente De Acuerdo; LMV: La Mayoría de las Veces; UP: Un Poco; NN: No Nunca (**TDA:** totalmente de acordo; **LMV:** a maioria das vezes; **UP:** um pouco; **NN:** não, nunca – tradução nossa)

Quanto à variação apresentada, segundo o nível de escolaridade dos participantes, a maior concentração dos que optaram pela alternativa, que demonstra que confiam, um pouco, nas informações veiculadas pelo jornal, encontra-se entre os que concluíram o ensino de nível médio, os de superior incompleto e os de superior completo, porém, o nível mais alto de insatisfação, quanto ao que perguntamos, é de 5 respondentes, com nível médio completo. (figura 44).

**Figura 44.** Comparativo de opinião quanto à confiabilidade na informação contida no *Diário* segundo o grau de escolaridade



**Legenda:** TDA: Totalmente De Acuerdo; LMV: La Mayoría de las Veces; UP: Un Poco; NN: No Nunca (TDA: totalmente de acordo; LMV: a maioria das vezes; UP: um pouco; NN: não, nunca – tradução nossa. N/R Não responderam. **SC:** Superior completo; **SI:** Superior incompleto; **MC:** educação média completa; **MI:** educação média incompleta; **PC:** educação primária completa; **PI:** educação primária incompleta.

Do total da amostra, 23 respondentes, uma maioria considerável frente ao número de opções para essa questão, demonstraram confiar, um pouco, nas informações veiculadas pelo jornal e conseqüentemente no impresso de forma geral. Quando separados por sexo, esse grau de confiabilidade (um pouco) é acentuado em relação aos homens.

Relativo ao nível de escolaridade dos informantes, entre os que terminaram o ensino superior, os que ainda não o terminaram e os que concluíram a educação de nível médio, o nível de confiabilidade preponderante é baixo (um pouco).

Tivemos resultados para as questões abertas, cujas respostas dissertam sobre os sentimentos em relação às palavras em *jopará*, no contexto em voga, e sobre a confiabilidade no impresso. Estes resultados foram organizados, em forma de planilha, disponível de maneira integral, nos apêndices. Seus resultados comporão as análises subseqüentes, em forma de excertos.

## 5.11 FORMAÇÃO DO CONTRATO DE COMUNICAÇÃO

Tratando-se de comunicação, há que se observar que ela ocorre em um espaço, em um tempo, e, claro, entre as pessoas. A informação decorre de um ser

comunicante a um ser participante, portanto, há que se falar do direito, conquistado/atribuído ao primeiro, pelo segundo, de falar/escrever/gesticular o que deseja.

Segundo Charaudeau (2009), esse direito a comunicar-se, é regulamentado pelas trocas e práticas sociais, onde são forjadas, coletivamente, as normas, que ajustam, sancionam, permitem ou criminalizam a forma de materializar as ideias e seus resultados, onde cada participante, a seu turno de tomar a palavra, pode acatar a estas normas ou transgredi-las, segundo créditos atribuídos concomitantemente, os quais propiciam, por escala de valor, reconhecer-se um no outro, ignorar-se ou criticar um ao outro.

Nessa ordem de raciocínio, segundo Bourdieu (2008) observa, as práticas linguísticas, sob forma de discursos, encontram no eufemismo – falar/escrever bem, a ideia que subjaz a existência de critérios para suas aceitabilidades, segundo os quais, os discursos, seus agentes, estão condicionados a incorporarem uma série de percepções e competências, concebidas mediante parâmetros distintivos, econômicos, históricos e sociais, segundo as quais, no campo linguístico e comunicacional, as línguas não são meros instrumentos de comunicação, mas símbolos, fontes, que reúnem prestígio e reconhecimento, capazes de intervir no curso dos acontecimentos, cuja eficiência e legitimidade, são resultantes, também, das posições sociais de seus interagentes.

Nesta seção, trataremos de cruzar as informações obtidas pelo nosso instrumento de coleta de dados, de forma a entender a formação das normas que regem o contrato comunicacional, estabelecidas entre o ser comunicante em questão (*Diario*) e o ser participante (amostra de leitores), e o papel das línguas (espanhol, guarani, *jopará*) nesse contexto.

Para tanto, nos pautaremos em Charaudeau (2009 e 2012), quanto aos princípios que permeiam o contrato comunicacional, firmado entre o enunciador e coenunciador, no que concerne às condições de comunicação. Tais condições são baseadas no reconhecimento recíproco dos agentes, já citados, quanto ao direito de construção do discurso, da forma como se realiza. São eles: **Princípio de interação; Princípio de pertinência; Princípio de influência e Princípio de regulação.**

Para que se instaure a parceria entre os comunicantes, de acordo com o princípio de interação, em um ato de linguagem, especialmente o midiático, faz-se

necessário, segundo Charaudeau (2009), que a instância produtora reconheça a instância de recepção, mesmo que esta não seja uma tarefa fácil e imediata. Deve-se, pois, conhecer, por parte da primeira, no caso o jornal, com relação à segunda, o que os motiva a ler, o que os toca, assim como, qual o impacto da informação sobre o legente. Já por parte dos leitores, estes, necessitam reconhecer o jornal, quanto ao seu papel de instância que comunica.

Dessa forma, é necessário que a instância de produção reconheça o conjunto de valores ético-sociais, bem como os afetivo-sociais, dentre o conjunto de pessoas que compram e fazem a leitura de suas edições diárias. O jornal, portanto, deve propulsar o desejo de consumo de suas informações. Isto dito, recorreremos aos resultados do nosso instrumento de coleta, pelo qual obtemos: que dos respondentes ao questionário aplicado, 29 pessoas, do total de 50, fazem leitura do *Diário Popular*, algumas vezes por semana, ou seja, a grande maioria, o que pode indicar um grau, de mediano a alto, de fidelização a tal veículo.

O êxito do impresso analisado, junto ao público consultado, observado segundo os dados apurados, em que, somente 8% dos respondentes, indica o nível mais baixo de aceitação quanto ao mesmo, pode estar englobado, entre outros fatores, na capacidade de unicidade: *veículo–informação–leitor*, que se estabelece, exatamente, por sua competência em identificar os valores, sociais e afetivos, provenientes do público-alvo. O papel da língua, nesse contexto, é protagonista, visto que 54% dos participantes, gosta muito, de ler notícias, no *Diário Popular*, em *jopará*.

Os dados apresentados, também sugerem a instauração e legitimação do comunicador em seu papel, de forma que, simbioticamente, o outro, que comunica, no caso analisado, também é o que lê a notícia, reconhecendo-se a composição da parceria, mútua, necessária, corroborada pelo índice, baixo, de apenas 4% do total de entrevistados, que não atribui nenhum crédito ao veículo em foco.

Ainda assim, instaura-se, entre ambos, um olhar avaliador. Segundo nossas respostas abertas, quanto ao periódico, houve críticas concernentes à veracidade das informações, seu posicionamento político e representações sobre o mesmo: “A maior parte são fofocas e nem sequer eles sabem bem o que acontece” (mulher, 23 anos, tradução nossa). Contudo o impresso não “fala às paredes”, há um parceiro que o “escuta”, mesmo que, segundo Thompson (1998), esta parceria não seja fruto

de um intercâmbio recíproco, pois se trata de comunicação mediada, cujo fluxo comunicacional tem sentido único, porém, não é completamente monológico.

Há uma relação de troca, de co-construção, a qual exige que o coenunciador certifique a intenção do enunciador, no que se refere ao seu ato de palavra. Tanto um, quanto o outro, reconhecem saberes sobre o mundo, de forma recíproca: 60% do total de pessoas, que contestaram ao questionário, indicaram não estar de acordo com a redação unilíngue, em espanhol, e 70% não a quer, de forma alguma, somente em língua guarani. Isto pode expressar um saber compartilhado, que, dá ao ato de linguagem, instaurado entre ambos, motivação, firmando sua existência, confirmando o princípio de pertinência.

O que foi apurado até o momento culmina em outro princípio, que, tratando-se de discurso midiático, é essencial: o princípio de influência. Segundo Charaudeau (2012), existe, por parte do sujeito enunciador, uma espécie de mola propulsora, motivadora, trabalhando em função da efetivação discursiva, a qual abarca a capacidade de identificar no parceiro, formas que poderá causar boa impressão, pelo uso da linguagem, e, por conseguinte, tocá-lo, seduzi-lo, influenciá-lo.

Um de nossos entrevistados entende, que a redação das notícias, na seção de ocorrências policiais, em (trans)língua, é dessa forma elaborada: *“Porque caracteriza o que é o Paraguai”* (homem, 30 anos, tradução nossa); outro assevera: *“Diferencia como paraguaio, me identifica”* (homem – 27, tradução nossa). Essas afirmações conformam a produção de efeito discursivo, proveniente das relações (externas e internas) estabelecidas entre os enunciadores. As afirmações, referentes ao uso do *jopará*, decorrem, também, das relações sociais, históricas, que formam a identidade nacional, sob as quais estão sujeitados os interagentes.

Estas relações não impedem o jornal de ter sua escrita, em *jopará*, nas páginas policiais, quanto antes, converte-se em ação sobre o outro ao torna-se uma estratégia de sedução, validação e aceitação do discurso.

Estas são condições específicas, que demonstram a construção do interesse social, em que os agentes reconhecem convenções e normas, as quais atribuem valor ao ato comunicacional.

Essas análises nos remetem a outra, que engloba o princípio de regulação, segundo o qual, não haverá uma situação de embate constante entre os seres comunicantes, o que impediria a comunicação, mas sim lutas discursivas em que, paulatinamente, cada um cede terreno. Isto nos direciona a nossa enquete, em que



28% dos respondentes, confiam plenamente nas informações veiculadas pelo *Popular* e somente 4% não confia nada, estando os outros índices em nível intermediário de confiabilidade, ou seja, há a aceitação da palavra e do estatuto do outro, como ser comunicante, com direito à expressão. Instaura-se, pois, uma espécie de identidade coletiva, um nós, resultante dos agentes e ações envolvidos.

Em seguida trataremos de compreender, segundo opiniões de nossos informantes, a imagem que fazem do impresso, seu *ethos* prévio, anterior ao discurso escrito analisado, que, concomitante ao *ethos* mostrado, segundo alguns aspectos que objetivamos salientar, que realizaremos no capítulo subsequente, comporão nossa tese, que, relembramos, indica a correlação do uso do *jopará* na redação de notícias das páginas policiais do *Diario Popular* ao processo de elaboração do *ethos*, prévio e mostrado, atrelado às questões que envolvem a formação do contrato de comunicação.

## **5.12 CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS* PRÉVIO: “O JORNAL QUE MAIS GENTE LÊ”**

Retomando Maingueneau (2005), reiteramos, que o *ethos* se mostra no discurso, na enunciação, ainda assim é admissível que o coenunciador elabore representações prévias sobre o caráter ou figura do enunciador. Já antes tratamos, ainda assim reforçamos, que o *ethos* prévio trata-se da imagem preexistente do enunciador, pautada por estereótipos.

Partindo desse patamar, por meio do aporte teórico, já aprofundado em outro capítulo, estudaremos a formação da imagem, popular, anterior ao discurso, com base nos dados numéricos e excertos das questões abertas, provenientes dos questionários respondidos pelos membros que formam nossa amostra. Observamos dois pontos que operam sincronicamente na constituição do *ethos* prévio, popular: os aspectos positivos e negativos da imagem do jornal, atrelados ao uso do *jopará*, em conjunto com a função dos estereótipos: imagem do jornal; (trans)língua *jopará* nas páginas policiais.

### **5.12.1 Imagem prévia, popular, do *Diario Popular*: Aspectos positivos e negativos.**

Durante a aplicação dos questionários, quando explicávamos às pessoas, participantes, do que se tratava a consulta que lhes propúnhamos, bem como, em outras situações em que, informalmente, discorríamos sobre pesquisar o *jopará* no *Diario Popular*, muitas eram as vezes em que haviam risadas, estranhamentos ou a pergunta: Por que vai pesquisar isso?

Essas dúvidas e risos nos sinalizavam uma imagem prévia que o veículo de comunicação projetava entre o público. Ainda assim, qualquer conclusão que chegássemos seria fruto de conceitos nossos, preestabelecidos. Havia a necessidade de apurá-los.

Os dados provenientes das respostas aos questionários nos indicaram, positivamente, quanto ao seu *ethos*, que, o bordão “o jornal que mais gente lê”, forma como o jornal se apresenta, pode ser coerente, uma vez que, a maioria das respostas mostraram que os participantes têm contato com o impresso algumas vezes na semana, contudo, um número pequeno indicou que o lê todos os dias. Trata-se de um veículo de comunicação, popular, possuidor de vasta audiência, portanto difundido e conhecido por todos.

Os dados obtidos, apontam ainda, de forma positiva, que as pessoas consultadas, 42% do total, gostam medianamente e 28% tem afeição alta pelo periódico, o que reforça sua popularidade. A editoração das seções policiais, em (trans)língua *jopará*, também não desagrada o público consultado, visto que, apenas 6% desaprova totalmente essa prática discursiva e mais da metade, 54%, gosta muito.

Seguindo nessa linha, a imagem positiva, de veículo voltado para o povo, se confirma, quando este, na forma de nossos entrevistados, segundo suas respostas, indicam, em maioria, que não desejam o impresso editorado em língua única: espanhol ou guarani. Do total da amostra, 60% não está de acordo com a redação em língua espanhola e 70% não a quer em língua guarani.

A questão da (trans)língua *jopará* no jornal, contribui para a reputação e edificação da imagem popular. Segundo os respondentes, encontrar palavras em *jopará*, nas redações das páginas policiais, é algo que “*as pessoas gostam*” (mulher – 50, tradução nossa) e “*Da mais vontade de ler*” (mulher – 40, tradução nossa). Segundo outro participante: “*Expressa-se bem e da para entender a linguagem popular*” (homem – 21, tradução nossa). Ainda nos informa um respondente que “*o jopará é o que os paraguaios mais usamos quase todos, na maioria e por ele as*

*peças se entendem melhor*” (homem – 21, tradução nossa). Estas são representações estereotipadas referentes ao jornal e ao *jopará*, segundo as quais, podemos ponderar que se trata de um jornal feito para o povo em língua do povo.

Por outro lado, quanto aos risos e chacotas, já comentados, referentes às expressões dos participantes, quando da apuração realizada, estes, podem ser provenientes dos estereótipos negativos que ambos: jornal popular e *jopará* carregam, por conseguinte, são, ainda que em menor escala, segundo nosso levantamento, pontos desfavoráveis para a construção de sua imagem, se levarmos em consideração uma classificação de valores, socialmente construída, e aprovada, que impõe como positivos: jornalismo de referência em que as matérias são redigidas em língua única: espanhola.

O lugar e a forma como o discurso é publicado: jornal com traços sensacionalistas e redações em *jopará*, não reconhecido, oficialmente/socialmente, como língua, oferecem razões suplementares para algum descrédito e reforço de estereótipos negativos, concernentes ao impresso, por conseguinte uma projeção de imagem, em certo ponto desfavorável.

A maioria, 46% do total da amostra, atribui um grau, entre mediano e baixo, ainda que não o mais baixo, relativo à confiabilidade, referente às informações fornecidas pelo jornal. A imagem, segundo redação das questões abertas, apuram a seguinte forma de vê-lo : *“as vezes que li, vi algumas informações que não eram certas, ou algumas ações exageram com alguma descrição”* (mulher – 23, tradução nossa) e também *“Porque foi criado por puro comércio. Porque as pessoas gostam muito de bla bla bla”* (mulher – 25, tradução nossa). Associa-se a esta visão, segundo nossos dados, os estereótipos de jornal fofoqueiro, mentiroso e favorável a algum partido político.

Quanto ao *jopará* nas páginas policiais, este fato: *“Tira um pouco o caráter sério da notícia”* (homem – 35, tradução nossa), bem como: *“Tinha que ser só um idioma, ou o espanhol ou o guarani.”* (mulher – 23, tradução nossa) ou ainda *“Leio e entendo, mas não gosto muito do idioma guarani.”* (mulher – 19, tradução nossa), o que confere, mesmo que em menor escala, um traço negativo, quanto aos propósitos de emprego, estratégico, da (trans)língua, com vistas a vincular o teor das notícias, seu estilo, ao âmbito informal e familiar. Acaba que, por haver um público variado, alguns conceitos sobre essa prática, baseados em estereótipos, a associam à vulgarização e mediocridade do veículo e do material escrito.

Diante dos resultados, achamos pertinente contrastar o percentual de confiabilidade, mediano, quanto à veiculação de informações e uma aprovação razoável referente à redação em *jopará*. Tendo em vista nossos objetivos, nossa pergunta norteadora, estes dados nos possibilitaram supor que a formação da imagem prévia, identitária, de jornal do povo, incide mais sobre a redação em *jopará* que sobre o estilo de jornal, sua configuração e prática.

Retomando o conceito de *ethos*, que inicia essa seção, segundo o qual esta instância prévia confirma-se, ou não, no discurso, resta-nos analisar o *ethos* mostrado, que faremos na sequência, reforçando que estes conceitos (*ethos* prévio e mostrado), apesar de organizados em capítulos distintos, são indissociáveis.

Outro aspecto a ser registrado, é que enunciador e coenunciador estão imbuídos em um quadro de co-intencionalidade, forjado no acordo comunicacional, cujos contornos, apurados nessa seção, veremos refletidos na materialização discursiva, o que nos proporcionará entender a constituição do *ethos*, popular, do jornal, levando-se em conta a redação, elaborada de forma intencional, em *jopará*, segundo a aliança estabelecida entre os enunciadores.

## **6 O ETHOS MOSTRADO: ANÁLISE DAS NOTÍCIAS DOS CADERNOS SUCESOS E LOCALES.**

Em nosso percurso tratamos de evidenciar alguns posicionamentos que alicerçam e viabilizam nossa tese. Ainda que soe repetitivo, achamos pertinente reiterá-los, visto que, são pressupostos para a presente etapa, do vigente estudo, para que, então, avancemos.

Nossa abordagem de pesquisa, nesta fase, atém-se à análise discursiva, em que a (trans)língua *jopará* é vista como resultado de práticas de linguagem de sujeitos bilíngues, cujo acesso a um repertório linguístico expandido, que ultrapassa as fronteiras das línguas, é empregado em um processo de produção de sentidos. A língua, nesta ordem, é um pressuposto, é trabalho simbólico. De forma mais específica, nos deteremos ao texto escrito, impresso, de caráter informativo.

No texto informativo predomina a função referencial<sup>52</sup>, ou seja, este ato comunicacional tem compromisso com a informatividade. Propõe-se a cobrir um fato ou uma sucessão deles, passados em um determinado lugar, em um determinado tempo, a fim de elucidar o interagente sobre algum tema.

Quando jornalístico, impresso, como os textos que investigamos, é orientado para, de alguma forma, influenciar o comportamento dos leitores, o que se realiza, também, pela ação do enunciador, jornalista, em transformar a realidade externa, que forma os fatos, em linguagem comum aos interagentes. A função da linguagem, nesse caso, supostamente, seria de referenciar, sem a necessidade de recorrer aos aspectos subjetivos ou produção de efeitos emotivos e sim objetivar a neutralidade, sem a interferência do enunciador. Da maneira como é formulado este conceito, transmite a noção de que este tipo de texto seria composto pelo ato de relacionar palavras a objetos, visão esta, que nos parece reducionista e mecânica. Não se trata de transmissão de informação, não há neutralidade na linguagem.

Corroboramos, portanto, com o preceito que fundamenta toda análise que se debruça sobre a linguagem, enquanto prática discursiva: de que ela é suscetível à mediação, por conseguinte, permite ao analista, pelo viés interpretativo, conforme objetivos, compreender as ações do sujeito enunciador, as quais são sociais, dessa

---

52 Teoria da Comunicação proposta por Roman Jakobson (1896 – 1982), na qual, em linhas gerais, para compreender a linguagem era necessário separá-la em elementos que exerceriam seis funções: referencial, emotiva, conativa e fática.

forma, interpeladas pela ideologia e história, conectadas ao processo de produção da autoimagem, que perpassa a seleção e organização do material linguístico.

Neste âmbito discursivo, que engloba o trabalho de produção de sentidos, estabelecido entre os enunciadores, deteremos nossa atenção, de forma mais pontual, às escolhas lexicais, em *jopará*, relativas à formação do *ethos*, conectadas à necessidade de interlocução, de legitimação, cujo processo poderá sugerir, por trás da construção da imagem de si e do outro, a projeção de outra imagem, referente à (trans)língua.

Parece-nos pertinente, a fim de clarificarmos nossos procedimentos de interpretação, elucidamos este ponto de vista, sob forma de exemplos, tratando de alinhá-los ao nosso objeto de estudo: a) *Don Carlos fue muerto*; b) *El karai Carlos fue asesinado*. A proposição “a” é mais genérica (Senhor Carlos foi morto), o exemplo “b” narra o mesmo fato, porém, de forma mais específica, contundente e determinante. O uso do artigo “el” contribui de maneira a especificar o sujeito e o adjetivo (*asesinado*), a forma como foi morto (O senhor Carlos foi assassinado), o que projeta o tom objetivado: dramático.

Sobre a sentença “b”, imbricando-a ao contexto que permeia nossa análise, pela editoração proposta, que visa adesão, por estar redigida em *jopará*, fornece pistas sobre a construção da imagem popular do jornal. Nesta direção, afirmamos que a (trans)língua ambientaliza a notícia a um contexto familiar, informal. A palavra “*karai*” poderá ser capaz, não só de qualificar o sujeito (*Karai Carlos*), mas de classificá-lo. Mais adiante aprofundaremos.

Estes exemplos, em suas interpretações, sintetizam nossos princípios norteadores, baseados no entendimento da escolha de léxico, segundo os moldes analisados, como estratégias discursivas, cuja organização do material linguístico denuncia o desejo do enunciador, de, além de contar um fato, fazê-lo de forma mais íntima, buscando estabelecer um diálogo com o coenunciador. Para estes fins, a equipe de redação do jornal analisado, nas notícias das páginas policiais, emprega palavras em *jopará*, cuja contextualização em que são expressas, permite observar a ação dos sujeitos, levando-se em conta a ideologia e a história, que, dentro de um conjunto de escolhas editoriais, são capazes de formar/confirmar a imagem do jornal, no caso, popular.

Jornais com perfil popular, como já apuramos anteriormente, apresentam em sua configuração, também calcada em esquemas culturais coletivos, um espaço

bastante grande a temas relativos ao suposto gosto do público leitor, os quais não escapam de serem noticiados nos jornais classificados como “sérios”, já que, o assunto, por exemplo, da violência, é abordado em todos os veículos de comunicação. Mas, ainda assim, devido ao perfil social de leitor que vislumbram, são mais explorados por jornais populares, e, sob outro olhar.

Em alguns aspectos, opostos, com relação aos jornais populares, os jornais de referência, incondicionalmente, também, abordam temas que envolvem a violência, porém, o fazem amparados por pesquisas que demonstrem seus índices de aumento em determinada região, ou ainda, buscam opiniões de especialistas para entender determinado problema. Procuram oferecer uma cobertura mais ampla de casos que alcancem faixa maior de público, coletivamente mais relevantes, enquanto em jornais populares, especialmente nas páginas policiais, a edição é baseada na individualização dos problemas.

Serra (1980, p. 19), destaca que a seção policial, dentro de um jornal, representará o cotidiano de uma região social.

[...] é o espaço em que figuram como personagens centrais e atuantes aqueles cujo aparecimento no resto do jornal é impossível ou secundário. Pois em relação ao espaço total do jornal, eles são ‘desviantes’: marginais, ladrões, assassinos, traficantes, desonestos, homossexuais, prostitutas, menores delinquentes, em grupo, organizados ou individualmente [...].

Esse autor nos mostra uma concepção sobre a formação das páginas policiais baseada em uma adequação de espaço a modelos de comportamento, desviantes do padrão. Ele destaca que a distribuição dos fatos jornalísticos no jornal, em seus múltiplos cadernos, destina outros espaços a outros personagens da sociedade, estes, associados ao trabalho, à justiça e ao poder, enfim, a uma ordem social legítima:

Ora, ao situar as manifestações daqueles setores em seção especial, e ao designá-la como ‘policial’ ou ‘criminal’, é ao mesmo tempo como desviantes sociais e como ilegais que o espaço do jornal os representa. Unificando-os preferencialmente sob o tópico ‘policial’, indica-nos a instância policial como mediadora por excelência da normalidade e do desvio, colocando-a como agente normal para demarcar a outra e para garantir sua dominância em termos globais. (SERRA, 1980, p. 19).

A imagem que se conforma, apoiada em uma doxa, é a de que em jornais populares, ou rotulados como sensacionalistas, o que ocorre é uma inversão da

valorização do material jornalístico que compõe suas páginas. Desse modo, o que em um jornal “sério” seria tido como anomalia, resguardado à seção especial, em jornais populares é corriqueiro e abrangente. Tudo que se refere à vida, no terreno popular, se espalha por esse tipo de jornal impresso.

De forma a estreitar nossa ponderação, que envolve a formação da imagem popular do periódico em análise, cujo foco de pesquisa são suas páginas policiais, propomos a retomada do modelo de análise do *ethos* de Maingueneau (2005), que nos auxilia a entender que, por natureza, por estar no âmbito de um comportamento, portanto, por englobar o material linguístico, verbal e extralinguístico, não-verbal, seu *ethos* efetivo, processo que investigamos, resultará, pois, de diversas estâncias discursivas. Quanto à esfera interna, ressaltamos a redação em *jopará*, enquanto materialização resultante da ação do sujeito enunciador, cujos sentidos produzidos derivam de seu repertório linguístico, de sua formação ideológica, histórica, podendo ser um elemento facilitador de efetivação da imagem, com fins persuasivos.

Ações languageiras, no Paraguai, as quais envolvem tomadas de decisão em função de uma ou de outra língua (guarani, *jopará*, espanhol), poderiam não ter um caráter marcadamente persuasivo, com intenção argumentativa, quando decorrentes de conversações cotidianas, porém, em se tratando da presença do *jopará* num órgão de imprensa, com vistas aos nossos objetivos de pesquisa, é necessário ater-se a esse contexto, para sua compreensão.

Segundo nossa perspectiva interdisciplinar, em que o *ethos* está na enunciação, portanto uma instância discursiva<sup>53</sup> de análise, calcada no pressuposto, já antes mencionado, que a materialidade da ideologia se realiza no discurso, pela língua, essa relação se torna captável, quando, por ação do sujeito, no discurso, aliado aos fatores históricos e sociais, o *jopará*, no contexto em que é estudado por nós, manifesta-se como forma de expressão adequada a um público, também específico, como já apuramos e ainda trataremos.

Dessa maneira, não há dúvida de que a visão adotada nesta fase do trabalho, com base, também, em Maingueneau (2001), é que o *ethos* se mostra, a qual pressupõe a existência de um enunciador encarnado, suas crenças, valores, inscritos no discurso, o que nos remete à percepção de sua posição como ser

---

53 Segundo o princípio da Análise do Discurso (Pêcheux, 1975), o discurso só existe se há um sujeito, e este, pela língua, materializa a ideologia.



empírico no campo em que se situa, o que conduz esta fase do estudo, de análise do *corpus*, a apoiar-se, também, em Amossy (2005) que nos indica que nosso objeto de estudo deve ser investigado em uma dimensão intercalar entre retórica, análise do discurso francesa e sociologia dos campos, ao fincarmos pé na aproximação, inexorável, do conceito de construção do *ethos* com fim persuasivo à adesão aos valores, positivos, comungados por um grupo social dominante, ou, no caso estudado, o caminho oposto, quando o coenunciador objetiva o popular, em língua associada a contextos de uso informal, contrariando o jornalismo de referência, de “bom gosto”.

Diante do exposto, o objetivo do presente estudo, nesta fase, é entender o processo de construção da imagem de si, discursiva, do Jornal *Diário Popular*, nas páginas policiais, a qual abarca a projeção da imagem do leitor e do *jopará*, como ação que engloba a formação do *ethos* popular, favorável e confiável.

Nossa tese atrela essa construção de imagem ao desejo do enunciador de agir sobre o coenunciador, realizável por meio de escolha vocabular, em *jopará*, sem esquecer que este é um papel duplo, visto que, a imagem de si direciona o coenunciador sobre aquele que usa a palavra, já a imagem do outro, das pessoas retratadas nas notícias e por conseguinte do leitor, reforçam a imagem de si, popular.

Para este fim, entendemos que os enunciados estudados, também possuem um valor pragmático, que no terreno do *não dito*<sup>54</sup>, ou seja, interpretáveis, possibilitam intuir que desejam instituir uma relação com quem são destinados.

Neste ínterim, ainda nos apoiaremos na noção de estereótipo, Amossy (2005), segundo a qual, é essencial, para a composição do *ethos*, visto que, conforme a autora, a autoimagem edificada necessita de uma indexação de representações partilhadas, formada pela ideia prévia que o coenunciador/leitor faz do enunciador (jornal) e a imagem que ele constrói discursivamente.

Para logarmos êxito, entendemos, teórico e metodologicamente, que há, segundo nossos resultados de análise, um contrato de comunicação estabelecido entre leitor e jornal; que existe uma autoridade exterior ao discurso, referente ao

---

54 O primado da Semântica Argumentativa, de Ducrot (1987), que influenciou a Análise do Discurso, reflete sobre o implícito, que se forma no contexto (subentendido), separado daquilo que deriva da instância da linguagem, de sentido direto. Dessa forma, o subentendido depende do contexto para ser interpretado. O Não-dito, portanto, significa. Por essa perspectiva podemos analisar os sentidos produzidos, em outra direção, que não o direto.

órgão, que abarca o fato de se tratar de uma Instituição, a qual está imbricada à forma como o enunciador, na enunciação, constrói uma imagem de si, pela eficácia das palavras em língua *jopará*. Que todos estes apontamentos perpassam as áreas já apontadas, o que justifica nossa mirada: interdisciplinar.

Para tanto, organizaremos este estudo, de forma a abarcarmos as subcategorias analíticas, que julgamos pertinentes, para alcançarmos nossos objetivos: 1) homens, mulheres, policial; 2) *ethos* fixados por estereótipos (do jornal/dos personagens, do leitor); 3) nomeação.

Tendo em vista o contexto bilíngue, a equipe de redação seleciona e organiza, intencionalmente, as palavras de origem guarani, em *jopará*, que formam o material linguístico das páginas policiais do *Diario Popular*. Segundo Zajícová (2009); Santos (2012), os usos mais frequentes, como já anteriormente apontamos, neste contexto, recaem sobre: advérbios (*ndaje* – dessa forma) e verbos *dicendi* (*he`i* – ele(a) disse). Visando nossos propósitos de pesquisa, organizamos uma planilha (disponível nos apêndices), de maneira a abarcar todas ocorrências, em forma de excertos, onde identificamos as palavras que atendem ao nosso objetivo: substantivos e adjetivos que nomeiam homens, mulheres e classe especificada por profissão, visto que, estas também são recorrentes na descrição dos fatos.

Dessa maneira, esta etapa da análise será sistematizada de forma que o processo de construção de nossos argumentos será sustentado por excertos, contextualizados, intercalados, conforme bases teóricas e categorias já mencionadas, o que não indica que, os traços de análise que recaiam sobre um excerto, segundo apoio em nosso referencial teórico, sejam exclusivos.

### **6.1 Reafirmação da imagem popular – *ethos* mostrado: a (trans)língua *jopará* em jogo. A adequação da linguagem escrita em função do público.**

O ato de nomear/predicar, nesse estudo, enquadra-se como estratégia discursiva, como particularidade linguística e argumentativa, visto que, ao fazer referência aos seres (exemplo: *karai* e não *señor* – *jopará* e não língua espanhola), como mais adiante aprofundaremos, o enunciador sinaliza a importância de determinados termos, relativos ao seu intuito de agir sobre o coenunciador, de mostrar-se amigo, confiável, revelando sua posição ideológica, ao determinar o que é dito e a forma como deve ser dito.

Essa ação ratifica e concretiza o desejo de estabelecer conexão entre o mundo da sala de imprensa e o mundo do leitor, o que ocorre pela palavra – moeda de troca, por meio de sua eleição e contextualização, por sua capacidade de figurar crenças e valores, de causar efeitos, os quais podem ser ponte entre os sujeitos, além, é claro, de propiciar a aparição do enunciador, seu *ethos*, evidenciando a ideologia estruturante, em outros termos, dele demonstrar: eu sou isto e não aquilo.

Essa ação pode ser entendida como crucial para a manutenção do *ethos* que se deseja reafirmar, discursivamente, no caso estudado, o popular, pois indexa representações partilhadas, portanto, demonstra caráter coletivo. Está apoiada em hábitos locucionais comunitários. Segundo Perelman, Tyteka (2002), o discurso é adequado ao auditório que se destina.

Como já apuramos, observamos uma aproximação entre o ato de nomear, em *jopará*, enquanto escolha lexical, portanto atividade com fins persuasivos, e a formação da imagem popular. Pela interpretação de nosso material jornalístico, percebemos traços ideológicos agindo na produção dos sentidos. Dentre estas características, destacamos as concernentes ao coenunciador, idealizado pelo enunciador, segundo as quais, ele poderia ser sensível aos sentimentos de solidariedade, pelo fato de algumas matérias serem elaboradas de forma a demonstrarem ataques a “criminosos” e defesa dos direitos de “cidadãos de bem”.

Dessa maneira, transcendemos uma forma de análise, isolada, do ato de nomear, calcada na função de identificação e descrição, ou ainda, etiquetagem, para reconhecê-la como ato que indica interação, em uma dimensão discursiva e argumentativa, tendo como um de seus desdobramentos: a construção do *ethos* do enunciador acoplada à constituição de imagens: autoimagem, do outro e do *jopará*.

A palavra *karaí*, empregada com muita frequência, trata-se de uma forma de nomeação, que tem dentre os seus significados: homem, senhor, sagrado, batizado, dono, amo. *Karaí*, em língua indígena, significa curandeiro, ou uma pessoa muito espiritualizada capaz de realizar longas peregrinações. Os espanhóis, como fizeram uma grande peregrinação para chegar à América, passaram a ser chamados pelos guaranis de “*karaí*”. Quando alguém era batizado empregava-se o termo “*oñemongaraí*” que significava civilizado, ou seja, o caminho para se fazer civilizado era o batismo.

Os textos jornalísticos em foco podem, por força de análise, de interpretação, segundo instrumentos e óticas, revelarem/conterem uma série de

aspectos, que, segundo nossos propósitos, não cabem elencar. Apenas destacamos, neste cabedal, a nomeação.

Essa ação concentra a relação entre as categorias da língua (emprego dos substantivos e adjetivos) e as categorias discursivas (classificar os seres e fazê-los existir). Por ela, o enunciador (*Diario Popular*), entidade abstrata, converte-se em uma figura discursivamente concreta, cuja “forma de dizer”, em suas especificidades (páginas policiais, *jopará*, jornal popular), o faz emergir no discurso, ao remetê-lo a uma forma de ser: amigável, simpático, confiável, ao mesmo tempo punitivo. Isto ocorre, de forma mais específica, quando o corpo editorial, ao descrever as ocorrências, vincula o nome: *karaí* ao estereótipo da figura masculina nas páginas policiais, a qual, muitas vezes, está envolvida num ato de violência ou é vítima dele:

**Excerto 1:** *...En horas de la madrugada, karaí Evaristo escuchó ruidos en la pieza, y al levantarse a vichear encontró a “Rambo” apoderandose de su celu y se armó la podrida. (Diario Popular, sucesos, 6 de março de 2011, no 5876, p.3).*

...Em horas da madrugada, Senhor Evaristo escutou ruídos na peça, e ao se levantar para espiar encontrou a “Rambo” apoderando-se de seu celular e armou a confusão. (tradução nossa).

Contextualização: Em San Lorenzo, homem com apelido de Rambo pediu pousada e tentou roubar o celular de um dos donos.

Redigida de outra maneira, totalmente em língua espanhola, substituindo a palavra *karaí*, por *señor*, poderia, talvez, a notícia em análise, transmitir outra impressão sobre o jornal, a qual, dependendo do perfil do leitor, poderia ser positiva ou negativa.

Ainda assim, o recorte discursivo, da forma como foi concebido (excerto 1), denota, por análise, por interpretação, não só a maneira como enunciador implícito almeja ser visto, como também, a forma como ele supõe que seja a existência de seu coenunciador. Quanto a sua autoimagem, personalizada pelo enunciado, ela denuncia seu desejo, não somente de se fazer entender, mas também de convencer que vincula verdades, que forma parte da comunidade alvo. Para tanto, trata de dar indícios, via discurso, de seu “caráter”, os quais conformam a ideia, tácita, segundo Maingueneau (2001) do fiador, cuja “corporalidade” corresponde, nesse caso, à sua maneira de se movimentar (pela linguagem, pela ideologia, na produção de sentido) no espaço social, que lhe confere a imagem, segundo seu posicionamento, de amigo ou amiga, que todo dia, cedo, tem algo novo para contar. Essas adequações da linguagem denotam que há algum trabalho de estudo sobre as formas de viver e

ser do público-alvo. De que forma essas condutas são perceptíveis em nossa análise?

A forma como o enunciador fabrica uma boa argumentação, ocorre, dentre outros aspectos, pelos recursos linguísticos empregados, estando estes, presentes no discurso em foco (excerto 1) – abreviaturas (*lelu* e não celular), expressão (*se armó la podrida*) *karaí* e não *señor*, *jopará* e não espanhol ou guarani. Ancorado em representações culturais, este cabedal, intencionalmente, acerca o nível escrito ao nível de fala. Estes aspectos, e outros, contribuem para a indexação de seu *ethos* popular, formado com base nos estereótipos: 1) pela autoimagem: jornal do povo; voz do povo; 2) imagem do leitor: estereótipo da comunidade consumidora de jornais populares, no Paraguai (baixo nível de escolaridade, simplicidade nos gostos, trabalhadores, falantes de *jopará*, ...). Mais adiante aprofundaremos estes temas, fundamentais para os objetivos do impresso, discursivos/argumentativos, que visam a adesão e consecutivamente a venda.

A forma de nomeação, sob o signo *karaí* (excerto 1), é relevante, pois, nesse contexto, representa o sujeito, vitimizado, que sofreu algum tipo de violência e digno de alguma consternação. O emprego da palavra em *jopará* concede a vocalidade, o tom, que a matéria deseja alcançar: a piedade, ao passo que apresenta o sujeito, *karaí Evaristo*, digno dela, contribuindo, dessa maneira, para imprimir a imagem popular, de jornal do povo, positivamente aceita, baseada nos estereótipos já estabelecidos anteriormente.

Acrescentamos a este, como desdobramento de imagem: o estereótipo do coenunciador, interpretável segundo aspectos sociais, históricos, ideológicos e ativado pelo mesmo signo, *karaí*: pessoas que vivem em bairros periféricos, falantes de guarani e *jopará*, que cometeram ou sofreram violência. O texto fornece esses indícios, que podem ser identificáveis pela audiência, no discurso.

Ainda assim, pela forma como o enunciador/jornal nomeia seus personagens, optando pelo emprego de língua *jopará*, o significante *karaí*, presente no excerto 1, pode ser entendido como uma forma de gestão entre os interesses do enunciador, na maneira como se mostra na interlocução do signo e sua percepção. Assim como, a veiculação da (trans)língua aos atos narrados e tudo que os formam, especialmente seus personagens, no contexto analisado, poderá, como aprofundaremos mais adiante, confirmar a imagem prevista. Contudo, esta ação

também contribui para formação de estigmatizações: “dialeto informal, modo de falar de matutos”.

Ainda, quanto ao excerto 1, a ação de nomeação/predicação, além de atribuir sentido específico ao vocábulo (*karaí* – homem), interpretável, segundo contexto (*karaí* - vítima de violência), este traço, conforma, como já apuramos, parte integrante, enunciativamente tratando, da confirmação da imagem popular do jornal, segundo apuração de representações prévias (capítulo 5) do enunciador. No entanto, é necessário avançarmos neste aspecto, que compõe nosso objetivo investigativo, portanto, tratamos de aprofundá-lo.

Fundamentamo-nos, pois, em Amossy (2005; 2011), Maingueneau (2005), os quais nos permitem entender, que, discursivamente, por indícios textuais, o jornal em questão, calcada no gênero: relatos criminais; e no estereótipo de “voz do povo” (estando nele contido a ideia de (trans)língua *jopará* ter seu espaço legítimo de circulação atrelado a ambientes e situações informais ou familiares), concede expectativas ao leitor, em matéria de seu *ethos* (popular).

Estes estudos nos ajudam a perceber, ainda, que, a imagem suscitada do enunciador, por efeito da escolha de palavras, pelo contexto, por representações coletivas, recobre determinações físicas e psíquicas, que lhe atribuem corporalidade e convergem para ideia de alguém que se pode confiar. Esta análise, nestes moldes, mais adiante, aprofundaremos. Adiantamos, contudo, que o processo de elaboração da autoimagem desdobra-se em multifacetadas, em: *ethos* julgador (fiscalizador) e vitimizador; *ethos* de jornal crível; *ethos* de espaço de interação e acolhimento do leitor; *ethos* sedutor, este sustentado, discursivamente, na e pela exploração de essências emocionais; e o *ethos* confiável, ainda mais ajustado aos fins persuasivos, e, claro, presente em todas estas imagens construídas (MAINGUENEAU, 2005), que o atrela à maneira de dizer e à projeção de imagens.

O mecanismo formador do *ethos*, multifacetado, que engloba a elaboração da imagem popular, segundo o contexto em questão, por meio, também, do uso da (trans)língua *jopará*, implica a construção de outras: 1) do outro, estigmatizadora (moradores de zona rural ou urbana, periférica, pobres, que cometem ou sofrem violência, argentinos inimigos, policial, inútil, envolvido em violência). Mais adiante aprofundaremos; 2) da (trans)língua: forma de expressão de pessoas com poucos recursos; e 3) de si, também estereotipada: jornal não sério, o que se deve a sua postura, de seu distanciamento das normas e condutas que moldam os “sérios”.

Todos estes aspectos são advindos da ação argumentativa de adequação de sua expressão em função do suposto universo cultural do leitor, como já pudemos verificar, e o faremos, ainda, ao expormos o excerto 2:

**Excerto 2:** *El karai fue detenido luego de ser encontrado en su poder nada más y nada menos que 20 cédulas de identidad. [...] (Diario Popular, locales, 14 de março de 2011, no 5883, p.5).*

O senhor foi detido logo de ser encontrado em seu poder, nada mais e nada menos que 20 cédulas de identidade [...] (tradução nossa).

Contextualização: homem preso com 20 cédulas de identidade –suspeito.

Neste caso, o personagem central da notícia recebe a nomeação - *karai*, cuja ação sofrida, segundo o discurso em análise, foi a de ser detido pela polícia, suspeito de haver cometido um ato contra a lei. Observemos que o sujeito ainda não foi julgado pela justiça, que se trata de um flagrante, por conseguinte, o acusado poderá ser inocente, até que se confirme o contrário, até que reúna provas suficientes que lhe possam garantir sua liberdade. Contudo, da forma como foi concebida a informação, discursivamente, fracionadamente, temos:

A) quem cometeu a ação: *El karai*; (o homem – sujeito determinado por artigo (*el -o*), indeterminado quanto a dados pessoais, talvez, por questões éticas e de justiça);

B) A ação: detido pela polícia com 20 cédulas de identidade;

Portanto, da forma como está estruturado o material linguístico, condiciona a construção do fato a um veredito – o homem com “nada mais e nada menos que 20 cédulas”, é culpado.

O trecho da matéria, reeditado, segundo outros interesses, poderia ser: *El señor, en pose de 20 cédulas de identidad, fue llevado por la policía para averiguación. (O senhor, em posse de 20 cédulas de identidade, foi levado pela polícia para averiguação).* Dessa maneira, teríamos, pelo arranjo discursivo, uma outra forma de orientação, do enunciador ao coenunciador, de concepção da realidade, a qual revelaria uma imagem de jornal mais interessado na exposição dos fatos e não em suas conclusões, ainda que se perdesse a expressividade<sup>55</sup> de sua forma original.

<sup>55</sup> Segundo nossa fundamentação, (Rodríguez Zuccolillo, 2000); (Melià, 1992) a língua *jopará*, por ser formada também por guarani, pode ter herdado sua expressividade, estando este traço conectado a alguns fatores: 1) seu léxico ser representativo de elementos sagrados, concernentes a tudo que forma a vida; 2) a língua como símbolo de nacionalismo; 3) a língua como adequada à expressão dos sentimentos; 4) a língua como símbolo de resistência; 5) *jopará* associado à língua falada e não escrita.



Todavia, no excerto 2, o verbo *detenido* (detido), ação que recai sobre o personagem “*karaí*”, expressa a ideia de aniquilação de alguma atividade, relativa a algo/alguém, que pode ser prejudicial a outros, portanto, o sujeito foi contido em suas realizações, sendo que estas, envolviam a posse de “*nada más y nada menos*” que 20 cédulas de identidade.

A expressão “*nada más y nada menos*” reforça o tom dramático impresso à descrição do fato, pois, de forma interpretativa, indica que exacerba, julga e condena ações anteriores, praticadas pelo personagem.

Portanto, o *ethos* mostrado, do enunciador, atrelado à nomeação, em *jopará - karaí*, segundo os excertos 1 e 2, aponta estes contornos: Em 1 – vitimização do personagem (*karaí*), cuja tomada de posição do enunciador em mostrar-se consternado, confere-lhe uma imagem positiva; em 2 – personagem acusado, cujas pistas fornecem ao enunciador o *ethos* fiscalizador, representante da voz popular, que demonstra sentimento de revolta contra os atos praticados pelo personagem retratado: *karaí*, fora da lei.

Ainda, novamente, analisaremos em outros excertos que compõe nosso *corpus*, essas imagens de vítimas e culpados, relativas aos sujeitos e suas ações retratadas, que a exemplo dos casos analisados (excertos 1 e 2), fornecem indícios da formação de seu *ethos*. Para tanto, recorreremos ao nosso arcabouço teórico.

Sustentados pela concepção teórica, da noção de *ethos*, como imagem de si e do outro, base de nosso estudo, segundo Amossy (2005; 2011), no que tange à sua dimensão argumentativa, entendemos que o jornal se faz popular, via aspectos linguísticos/discursivos e via imagem prévia.

Com fins de ganhar o leitor, visando ganhos lucrativos, ao se inserir no âmbito popular, cujas características de mercado verificamos presentes no impresso, em aspectos que vão desde o seu nome ao estilo editorial, e, ainda, por carregar o mote de jornal mais lido do Paraguai, esta entidade, deseja, via discurso, também verbal, agir sobre o leitor. Para tanto, escolhe como pautas das reportagens, temas, muitas vezes polêmicos, que argumentam com apoio em valores enraizados na opinião comum:

**Excerto 03:** *Intentó violar a mitâkuña.* (chamada da notícia). (*Diario Popular, Sucesos*, 13 de março de 2011, no 5882, p.3).  
Tentou violar a moça (tradução nossa).  
Contextualização: Tentaram violentar moça com síndrome de down.



**Excerto 04:** *Un muchachón identificado como Jorge Aníbal Fernández Sánchez, de 30 años, fue aprehendido por los caquis kuehe, como sospechoso de haber violado a su propia prima, una mitâkuña de 22 años, quien radicó kuri la denuncia el pasado 20 de marzo. [...] (Diario Popular, Sucesos, 24 de março de 2011, no 5893, p.6).*

Um rapagote identificado como Jorge Aníbal Fernández Sánchez, de 30 anos, foi apreendido, pelos policiais ontem, como suspeito de haver violentado a sua própria prima, uma moça de 22 anos, quem oficializou tardiamente a denúncia dia 20 de março passado (tradução nossa).

**Contextualização:** Detido suspeito de abuso.

Percebe-se que, tanto o excerto 03 quanto o 04 são notícias, cujas personagens, nomeadas, em *jopará*, pelo substantivo *mitâkuña* (mulher), sofreram violência sexual. No excerto 03, a mulher apresenta síndrome de *down*, cujo estado de ser, amplia e agrava a representação do fato, além de tocar<sup>56</sup> o público, o que aumenta seu poder persuasivo. Essa cobertura, da maneira como a linguagem foi concebida, sob o ângulo que o fato é retratado, cria enlace, por meio de valores compartilhados: esse tipo de crime é motivo de revolta, consternação.

Contudo, ao mobilizar a linguagem de forma a provocar adesão, o jornal, por meio do discurso, da nomeação (*mitakuña*), valendo-se de seu alcance, enquanto número de leitores e sua capacidade de influenciar comportamentos, ativa e fixa essa expressão a um dos estereótipos femininos paraguaios e mundiais, o da mulher vítima de abuso. Como forma de contraponto, ainda que não forme parte de nosso *corpus*, outro estereótipo ativado pela linguagem, o da mulher fatal, sedutora, neste impresso, é formado por nomeações, em língua espanhola, do tipo: *diosa* (deusa), *modelo*, *hermosa* (linda), entre outros adjetivos e substantivos.

Caso os excertos (3 e 4 e sequencialmente 5), em análise, fossem reeditados, escritos somente em língua espanhola, em que as palavras *mitâkuña*, fossem substituídas pela palavra *niña*, e, se aderisse a um discurso mais formal, teríamos outra perspectiva de formação de imagem. Contudo, o termo *mitâ*, base da palavra, segundo o dicionário (Guash, Ortiz, 1991), significa pessoa de pouca idade. Este sentido, pela ação e posição do enunciador, pela ideologia<sup>57</sup>, pode afetar o leitor/coenunciador de forma mais contundente, guiar suas conclusões.

56 No sentido que o emprego de palavras pode gerar uma ação. Neste caso causar alguma perturbação, choque ou comoção.

57 Segundo o primado da Análise do Discurso Francesa (Pechêux, 1975), basilar no estudo da construção da imagem de si e do outro, segundo nosso enfoque (Maingueneau, 2005; Amossy, 2005; 2011), o sentido das palavras não existe em si próprio, mas sim pela formação ideológica, em uma conjuntura sócio-histórica, atrelada à posição dos sujeitos do discurso.

Ainda assim, destacamos outro aspecto, notado na forma como foi redigida a matéria, proveniente do excerto 04: o fornecimento de dados pessoais de um suspeito de abuso, cujo presumível crime, por ser contra um membro de sua própria família, amplia ainda mais o efeito de apelação, depositado nos sentidos e nos sentimentos provocados, neste caso, de chamamento à indignação e revolta.

Os fatos noticiados (excertos 03, 04 e sequencialmente 05), dessa forma, redimensionados pela nomeação da vítima em *jopará* (mitâkuña), corroboram para a manutenção do estereótipo, já algumas vezes tratado nesta análise, de jornal como olhos e voz do povo, fiscalizador de abusos cometidos, cujo modelo de ação, converta a autoimagem em influenciadora:

**Excerto 05:** [...] *Una mitâkuña quedó lesionada. Ocurrió ayer a la madrugada. [...]* (*Diario Popular, Sucesos*, 27 de março de 2011, no 5896, p.3).

[...] Uma mulher ficou lesionada. Ocorreu ontem de madrugada (tradução nossa).

Contextualização: Acidente grave de trânsito.

Nesse caso, como também nos outros (excertos 03 e 04), há a exploração da imagem, estereotipada, da mulher como vítima. Se repetíssemos o exercício de reescrita da notícia, representando a personagem pelos significantes: *mujer, señora*, ou ainda por sua profissão, teríamos ressignificações de ordem semântica, pragmática e discursiva, aliadas à nova intenção do enunciador.

Já, da forma como se constitui, atribui-se a pertinência do uso da nomeação, *mitâkuña*, como resultado da associação da intenção do enunciador agregada à suposta expectativa do coenunciador, em processo de cointenção entre ambos, amalgamados em um retrato, duplo, composto de: construção simbólica, de viés coletivo, da imagem da mulher vitimizada e a imagem, edificada, de órgão de imprensa, sincero, que expõe fatos referentes às violências sofridas por elas.

Como pudemos perceber, o jornal em foco, aderindo à lógica empresarial, desenvolve técnicas de aproximação ao seu público, relativas, em especial, à manipulação da linguagem, como já notamos e todavia trataremos de examinar, o que pode acarretar, como ainda confirmaremos, em submissão ao mercado, e, como consequência: toda sorte de exageros, não preocupação com questões éticas, segundo padrões sociais, acesso à fontes não confiáveis e distorções. Esses fatos podem contribuir para a concepção do estereótipo - jornal popular – jornal não sério,

que trataremos mais adiante; por ora nos detemos no aprofundamento do componente emocional circunscrito ao *jopará*, em voga neste estudo.

Todos esses aspectos ainda estão alinhavados a um tipo de texto, cujo traçado, demonstra que a equipe de redatores e editores, ao trabalhar a linguagem, tanto verbal quanto não verbal, acaba transfigurando a informação, que deixa de ter o caráter informativo e passa a imprimir efeitos estéticos. Veremos como este aspecto, convertido em estratégia, ocorre:

**Excerto 06:** *En feroz choque, uno oka`u ra`e.* (chamada da notícia) (*Diario Popular, sucesos*, 2 de março de 2011, no 5871, p.6).  
Em feroz choque, um estava embriagado. (tradução nossa).  
Contextualização: Acidente de trânsito, um dos envolvidos estava bêbado.

O jornal em destaque, ao priorizar o universo do presumível leitor, optando pelo local ao universal, atendo-se a dar destaque a fatos de menor alcance e interesse geral, e, claro, no plano discursivo, ao optar por uma redação em *jopará*, (trans)língua de grande alcance em termos de falantes, como já anteriormente confirmamos, porém, segundo Santos (2012), de pouco respaldo simbólico, acaba por particularizar as notícias. Toda essa ação é balizada por valores morais e emocionais/afetivos. O excerto 6, assim como os outros analisados, deflagra esses traços.

Observamos, ainda, que as notícias estudadas, na seção policial, cobrem fatos que desvelam problemas sociais, locais, talvez relevantes para moradores das zonas onde ocorrem. O trecho em foco (excerto 6), em outros veículos de comunicação, talvez não fosse notícia, pois trata de um acidente de trânsito, que ocorre constantemente, sendo um tipo de evento, que desperta atenção geral, dependendo da proporção, dos envolvidos. São muitas as notícias, no diário em foco, que tratam desse tema, e, como no exposto para análise, apontam como a causa dos mesmos, muitas vezes, o excesso de bebida.

Após análise, pareceu-nos que, ao cobrir fatos de interesse local, como uma grave colisão entre dois veículos (excerto 6), não basta, para o impresso, noticiar o ocorrido, atendo-se a sua narrativa, puramente. Para ganhar o leitor, ele necessita fazer chegar a quem o lê, alguma emoção. Ao buscar adesão, pelo discurso, o enunciador reafirma outra faceta de seu *ethos*: o da sedução (alinhado ao popular e confiável). No excerto em análise, destacamos os adjetivos, em processo de

nomeação: “*feroz*” e “*oka`u*”, como ação do enunciador em função do coenunciador, pois ao escolher tais vocábulos, dispô-los de tal maneira, os torna reconhecidamente sedutores e proporcionadores de identificação entre os enunciadores.

O primeiro indica que se trata de um acidente de grandes proporções, fornece dados iniciais ao leitor, bem como o tom, dramático, da matéria. *Feroz* remete a algo que não pode ser controlado, pelo nível de violência aplicada.

O segundo, *oka`u*, conforme o *dicionário* (Guash, Ortiz, 1991) indica pessoa que ingeriu bebida alcoólica em excesso, ou ainda, que está de *oka= fogo*. Trata-se de uma adaptação da acepção tradicional da palavra aos hábitos da vida moderna<sup>58</sup>. Se reeditássemos a chamada, poderíamos ter outra perspectiva discursiva. Em língua única, espanhola, teríamos: *Una colisión entre vehículos puede tener como causa la embriaguez de uno de los conductores*<sup>59</sup>, cujas mudanças, projetariam outras imagens, do impresso, da língua/linguagem, do perfil de leitor.

Porém, da maneira como a temos (excerto 6), o emprego da língua(agem), sobretudo pelos vocábulos em *jopará*, tipifica a composição, de forma a evidenciar a relação: sujeito-língua-ideologia. Esta ação, ainda, fixa a identidade do personagem, atrelada aos estereótipos suscitados: referentes ao público retratado nas matérias e ao público leitor. Esta visão já foi anteriormente proposta nessa etapa da análise, contudo, mesmo calhando de ser algo redundante, é de suma importância reavivá-la, bem como ressaltar a dimensão encantadora que a organização do material discursivo pode suscitar.

Por via interpretativa, percebe-se que o enunciador projeta-se ao posicionar seu discurso em relação ao de seu presumível coenunciador. Isto ocorre ao utilizar *oka`u*, em *jopará*, originário da língua guarani, para qualificar o aspecto físico/psíquico de um dos personagens, que, de forma direta ou indireta, pelo efeito ideológico, pela falsa transparência da linguagem, em sua não neutralidade, afeta/provoca o coenunciador<sup>60</sup>.

Esta sensibilização, segundo Rodríguez Zuccolillo (2000), oriunda da materialidade discursiva, a qual engloba a língua *jopará*, está depositada em seus vocábulos guaranis, cuja força expressiva é proveniente de sua origem, conectada

58 Ressaltamos a necessidade de ponderar que não tomamos as palavras isoladamente, mas sim a relação entre o conceito do vocábulo e seu exterior, seu sentido e os sujeitos.

59 “Uma colisão entre veículos pode ter como causa a embriaguez de um dos condutores”. (tradução nossa).

60 Em nossos resultados (capítulo 5) verificamos que mais da metade do público respondente ao questionário optou pelo nível mais alto de satisfação quanto à redação das matérias em *jopará*.

à manifestação das forças da natureza, bem como, é capaz de provocar algum tipo de sentimento pátrio, telúrico, ou ainda, há o conceito, construído ao longo da história, que associa o uso do guarani a um tipo de falar, estigmatizado, decorrente do período da guerra da Tríplice Aliança, em que os soldados argentinos insultavam os paraguaios, por expressarem-se em guarani, associando-o à língua de pessoas com pouca escolaridade, camponeses. Esta herança, concede outra face a esta língua, a que a conecta a algo errado, inculcado na mente das pessoas, o que remete seu emprego, dependendo do contexto, ao objetivo de causar efeitos de humor.

A partir desse entendimento, advindo de um trabalho interpretativo, observamos que o enunciador, pelos traços no(s) discurso(s) em voga, pela organização dos elementos discursivos, é capaz de estimular o coenunciador em muitos sentidos, porém, objetiva os principais deles: despertar motivos para a compra do jornal, promover a leitura da matéria, parecer simpático e ganhar sua fidelidade.

Motivado por tais objetivos, e, estritamente ligado a esses, está um mais: o de mostrar-se digno de fé, e, para tanto, o jornal, afina a veiculação de suas matérias à estereotipagem, já antes apurada: voz do povo. Ainda que seja traço positivo, o de mostrar-se crível, dessa ação decorrem, todavia, conseqüentemente, como desdobramento, outras visões/representações sobre o enunciador, também estereotipadas: 1) jornais populares cobrem as ocorrências policiais cotidianas de bairros periféricos, tais como acidentes de trânsito; 2) Jornal *Diario Popular* emprega língua *jopará*, língua de caráter informal, do povo.

Outro estereótipo, atribuído ao enunciador, perceptível pela análise do *corpus*<sup>61</sup>, referente à construção da autoimagem, enquanto empresa do segmento popular, é: jornais populares valorizam a emoção, a intensificação. De que forma este estereótipo se confirma? No estilo, composto de estratégias discursivas e inclinado a atingir o leitor, a todo custo.

Pela linha editorial, que opta por, em sua linguagem, não verbal, pela diagramação em estilo tabloide, pela vulgarização das imagens, exploração da

---

<sup>61</sup> Neste ponto nos remetemos aos questionários e às notícias analisadas. Esta forma de interpretação é possibilitada, também, pelo aporte teórico (Amaral, 2006), que aponta que os jornais populares tendem a mercantilizar a informação. Vende-se mais jornal ao apelar ao exagero e valorização da emoção. As respostas abertas, provenientes do questionário, estão disponibilizadas na seção de anexos.

imagem feminina, extrapolação dos limites éticos, impostos socialmente, exposição de ilustração de vítimas em ações violentas, cadáveres ou mutilações. Mas, também, verbalmente, que dentre uma gama de aspectos, se sobressaem: a redação dos textos em *jopará*, o estilo informal<sup>62</sup>, metaforização, humor, o mundo narrado pela estética do melodrama (governada por valores e forças morais) e pela verve de interação emocional (AMARAL, 2006).

Aprofundamos um desses aspectos, o *como dizer*<sup>63</sup>, caracterizado por: redação em *jopará* e sua capacidade, para além de informar, de aguçar algum tipo de emoção, de modo a ser percebida pelo coenunciador, que seja afetado por ela. Nesse caminho, argumentamos em favor da cercania, em múltiplos aspectos, das línguas guarani e *jopará*, quanto à emoção que ambas despertam.

Histórica e psicossocialmente, segundo Rodrigues Rubin (*apud* Rodríguez Zuccolillo, 2000), um fator responsável pela manutenção do guarani é o valor emotivo que essa língua desperta na população paraguaia, desde o início da nação, inclusive durante o processo de Independência em 1811.

Esse uso estendido do guarani entre os fundadores da nação paraguaia não está bem documentado [...]. Entretanto, parece provável que o guarani fosse utilizado por homens educados para 1) discutir assuntos mais particulares 2) exprimir cólera 3) exprimir grandes emoções. Existem hoje muitos homens influentes em Assunção que costumam usar língua aborígene justamente nessas situações (RODRÍGUEZ ZUCOLILLO, 2000, p. 99).

Observa-se que a língua guarani, dentre muitos olhares, está, também, relacionada e adequada à expressão dos sentimentos, e, sua circulação, semelhante ao *jopará*, condicionada, muitas vezes, a situações de informalidade e familiares. A língua guarani se relaciona às afeições e atitudes mais íntimas da população paraguaia, ou seja, à sua essência. Ainda amplia seu caráter afetivo, o fato de ser promovida a símbolo nacional, devido, entre outros aspectos, ao

---

62 Quanto à linguagem escrita, informal, em nossos resultados (capítulo 5) apuramos que há grande aceitabilidade por parte dos respondentes por palavras e expressões coloquiais.

63 Neste ponto, nos filiamos às bases de análise, propiciada pela Análise do Discurso francesa (Pechêux, 1975) que nos inclina à compreensão que os sentidos das palavras estão associados às posições sócio-históricas do enunciador. O fato do *jopará*, envolvido em um ato de linguagem, afetar seus agentes, engloba sua relação com a ideologia e com a memória. Isto está relacionado ao *ethos*, no que tange ao desejo de reforçar, discursivamente, os aspectos positivos do jornal, de sua imagem.

sentimento que desperta: o de orgulho de “ser paraguaio”, o que a torna um valor, proveniente do período da Guerra da Tríplice Aliança<sup>64</sup>.

Tratando-se do *jopará*, ou seja, trans)língua em textos jornalísticos e sua correlação com a formação do *ethos* popular, foco desse estudo, quanto ao fator emocional como potencial, este, está correlacionado à língua guarani, especialmente devido a sua composição e seus espaços de circulação. Com base em Zajicová (2009), que investigou o *jopará* em jornais populares do Paraguai, suas conclusões apresentam esta língua como sendo caracterizada por ser constituída de uma base de língua espanhola, com expressões guaranis intercaladas, cujo estilo parece querer imitar a fala. Concepção esta, que nos parece pertinente ao discurso que investigamos.

Assim como o guarani, o *jopará* tem sua circulação estreitada, socialmente e culturalmente, a ambientes informais. No caso do guarani, ainda há possibilidades de uso em contextos mais formais, especialmente quando motivados por algum motivo folclórico, pátrio ou telúrico. (SANTOS, 2012), (ZAJICOVÁ, 2009).

Decorrente, portanto, dessas similitudes linguísticas e sociais, dos estudos discursivos compreenderem a linguagem relacionada à sua exterioridade, em que a ideologia opera enquanto efeito de associação do sujeito à língua e ao sentido, cientes do contrato de comunicação existente (capítulo 5) e por concebermos que sujeitos bilíngues acessam um repertório linguístico com intuito de otimizar a comunicação, em nosso estudo, percebemos que os fatores emocionais despertados pelo *jopará* estão depositados, também, na organização e emprego das expressões (nominações: substantivos e adjetivos) de origem guarani (caso de todos, e, em específico do excerto 6, em evidência).

Já em outro âmbito, porém ainda tratando do apelo às emoções, nas narrativas<sup>65</sup> estudadas, outro fator, ainda ligado às dimensões discursivas, é a transfiguração, sob forma de escolhas vocabulares e de língua, da presença do enunciador e de suas intenções, como ocorre no excerto 6, quando se denotam

---

64 Fato histórico, já mencionado em capítulos anteriores. Ainda assim, reavivamos sua formação: guerra travada entre o Paraguai e a Tríplice aliança, composta por Brasil, Argentina e Uruguai, de dezembro de 1864 a março de 1870, cuja derrota, sofrida pelo Paraguai, acarretou seu pouco desenvolvimento em diferentes áreas. Em nossa análise, esse fato, pode estar conectado ao sentimento pátrio, que pode ser constituído por símbolos que identificam o “ser paraguaio”, dentre eles, comunicar-se em guarani.

65 Este termo cabe aos textos analisados, visto que, segundo Dias (2008), antes de ater-se somente aos fatos, a notícia policial, em jornais populares, conta pequenas histórias, formadas por elementos narrativos (quem?, onde?, o quê?, como?).



suas atividades argumentativas (intenção em dimensão argumentativa), na opção, por exemplo, pelo termo em *jopará* – *oka`u* (bêbado) – com o desejo de intensificar a qualidade psicoemocional do condutor, ao passo que estas, potencializam o tom comovente e tocante que julga necessário imprimir às notícias, em especial as que compõe as páginas policiais.

É interessante observar que, um recurso, também estilístico, como a seleção vocabular (ocorrente em todos os excertos analisados), com fins, também, retóricos<sup>66</sup>, que, no *corpus* por nós estudado, se concretiza em/pela (trans)língua *jopará*, ao passo que se configura, retoricamente, como porto seguro da constituição de uma imagem positiva junto ao público leitor, por outro lado, socialmente tratando, segundo bases da Sociologia dos Campos de Bourdieu, especialmente seu conceito de *habitus*, pode, nesse processo, dentre alguns fatores, sofrer o efeito reverso: a atribuição de conceitos negativos e classificatórios acoplados à (trans)língua *jopará* e por conseguinte ao impresso, ao ser avaliada e abalizada como expressão desvirtuosa, que dentre as práticas e condutas sociais, valorizadas por grupos dominantes no Paraguai, estão o enaltecimento e manutenção da unidade linguajar em sua forma “pura”.

Segundo Bourdieu (1996, p.119), o Estado é resultado de um processo de concentração de diferentes tipos de capital – simbólicos, físicos, econômicos, culturais, entre outros, fornecendo a ele um poder de coerção e imposição, que, por meio de leis e campanhas, regulam e classificam práticas sociais. Este princípio, que ainda trataremos, está concatenado ao *modus vivendi* da elite social e aos aspectos históricos, que no Paraguai, condicionam a delimitação da circulação das línguas, sujeitadas à apreciação de seus estados de “pureza” linguística, que as permitem serem consideradas adequadas ou inadequadas a tais espaços.

Dessa maneira, no Paraguai, guarani e espanhol, línguas “puras”, foram alçadas à condição de línguas oficiais, enquanto o *jopará* sofreu e sofre marginalização, mesmo sendo empregado por grande maioria da população, está relegado aos ambientes de uso menos formal, ou ainda, tem seu uso associado a situações de pouca seriedade (RODRÍGUEZ ZUCCOLILLO, 2000).

---

66 Neste ponto nos remetemos aos estudos de Perelman, Tyteca (2002) quanto à adaptação, organização dos elementos discursivos, em função do auditório, de sua constituição social, histórica, ideológica.



Acrescente-se, nessa ordem de raciocínio, com base em Bourdieu (1996), que as subclassificações, no campo jornalístico (jornais de referência, jornais populares e sensacionalistas), são relativas às regras sociais que as instauram, sendo essas, condicionadas à expressão particular da estrutura das relações de força entre os grupos, que pendem aos que possuem as competências correspondentes e convergentes ao seu *habitus* (Bourdieu, 1983), conjunto unificador e excludente, que, segundo tais regras, atribui valor máximo, no que tange ao campo em foco, correspondente ao *status* de bom periodismo, de jornal sério, ao conjunto de práticas, cujos expoentes estão alicerçados aos modos de ser, agir, pensar e classificar (ações, pessoas, coisas) procedentes da classe dominante, que no caso da sociedade paraguaia, nesse campo, restringe-se, dentre outros aspectos, ao uso da linguagem de maneira sóbria, estilo uno, referencial e à predileção, como já mencionamos, pelo “purismo” linguístico (língua espanhola “pura”, língua guarani “pura”).

Portanto, reafirmamos que, as práticas editoriais latentes: qualificadas, nesses contornos, por exemplo, pela seleção vocabular, em *jopará*, pela adoção de um estilo coloquial, propositadamente descuidado, pela tomada de posicionamento do jornalista, que se torna um narrador, podem atribuir traços negativos à sua imagem, devido às suas subclassificações, quanto à ordem social, mesmo que estas denotem traços de submissão a uma apropriação e adaptação ao mercado consumidor.

Ainda acrescentamos, que tais rotinas, em específico o uso da linguagem verbal, podem gerar, com base em Dias (2008), uma outra significação, à medida que os vocábulos e a língua selecionados podem revelar formações discursivas, capazes, segundo campos semânticos, segundo posições dos enunciadores, de intensificar o que pode ser um fator vendável (como a violência, por exemplo).

No plano linguístico, tudo que elencamos, não indica razão para estigmatizações, porém, no social/discursivo, conforme noção de *habitus* apurada, estas práticas são avaliadas, segundo o estereótipo: “*Diario Popular* não é sério”, sendo esta, não a única imagem atribuída ao impresso. Ainda que negativa, não abala sua credibilidade (ver capítulo 5) e sim justifica-se segundo os aspectos já levantados. Contudo, seja pelo contrato de comunicação, seja por questões sociais, ainda são atribuídos poderes aos órgãos públicos, como os de mídia impressa, de influenciar, de maneira a definir, pelo discurso, os modos de habitar das pessoas no mundo.

Os conceitos tratados, poderemos notá-los, de forma aplicada, operando no excerto:

**Excerto 7:** *Mondaha cae después de hacer su golpe* (chamada da notícia) (*Diario Popular, sucesos*, 9 de março de 2011, no 5878, p.2).  
Ladrão cai depois de aplicar seu golpe. (tradução nossa).  
Contextualização: Homem, supostamente, roubou casa.

Muitas matérias trazem em suas redações palavras expressivas, relativas às formações sócio históricas, no sentido de construção de significação (geralmente adjetivos), escritas em *jopará*, como a palavra *mondaha*, que, conforme aponta o dicionário (GUASH, A. S. J. & ORTIZ, S. J. Diccionario castellano - guaraní/ guarani – castellano, 1991) tem seus significados estritos: *ladrón, ratero*. A falta de identidade de quem cometeu o delito, e, em lugar de um nome (*Carlos Gonzalez, José Silva, ...*) uma nomeação (*mondaha* – ladrão), que condiciona o discurso à informalidade, são indícios de uma intenção argumentativa, maior que a informação, neste caso, visa a exacerbação da violência e consequente mercantilização da notícia.

Por essa caracterização (*mondaha*) do sujeito da notícia, em *jopará*, o jornal busca o grau máximo de envolvimento com o leitor, com intuito de parecer confiável, familiar, ainda que, em sua forma de construção (excerto 7), também contribua para vivificar outros estereótipos, relativos à sua autoimagem, já antes apurados (capítulo 5), tais como: “jornal sério deve usar corretamente as palavras”, “as pessoas gostam, mas falta seriedade”, “é vulgar”.

Mesmo na contramão do jornalismo de referência, correndo o risco de confirmar o estereótipo de jornal não sério, o que não reduz suas vendas, ainda assim, pelo fato de ser um órgão de imprensa, salvaguardam-lhe poderes legitimantes/legitimadores, tais como: o de uso da palavra.

Por esses meios, pelos arranjos discursivos, pela estereotipagem, em seu processo de elaboração da imagem popular de si, define, de forma condicionante, as maneiras de seus retratados de ser e habitar os ambientes descritos, indicando, ainda, que são falantes de *jopará*, tipificados, e, por conseguinte, com isso, os estigmatiza (retratados, leitores e (trans)língua *jopará*), nessas ações.

Desse modo, tomando como base o contexto de circulação dos produtos do órgão jornalístico em foco, inferimos que a relação: jornal/língua/leitor/construção do *ethos*, apreendida pelo discurso, revelam o objetivo de aproximar o jornal ao jeito de

ser e de viver da comunidade a que se destina, sendo estes fatores determinantes. Ainda ressaltamos, que incidem sobre todos os casos por nós estudados, como sucede no excerto 7, pela palavra *mondaha*.

O excerto 7 trata-se de uma chamada de notícia, o que, no âmbito jornalístico, é a “isca” para o êxito da matéria, qual seja, sua leitura. Inicia apresentando o sujeito e na sequência a ação que recai sobre ele. Para retratar o sujeito, a equipe de redação recorre, como já vimos, a uma palavra em *jopará* – *mondaha* – cuja invocação, no terreno do não dito, revestida do poder já salientado, além de caracterizar o sujeito, impõe-lhe a sentença de culpado. Notemos como poderia, segundo outros objetivos, ser rearranjada a chamada: (*sospechoso de robo es arrestado, acusado de aplicar golpe/ suspeito de roubo é preso, acusado de aplicar golpe*). Destaque para as principais mudanças estabelecidas: 1) o texto redigido em língua espanhola; 2) o sujeito é nomeado como suspeito.

A redação do texto em língua espanhola e não em *jopará*, e, da maneira como a que propomos, com todas suas adequações, agradaria, quiçás, a outro padrão de público leitor, cujas expectativas sociais/discursivas não fossem as expressas por notícias como as investigadas em nosso *corpus*, notícias estas, cujos traços apontam a superficialidade dos fatos apurados e o estilo que busca o entendimento ágil da informação, muitas vezes “facilitado” pelo uso coloquial da linguagem.

As alterações por nós sugeridas seguiriam o padrão imposto pelos manuais de redação paraguaios, acatado por jornais de referência (impressos paraguaios: *Última hora, ABC Color*, por exemplo) os quais se fiam às “normas” do “bom gosto” e da “boa” redação jornalística, segundo as quais, como já verificamos, respaldadas por políticas linguísticas, privilegiam o “purismo linguístico”. Ainda que, matérias, escritas somente em guarani, segundo fontes (Censo Nacional y de Población, 2003; Gasparin, 2015) poderiam ser lidas, somente, por uma pequena parcela da população.

Esse mesmo discurso, redigido, conforme apresentamos, em sua totalidade, em língua espanhola, nas páginas policiais do *Diario Popular*, não teria, talvez, efetividade, pois é pensado/elaborado em função de valores identificáveis por seu coenunciador, com desejo de tocá-lo. Em língua única, espanhola, forneceria indícios de projeção de imagem do enunciador/jornal, cuja identidade jornalística, monolíngue, seria incompatível com mundo (no que tange ao universo linguístico e

social) do coenunciador, por mais que as práticas de linguagem em espanhol, guarani e *jopará*, sejam uma realidade em todas as camadas sociais paraguaias.

Necessitamos, repetidamente, ressaltar que, por trás da nomeação: *mondaha*, um adjetivo, de origem guarani, em língua *jopará*, o enunciador demonstra capturar a atenção do coenunciador, e, cativá-lo, oferecendo uma imagem amigável e favorável de si. Ainda assim, no excerto 7, há, como já notamos, porém julgamos necessário reiterar, a ruptura com toda uma gama de aspectos que formam a padronagem jornalística, dentre os quais, desejamos, neste momento, separar um: a tomada de lado do *Popular*, denotada pela não neutralidade da linguagem, o que acarreta em abertura de análise de mais uma faceta do seu autorretrato, seu *ethos*, baseado em sua representatividade social, seu poder coercitivo, enquanto órgão de imprensa, que se mostra interessado na justiça aos injustiçados.

Quanto ao julgamento, subentendido pelos arranjos discursivos, presentes no excerto 7 (*Mondaha cae después de hacer su golpe*), acoplado aos objetivos do enunciador, de mostrar-se defensor dos interesses do público, é bastante eficaz, já que, não somente etiqueta o sujeito (*mondaha* – ladrão), se não que, atribui a ele um rótulo social (alguém que cometeu um ato contra lei), baseado no desejo de justiça, faz coro, por meio desta nomeação, em *jopará*, a uma possível voz, coletiva, ajuizadora (*mondaha* – de origem guarani, em *jopará*/força expressiva; ladrão: sujeito julgado e condenado), captada na enunciação.

O mesmo pode ocorrer com o emprego, contextualizado, de outras palavras que formam nosso *corpus* de análise, tais como “*léka*” (excertos 8, 9 e 10), cujos usos, como veremos na sequência, em (trans)língua, em foco, poderão proporcionar, por meio de interpretação, a associação da palavra, cujos significados estritos são - senhor, ancião (Guash, Ortiz, 1991) – a uma imagem preconcebida, conectada a padrões sociais e de comportamento: homem maduro, matuto, agressivo; compondo um dos estereótipos de indivíduos retratados nas notícias policiais, que, de forma impositiva, pela ação e posição social e histórica do enunciador, no processo de significação, forma parte de seu ideário (antecipação) sobre os traços do perfil de seus leitores. Pelo emprego de tal termo, e de outros, o enunciador reafirma os estereótipos relativos ao jornal e à (trans)língua, já citados, pilares do estabelecimento, neste contexto, de uma boa imagem de si, interconectados a uma das facetas de seu *ethos*: ajuizador/ fiscalizador, que busca justiça:

**Excerto 8:** [...] *El léka discutió con su hijastra e intentó arrojarle una silla por lo que reaccionó la yiyi.* (*Diario Popular, sucesos*, 05 de abril de 2011, no 5905, p.2).

[...] O senhor discutiu com sua enteada e tentou golpeá-la com uma cadeira o que gerou reação da moça. (tradução nossa).

Contextualização: Mulher feriu padrasto com faca.

A palavra, longe dos dicionários, só tem sentido completo, quando em uso. Para parecer legítima, a palavra *léka*, no contexto analisado, tem seu significado, pela ação do enunciador, pela ideologia, atado a esquemas coletivos cristalizados, que assumida em uma doxa, indexa a imagem do outro: *léka* – senhor, geralmente ancião, envolvido em alguma atividade, socialmente negativa: agressão (ver excerto analisado – 8); falante de *jopará*, sendo o mesmo, morador de um bairro periférico, envolvido em atitude criminal. Essa forma de manipular a linguagem torna-se representativa, reiteramos, segundo a visão do jornal, da constituição da corporalidade da comunidade que adere ao seu discurso.

Caso a mesma notícia fosse reescrita, poderíamos ter: *El señor discutió con su hijastra e intentó arrojarle una silla, por lo que reaccionó la chica* (O senhor discutiu com sua enteada e tentou golpeá-la com uma cadeira o que gerou uma reação da moça), cujas mudanças, promovidas pela readequação de linguagem, menos coloquial, em língua única, espanhol, poderiam, talvez, desconstruir o *ethos*, popular, que o jornal deseja efetivar.

Outras ocorrências demonstram outros aspectos a serem analisados:

**Excerto 9:** [...] *pero la mujer se opuso y entre forcejeos fue arañada, golpeada y hasta “mordisqueada” por el léka.* (*Diario Popular, sucesos*, 08 de abril de 2011, no 5908, p.6).

[...] mas a mulher se opôs e à força foi arranhada, golpeada e até “mordiscada” pelo senhor. (tradução nossa).

Contextualização: Título: *Denunció a su patrón zafado* (Denunciou a seu patrão safado – tradução nossa). Mulher denunciou patrão por abuso sexual – Descrição da foto: *el léka dejó moretones en el cuerpo de la mujer* (o senhor deixou marcas no corpo da mulher – tradução nossa).

No excerto 9 observamos a tomada de posição, expressa pela manipulação da linguagem, que pode estar concatenada à conformação de uma faceta do *ethos* do jornal: ajuizador/fiscalizador, pois, ao narrar um caso de violência contra a mulher, cujo protagonista foi o patrão, descreve o fato, nomeando-o, antes de qualquer vocábulo pertencente ao mesmo campo semântico, pela escolha da palavra *léka*, a

qual, linguisticamente, funciona como substantivo no trecho em análise, que, além de nomear, atribui um rótulo ao sujeito (*léka*: senhor – em oposição a jovem – envolvido em atos de violência), cuja constância observada, conecta-o à ação violenta.

Para Dias (2008), a violência em jornais populares<sup>67</sup> pode ser expressa por meio da linguagem, em seus arranjos linguísticos/discursivos/estilísticos, empregada na composição das matérias, cujos objetivos, geralmente, são de exacerbar os "dramas" vividos por moradores de bairros pobres, tais como: a rotina marcada por atos de violência (assaltados, mortes, sequestros, ...) sofridos por moradores das zonas citadas e aqueles que a praticam (estupradores, assaltantes, traficantes, ...). Estas características, percebemos: no excerto 8 – pelo emprego de *yiyi*<sup>68</sup> (menina, termo pejorativo, neologismo); excerto 9 – pelo uso de *mordisqueada* (mordida, termo empregado, com frequência, para descrever atos sexuais, entre outros...). Estes termos, da forma como foram manipulados, atendem à necessidade do jornal de conectar-se ao público idealizado, que, por força do discurso, hiperbolizam e valorizam a violência, supostamente para atender o gosto do leitor, ao passo que, a linguagem, desta forma, pode causar estranheza aos apreciadores de outros tipos de jornais.

Com o aporte de Dias (2008), apuramos que arranjos linguísticos/discursivos do tipo: excesso de linguagem metafórica, uso de gírias, aproximação da linguagem oral, redação em *jopará*, emprego de diminutivos e presença de humor, são incrementados às notícias. Isto, aplicado a nosso estudo, ocorre com maior ênfase nas páginas policiais e esportivas, de forma a atender as expectativas que os redatores têm, com relação à forma como serão lidas as matérias, segundo suas intenções, em que a presença do humor, por exemplo, pode ser uma forma de amenizar as atrocidades noticiadas, quase que naturalizando-as.

Caso o jornal vislumbrasse um leitor, cujo perfil indicasse uma afinidade com as normas de "bom" gosto, ditadas pela elite paraguaia, teríamos a seguinte readequação do excerto 9: [...] *pero la mujer se opuso y entre forcejeos fue arañada,*

67 Essa pesquisadora apresenta como resultado de sua tese, sob forma de livro impresso, a comprovação que o tema da violência pode expresso por meio da linguagem, com traços populares (uso de gírias, diminutivos, aumentativo, metáforas, aproximação da linguagem oral,...) sendo este um expediente eficaz.

68 Este termo não está dicionarizado. Não é de origem guarani. Sua classificação ainda demanda estudo e organização. Sua aceção foi confirmada por análise de contexto e por consulta à professora Marlene Gasparin, pesquisadora, com dupla cidadania – brasileira e paraguaia, da área de linguística, com foco em conflitos linguísticos paraguaios envolvendo guarani e espanhol.

*golpeada y hasta herida a mordiscos por el señor*<sup>69</sup>. As mudanças promovidas envolvem: o uso de língua espanhola, unicamente; a linguagem um tanto mais polida, segundo os padrões apontados.

Ainda assim, dentro de um universo de fatos violentos que ocorrem em todo Paraguai, o retratante (jornal), ao escolher os que irá cobrir, e, ao fazê-lo, recorrendo aos recursos de linguagem citados, com traços semelhantes aos analisados no excerto 9, pode traduzir um posicionamento crítico, que coincide, ou não, com o posicionamento do leitor. As notícias veiculadas, desta maneira, constroem imagens pejorativas, estigmatizantes, negativas (excertos 8, 9, e todos os analisados), socialmente instruídas, intencionalmente canalizadas, tanto dos sujeitos (nomeados por *lékas*, *karaís*, *mitakuñas*, ...) protagonistas, suas ações, quanto seus entornos (bairros da periferia de Assunção, e de outras cidades do Paraguai), que acabam convertendo-se em uma visão unilateral da realidade, já que, expor o cotidiano de bairros periféricos, por meio de notícias que retratem ações positivas, nestes contextos, venderia, talvez, menos jornal.

Esta representação dos atos e estados da violência, por meio das experiências vividas pelas classes operárias, é tema recorrente de jornais populares, em distintas sociedades, como a paraguaia. Expressar o cotidiano, marcado por atos violentos, de bairros periféricos, por meio da exposição e exploração dos modos de vida e mazelas, de moradores desses ambientes, é, mais uma, vendável, estratégia, criada pelo jornal em foco, uma vez que a violência, presente em todos os setores sociais, pode ser, incrivelmente, sedutora (AMARAL, 2006).

À medida em que jornais, como o *Diario Popular*, aspiram, ilusoriamente, reproduzir a verdade dos fatos e da ordem social, amparados pela pseudotransparência da linguagem, as realidades, da forma como são descritas, contribuem para nossa argumentação em função da construção/sustentação do *ethos* popular, com traços de justiceiro, do *Diario*. Porém, como já apuramos, ainda assim faz-se necessária a reiteração, esta face da imagem de si, positiva, molda-se sobre a construção da imagem negativa do outro<sup>70</sup>, uma vez que, o que,

---

69 [...] mas a mulher se opôs e à força foi arranhada, golpeada e até mordida pelo senhor. (tradução nossa)

70 De modo que fique claro, apesar de cairmos em repetições enfadonhas, ressaltamos que “o outro”, em termos discursivos, com apoio em Amossy (2005), relaciona-se ao *ethos* e à imagem de si, em que o sujeito enunciador, presente no discurso, revela-se, ao oferecer indícios (linguísticos, retóricos, argumentativos, discursivos) concernentes ao seu caráter, à sua confiabilidade. Neste percurso, ao construir uma imagem de si, poderá, também, construir a imagem do outro, que pode



rotineiramente, faz este impresso, é veicular, pela linguagem, por meio do *jopará*, classificações estigmatizadoras, como a do *léka*, signo que, por este contexto, condensa alguns estereótipos: velho, falante de *jopará*, do sexo masculino. Sob essa nomeação, é, muitas vezes apresentado, como alguém que pratica a violência, que, assim como outros indivíduos, sob outras nomeações (em nosso *corpus*), ocupam espaço central nas seções policiais do jornal em análise.

Ainda assim, o vocábulo *léka*, conforme pudemos apurar, pode, em outras passagens, estar associado a um contexto em que essa nomeação retrata o indivíduo vitimizado. Dos 16 excertos que formam o presente *corpus*, nos quais identificamos a nomeação em análise, em seis situações o personagem retratado era vítima (morreu no ônibus circular, foi assaltado, estava desaparecido, entre outras situações), porém, não supera os casos em que aparece como acusado, oito vezes. As idades dos nomeados, quando são mencionadas, variam de 39 a 82 anos. Separamos um excerto para análise, em que o personagem é vítima:

**Excerto 10:** *Un léka se mató de un tiro en la cabeza cerca de su gallinero. El hecho se registró ayer alrededor de las 8 [...] (Diario Popular, Sucesos, 23 de abril de 2011, no 5923, p. 2)*

Um senhor se matou por meio de tiro na cabeça perto de seu galinheiro. O fato foi registrado ontem por volta das 8. (tradução nossa)

Contextualização: Homem (64 anos) se matou no galinheiro

A notícia cobre fato ocorrido na zona rural paraguaia, que, dentre suas características, uma que chama a atenção, é a apresentação dos dados da vítima: um criador de galinhas, com idade de 64 anos, os quais auxiliam na constituição do “tom” dramático pretendido. O fato narrado não é um caso isolado. Muitas pessoas tiram a própria vida, todos os dias, em muitas partes do mundo. O que é corriqueiro e não seria tema de pauta, em jornais de referência, passa a ser em jornais populares, isto reflexo, também, de estratégias de marketing que visam abordar assuntos de interesse de uma faixa de público, que, possivelmente se interessa, dentre outros temas, por crimes.

O fato retratado no excerto 10, também se destaca por ter ocorrido, não em zona urbana, como, majoritariamente, são os que formam o *corpus*. A nomeação

---

estar embutida na representação que o enunciador faz do coenunciador, dos personagens de uma narrativa ou retratados em uma notícia de jornal, entre outros. Essas imagens, para serem reconhecidas e parecerem legítimas, necessitam indexar-se em representações partilhadas (estereótipos).



(*léka*), neste contexto (exploração das mazelas humanas, como o suicídio, que, de alguma forma, apresentam o personagem como vítima; morador de zona rural), nos dá indícios, assegurados por pilares <sup>71</sup> teóricos, que sustentam nossa argumentação, para deduzirmos: 1) que a palavra não é somente instrumento de comunicação, se não de ação; ela faz sentido em função de outras, do sujeito, da história e da ideologia; 2) a imagem popular, projetada/sustentada pelo enunciador, no contexto pesquisado, está calcada, também, em uma outra imagem, estereotipada: da língua guarani e *jopará* – como línguas de matutos, pessoas sem instrução, localizados em zona rural ou de baixa renda. Mesmo o universo linguístico paraguaio sendo multilíngue, o enunciador em questão, nas páginas policiais, ao projetar seu possível leitor, seu âmbito cultural, limita sua forma de expressão à (trans)língua *jopará*. Esta visão pode acarretar estigmatizações, que associam o *jopará* à prática de linguagem específica, quase exclusiva, de moradores de bairros periféricos ou zona rural.

Segundo Rodríguez Zuccolillo (2000), estes indícios levantados, estão atrelados, também, como antes mencionamos, aos fatos históricos, provenientes da instauração de um rançoso e duradouro, sentimento de desdém e preconceito da comunidade argentina<sup>72</sup> em relação à primeira língua citada (guarani), durante o período da guerra da Tríplice Aliança, o que, por conseguinte, historicamente, socialmente e culturalmente abarcou a segunda (*jopará*). Ainda que, por outro lado, estas línguas, estejam associadas, também, como já apuramos, ao sentimento de pertencimento relativo à pátria, a uma determinada comunidade, e, por conseguinte, são formas de distinção.

Os recursos de linguagem, elencados ao longo da análise, em especial a eleição vocabular, em *jopará*, denotam, também, o fazer jornalístico, em foco, como expressão do jornalismo como negócio, como já ressaltamos anteriormente. Isto se verificará por todo o jornal, em distintas nuances e dimensões, inclusive a visual. A exploração da linguagem, organizada segundo o conteúdo afetivo, referente a tudo

---

71 Ver nossa fundamentação, apoiada, precipuamente, nos estudos da Análise do Discurso francesa e Pragmática, quanto ao que define o discurso. Quanto à noção de entendimento de *ethos*, nossa fundamentação está em (Amossy, 2005 e Maingueneau, 2005).

72 Segundo (Zuccolillo, 2000), durante o período da Guerra da Tríplice Aliança, os combatentes argentinos encontravam, como maneira de desmoralizar o oponente paraguaio, atribuir a sua forma de expressão, em guarani, às classificações estigmatizantes: língua de pessoas pouco desenvolvidas, língua de matutos, .... Estas classificações acabaram, historicamente, socialmente, inclusive por conta da derrota do Paraguai, sendo incorporadas ao pensamento geral, em relação às línguas de origem indígena no Paraguai.

que pode provocar sensações, sentimentos, é constante, e percebida, também, por meio das escolhas de itens lexicais, cujos efeitos de sentido, sob forma de nomeação, tais como: *Kurepa*, *kurepi* (porco, pessoa de nacionalidade argentina), são capazes, decorrentes dos sujeitos, da ideologia, de invocar sentimentos pátrios:

**Excerto 11:** *Presidente con jóvenes kurepas*. (chamada da notícia). (*Diario Popular, Locales*, 01 de março de 2011, no 5870, p.4.)  
 Presidente com jovens argentinos (tradução nossa)  
 Contextualização: almoço de presidente Lugo em “kurepilandia” (Argentina)

No excerto 11, a palavra *kurepas*<sup>73</sup>, que em *jopará* significa porco, dependendo do contexto, pode ser associada aos indivíduos de origem argentina. Esta forma de nomeação é originária do período da guerra, pois os argentinos usavam botas feitas com a pele do porco. Foi incorporada ao linguajar, sobretudo em *jopará*, em contextos de uso despojado da linguagem. É um dos legados, um dos ranços da guerra e dos enfrentamentos entre paraguaios e argentinos. Essa expressão não é propriamente depreciativa, estando mais conectada a ambientes informais, até mesmo familiares ou empregada entre amigos.

Ainda assim, nos contextos de nossa análise (excertos 11, mais adiante 12 e 13), revelam que o enunciador, ao caracterizar, por nomeação, um dos personagens das notícias, como *kurepa(s)*, indexa-a a representações, socialmente e historicamente partilhadas: associação da palavra, segundo sua construção de significado, segundo estereótipo, proveniente dos fatores históricos citados, a uma visão não muito positiva, que denota linguagem figurada relativa à burla, escárnio; e signo que pode invocar a figura do inimigo. Outro excerto, ainda, é capaz de reafirmar:

**Excerto 12:** [...] *Mario Andrés Uliambre, kurepa de 30 años, fue agredido brutalmente ayer de madrugada, [...]* (*Diario Popular, Sucesos*, 07 de março de 2011, no 5876, p.3).  
 [...] Mario Andrés Uliambre, argentino de 30 años, foi agredido brutalmente ontem de madrugada, [...] (tradução nossa).  
 Contextualização: briga, em que argentino levou garrafada.

Tanto o excerto 11 quanto o 12, revelam, por interpretação, traços já antes observados, que, mesmo parecendo insistentes, são necessários reiterar: o de

---

<sup>73</sup> *Kurepa* é uma adaptação da palavra *kurepi*, cuja tradução é porco (Guash, Ortiz, 1991).

fazer-se reconhecer, enquanto empresa do ramo popular de notícias, do enunciador/jornal, apoiado em uma doxa, em um esquema coletivo cristalizado.

Desta maneira, os textos em voga, em situação de enunciação, enquanto discursos, não são para serem contemplados, mas sim voltados a mobilizar o presumível coenunciador, de forma a fazê-lo aderir ao sentido produzido por eles, que, por força da nomeação dos personagens (*Kurepa*), garantem, segundo associação a uma representação cultural preexistente, a projeção de imagens, de caráter duplo: autoimagem, positiva, conectada a do universo cultural do possível leitor. Quanto à autoimagem visada: popular, ela está, como já apuramos e tratamos de reiterar, amparada por estereótipos concernentes ao jornal, ao público leitor de jornais populares, aos retratados nas notícias e à (trans)língua.

Ainda que seja visto como jornal não sério, o enunciador em voga, visando mobilizar a audiência, emprega *Kurepi/kurepa*, em lugar de argentino(a), como forma de adaptação da apresentação de sua autoimagem aos esquemas coletivos que crê interiorizados e valorizados pelo público.

Repetindo o exercício de reescritura, já antes apresentado, se propuséssemos outras escolhas vocabulares, em outra língua, poderíamos capturar a projeção de outras imagens: excerto 11: *Presidente con jóvenes argentinos*<sup>74</sup>; excerto 12: [...] *Mario Andrés Uliambre, argentino de 30 años, fue agredido brutalmente ayer de madrugada, [...]*<sup>75</sup>. Assim, estas alterações, poderiam espelhar alguns traços, socialmente enaltecidos, deste enunciador, destacando sua suposta imparcialidade, decorrente do manuseio da linguagem, expressa, nestes exemplos, pela escolha da língua de maior prestígio, espanhola, pela preocupação com a polidez e sobriedade, o que poderia, quiçás, conceder maior credibilidade. Os mesmos rasgos poderão ser notados, caso esse tipo de reordenação ocorra com o excerto, sequencial, 13.

Já, da forma como foram redigidas, permitem-nos inferir que, a apresentação dos personagens (excerto 11 e 12, 13), sob os signos analisados, são, também, uma maneira, reveladora, de buscar, com auxílio da língua(agem), conquistar assentimentos aos discursos. Essa observação, sob esse prisma, foi possibilitada por outro pilar de nossa fundamentação: que versa sobre a persuasão pela

---

<sup>74</sup> Presidente com jovens argentinos (tradução nossa)

<sup>75</sup> [...] Mario Andrés Uliambre, argentino de 30 años, foi agredido brutalmente ontem de madrugada, [...] (tradução nossa)

mobilização de recursos verbais, idiomáticos, com vistas a afetar o público e a imbricá-los ao processo de formação do *ethos*. Este posicionamento é calcado na Nova Retórica de Perelman & Tyteca (2002, p.4), cujo objeto teórico é o estudo das técnicas discursivas que permitem “*provocar e aumentar a adesão dos espíritos às teses que lhes apresentam ao assentimento*”. De forma a elucidar tal inferência, aprofundamos.

Argumentamos, amparados por este aporte, que, de modo consciente<sup>76</sup>, pela atividade do enunciador, quanto ao trato e uso da língua (agem), é possível denotar ação sobre os coenunciadores/leitores de maneira a convencê-los que os discursos veiculam verdades. Isso se observa, sob forma de análise, relativa à maneira de nominar, em questão (excertos 11, 12, 13), que, sob estes contornos, relacionada, como vimos, às posições ideológicas dos sujeitos, em um processo: histórico-social, étnico, coletivo, em que o sentido é associado à figura de um animal (porco), que, por sua vez, remete ao argentino, que foi/é tido como inimigo, proveniente da época de guerra, associada a uma intencionalidade de imprimir aos discursos o tom de deboche, pode ter sua efetividade confirmada pela concordância do público.

Neste contexto, faz-se necessário recorrermos aos nossos resultados obtidos (ver capítulo 5), referentes à constituição do *ethos* prévio (Maingueneau, 2005) e contratado de comunicação (Charaudeau, 2008), que nos indicam, nesta ordem, que há indícios de reconhecimento mútuo: jornal e leitor, pela linguagem, pela afinidade promovida pelo *jopará*, bem como, esta articulação, coloca os sujeitos em um mesmo terreno de cumplicidade discursiva. O trecho a seguir confirma essa impressão:

**Excerto 13:** *Detienen a kurepas buscados ashá* (chamada da notícia) (*Diario Popular, Locales*, 04 de março de 2011, no 5873, p.2).

Detém a argentinos procurados lá. (tradução nossa).

Contextualização: Duas pessoas de nacionalidade argentina foram detidas pela polícia em Assunção. A notícia trata de tema com alguma repercussão internacional.

Verifica-se, na linguagem em análise<sup>77</sup>, evidências de seu efeito persuasivo, cuja organização dos elementos discursivos, ocasionará, como reflexo, a imagem,

76 Segundo Amossy (2005), o enunciador constrói sua imagem em função do coenunciador, da imagem que faz do outro, estando consciente da imagem que coenunciador faz dele, por meio da doxa, por forma de representações coletivas, partilhadas.

77 Por se tratar de uma das dimensões da linguagem verbal, discursiva, em análise, não está contida somente nos excertos (11 e 12) mas sim em todos os analisados.

positiva, do enunciador e possível assentimento ao que o seu texto informa. No excerto 13, a equipe de redatores, por meio do emprego da palavra *Kurepa*, em (trans)língua *jopará*, e pela palavra *asha*, neologismo criado com intenção de enfatizar os aspectos fonéticos e causar efeitos, como o exagero, o humor e a burla, nesse contexto, podem promover empatia, garantindo ao enunciador (jornal *Diario Popular*) alcançar seus objetivos discursivos, de convencimento, e, por conseguinte, comerciais.

A possível empatia suscitada, e, consecutiva aceitação do discurso como verdade, reside, também, como já destacamos anteriormente nessa análise, nos efeitos psicossociais e nas posições ideológicas dos sujeitos da enunciação em função da produção de sentidos, promovidos pelo uso das palavras, sua força ilocucional expressiva, sua relação com outras, no terreno da discursividade, especialmente quando empregadas na caracterização dos personagens, em voga, cujo campo semântico (*kurepi*/argentino/porco/inimigo), para além do mero descritivo, toca o atitudinal, ao criar laço de parceria entre os agentes, por ser uma escolha de signo que, ideologicamente, condensa o desejo implícito de ação sobre o outro, que no excerto em análise, (excerto 13), potencializa a imagem projetada deste outro: como alguém perigoso.

Portanto, o *Diario Popular*, enquanto enunciador, não pode precisar, totalmente, os efeitos que seu discurso produzirá em seus destinatários, porém, por vincular discursos informativos, tendo em conta um universo de crenças, buscam sua efetividade na formação de opinião (com apoio na *doxa* comum). Para tanto, o veículo necessita, de forma consciente, no seu fazer jornalístico, conforme o preceito de Perelman; Tyteca (2002), de que o auditório é sempre uma construção do orador, espelhar, via discurso, conceitos gerais, por vezes preconceituosos (exploração da imagem, sedutora, feminina, por exemplo), modelando seu *ethos* com base em representações coletivas.

Este pensamento, aplicado ao nosso estudo, permite-nos entender que a notícia impressa, gênero investigado por nós, por se tratar de produto que envolve uma interação mediada, está condicionada ao *topoi* (ponto comum de partida de uma argumentação) para ser aceita como verdade, diferente da interação face a face, que inclui elementos que a tornam mais familiar, portanto mais persuasiva. Ainda encontramos “terra firme” na inter-relação: discurso e argumentação, para assegurarmos nossas afirmações, expressa pela forma como está ordenada a

linguagem, relativa às forças internas, assim como as externas, em que os discursos são sustentados por outros, o que propicia o apelo ao humor e expressividade, todos elementos englobados na produção de sentido para os sujeitos.

Dessa maneira, entendemos que a argumentação (presente na intenção e dimensão argumentativa), essencial num processo de intimidade entre a mídia e o público, por força de convencer pelo *ethos*, exatamente como em nosso estudo, se desenvolve, reiteramos, tendo em conta o auditório (coenunciador), bem como promover o acercamento, via representações partilhadas, via discurso, via ação da língua(agem), estabelecido entre ambos, segundo o pensamento comum aos enunciadores, tal qual o que concebe que a população deve confiar na polícia e na lei:

**Excerto 14** *Conforme a los datos volái, el presunto autor, Cipriano Arce Núñez (24), quien fue detenido [...] (Diario Popular, Locales, 01 de março de 2011, no 5870, p.6).*

Conforme os dados policiais, o suposto autor, Cipriano Arce Núñez (24), que foi detido [...] (tradução nossa).

Contextualização: Caso de agressão.

O que ocorre, quanto ao trabalho com a língua(agem), no excerto 14, consente-nos ponderar, que as informações não fluem, claramente, de forma livre, antes disso, são uma interpretação dos fatos que a formam. Desde o advento da internet que as experiências práticas, que envolvem o uso da linguagem, vêm sendo substituídas por atividades mediadas, disso decorre que, a cercania íntima, na qual os sujeitos, mutuamente, influenciam-se na forma de pensar e agir, já anteriormente mencionada, a propósito deste estudo, expressa pela fórmula: mídia escrita/impressa + leitor, elabora-se, também, intermediada por um sistema simbólico no qual a mídia escrita tem alguma força, como já antes apuramos.

Dessa maneira, conforme o demonstra, por interpretação, o excerto 14, relativo ao efeito que deseja produzir o enunciador sobre seu coenunciador, é decorrente do mecanismo empregado na exposição dos fatos, por meio da notícia, em que o jornal apoia-se nos dados da polícia (*datos volái*) e fundamenta-os em representações coletivas, segundo as quais, as Instituições (polícia, governo, igreja,..) podem ser confiáveis, e, por conseguinte, avalizam os feitos narrados, contribuindo para fortalecer a imagem confiável do jornal, associada à figura do

fiador, necessária para o processo de adesão. Observemos outra ocorrência cujo indivíduo é expresso pelo signo *volái*:

**Excerto 15** [...] *El volái sufrió lesiones de consideración en todo el cuerpo quedando internado en dicho centro asistencial. (Diario Popular, Sucesos, 12 de março de 2011, no 5881, p.3).*

[...] O policial sofreu lesões consideráveis em o o corpo ficando internado em tal centro assistencial. (tradução nossa).

Contextualização: *un poli voló* – um policial se acidentou.

Retomamos a figura do fiador (Maingueneau, 2001), já tratada anteriormente, apurada nos discursos em exame, para dissertar de forma a conectá-la à ação do enunciador/jornal, por meio do uso do *jopará*, em favor da construção de sua imagem popular, uma vez que, essa concepção (fiador), capturada no manuseio da linguagem, por indícios, sobretudo textuais, é aderida pelo coenunciador, já que, ela conjuga representações coletivas estereotípicas, nas quais o enunciador se apoia.

O excerto 15, pelo contexto, pela nomenclatura “*volaí*”, em *jopará*, reforça o estereótipo: policial como profissão de risco. Isto ocorre pela forma de organização dos elementos discursivos, na narrativa do fato, de maneira a intensificar a valorização da emoção, com objetivo de causar consternação, indexada pela relação entre os discursos, que concede ao termo em foco, ativar proposições, já antes comentadas (de intimidade, informalidade, familiaridade, entre outras), sob a qual, o leitor/coenunciador é levado a partilhar o sentimento de dor e pesar, e, a elaborar ideias sobre o trabalho policial no Paraguai, a partir do, possível, senso comum, interpretável: é confiável, é perigoso, este profissional deve ser honesto. O excerto 16 aprofunda essa ideia:

**Excerto 16:** *Dos polis, un hombre y una mujer, armaron un lío en un surtidor donde estaban chupando ra'e en compañía de otros cuates y comenzaron a discutir con otro grupo de personas por cuestiones de fútbol. Un volái sacó arma y quiso arreglar el pleito a balazos ¡Escándalo!* (lide da notícia) (*Diario Popular, Sucesos, 05 de abril de 2011, no 5905, p.3).*

Dois policiais, um homem e uma mulher, armaram uma confusão em um bar onde estavam bebendo em companhia de outros policiais e começaram a discutir com outro grupo de pessoas por questões de futebol. Um policial sacou a arma e quis consertar as coisas a balazos. Escândalo! (tradução nossa).

Contextualização: Policiais, bêbados, exigiram que civil se ajoelhasse, com arma em sua cabeça.

O excerto 16 apresenta o fato, que infelizmente, é comum em alguns bairros, com maior visibilidade em cidades grandes, de brigas em bares, as quais, podem



até terminar em tiroteios e mortes, que, pela constante de atos desta natureza, reforçam o estereótipo de bar de periferia, como lugar de bebedeiras e desavenças. O *escandaloso*, segundo o enunciador, é que o propulsor da violência, no caso analisado, seja um policial (*voláí*), e que, um dos grupos envolvidos na discórdia descrita, seja, justamente, de policiais. O que representa esse indicativo textual (*¡escândalo!*)?

A imagem estereotipada reforçada, de policial (*voláí*) como homem da lei, já antes suscitada nesta análise, proveniente de crenças compartilhadas, se desmancha ao passo que o enunciador, pela língua(agem), pelo discurso, enquanto figura de fiador, portanto sujeito, ideologicamente formado, uma vez mais, age sobre coenunciador, guiando o sentido, suas inferências, ao tipificar o ato cometido pelos policiais como – *¡un escándalo!* - Sendo esta apreciação, balizada, pela forma como são pensados alguns grupos sociais, especialmente na maneira de se comportar, adequada ou inadequada, positiva ou negativa.

Pelo texto e contexto, avalia-se que a figura do enunciador (jornal) ao argumentar, expressando, via discurso, seu conceito negativo quanto a ação dos policiais no bar (implícito - excerto 16), desloca-se, eticamente, de sua função, mesmo que abstrata, enquanto órgão de imprensa, de expor somente os fatos. O enunciador ao fazer-se notar, via manipulação lexical, via posição ideológica, transmite a ideia de revolta, particulariza o fato, coletiviza sua voz, transfigurando-se em pessoa física, capaz de emitir opinião sobre os temas.

Este brado (*¡escándalo!*), emitido discursivamente, descortina intenções do sujeito/enunciador, de expressar, através das notícias, não somente a cobertura dos fatos, mas conceitos e preconceitos, que podem ser ancorados em uma forma de pensar que encontra alguma cumplicidade. O adjetivo (*¡escándalo!*) por estar conectado à ação dos retratados, expresso sob signo – *voláí*, antecipa e guia a concepção do fato exposto na notícia. Caso houvesse reedições de linguagem escrita, nos excertos 15 e 16, referentes à substituição de *jopará* por espanhol, dessa forma, a nomeação *voláí* por *policías*, e ainda, a supressão de todo tipo de expressões subjetivas, o coenunciador poderia pensar o jornal sob outro conceito.

Outros fatores, ainda, demonstram o distanciamento, no texto em análise (excerto 16), de seu potencial referencial e acentuam seu potencial persuasivo, estando estes fatores interligados à formação da imagem do outro, e, por conseguinte do jornal.



Ao iniciar a narrativa (excerto 16), o enunciador, de maneira informal, em tom familiar e íntimo, quase carinhoso, pelo uso da abreviatura, *los polis*, e não *los policias*, estrategicamente, ameniza o tom da notícia, ainda que ofereça uma imagem não séria. Dessa maneira, argumentativamente, em função de um posicionamento regulado por um ensejo social e histórico, “ganha” o coenunciador, ao passo que se mostra: amigo, íntimo e confiável. Na sequência são diferenciados, por sexo, os agentes, o que acentua o tom opinativo e não informativo da matéria, pois, além de policiais, um deles é do sexo feminino. Somado a isso, é possível interpretar, segundo posicionamento do enunciador, baseado em representações coletivas, a conduta dos retratados ser questionável, visto que, ambos “*armaron un lio*” - armaram uma confusão, “*en un surtidor donde estaban chupando*”, em um bar onde estavam bebendo.

As intenções argumentativas, presentes em todo o *corpus*, atreladas à discursividade, ao desejo do jornal de parecer confiável, puderam ser apreendidas, pela análise da notícia em foco (excerto 16). Elas estão englobadas na emersão da imagem do enunciador, que, por meio de interpretação, apontam que o ato de informar, presente na materialidade e formação discursivas, demonstra-se agente na construção do *ethos*, popular. Além destes elementos, também, a informalidade linguajar, atua nessa ordem, quando os termos escolhidos para referir-se aos protagonistas (*polis*, *volái*) demonstram compelida intimidade entre os sujeitos do discurso.

O signo *volái*, segundo contexto, segundo formação ideológica, alvo de nossa tese, ao passo que, como já antes observamos, é capaz de suscitar no coenunciador toda a gama aspectos e sentimentos já tratados, sendo, dessa maneira, elemento crucial para atribuição de características ao ser, funciona, também, como elo de conexão entre os enunciadores, podendo, inclusive, corroborar para a leitura da notícia inteira.

Contudo, este vocábulo, em *jopará*, no contexto em voga, de forma implícita, desvela, uma mais, imagem do outro, esta não muito favorável, quanto aos aspectos sociais, culturais. Segundo acepções literais (GUASH; ORTIZ, 1991), referentes ao seu radical – *vola*, significa: bobagem, bobo, inútil. Sua aplicação, segundo os contornos expostos, pode imprimir, à figura retratada, conotações pejorativas.

Portanto, os recursos linguísticos e semânticos estudados, pautados no nível subconsciente de sentimentos, emoções, crenças e juízos, segundo suas dimensões

discursivas: social, ideológica, histórica e argumentativa, provenientes da presença do sujeito na linguagem, a qual demonstra ser intransparente, formam parte do perfil de discurso, em análise, que visa influenciar, como já, ao logo deste estudo, evidenciamos, realizável, pela projeção, de imagens (do outro, da (trans)língua, de si) estereotipadas, as quais formam o processo de construção e manutenção de seu *ethos*, popular.

De maneira a contribuir para o entendimento efetivo do presente estudo, de formação do *ethos*, popular, organizamos, em forma de quadro, as nomeações analisadas, que, de forma interpretável, desvelam as imagens discursivas por elas projetadas:

**Quadro 8:** Formação do *ethos* mostrado, popular. Imagens.

Excerto	Nomeação/ seleção de léxico/ <i>jopará</i>	Imagem de si	Imagem do outro.
Excerto 1	<i>karai</i>	Jornal popular. Olhos e voz da comunidade. Amigável.	Pessoa humilde, falante de <i>jopará</i> , vítima de violência Leitor: Pessoa que se interessa por temas de violência, falante de <i>jopará</i> .
Excerto 2	<i>karai</i>	Jornal popular. Olhar punitivo. Revolta contra a violência. Confiável. Se coloca no lugar do leitor.	Falante de <i>jopará</i> que cometeu algum ato contra a lei. Leitor: Pessoa humilde, interessada por temas violentos, falante de <i>jopará</i> . Aprecia reportagens curtas. Deseja posicionamento do jornal, contra o que se supõe ato fora da lei.
Excerto 3	<i>mitákuña</i>	Imagem de si: recorre ao estereótipo: olhos e voz da comunidade; olhar punitivo.	Formada por estereótipo: mulher que sofreu violência.
Excerto 4	<i>mitákuña</i>	Imagem de si: recorre ao estereótipo - olhos e voz da comunidade; olhar punitivo.	Constituída por apoio ao estereótipo: mulher que sofreu violência.
Excerto 5	<i>mitákuña</i>	Imagem de si: apoiada no estereótipo - olhos e voz da comunidade; olhar punitivo.	Visão apoiada no estereótipo: mulher que sofreu violência.
Excerto 6	<i>oka`u</i>	Digno de fé. Que se pode confiar. Sedutor, pela estratégia discursiva que prevê efeitos, tais como a ativação da emoção.	Perfil de leitor, interessado em notícias que ativam emoção. Falante de <i>jopará</i> .
Excerto 7	<i>mondaha</i>	Jornal não sério. <i>Ethos</i> ajuizador.	Projeta imagem de condenado, culpado.

Excerto 8	<i>léka</i>	Ajuizador – pelos recursos da linguagem mostra posicionamento. Visão pejorativa, estigmatizante, dos retratados, pode lhe garantir intimidade necessária para tornar-se crível.	Estigmatizante: homem, velho, falante de <i>jopará</i> , envolvido em atos violentos.
Excerto 9	<i>léka</i>	Imagem de si – positiva, construída sobre a imagem do outro, negativa. Visão estigmatizadora (do retratado, por nomeação, <i>léka</i> , do leitor e da (trans) língua <i>jopará</i> .	Estigmatizante: homem, velho, falante de <i>jopará</i> , envolvido em atos violentos.
Excerto 10	<i>léka</i>	Imagem de si: popular, construída sobre a imagem do outro: por vitimização do sujeito. Construída com base no estereótipo: (trans)língua <i>jopará</i> , língua de matuto.	Vítima. Estigmatizante: homem da área rural. Com pouca instrução.
Excerto 11	<i>kurepa</i>	Amigável, confiável, edificada sobre a imagem do outro: inimigo	Estereótipo: inimigos, pouco confiáveis. Proveniente de fatores históricos e culturais.
Excerto 12	<i>kurepa</i>	De jornal: amigável, confiável, ainda que não sério. Pelos recursos da linguagem, socialmente imposta como adequada é classificado como fora do padrão jornalístico “sério”.	Imagem associada a um animal; Do outro: <i>kurepa</i> – inimigo, animal.
Excerto 13	<i>kurepa</i>	Popular, confiável, ainda que não sério.	Imagem associada a um animal; Concatenação: termo em (trans)língua <i>jopará</i> associado ao contexto informal, visando efeitos (humor, deboche) ou tornar a linguagem familiar.
Excerto 14	<i>volái</i>	Apoia-se em representações coletivas para formar seu <i>ethos</i> confiável.	Homem da lei, em quem se pode e deve confiar.
Excerto 15	<i>volái</i>	Autoimagem positiva: mostra uma voz sensível ao apelar ao sentimento de consternação diante dos riscos da profissão policial.	Profissão perigosa.
Excerto 16	<i>volái</i>	Formada pela impressão de julgar os atos; o sujeito se mostra por uma “voz” punitiva; Imagem positiva, apesar de não séria.	Imagem de homem da lei, corrompida. Estigmatizante: figura de profissional inútil, envolvido em atitudes, socialmente, negativas.

Fonte: do autor

O que foi apurado pela análise dos dados, apresentados nos capítulos 5 e 6 do corrente estudo, indica que, por escolhas vocabulares, analisadas no contexto

das páginas policiais, efetuadas visando não somente um estilo, mas a persuasão e as vendas, o jornal *Diario Popular*, por ação de sua equipe de redatores, pela língua(agem), edifica uma autoimagem positiva, confiável, amigável, portanto essencial para o estabelecimento do *ethos* popular, o qual se constitui na enunciação, compondo-se da ideia prévia e a imagem mostrada no discurso, reconhecidas pelo público, pela sua forma de apresentação dos fatos, cujas características são: 1) está em *jopará*; 2) não é imparcial e sim guiada por pontos de vista, ancorados em preceitos morais e solidários; 3) expressa condenação e julgamento de certas atitudes dos indivíduos, retratados nas notícias analisadas. Estas peculiaridades conduzem à legitimação do enunciador como digno de fé, outorgando-lhe representante das pessoas da comunidade.

Estes apontamentos formam parte de alguns resultados obtidos, que poderão servir como aporte para pesquisas que desejam investigar a formação do *ethos*, em múltiplos discursos, em específico o jornalístico, relativa à eficácia da palavra conectada à imagem do enunciador, a qual, atravessa disciplinas. Dessa maneira, o presente estudo pode, de alguma forma, também contribuir para as áreas de Argumentação, Sociologia, Antropologia e Análise do Discurso. Sequencialmente, apresentamos, em seção única, os resultados e tecemos algumas considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O que é *jopará*? Por que pesquisar isso? Por que o interesse por esse tipo de jornal?” Estes foram alguns questionamentos relativos ao tema de estudos dessa tese, segundo os mesmos, nota-se o estranhamento gerado, tanto em brasileiros, muitos desconhecedores do panorama linguístico paraguaio, bem como, entre os paraguaios, que, entre risos nervosos e incrédulos, se mostraram, em muitas ocasiões, espantados quanto ao nosso interesse por essa forma de expressão e pelo jornal.

Essa perplexa dúvida, quanto aos motivos de haver uma investigação que abordaria a construção da imagem popular de um jornal conectada à redação em (trans)língua *jopará* das notícias policiais, pode estar interligada aos conceitos sobre esses temas, formados coletivamente, no Paraguai, cujas negações e cargas classificatórias distintivas, atam-nos a suas camisas de força sociais, aprisionando, dessa forma, suas relevâncias, aos interesses corriqueiros de comunicação, informal, o que denota que se tratam de expressões inerentes à demarcação das fronteiras entre grupos sociais.

Essas indagações indicaram a necessidade e validade da pesquisa, cujos resultados obtidos, discutiremos de imediato, seguidos, posteriormente, de algumas considerações finais, relativas às possíveis contribuições, dos mesmos, para as áreas, que, de forma interdisciplinar, compõem o presente estudo.

Relacionar a (trans)língua *jopará*, presente nas páginas policiais do jornal *Diario Popular*, ao processo de constituição do *ethos* popular, exigiu-nos a orquestração das noções de múltiplas áreas, operando, de forma indissociável e holística, no sentido de conferir direcionamento ao estudo, de maneira a dar conta de seus propósitos, o que encaminhou a uma, inovadora mirada, discursiva, social e linguística, respaldada pelos contornos múltiplos que o tema exige, advindos da tácita relação entre o entorno cultural, social e histórico, a (trans)língua e o discurso em análise.

Isto se deu ao longo da tese, por meio de alguns encaminhamentos: inicialmente tratar da eminente questão do *jopará* ser uma (trans)língua, em seguida fundamentar nossa argumentação, concernente a formação do *ethos*, explorando seus conceitos e visões, assim como os que envolvem o discurso, para então, procedermos às análises e seus resultados.

O *jopará* sobrevive a todo o processo de marginalização que sofre, mesmo não tendo a representatividade positiva, em termos de valor simbólico, no universo linguístico paraguaio. Essa língua, juntamente ao guarani, são expressão de resistência a todo um sistema de dominação, histórico e cultural.

Essas línguas formam parte de um complexo panorama linguístico, segundo o qual, no Paraguai, formam práticas de linguagem de uma grande parcela da população. Ainda que, neste contexto, o guarani tenha seu reconhecimento oficial, elas têm seus espaços de circulação reduzidos. O *jopará*, por exemplo, não chega aos livros estudados na escola, não é empregado no sistema judiciário. As leis são redigidas em língua espanhola. Quando muito, guarani ou *jopará*, serve(m) aos interesses políticos por algum candidato, em campanha, quando este deseja mostrar-se confiável, amigo, um homem do povo.

Argumentamos, com base no contexto em análise, em favor do reconhecimento do *jopará* como (trans)língua, cujo uso da linguagem, em virtude de aspectos culturais e históricos, hibridiza espanhol e guarani. Seu uso, no jornal analisado, nas páginas policiais, é reflexo de sua circulação, associada a ambientes informais. Defendemos, portanto, que seu desempenho não deve ser condenável, pelo contrário, pode ser visto como criativo, lúdico, performático, ou ainda, uma forma de se pensar a comunicação contemporânea, acentuadamente híbrida e complexa.

Fazia-se necessário apresentarmos, inicialmente, do ponto de vista linguístico, o lugar de onde falávamos, por meio de nosso posicionamento, quanto ao nosso conceito de língua e de translinguagem (GARCIA, 2009, CANAGARAJAH, 2013), com objetivo de conceder outra forma de perceber a língua, que a distancia de entidade pura e estática, entre outros fatores.

Devido ao ambiente (Paraguai, país de população bilíngue, jornal *Diario Popular*, páginas policiais) de materialização dos discursos analisados, especialmente a seção policial, pela ação do enunciador, esta prática de linguagem, fluída, na medida em que a forma de dizer, segundo o universo cultural do coenunciador, pode facilitar o alcance do que se objetiva, converteu-se em instrumento de eficácia da palavra, de interação (enunciador e coenunciador) e identidade.

Frente a estes indícios, não podíamos cometer o mesmo “erro”, em termos de dar visibilidade ao tema, de classificar, de forma reducionista, este fenômeno, como

variação linguística, *piding* ou língua *crioula*. Nosso posicionamento, tendo em vista o aporte do discurso, alinha a língua ao lugar de manifestação dos sentidos, ou ainda, o uso estratégico, visando a maximização da comunicação, do repertório linguístico de sujeitos bilíngues.

Nossa intenção, teórica, era marcar nosso posicionamento, favorável, ao hibridismo, inerente ao mundo contemporâneo e contrário ao mítico, purismo linguístico e sua associação à hierarquização das línguas no Paraguai, relativa ao *status* de língua (Espanhol e Guaraní), reflexo de classificações sociais. No entanto, sem que, com isso, negássemos ou descreditássemos outros conceitos, já, pela literatura consagrados.

Nessa direção, cientes que a linguagem não é neutra, destacamos a presença do *jopará*, sua efetividade no processo de formação do *ethos* investigado, indissociável de sua condição classificatória, social: expressão popular, familiar, informal.

Nesse sentido, a (trans)língua *jopará*, nesse estudo, ocupa lugar de destaque, visto que, de forma orientada, pragmática, é nela e por ela, por meio de seus recursos linguísticos, fluidos, que se materializam suas formações discursivas e emergem os sujeitos implícitos (*Diário Popular*, leitor, personagens das notícias) que, de forma interpretável, permitiram-nos apreender suas múltiplas imagens projetadas: autoimagem, da (trans)língua, do leitor, dos personagens, positivas, negativas, estigmatizadas e estigmatizantes, as quais formam o *ethos*, popular, do jornal, que, por conseguinte, poderá mobilizar “o outro”.

Estudar esse processo exigiu-nos aprofundamento teórico e conceitual, que nos pareceu compatível com os objetivos em vista, os quais perpassaram diferentes áreas: desde o conceito de translíngua, atrelado a um arcabouço teórico, que trata da reconstituição dos percursos históricos e sociais contidos nas questões que envolvem as línguas do Paraguai, até os conceitos de discurso, gênero, sob diferentes perspectivas, assim como o de *ethos*, que, sob nosso prisma, associa esta noção à construção de uma imagem de si e do outro, em que a maneira de dizer revela o enunciador, sua inter-relação com o coenunciador, uma vez que a legitimidade do primeiro está imbricada à imagem por ele produzida. Sob este entendimento encontramos base na Sociologia dos Campos de Pierre Bourdieu para a compreensão da eficácia do discurso relacionada à função social do enunciador. A nova retórica de Perelman, Tyteka, concernente ao *ethos*, proporcionou a

confluência dos aspectos internos, discursivos e externos, sociais, ao observarmos que a interação entre os agentes discursivos se realiza pela imagem que um faz do outro.

Este processo configurou-se interdisciplinar, sem que houvesse o apagamento de uma disciplina em função de outra, mas sim, a favor do objeto de estudo, fenomenologicamente linguístico, discursivo e social, o qual exigiu aplicação das mesmas, de maneira simultânea, em seus pontos de contato, de integralização.

Motivados pelos objetivos, procedemos à aplicação das disciplinas, do instrumento de coleta de dados e da análise discursiva, dos quais obtivemos alguns resultados.

A Semiologia (CHARAUDEAU, 2008), o modelo de entendimento do *ethos* (MAINGUENEAU, 2005; 2008) e (AMOSSY, 2005), a Sociologia dos Campos (BOURDIEU, 1983), confirmaram-se pertinentes, por revelarem outras dimensões do estudo da formação do *ethos*. Permitiram-nos entender, por meio de questionário, o processo de interatividade, oriundo dos discursos em análise, de forma ampla, visto que, os dados provenientes, ofereceram-nos um panorama da instância de enunciação a qual se dirige: o coenunciador.

Tratando-se de discurso jornalístico, suas estratégias, cujos efeitos podem produzir a persuasão, era necessário investigar os seus suportes, ou seja, sua imagem prévia, saber o que o coenunciador formulava sobre enunciação. Também era necessário compreender os contornos que possibilitaram estabelecer o contrato de comunicação, ocupando a (trans)língua, em ambos processos, lugar de destaque.

Quanto ao contrato de comunicação proposto pelo enunciação, bem como suas estratégias, de concepção e organização discursivas, mostraram-se pertinentes ao processo de formação do *ethos*, popular, em voga.

Pudemos apurar que, somente 8% do total de respondentes do questionário se mostrou pouco favorável ao jornal e mais da metade (54%) do seu total, favorável, satisfatoriamente, à redação de suas notícias em *jopará*.

Estes dados se relacionam ao processo de formação de sua imagem em alguns aspectos. Primeiro, ajuda a entender que há um contrato entre os enunciação, de que há um consentimento de uso da palavra, outorgado ao órgão de imprensa, reconhecido pelo público. Segundo, admitem, neste acordo, a



veiculação da (trans)língua *jopará* à redação das notícias. Terceiro, está em conformidade com a noção de *ethos* prévio, que trataremos na sequência.

Respaldado por um índice alto (70%) de negação a uma redação, na seção criminal, em língua única, espanhol ou guarani, este percentual corrobora para explicar as condições de produção dos discursos examinados.

Quanto ao *ethos* prévio, partindo do pressuposto, segundo a noção (MAINGUENEAU, 2001) da presença, no discurso, de um sujeito, que vai, inclusive, para além dele, pudemos reconhecer a imagem do enunciador, preexistente, cujos dados, asseguram que este (Jornal) projeta uma impressão favorável, comprovada pelo alto percentual de afeição do público entrevistado.

No entanto, seu *ethos* prévio, por outro lado, apresenta traços negativos, por ser formado em função, também, de decisões editoriais, especialmente a redação em (trans)língua *jopará* e escolhas vocabulares, em suas páginas policiais, o que lhe confere imagens, socialmente, desfavoráveis, estigmatizantes, de jornal: “fofoqueiro, não sério”, da redação em *jopará*: “tira o caráter sério da notícia” apesar de bons índices de confiabilidade.

Estas imagens, estereotipadas, se justificam, também, por questões sociais, que norteiam as condutas e formas de pensar do mundo social, segundo as quais, segundo Bourdieu (1983), pela noção de *habitus*, no contexto em foco (sociedade paraguaia), as línguas “puras” (guarani e espanhol) e jornais de referência, expressam os valores, socialmente positivos, concomitantes a uma estrutura social que os hierarquiza.

Por meio da análise discursiva, pudemos entender como o enunciador emerge na enunciação, quando apoiado por representações sociais, demonstra sua forma de movimentação no espaço social e “encarna” as propriedades concernentes ao seu *ethos* prévio: Jornal, bastante conhecido, não sério, porém confiável, cujas páginas policiais são redigidas em *jopará*.

Dessa forma, por ação do enunciador, por suas escolhas linguísticas (nomeações em *jopará*) e ordenação dos elementos discursivos, constrói a imagem de si, de jornal popular, de fiador, multifacetada em múltiplos *ethes* (fiscalizador, vitimizador, sedutor, confiável) processo que se dá na inter-relação de projeção da imagem de seus leitores, de seu universo cultural, cujos desdobramentos indicam classificações estigmatizantes (do jornal, da (trans)língua, dos personagens e leitores). A formação do *ethos* discursivo, por este viés, portanto, desvelou-se

articulada às estratégicas retóricas e argumentativas (intenção argumentativa), isto é, recurso persuasivo.

Termos como: *karai*, *léka*, *mitâkuña*, *mondaha*, *oka`u*, *kurepa* e *volái* são expressões que indicam uma tomada de posição, que expõem algo sobre quem as nomeia. São formas descrever, prescrever e moldar a imagem que o jornal faz dos personagens retratados, estando estas, baseadas em comportamentos sociais, em estereótipos, em que se descreve o mundo ético desses personagens. Um conjunto de esquemas, sociais, que correspondem a uma maneira de existência dos personagens, o qual pode dar indícios da imagem do Outro, bifurcada entre os retratados nas matérias e o leitor, suas formas de viver, corporalizadas, nesse caso, pelas práticas discursivas, formando um *ethos* discursivo do Jornal que ecoa como a “voz” do povo, uma espécie de espelho que reflete a realidade de quem o lê, cujas notícias, especialmente as policiais, mostram não só fatos, como também uma maneira de habitar o mundo, no caso, os ambientes retratados: bairros periféricos, barbearias, comércio informal, as casas, a rua.

O “outro”, no discurso, é, por essência, a projeção que o Eu (enunciador) faz, não da pessoa do coenunciador, mas do universo cultural deste, que, em se tratando das características de produção dos discursos em análise, são as mesmas do Eu (Paraguai, país bilíngue, onde uma grande parcela fala *jopará*), ainda que, por meio de interpretação, no terreno do *não dito*, as nomeações estudadas, em (trans)língua, revelem-se, instrumentos de separação deste “outro”, ainda que haja intenção de aproximá-los.

Esta vontade de contar algo ao outro, de forma que sua figura seja digna de fé, efetivada por sua maneira de dizer, conectada às escolhas de léxico e de língua, portanto realizável no âmbito do discurso, é proveniente, também, do seu imbricamento com as relações extralinguísticas, sociais, uma vez que, nessa ação, há um direcionamento a alguém, que poderá validar, ou não, o que lhe é apresentado.

A partir dessas colocações, percebe-se que o *ethos* é uma construção complexa, na qual as imagens produzidas (de si e do outro) buscam assentimento, pautando-se em representações coletivas, socialmente cristalizadas, estereótipos, do jornal e do público. Esse processo de construção da imagem (*ethos* prévio e mostrado) revela estigmatizações: sobre a (trans)língua *jopará*: não seria; sobre o jornal: não sério.

Essa estigmatização do *jopará*, conforma-se, em nosso estudo, pelo estabelecimento do *ethos* mostrado, quando, mesmo imerso em universo linguístico, bilíngue, ainda assim, o enunciador, nas páginas policiais, limita sua forma de expressão à (trans)língua *jopará*, bem como a vincula aos seus retratados e seus contextos. Essa associação pode estar conectada a uma imagem, socialmente e historicamente instituídas, das línguas guarani e *jopará* terem suas circulações atreladas a ambientes informais, familiares, à zona rural; quando em espaços urbanos: a bairros periféricos.

Quanto ao estigma de jornal, não sério, este, está, também, imbricado à questão da construção de seu *ethos*, popular, visto que, essa forma de classificação se guia por uma postura de aderência aos valores comungados por um grupo social dominante, no Paraguai, que estabelece normas de conduta, aceitáveis, refutáveis ou marginalizáveis, que no campo jornalístico, dentre várias, atribuem ao bom e sério jornalismo, uma redação monolíngue, preferencialmente em espanhol.

Propomos apresentar, sob forma de quadro sinóptico, os resultados de nossa análise, que se respaldam na inter-relação entre algumas esferas que formam o discurso: contrato de comunicação, sua dimensão externa (*ethos* prévio) e sua dimensão interna (*ethos* mostrado).

**Quadro 9:** Resultados obtidos. *Ethos* discursivo, efetivo.

<b>Resultados 1: contrato de comunicação e <i>ethos</i> prévio</b>	<b>Resultados 2: <i>ethos</i> mostrado</b>	<b><i>Ethos</i> efetivo</b>
<p>Contrato de comunicação: Estabelecido. Bem recebido. (Trans)língua <i>jopará</i>: uso estratégico, possibilitado pelo Contrato de comunicação.</p> <p><i>Ethos</i> prévio: o público entende que Jornal projeta uma autoimagem favorável; Ainda assim, projeta imagens socialmente desfavoráveis, estigmatizantes, de jornal: “fofoqueiro, não sério” associado a uma visão estigmatizante da (trans)língua <i>jopará</i>: “tira o caráter sério da notícia”; Bons índices de confiabilidade.</p>	<p>Organização discursiva, estratégica:</p> <p>1) pela competência da língua: nomeação em (trans)língua <i>jopará</i>.</p> <p>2) Pela competência discursiva: projeta imagens: a) favoráveis do enunciador, fiador, confiável e amigo ; b) estereotipadas do coenunciador; estigmatizantes da língua e do jornal.</p>	<p>Elaboração de uma imagem popular, efetivada, apoiada por:</p> <p>1) Contrato de comunicação, aceito, cujos traços permitem ao enunciador: a) Como órgão da imprensa a outorga de uso da palavra; b) Como jornal popular o uso da (trans)língua <i>jopará</i>;</p> <p>2) Bons índices de confiabilidade;</p> <p>3) Bons índices de aceitabilidade do jornal e da (trans)língua <i>jopará</i>.</p> <p>4) Imagens estereotipadas, prévia e discursiva: a) autoimagem discursiva: as nomeações em <i>jopará</i> conferem múltiplos <i>ethes</i>: amigo, voz do povo, fiscalizador, vitimizador; b) autoimagem prévia: confiável; jornal popular, não sério, fofoqueiro; c) Imagem discursiva do outro: estigmatizante: pessoas de bairros periféricos, falantes de <i>jopará</i>, que</p>

		sofrem ou praticam violência; d) Imagem prévia da (trans)língua: bom índice de aceitabilidade; informal; e) Imagem discursiva da (trans)língua <i>jopará</i> : expressão popular, não séria.
--	--	--

**Fonte:** do autor

As escolhas vocabulares e de língua, realizadas, denunciam que a equipe editorial das seções *Locales* e *Sucesos* as destinam a um público preconcebido. Indicam que o enunciador orienta o discurso ao coenunciador, sobre como o segundo deve considerar a realidade descrita. Indicam um alinhamento das imagens projetadas – prévia, de si e do outro - a medida que, a empresa, *Diario Popular*, consegue alcançar seus propósitos comerciais de vendas, cujo produto (edições diárias), por meio de editoração (foco: eleição da (trans)língua *jopará* para as páginas policiais e de esportes) seja reconhecido como procedente do povo.

Nessa ordem de raciocínio, a análise – das notícias das páginas policiais – aponta a possibilidade de o *ethos*, popular, visado ser o *ethos* produzido.

A fim de evitar repetições desnecessárias, optamos por elencar as principais contribuições, provenientes dos resultados desta tese, que possam, talvez, colaborar para a evolução do estado da arte dos seus variados campos científicos.

Embora ainda se faça necessária uma continuidade da pesquisa, entendemos que tem potencial para ser referência a trabalhos, cujas metodologias se enquadrem em uma agenda, eminentemente, interdisciplinar.

Nesta ordem, também poderá contribuir para pesquisas, cuja categoria seja o *ethos* como ferramenta, o que poderá encaminhar a uma observação, multidimensional, da compreensão do objeto, de sua realidade social.

Em nosso caso, um olhar abrangente, demandou uma concatenação teórica e metodológica, sustentada por nossos pilares teóricos: Conceito de translíngua, Sociologia dos Campos de Pierre Bourdieu, Retórica de Perelman; Tyteka, Análise Semiolinguística do Discurso de Charaudeau (2008) – o Contrato de Comunicação, nomeação - e modelo de compreensão do *ethos* de Maingueneau (2005) e Amossy (2005), os quais, por sua vez, são formados por preceitos da Linguística, Semântica, Pragmática, Retórica e Argumentação. Ainda vemos uma ponte entre nossos resultados e trabalhos que se debruçam sobre a história da língua.

Dessa forma, acreditamos que, nosso posicionamento crítico e resultados, poderão ser relevantes, também, para pesquisas que se apoiem, nesses campos e disciplinas.

Nossos resultados poderão contribuir para área de linguística, quanto aos estudos que envolvem práticas de linguagem em contextos bilíngues, como o fenômeno, por nós estudado, especialmente, os que investiguem, também, sua dimensão sociológica, que, dessa maneira, remetam aos trabalhos de Pierre Bourdieu.

Ainda nos parece pertinente, nesse contexto, nosso posicionamento teórico e crítico, de caracterizarmos o *jopará*, resultado do hibridismo (guarani e espanhol), como fruto da translíngua, indicando que se trata de um recurso e uma prática de linguagem complexos, em nada errados ou inferiores, havendo correlação com estudos que envolvem Políticas Linguísticas.

A confirmação de tese, por nós apresentada, poderá interessar às investigações científicas que envolvam teorias Pragmáticas e Semânticas, em que não haja uma limitação disciplinar entre ambas e desde que acompanhem nossos preceitos ou argumentem em função de negá-los.

Por tratarmos de estudo da linguagem, reforçamos o paradigma sobre a presença do sujeito nela inserido, o que nega seu caráter natural. Este encaminhamento é deflagrado quando confirmamos, em nossas análises, a relação entre a ordenação do sentido e as escolhas vocabulares e de língua. Neste processo, visto como estratégia, são projetadas imagens dos sujeitos, que visam adesão ao discurso.

Dessa maneira, nosso estudo poderá ampliar o estado da arte de trabalhos, que percebam a dimensão e intenção argumentativa, por trás da ação editorial jornalística, que envolve a organização textual, a qual contribui para a desconstrução da transparência da linguagem, tida como padrão para o gênero. Quanto à dimensão e intenção argumentativa, a relacionamos aos estudos discursivos, no que se refere à mobilização pelo *ethos*.

Portanto, nossa tese poderá ser referência a outros trabalhos, que se debrucem sobre o *ethos*, seu processo de constituição, tanto dos que se apoiam, sobre esse tema, nas contribuições da Teoria Semiológica de Charaudeau (2008), acerca dos Modos de Organização do Discurso, Contrato de Comunicação,

quanto dos que o entendem, segundo o modelo proposto por Maingueneau (2005) e Amossy (2005), ou seja, como construção da imagem de si.

No primeiro domínio, devemos contribuir para pesquisas, que se norteiam pelo primado, de que todo discurso é uma forma de ação sobre o outro, em que a língua funciona para produção de sentidos, portanto, compreendem o ato de nomear, não de seu lugar no plano linguístico, mas de seu funcionamento na dimensão do discurso, dos seus efeitos produzidos, em especial do *ethos*. Nessa mesma perspectiva, as estratégias discursivas que visam a persuasão, já tratadas, devem ser estudadas em função do conceito de Contrato de Comunicação (CHARADEUAU, 2008).

Ainda reiteramos, a possibilidade de nossas constatações colaborarem para teorias que visam compreender melhor as problemáticas do discurso, no se que referem às noções de imagem de si e do outro, suas construções, segundo os modelos de Maingueneau (*op.cit*) e Amossy (*op.cit*), visões estas, holísticas, que concatenam os princípios que formam as disciplinas já apresentadas.

Apontamos nossos resultados como possível referência a trabalhos que tem como propósito a informação e documentação concernetes à uma língua, ressaltando o trabalho da imprensa escrita neste processo.

Por fim observamos que esse estudo terá contribuído para a percepção de que os meios de comunicação, também no Paraguai, são instrumentos de perpetuação de valores hierarquizantes, segundo uma ordem socialmente imposta, à medida que, procurando ganhar o mercado, altamente acirrado, efetuam procedimentos editoriais, que refletem a ideologia das classes dominantes, que, em nosso contexto, confirmam a marginalização, do jornal e da língua, pesquisados.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- ALBERTOS, J. L. M. SUÁREZ, L. S. **Manual de Estilo**. Indianapolis: Inter American Press Books, 1996.
- AMARAL, M. F. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2005.
- AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **L'argumentation dans le discours**. Paris: Colin, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Argumentação e análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares**. Trad. Eduardo Lopes Pires e Moisés Olímpio Ferreira. EID&A-Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n.1, p. 129-144, nov. 2011. Disponível em: [<http://www.uesc.br/revistas/eidea>]. Acesso em: 12 dez. 2017.
- ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. 14. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- AUROUX, S. **A filosofia da linguagem**. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.
- BACKTIN M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBOSA, J. P. **Notícia: Trabalhando com os gêneros do discurso**. São Paulo: FTD, 2001.
- BARROS FILHO, C. et al. **Teorias da comunicação em jornalismo: Reflexões sobre a mídia**. São Paulo: Saraiva, 2010.
- BARTHES, R. A retórica antiga. In: COHEN, J. et al. **Pesquisas de retórica**. Trad. Leda Pinto Mafra Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BAZ, D. G. **Análise dos marcadores conversacionais em guarani jopará**. 2006 76 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989.
- BERGER, I. R. **Gestão do multi/plurilinguismo em escolas brasileiras na fronteira Brasil – Paraguai: um olhar a partir do observatório da educação na fronteira**. 2015, 300f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós



Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.  
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2015.

BERTRAND, D. **Parler pour convaincre**. Paris: Gallimard, 1999.

BORSTEL, C.N. von. Sistema de língua base marcado do *code switching* sobre o *brasildeutsch*. **Línguas e Letras**. Vol. 2, n. 2, p. 20-30. 2001.

BOSIO, B. G. **Periodismo escrito paraguayo – 1845 2001 de la afición a la profesión**. Asunción: Intercontinental, 2008.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. 2. ed. Trad. Fernando Thomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. Espíritos de Estado. Gênese e estrutura do campo burocrático. In: **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_.; PASSERON, J. C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRETON P. **A argumentação na comunicação**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.

CALVET, Louis Jean. **As Políticas Linguísticas**. São Paulo: Parábola, 2007.

CANAGARAJAH, S. Navigating language politics: a story of critical praxis. In: NICOLAIDES, C. et al. **Política e políticas linguísticas**. Campinas: Pontes, 2013.

COMASSETTO, L. R. **As razões do título e do lead: uma abordagem cognitiva da estrutura da notícia**. Concórdia: UnC, 2003.

CAVALCANTI, M. do C. Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. **DELTA**, São Paulo, v.15, n.especial, p. 385-417, 1999.

CAVALCANTI, M. Do C. ; MAHER, T. de J. M. **Diferentes Diferenças: desafios interculturais na sala de aula**, 12/2009, ed. 1, CEFIEL/ IEL/ UNICAMP/ MEC, Vol. 1, pp. 54, pp.1-54, 2009.

\_\_\_\_\_. Educação linguística na formação de professores de línguas: intercompreensão e práticas translíngues. In: Moita Lopes, L.P. (org.) **Linguística Aplicada na Modernidade Recente: Festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola/Cultura Inglesa, 2013, pp 211-226.



CÉSAR, A.; CAVALCANTI, M. C. **Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio**. Transculturalidade. Linguagem e educação. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

CHABROL, C.; RADU, M. **Psicologia da Comunicação e Persuasão**. São Paulo: Martins Fontes/Instituto Piaget, 2008.

CHARTIER, R. **A Ordem dos Livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2. ed. Brasília: Editora da Unb, 1998.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **O discurso das mídias**. Tradução: Ângela S.M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. Inter-Ação, Goiânia, v. 37, n. 1, p. 1-14, jan./jun. 2012. Tradução de Cristian Nicolas Gouraud (FL/UFG); revisão de Luana Alves Luterman (UEG/PPLLUG). [Título original: **Le contrat de communication dans la classe, em Inter-Actions**]. J.F. Halté. Université de Metz, 1993.

CHIAVENATO, J. J. **Genocídio americano: a guerra do Paraguai**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

COLOGNESE, S. A. Brasiguaios: uma identidade na fronteira Brasil/Paraguai. **Revista Tempo da Ciência**, Toledo, v.19, n.38, p. 145-157, jul.dez. 2012.

CORREIA, V. **Concepção Discursiva do Poder**. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

CORVALÁN, G. El bilingüismo em el Paraguay: características y evolución. **Revista Paraguaya de Sociología**, Paraguay, v.37, p. 7-35, 1976.

CUCHE, D. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Tome 1. Paris: Ophrys, 1990.

DASCAL, M. **The balance of reason**. In: D. Vanderveken [ed.] *Logic, Thought and Action*. Dordrecht: Springer, p. 22-47, 2005.

DIARIO POPULAR. Asunción, ed. nº 8474, 04 nov. 2017, capa.

\_\_\_\_\_. Asunción, ed. nº 5870 a 5914, março a abril, 2011.

DIAS, A. R. F. **O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

DIAS, J. B. Língua e poder: transcrevendo a questão nacional. **Revista Mana Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, vol. 08, n. 1, p. 7-27, 2002. disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v8n1/9639.pdf>>. Acesso em 10 jun. 2017.

**DICIONÁRIO brasileiro: espanhol-português, português-espanhol.** São Paulo: Oficina de Textos, 1996.

DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICAS, ENCUESTAS Y CENSOS (DGEEC) **Censo Nacional de Población y Viviendas.** Asunción: STP-DGEEC, 2003.

DITTRICH, I. J. **Linguística e jornalismo: dos sentidos à argumentação.** Cascavel: EDUNIOESTE, 2003.

\_\_\_\_\_. Retórica dos títulos em reportagens impressas. **Comunicação & Educação**, USP. São Paulo, v. 11, n. 01, p. 20-25, 2006.

\_\_\_\_\_. O professor pesquisador e o pesquisador professor: uma questão retórica? **Dialogia**. UNINOVE. São Paulo, v. 7, n. 01, p. 47-54, 2009.

DUCROT, O. **Argumentação retórica e argumentação linguística.** Porto Alegre: Letras de hoje, v.44, n.1, p.20-25, jan/mar 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

DUCROT, O. **O dizer e o dito.** Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

EGGS, E. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruthy (Org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos.** São Paulo: Contexto, 2005.

FASOLI-WÖRMAN, D. **Sprachkontakt und Sprachkonflikt in Paraguay: Mythos und Realität der Bilinguissituation.** Frankfurt: Peter Lang, 2002.

FERREIRA, G. B. **Linguagem e Modernidade Comunicação e experiência nas sociedades mediatizadas.** Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

FOUCAULT, M. Deux essais sur le sujet et le pouvoir. In: FREYFUSS, H.; RABINOW, P.; FOUCAULT, M. **Un parcours philosophique**, Paris, Gallimard, 1984, p. 297-321.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFFUS, H, RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica.** Rio de Janeiro: Forense, 1995.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FIORIN, J. L. Linguagem e Interdisciplinaridade. **ALEA**, vol. 10, n. 01, jan. jun, 2008.

GARCIA, O. **Bilingual education in the 21st century: a global perspective.** UK: Wiley-Blackwell, 2009.

GASPARIN, M. N. Relatos e experiências de brasileiros no território paraguaio. In: **III Seminario Internacional de los Espacios de Frontera (III Geofrontera), Encarnación, 2015**. Disponível em: <<http://www.humanidades.uni.edu.py>>. Acesso em 10 jun. 2018.

GASPARÍN, M. N. **Políticas linguísticas e representação de identidades: um estudo etnográfico em uma comunidade plurilíngue/pluricultural no Paraguai**. 2016. 137 f. Dissertação [Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras]. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. UNIOESTE, Foz do Iguaçu, 2016.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2001.

GROSJEAN, F. **Life With Two Languages: An introduction to Bilingualism**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

GUADANINI, S. M. **Designação: das categorias da língua às categorias do discurso**. 2010. 216 f. [Doutorado em Linguística] – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Minas Gerais, 2010.

GYNAN, N. S. **El Bilingüismo paraguay aspects sociolingüísticos**. 2. ed. Paraguay: Etigraf/Fernando de la Mora, 2003.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GUIMARÃES, E. **Enunciação e política de línguas no Brasil**. Revista Letras Espaços de Circulação da Linguagem, n. 27, jul./dez. 2006.

GUASH, A. S. J.; ORTIZ, S. J. **Diccionario castellano - guaraní/ guarani - castellano. Sintáctico, fraseológico, ideológico. Grafía actualizada**. CEPAG: Asunción. 1991.

HOLLIDAY, A. **Intercultural communication and ideology**. Londres: Sage, 2011.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2005.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1976.

KALLFELL, G. **¿Cómo hablan los paraguayos con dos lenguas? Gramática del jopara**. 2016. Disponível em: <<http://www.etnolingüística.org/biblio:kallfell-2016-jopara>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

KERN, A. A. **Missões: uma utopia política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

KLEIBER, Georges. Dénomination et relations dénominales. In: **Langages**, nº 76, Paris, Larousse, 1984.

KRIVOSHEIN DE CANESE, N. **Apuntes de lingüística general y aplicada**. Assunção, 1996.

\_\_\_\_\_. Variedad de guaraní que se usaria en la educación. **Nemity**, Asunción, n. 26, p. 14-18, 1993.

LAGES, N. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 1979. [2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981 [3. ed. Santa Catarina: Ufsc-Insular, 2001].

LUSTING, W. **Mba'eichapa oiko la guarani? Guaraní y jopara en el Paraguay**. Disponível em: <<http://www.etnolingüística.org/artigo:lusting-1996>>. Acesso em: 23 dez. 2017.

MAHER, T. M. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: BORTONI-RICARDO, S. M.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.) **Transculturalidade, Linguagem e Educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. *Ethos*, cenografia, incorporação. In AMOSSY, R. (Org). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. p. 69-92. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. **Gênese dos Discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2007.

\_\_\_\_\_. **Análise de Textos de Comunicação**. Trad. Cecília P.de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Trad. Freda Indursky. 3. ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MARCONDES FILHO, C. **O Capital da Notícia**. São Paulo, Ática. 1989.

MARCUSCHI, L. A. **Por uma proposta para a classificação dos gêneros textuais**. 1996. 16 p. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod\\_resource/content/3/Art\\_Marcuschi\\_G%C3%Aaneros\\_textuais\\_defini%C3%A7%C3%B5es\\_funcionalidade.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcuschi_G%C3%Aaneros_textuais_defini%C3%A7%C3%B5es_funcionalidade.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARTÍN-BARBERO, J. **De los medios a las mediaciones**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

MAUSS, È. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: UBU, 2003.

MELIÀ. B. **El Guaraní conquistado y reducido**, Asunción: Universidad Católica, 1997.

\_\_\_\_\_. **La lengua Guaraní Del Paraguay; Historia, sociedad y Literatura**. Madrid, España: Mafre, 1992.

\_\_\_\_\_. **Una Nación dos Culturas**, Asunción: Salesiana, 1998.

MÉNDEZ, E. N. **Minorías lingüísticas y derecho a las lenguas**. Univ. Autónoma de Barcelona, 2013.

MIGUEL, L. F. Representação política em 3-D: elementos para uma teoria ampliada da representação política. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 51, p.123-40, 2003.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOSCA, L. do L. S. Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos. In: MOSCA, L. do L. S. (Org). **Retóricas de ontem e hoje**. 2.ed. São Paulo: FFFLCH/USP, 2001, p. 17-51.

MOSCOVICI, S. **A Representação social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OLIVEIRA, L. P. Escolhas pedagógicas do educador e identidade cultural dos aprendizes. **Linguagem e Ensino**, Pelotas, v. 3, n. 2, p. 49-59, 2000.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. Silêncio e implícito (Produzindo a monofonia). In: GUIMARÃES, E. (Org.) **História e sentido na linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1989, p. 39-46.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Casa e a Rua: uma relação política e social**. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, 2011.

PARAGUAY. 2003. **II Censo Nacional Indígena de Población y Viviendas 2002. Pueblos Indígenas del Paraguay. Resultados finales**. Fernando de la Mora: Dgeecpublicaciones, 2003.

PATIÑO, M. **Actitudes Lingüísticas hacia la lengua guaraní de los estudiantes del segundo curso, turno noche, del nivel medio del Colegio Nacional Emr Dr Fernando de la Mora**. Revista Paraguay desde las Ciencias Sociales, revista del Grupo de Estudios Sociales sobre Paraguay, n° 3, 2013, 41-60. Disponível em: <<http://www.grupoparaguay.org/revista>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

PÊCHEUX, M. **Les Vérités de la Palice**, Maspero, Paris. Tradução brasileira: **Semântica e Discurso**. Orlandi, et al. Campinas: UniCamp, 1975.

PEREIRA Jr, A. E. V. **Decidindo o que é notícia**: os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

PERELMAN, C.; TYTECA, L. **Tratado de Argumentação**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PLANTIN, C. **A Argumentação**: Histórias, teorias, perspectivas. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

POZZO, A. O. **Periodismo en Paraguay – Estudios e Interpretaciones**. Asunción: Arandurá, 2007.

\_\_\_\_\_. **Periodismo y nación – Paraguay a inicio del siglo XX**. Asunción: Arandurá, 2008.

REBOUL, O. **Introdução à Retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RICOEUR, P. Entre retórica e poética: Aristóteles. In: RICOEUR, P. **A metáfora viva**. São Paulo, Edições Loyola. p. 17-75. 2000.

RODRÍGUEZ ZUCCOLILLO, C. M. **Língua, nação e nacionalismo**: um estudo sobre o guarani no Paraguai. 2000, 254 f. Tese [Doutorado em Linguística]. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.

SANTOS, M. E. P. **Fatores de Risco para o Sucesso Escolar de Alunos “Brasiguaios” nas Escolas de Foz do Iguaçu**: uma abordagem sociolinguística. 1999. 228 f. Dissertação [Mestrado em Letras]. Universidade Federal do Paraná, 1999.

SANTOS, L. M. dos. **Ñande rekó/nosso modo de ser**: o jopará no jornal Diário Popular. Dissertação [Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras]. 2012. 113 f. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu, 2012.

SANTOS, L. M; OLIVEIRA, G. M. “Uma língua creio que não é”. Uma reflexão sobre o processo de invisibilização que sofre a língua *jopará*. **Revista Caribeña de las Ciencias Sociales**, Málaga, 2018.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

SERRA, A. A. **O desvio nosso de cada dia**: a representação do cotidiano num jornal popular. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

SIBLOT, P. Préface. In: DUFOUR, Fr.; DUTILLEUL-GUERROUDJ, É; LAURENT, B. (Orgs.) **La nomination**: quelles problématiques, quelles orientations, quelles applications? Montpellier: Université Paul-Valéry, 2004, p.13-22.

\_\_\_\_\_. Nominación et point de vue: la composante déictique des catégorisations lexicales. In: CISLARU, G.; GUERIN, O.; MORIN, K.; NEE, E.; PAGNIER, T. e VENIARD, M. L **'Acte de nommer. Une dynamique entre langue et discours.** Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2007, p. 25-38.

SOARES, F. Escola Superior de Tecnologia de Tomar. **Curso Livre de Jornalismo.** Coimbra: Coimbra Editora Limitada, 1986.

SODRÉ, M. **Reinventando a Cultura:** A comunicação e seus produtos. Petrópolis: Vozes, 1996

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

VAN DIJK. **Discuso e Poder.** São Paulo: Contexto, 2008.

VELÁZQUEZ. I. A. G. **El bilingüismo guaraní castellano y su incidencia en la producción escrita de los alumnos al final del primer ciclo de la EEB.** 2013, 142f. Tesis [Magister em Escritura y Alfabetización]. Facultad de Humanidades y Ciencia de la Educación. Universidad Nacional de la Plata, La Plata, 2013.

VERÓN, M. Á. **El colonialismo cultural y lingüístico en Paraguay.** Monografía para la culminación del Curso de Especialización en Estudios Latinoamericanos, Universidad Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Brasil, 2012.

VITALE, A. **¿Cómo puede suceder? Prensa Escrita y Golpismo em la Argentina (1930-1976).** Buenos Aires: Eudeba, 2015.

ZAJÍCOVA, L. Diferentes formas del jopara. In: Escobar, A. M. e Wölck, W. (org.) **Contacto lingüístico y la emergencia de variantes y variedades lingüísticas.** Madrid: Vervuert-Iberoamericana, 2009.

## SITES PESQUISADOS

**GOOGLE GUARANI.** Disponível em: <[google.com/intl/gn](http://google.com/intl/gn)>. Acesso em: 13 jan. 2018.

**DIARIO POPULAR.** Disponível em: <[www.hoy.com.py](http://www.hoy.com.py)>. Acesso em: 27 maio 2018.

**ITAIPU.** Disponível em: <[https//www.itaipu.gov.br](https://www.itaipu.gov.br)>. Acesso em: 08 fev. 2019.



## APÊNDICES

## APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Solicitação para aplicação de questionário



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
 CONEP em 04/08/2000 Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

**Título del Proyecto:** La lengua jopara en las páginas policiales del periodico Diario Popular de Paraguay. Su autoimagen y del otro en el discurso.

Luciano Marcos dos Santos (45) 984074430 – (45) 30270135

Le invitamos a participar de nuestra investigación que tiene el objetivo de entender la relación entre la lengua jopara y la construcción del ethos popular en las páginas policiales del Diario Popular, de que manera este periodico construye su autoimagen y de su lector. Esperamos, con este estudio, entender el discurso de un medio tan conocido por todos, bien como el papel de la lengua jopara en ese contexto. Para tanto, aplicamos el cuestionario a fin de entender que piensan los lectores, comerciantes de Ciudad del Este – Paraguay, respecto al periódico.

Durante la ejecución del proyecto, podrá haber alguna cuestión que constreña al encuestado, tal cual su edad o la escolaridad. En el caso de que pase algún imprevisto el encuestador buscará ayuda de alguna autoridad local.

Su identidad no será divulgada y estos datos serán tratados de manera sigilosa y empleados solamente con fines científicos. Usted también no pagará ni recibirá por participar del estudio. Además, podrá usted cancelar su participación en esta investigación a cualquier momento. En el caso de duda o relatar algún hecho podrá contactar al investigador por los teléfonos ya mencionados arriba o el Comité de Ética por el número: 55 (45) 3220-3092.

Este documento será firmado en duplicado, una copia se la entregamos al encuestado.

Declaro estar consciente del expuesto y deseo participar del proyecto.

Projeto avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIOESTE. Parecer no. 2.676.585

## APÉNDICE B: Modelo de cuestionario de pesquisa

Cuestionario que forma parte del proyecto: La lengua jopara y la construcción del ethos del periodico Diario Popular. El autoimagen y del outro.  
Investigador: Luciano Marcos dos Santos

1) (    ) HOMBRE (    ) MUJER

EDAD: \_\_\_\_\_

FORMACIÓN

A) PRIMARIA INCOMPLETA

VIVIENDA/BARRIO: \_\_\_\_\_

B) PRIMARIA COMPLETA

C) EDUCACIÓN MEDIA INCOMPLETA

D) EDUCACIÓN MEDIA COMPLETA

E) SUPERIOR INCOMPLETA

F) SUPERIOR COMPLETA

MARCA UN X PARA CADA CUESTIÓN

2) ¿LEE USTED EL DIARIO POPULAR?

(    ) TODOS LOS DÍAS

(    ) ALGUNAS VECES AL MES

(    ) ALGUNAS VECES A LA SEMANA

(    ) ALGUNAS VECES AL AÑO

3) ¿QUÉ OPINAS DEL DIARIO POPULAR?

(    ) ME GUSTA MUCHO

(    ) NO ME GUSTA

(    ) ME GUSTA UN POCO

(    ) ME DA IGUAL

4) ¿ QUÉ OPINAS DEL JOPARÁ EN EL DIARIO POPULAR?

(    ) ME GUSTA MUCHO

(    ) NO ME GUSTA

(    ) ME GUSTA UN POCO

(    ) ME DA IGUAL

5) SEÑALA LA ORACIÓN QUE TE GUSTA MAS:

(    ) Observaron dos fiatos en una motocicleta

(    ) Observaron dos malandros en una motocicleta

(    ) Me da igual

6) ¿EL DIARIO POPULAR DEBERIA ESTAR TODO EN ESPAÑOL?

(    ) SÍ, TOTALMENTE DE ACUERDO.

(    ) NO, NUNCA

**7) ¿EL DIARIO POPULAR DEBERÍA ESTAR TODO EN GUARANI**

- ( ) SÍ, TOTALMENTE DE ACUERDO.  
( ) NO, NUNCA

**8) ¿ QUE SIENTES CUANTO A LAS PALABRAS EN GUARANI EN LA SECCIÓN DE CRIMENES?  
(puedes señalar mas que una)**

- ( ) ME GUSTA MUCHO  
( ) NO ME GUSTA  
( ) ME DA IGUAL

POR QUÉ?

---

---

---

---

**10) ¿ EL DIARIO POPULAR ES CONFIABLE?**

- ( ) SÍ, TOTALMENTE DE ACUERDO.  
( ) SÍ, EN LA MAYORÍA DE LAS VECES  
( ) UN POCO  
( ) NO, NUNCA

POR QUÉ?

---

---

---

---

## APÊNDICE C: Compilação de dados referentes às questões abertas do questionário

**Relativo à questão 09:** O que os entrevistados sentem quanto às palavras de origem guarani, em *jopará*, nos textos das páginas policiais

<i>Porque se supone que es un diario serio, creo que las palabras se deben utilizar correctamente y no vulgarmente (Porque se supõe que é um diário sério, creio que as palavras devem ser utilizadas corretamente e não vulgarmente)</i> (mulher - 23)
<i>Porque le falta seriedad a la sección (Poque falta seriedade à seção)</i> (homem - 51)
<i>...le gusta a la gente (as pessoas gostam)</i> (mulher - 50)
<i>Estira mas leer el diario (Da mais vontade de ler)</i> (mulher - 40)
<i>Por el uso y manutención del lenguaje y los dos idiomas (Pelo uso e manutenção da linguagem e os dois idiomas)</i> (homem - 19)
<i>Se expresa bien y da a entender en lenguaje popular (Expressa-se bem e da para entender a linguagem popular)</i> (homem - 21)
<i>Porque su nombre popular indica que es para el comun, del pueblo y por eso es redactado en dos idiomas (Porque seu nome indica que é para o comum, do povo, e por isso é escrito em dois idiomas)</i> (mulher - 35)
<i>Porque entre más se usa el guarani no se refleja que sea una persona que le pueda comprender (Porque por mais que se use o guarani não se reflete que seja uma pessoa que possa compreender)</i> (homem 30)
<i>Distinción como paraguayo, me identifica (Diferencia como paraguaio, me identifica)</i> (homem - 27)
<i>Le quita un poco el carácter serio a la noticia (Tira um pouco o caráter sério da notícia)</i> (homem - 35)
<i>Porque caracteriza lo que es el Paraguay (Porque caracteriza o que é o Paraguai)</i> (homem - 30)
<i>Porque es una zona fronteriza en el que uso de los tres idiomas es necesario (Porque é uma zona fronteiriça onde o uso dos três idiomas é necessário)</i> (homem - 62)
<i>Porque entiendo ambos idiomas y puedo leerlo (Porque entendo ambos idiomas e posso lê-lo)</i> (mulher 19)
<i>Para conocer todo lo que sucede (Para conhecer tudo que acontece)</i> (homem - 20)
<i>tendría que ser solo en un idioma, o el español o el guarani (Tinha que ser só um idioma, ou o espanhol ou o guarani.)</i> (mulher - 23)
<i>No es necesario (Não é necessário)</i> (homem - 39)
<i>Te hace pasar el día (Faz passar o dia)</i> (mulher - 22)
<i>Leo y entiendo, pero no me gusta mucho el idioma guarani (Leio e entendo, mas não gosto muito do idioma guarani.)</i> (mulher - 19)
<i>el jopara es lo que los paraguayos mas usamos casi todos, o sea los de a clase media, baja en la mayoría y por ello las personas entienden mejor (o jopará é o que os paraguaios mais usamos quase todos, na maioria e por ele as pessoas se entendem melhor)</i> (homem - 21)
<i>No estoy en contra del idioma guarani pero el diario utiliza términos muy vulgares. Nada mas por eso (ej. Yiyi) para nada me gusta (Não estou contra o idioma guarani mas o Diário utiliza termos muito vulgares. Nada além disso (ex. Yiyi))</i> (mulher – 22)
<i>El jopara es la lengua oficial de manera que debería de ser realizada de la misma manera que otras lenguas y no solo propiciar una, ya que personas no tienen tanto conocimiento del español (O jopará é uma língua oficial de forma que deveria ser realizada da mesma maneira que outras línguas e não somente propiciar uma, já que pessoas não têm tanto conhecimento do espanhol)</i> (mulher - 21)

*Me gusta porque los paraguayos no tienen que negar su idioma (Eu gosto porque os paraguaios não tem que negar seu idioma)* (mulher - 23)

**Relativo a questão 11: O Diário Popular é confiável?**

*en las veces que leí, vi algunas informaciones que no son ciertas, o algunas acciones exageran con alguna descripción. (as vezes que li, vi algumas informações que não certas, ou algumas ações exageram com alguma descrição)* (mulher - 23)

*Por la política, politizado. (Pela política, politizado)* (homem - 51)

*Por su posición política (Por sua posição política)*(homem - 49)

*Siempre sale la verdad (Sempre sai a verdade)* (mulher - 50)

*Ni siempre dicen la verdad (Não sempre dizem a verdade)* (homem - 21)

*Porque en cuestiones políticas tienen tendencias a otros partidos políticos. (Porque em questões políticas tem tendências a outros partidos políticos)* (mulher - 40)

*Porque no todas las veces son ciertas sus informaciones (Porque nem todas as vezes são certas suas informações)* (homem - 19)

*Por el uso de fuentes (Pelo uso de fontes)* (homem - 21)

*Porque el uso de fuentes a veces son confiables a veces no (Porque o uso de fontes as vezes são confiáveis as vezes não)* (mulher - 35)

*Porque en ocasiones ponen información de mas (Porque em ocasiões põem informações demais)* (homem - 47)

*Porque usan mentiras, porque sus fuentes no son de confianza (Porque usam mentiras, porque suas fontes não são de confiança)* (homem - 30)

*Porque contiene mas información que los demás (Porque contem mais informações que os demais)* (mulher - 22)

*Porque a veces exageran en las noticias (Porque as vezes exageram nas notícias)* (homem - 27)

*Un periodico que el pueblo confía en él (Um jornal que o povo confia nele)* (homem - 62)

*Porque se creo por puro comercio. Porque a las personas le gusta mucho el bla bla bla (Porque foi criado por puro comércio. Porque as pessoas gostam muito de bla bla bla)* (mulher - 25)

*Algunas veces redactan sobre suposiciones (Algunas vezes redatam sobre suposições)* (homem - 20)

*La mayor parte son chismes ni siquiera ellos saben bien lo que pasa (A maior parte são fofocas e nem sequer eles sabem bem o que acontece)* (mulher - 23)

*Miente mucho (Mente muito)* (homem - 39)

*Muy exagerado lo que publican (Muito exagerado o que publicam)* (mulher - 22)

*Porque a veces venden informaciones a su conveniencia o lo que les gustaría publicar (Porque às vezes vendem informações convenientes ao que gostariam de publicar)* (homem - 21)

*Porque algunas veces dice la verdad y otras veces no (Porque algunas vezes dizem a verdade e outras vezes não)* (mulher - 23 años)

*Políticas hay diferencia (Políticas existe diferença)* (homem - 29)

## APÊNDICE D: Modelo de processo de compilação de dados referentes à análise das notícias

### KARAI

<p>Ante el reclamo, al <b>karai</b> se hace el ñembo total y les dice calquier yvyrorei, y la situ continúa empeorando. <i>Diario Popular</i>, sucesos, 3 de março de 2011, no 5872, p.3  Contextualização: bairro: Bella Vista; Vizinhos reclamam de milico por jogar dejetos na rua por meio de cano e causa mau cheiro – nome: Angel Ledezma</p>
<p>San Lorenzo. Martín Pablas, un hombre muy mayor, fue encontrado atado a un poste, brutalmente y tuichaite ka'üre quien supuestamente fue corregido por sus hijos varones, porque el <b>karai</b> siempre llega a su casa algo entonado y lo primero que hacia era golpear su doña y madre de los supuestos autores... <i>Diario Popular</i>, sucesos, 4 de março de 2011, no 5873, p.2  Contextualização: homem amarrado pelos filhos por beber e espancar a esposa.</p>
<p>...“En el Senado somos 14 senadores liberales, uno de nosotros podría ser, pero claro que no se descarta que puede ser yo”, dijo el <b>karai</b>. <i>Diario Popular</i>, Locales, 5 de março de 2011, no 5874, p.4  Contextualização: Blas Llamo, político, concorre à presidência da Câmara.</p>
<p>...En horas de la madrugada, <b>karai</b> Evaristo escuchó ruidos en la pieza, y al levantarse a vichear encontró a “Rambo” apoderandose de su lelu y se armó la podrida. <i>Diario Popular</i>, sucesos, 6 de março de 2011, no 5876, p.3  Contextualização: Em San Lorenzo, homem com apelido de Rambo pediu pousada e tentou roubar o celular de um dos donos.</p>
<p>El Tigre Ramirez recibió em su estancia a Horacio Cartes, upépe el <b>karai</b> quedó a dormir y cenaron asado de oveja. <i>Diario Popular</i>, Locales, 7 de março de 2011, no 5876, p.4  Contextualização: encontro de políticos para tratar de coligações</p>
<p>...“Esto beneficiará doblemente al país”, aseguró el <b>karai</b>.. <i>Diario Popular</i>, Locales, 7 de março de 2011, no 5876, p.5  Contextualização: Político Gómez Verlangieri afirmou que apresentaria um projeto que regulamentaria a exportação de grãos e carne.</p>
<p>El <b>karai</b> en un momento dado se mostró violento con la prensa e intentó tapar el asunto. <i>Diario Popular</i>, sucesos, 8 de março de 2011, no 5877, p.2  Contextualização: Miguel Nuñez disse a todos que não era dono do prédio da escola privada em que desmoronou o teto e feriu 14 estudantes em Villa Elisa.</p>
<p>Subtítulo: El <b>karai</b> rebotaba ápe pépe de hospi. <i>Diario Popular</i>, sucesos, 9 de março de 2011, no 5878, p.2  Contextualização: Homem rebotaba (pulava). Sílvio Benitez estava com um pedaço de cartilagem de frango presa na garganta e teve dificuldade em ser atendido no hospital.</p>
<p>“Con relación a los miembros del grupo criminal, reiteramos que el Gobierno Nacional por medio del Ministerio del Interior y la Policía, está trabajando de manera prioritaria y permanente para capturar a todos miembros”, he´í el <b>karai</b> ministro. <i>Diario Popular</i>, sucesos, 9 de março de 2011, no 5878, p.3  Contextualização: Ministério oferece recompensa para quem capturar grupo de delinquentes do norte do país.</p>
<p>Descrição de foto: Voceada ápe ha pépe se produjo ayer durante la audiencia preliminar. La fiscala Sandra Quiñónez fue el blanco de los gritos. Los fiscales acusaron de “flojo” a <b>karai</b> juez. <i>Diario Popular</i>, sucesos, 10 de março de 2011, no 5879, p.2  Contextualização: Em audiência pelo sequestro de criador de gados, promotores suspenderam a audiência e recusaram o juiz.</p>
<p>(...) Una mabo´ehára y un hombre fallecieron en las últimas 48 horas por dengue. La mujer ñandereja en el IPS de Asunción; mientras el <b>karai</b>, en sanatorio esteño. <i>Diario Popular</i>, sucesos, 11 de março de 2011, no 5880, p.8</p>

Contextualização: morte de mulher e homem por dengue.
(...) `Ahí ella me negó todito, me dijo que era producto de mi imaginación, le respondí que no mienta más, pues a solucioné el problema”, he`i el <b>karai</b> . <i>Diario Popular, sucesos, 12 de março de 2011, no 5881, p.3</i> Contextualização: depoimento de homem em caso de adultério.
El <b>karai</b> fue detenido luego de ser encontrado en su poder nada más y nada menos que 20 cédulas de identidad. (...) <i>Diario Popular, locales, 14 de março de 2011, no 5883, p.5</i> Contextualização: homem preso com 20 cédulas de identidade - suspeito
El <b>karai</b> se habría presentado a tempranas horas a un centro educativo (...) <i>Diario Popular, locales, 14 de março de 2011, no 5883, p.5</i> Contextualização: Homem passou mal após votar.
(...) “Solo pido que se haga justicia porque no tengo la culpa de nada de lo que me acusan, estoy enfermo y solo quiero salir libre”. Señaló el <b>karai</b> . <i>Diario Popular, Sucesos, 15 de março de 2011, no 5884, p.3</i> Contextualização: homem faz greve de fome para conseguir advogado.
(...) Llegaron dos sujetos a pedirle cerveza pero el <b>karai</b> les contestó que ya estaba cerrado su negocio. <i>Diario Popular, Sucesos, 17 de março de 2011, no 5886, p.2</i> Contextualização: homem, dono de bar, foi assaltado e seu filho assassinado no assalto.
(...) De acuerdo a lo que el <b>karai</b> explicó a los polis, el incendio de la víspera fue obra de ‘espíritus malignos que tomaron la casa’. <i>Diario Popular, Sucesos, 18 de março de 2011, no 5887, p.2</i> Contextualização: homem atribui a espíritos o fato de incêndio em sua casa.
El <b>karai</b> quiso ser generoso y cayó en la trampa (legenda – foto – ilustrativa). (...) pero ni bien fue el <b>karai</b> para traer el vital líquido, fue seguido y encañonado por los malandros. <i>Diario Popular, Sucesos, 19 de março de 2011, no 5888, p.8</i> Contextualização: homem foi assaltado após servir água aos assaltantes.
(...) Fue llevado vevépe al calabozo volái a la espera de <b>karai</b> juez. <i>Diario Popular, Sucesos, 19 de março de 2011, no 5888, p.9</i> Contextualização: homem foi preso e aguarda juíz.
<b>Karai</b> fue atropellado al intentar cruzar la ruta Acceso Sur. (...) <i>Diario Popular, Sucesos, 21 de março de 2011, no 5890, p.2</i> Contextualização: homem atropelado - vítima
Un accidente fatal ocurrió el sábado último, ñandereja un <b>karai</b> , José Concepción Ayala, mayor de edad. (...) <i>Diario Popular, Sucesos, 21 de março de 2011, no 5890, p.3</i> Contextualização: homem atropelado - vítima
El <b>karai</b> fue detenido a bordo de su taxi (...) (legenda foto). (...) Este se encontraba a mando de su taxi sobre la Avenida General Aquino, y según el informe, el <b>karai</b> iba en zig zag por la calle. <i>Diario Popular, Locales, 22 de março de 2011, no 5891, p.7</i> Contextualização: taxista bêbado
(...) pero la Municipalidad no hace nada, ni les multa a esa gente y los clientes se enojan y se van”, omombe`u el <b>karai</b> . <i>Diario Popular, Locales, 23 de março de 2011, no 5892, p.7</i> Contextualização: A materia trata do preço baixo da carne em determinado açougue, cujo proprietário reclama de falta de estacionamento na rua.
(...) El biciclo en el cual habían llegado los dos tipos fue plenamente reconocido por el <b>karai</b> , así como el lelu que le robaron y que fue recuperado del poder del detenido. <i>Diario Popular, Sucesos, 24 de março de 2011, no 5893, p.6</i> Contextualização: homem, vítima de assalto, reconhece assaltantes
(...) El <b>karai</b> estaba revocando un panteón en compañía de otro albañil cuando se rompió una de las maderas donde pisaba (...) <i>Diario Popular, Sucesos, 25 de março de 2011, no 5894, p.2</i> Contextualização: homem, coveiro, quase morre ao se acidentar quando preparava a cova.
(...) La polí fue alertada por medio de <b>karai</b> intendente Alcides Flores y de inmediato personal fue al sitio (...) <i>Diario Popular, Sucesos, 25 de março de 2011, no 5894, p.6</i> Contextualização: assassinato e policiais foram avisados.



<p>(...) Ambos vivían en una casa en construcción y según el <b>karai</b>, su socio 'no estaba bien de la cabeza' (...) <i>Diario Popular, Sucesos, 25 de março de 2011, no 5894, p.6</i>  Contextualização: homem, com problemas mentais, encontrado morto.</p>
<p>(...) interin en que estaba haciendo una recorrida el propio subjefe de la Comisaría, <b>karai</b> comí Amado Cantero, cuando sobre las calles Las Residentas y 10 de Julio, zona norte, vieron a un sujeto que salía de una botique (...) <i>Diario Popular, Sucesos, 26 de março de 2011, no 5895, p.6</i>  contextualização: policiais prenderam a ladrões de botique.</p>
<p>(...) El <b>karai</b> habría discutido con su concubina ha upévare decidió autoeliminarse, (...) <i>Diario Popular, Sucesos, 26 de março de 2011, no 5895, p.7</i>  Contextualização: Suicídio</p>
<p>Hugo Miranda, un <b>karai</b> de 74 años, quien he´í que el biólogo mba ´émbo, se acercó al Popu con unos mediamentos naturales que sirven ndaje para curar al terrible dengue. <i>Diario Popular, Locales, 28 de março de 2011, no 5897, p.7</i>  Contextualização: biólogo oferece cura para a dengue. Jornal o julga charlatão.</p>
<p>(...) ahora él está shockeado, muy mal y si de mi depende nunca más lo dejo ir a ninguna cancha'. he´í el <b>karai</b>. <i>Diario Popular, Sucesos, 29 de março de 2011, no 5898, p.2</i>  Contextualização: Pai de jovem jogador de futebol ferido - depoimento</p>
<p>Un <b>karai</b> llamado Daniel Llamas (66), llegó a su vivienda situada en Libertad casi Santa Lucía del barrio San Miguel de esta ciudad (...) <i>Diario Popular, Sucesos, 29 de março de 2011, no 5898, p.2</i>  Contextualização: homem, bêbado, atacou sua esposa.</p>
<p><b>Karai</b> defendió a sus hijos (chamada da notícia)  Un <b>karai</b> recibió tres puñaladas de parte de unos sujetos que intentaron robar una bici (...) <i>Diario Popular, Sucesos, 29 de março de 2011, no 5898, p.3</i>  Contextualização: homem defendeu os filhos de assalto e foi atacado</p>
<p>(...) ya que cuenta con servicio de terapia intensiva'. he´í el <b>karai</b> ministro. <i>Diario Popular, Locales, 29 de março de 2011, no 5898, p.4</i>  Contextualização: palavras de ministro sobre entrega de ambulâncias</p>
<p>Miguel López Perito, la 'mano derecha' de Lugo, dijo ayer que le parece excelente que un <b>karai</b> como Fidel Zavala piense en la posibilidad de candidatarse (...) <i>Diario Popular, Locales, 30 de março de 2011, no 5899, p.4</i>  Contextualização: política</p>
<p>Un <b>karai</b> suertudo se ganó 850 millones de Telebingo (chamada)  <b>Karai</b> Eledi comenzó su relato señalando ' compré el cartón en María Auxiliadora en una agencia de quiniela. <i>Diario Popular, Locales, 2 de abril de 2011, no 5902, p.6</i>  Contextualização: homem ganhou na loteria – locales – não é criminal</p>
<p>(...) El sarambi se produjo el jueves a las 16:30 en el barrio San Juan Bautista y tras ser denunciado el karai fue detenido (...) <i>Diario Popular, Sucesos, 2 de abril de 2011, no 5902, p.8</i>  Contextualização: homem foi preso mas resistiu e quebrou tudo em casa</p>
<p>(...) luego de que el karai intentó guardar su arma de fuego que osoro y alcanzó a la víctima anga. <i>Diario Popular, Sucesos, 4 de abril de 2011, no 5904, p.6</i>  Contextualização: Avô atirou na neta sem querer</p>
<p>(...) El furioso karai llegó junto a la mujer que esperaba micro en la Ruta 6, donde la amenazó vaipaite. <i>Diario Popular, Sucesos, 5 de abril de 2011, no 5905, p.6</i>  Contextualização: mulher atira em marido</p>
<p>(...) Según manifestó el karai padecía de un váiro cuadro depresivo. <i>Diario Popular, Sucesos, 8 de abril de 2011, no 5908, p.6</i>  Contextualização: homem se suicidou</p>
<p>(...) El karai se presentó ante la magistrada y ésta lo imputó. (...) <i>Diario Popular, Sucesos, 9 de abril de 2011, no 5909, p.3</i>  Contextualização: Acusado homem de homicidio.</p>

(...) ubicado en barrio Santa Rita de esta ciudad, pero pocos minutos después oíco el vuelco de la camioneta Toyota del karai. *Diario Popular, Sucesos, 9 de abril de 2011, no 5909, p.9*

Contextualização: Camioneta tombada

(...) Karai Clayton omombe´u que a la hora señalada su hijo Javan se dirigía a la escuela en compañía de otros dos hermanos y una hermana, (...) *Diario Popular, Sucesos, 14 de abril de 2011, no 5914, p.3*

Contextualização: filho do Sr Clayton foi sequestrado

(...) pero upépe no tenían terapia para el karai, luego en los hospitales privados donde tampoco le consiguieron cama y finalmente entonces lo llevaron a IPS. El karai fue enterrado ayer, (...) *Diario Popular, Locales, 14 de abril de 2011, no 5914, p.5*

Contextualização: morte do irmão do político Calé

Não finalizado